

ORGANIZAÇÃO DO CORPUS DIACRÔNICO DO PORTUGUÊS PAULISTA
Coordenador: Marcelo Módolo (USP) modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

9. SILVA, Camila Téo da. A Justiça dos Bohemios (Folhetim) de autoria de Ponson du Terrail. Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

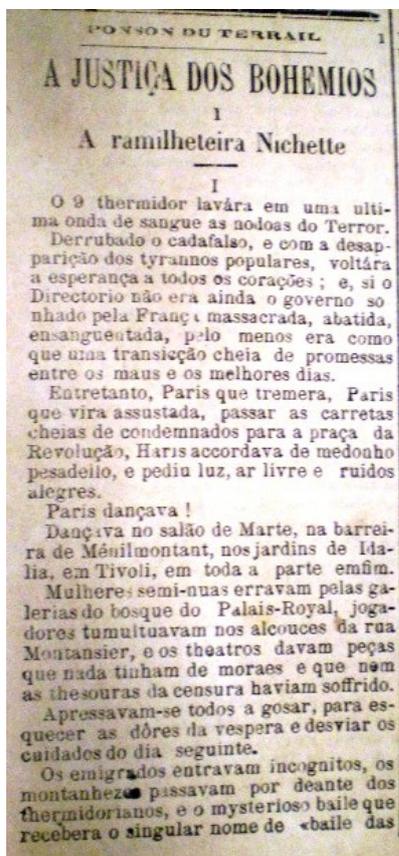
10. SOUSA, Cecília Farias de. Cartas particulares (Cartas de Alexandre de Gusmão, Cartas presentes em processo de esponsais do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo). Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

11. SANTOS, Vinícius Gonçalves dos Santos. As Noivas. Peça de Paulo Gonçalves (1897-1927). Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

9. A Justiça dos Bohemios (Folhetim)

Autor: Ponson du Terrail

Transcrição: Camila Téo da Silva (IC, Ensinar com Pesquisa, sob orientação de Marcelo Módolo)



Edição 375
PONSON DU TERRAIL [espaço]1

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

I|| O 9 thermidor lavára em uma últi -|ma onda de sangue as nodos do Terror. || Derrubado o cadafalso, e com a desap-|parição dos tyranos populares, voltará|a esperança a todos os corações; e, si o | Directorio não era inda o governo so|nhado pela França massacrada, abatida,|ensanguentada, pelo menos era como | que uma transicção cheia de promessas entre os maus e os melhores dias. || Entretanto, Paris que tremera, Paris| que vira assustada, passar as carretas | cheias de condemnados para a praça da| Revolução, Haris accordava de medonho | pesadello, e pediu luz, ar livre e ruidos alegres. || Paris dançava! || Dançava no salão de Marte, na barrei - | ra de Ménilmontant, nos jardins de Ida-|lia, em Tivoli, em toda a parte emfim. || Mulheres semi-nuas erravam pelas ga- |lerias do bosque do Palais-Royal, joga- |dores tumultuavam nos alcouces da rua|Montansier, e os theatros davam peças | que nada tinham de Moraes e que nem | as thesouras da censura haviam soffrido. | | Apressavam-se todos a gosar, para es-| quecer as dores da véspera e desviar os | cuidados do dia seguinte. || Os emigrados entravam incógnitos, os | montanhezes passavam por deante dos | thermidorianos, e o mysterioso baile que | recebera o singular nome de <baile das|

victimas> abria as suas portas a quem | tivera tido um pae, uma mãe, irmã ou | próximo parente morto no cadafalso re- | volucionário. || Chegada a noite, Paris tripudiava, vo - | zeava, embriagava-se no ruído de uma | orchestra gigantesca, e só adormecia aos | primeiros alvares matutinos, depois de | noite de orgia. Em Tivoli sobretudo, | nesses vastos jardins cobertos de arvores | seculares , é o que o phrenesi do prazer to- | cava o paroxismo. || As maravilhosas, os incríveis, os leões | afluíam em ondas de luz ao meio desses | bosques verdes, que já | se esforçavam | por serem mysteriosos. || Cada noite as immediações do Tivoli | enchiam-se de carros e de uma das mais | bisarras e variadas multidões. | | Os incríveis, as maravilhosas, toda | essa população que desabrochava na ves- | pèra, corria aos jardins encantados, co- | mo bando de aves do paraíso de todas | as côres. || Quando davam dez horas, porém, uma | cousa extraordinaria pelo menos, se pas- | sava. || O silencio substituíra o ruído, despo- | voavam-se de repente as immediações | das portas, e essa onda de curiosos com- | pactos, que era preciso calcar para en- | trar, alinhava-se em duas fileiras, como | um batalhão de soldados prussianos, para | deixar chegar uma equipagem inteira- | mente carnavalesca. || Um carro de rodas amarellas, de cai- | xa azul celeste, e de portinholas salien- | tes por uma inscripção vermelha; que | ninguem em Paris poderia decifrar, por- | que parecia pertencer a um alfabeto | oriental se aproximava então a grande | trote de quatro cavallos de posta. ||

Os postilhões vestiam de amarello, de | vermelho e de azul . || Dois lacaios com a mesma libré. pen - | durados das estribeiras, abriam respei- | tosamente a portinhola e baixavam o es - | tribo. || Um ente mais exquisito do que essa | equipagem de mau gosto sahia então do | carro. || Era uma mulher baixa de trinta e cin - | co a quarenta annos, porque era impos- | sível precisar-lhe a idade, com a pelle | como a de uma mulata, mal dissimulan- | do uma fórmula contornada, embuçada em | toilette multicolor, com a cabeça cober- | ta de plumas, os dedos carregados de an- | eis, e com o pescoço rodeado de uma | triple fileira de perolas grossas como | ovos de pomba. || Trazia ao collo um feiissimo cãosinho | da Havana, cor de café com leite, e na | mão levava um desses saccos castigados com o nome de ridículos. || E a multidão em vez de assoviar, em | vez de vosear, ou de romper em estrepitosa gargalhada, comprimentava essa | mulher com respeito idiota, e quanto | Ella entrava no Tivoli | seguia-a a distancia com reserva e consideração, como | si essa mulher personificasse a belleza e o genio. || Havia quinze dias que durava isso. || Ora na tarde daquelle em que recomen- | çava a nossa historia, a dama do carro | amarello e azul fazia como de costume | a sua entrada triumphal, quando um | homem baixo, um pouco obeso, le- | vemente barrigudo, vestido grosseira- | mente, trazendo um rabicho com laço | de taffetà verde, e cujo todo emfim pa- | recia annunciar um provinciano, apro - | ximou-se do casquilho que estava en-

costado negligentemente ao seu poder executivo. || O poder executivo era uma bengala | nodosa, que cada qual trazia noite e dia, | para se fazer respeitar naquela epoca, | em que a justiça dava a sva demissão e | em que a lei era impotente. || Este casquilho, moço de vinte e sete | a vinte e oito annos, tinha o pescoço en- | terrado em vasta gravata, que lhe co- | bria a barba e as orelhas, enfeitadas com | largas argolas. || Trazia casaca com grandes abas, col- | lete de flores, e calções [ilegível] eor de barriga | de corça, sob suas botas e borlas. || O homem de traje grosseiro aproxi- | mou-se delle comprimentu-o e disse: || - Queira perdoar, senhor... || Já ninguem dizia cidadão. || - Que quer, bom homem? Perguntou | o casquilho em tom protector. || - Eu sou provinciano , senhor. || - Bem se vê, meu valente. || E o janota começou a rir. || - Eu nunca vim a Paris; é esta a pri- | Meira vez, continuou elle sem se per- | turbar. || - Ah! ah! || - De fórmula que tudo é novo e extra- | nho para mim. || - Realmente. || - Desejava saber quem era essa ele- | gante, que acaba de entrar. || - Ah! ah! || - Affigura-se-me ser a cidadã Tallien, | ou qualquer outra mulher dos novos go- | vernadores, continuou o pobre diabo com | ar natural. || O casquilho começou a rir e disse: || - Está enganado, meu bravo. || - Será então alguma princeza estran- | geira? || Tão pouco. |

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

|| E o casquilho olhou attentamente para | o seu interlocutor || - Pois realmente sempre é da provin- | cia disse elle.|| - Sim, senhor.|| - Então não conhece ninguém em Pa- | ris. || - Ninguém absolutamente. || - E não estimaria que um homem, | iniciado nos prazeres e mysterios da ca- | pital, lhe desse alguns bons conselhos e | o guiasse segundo nece[s]sario fosse? ||- Ser-lhe-hei infinitamente agradeci- | do respondeu o provincial. || - Pois bem, disse o casquilho, dê-me | o braço, saíamos desta multidão para | fallarmos. Talvez que eu lhe possa pres- | tar os serviços de que necessita... | - O senhor? || - Que admiração?!|| E o casquilho, tomando o provinciano | á parte, disse: || - Queira perdoar, si eu em duas pala- | vras o vou interar da situação. Acabo | de sahir de uma espelunca, onde me de- | pennaram; não tenho de meu um escu- | do, não podendo portanto entrar no jar- | dim, nem refrescar-me. || - Não tem duvida, respondeu o provin- | ciano; eu pagarei toda a despesa.|| - Então vamos beber primeiramente, | disse o janota. || E arrastou o novo conhecimento para | uma loja de bebidas. || Entraram. O provinciano pediu cha- | rope de orehata e limonada. || O casquilho começou a beber, porque |

Verdadeiramente tinha sede ; em segui- | da pousando o copo, e pondo os cotovel- | los na mesa rompeu assim :|| - De fórma que o senhor pensou que | essa macaca era a cidadã Tallien, que é | a elegância e a belleza personificadas?|| - Confesso que sim , disse humildemen- | te o homem de traje grosseiro. || - Pois enganou-se. Sabe quem é? || - Não.|| - É uma bohemia. || - Ora essa! ||- Mas uma bohemia rica, millionaria. || - Como se chama ella? || - A cidadã Antonia. || - Exquisito nome, disse naturalmente |o homem de traje grosseiro. || - Quer que eu conte a historia della? || - Oh, si quero. || - Então peça outra garrafa de limo- | nada. Morro de sêde. || O provinciano chamou o rapaz, olhan- | do para o casquilho com a curiosidade | de um homem a quem prometteram uma | narração maravilhosa. || O casquilho prosseguiu: || - A cidadã Antonia é bohemia. Há | quatro annos que chegou a Paris, no | belo momento do terror, quando esse | pobre M. de Robespierre mandava cor- | tar cincoenta cabeças cada manhã, para | distrahir o povo de Paris que se enfa- | dava. || - Pois realmente, disse o homem de | vestidos grosseiros, ella sempre é assim | tão rica? || - Ainda mais. || - E não lhe cortaram a cabeça? || - Pelo contrario, como se vê. || - Mas na minha provincia dizia- se que | nesse tempo os que corriam mais risco eram... || - Os ricos? || - Sim. || - Mas a cidadã Antonia, continuou o | casquilho, teve uma boa idéia. |

- Qual? || - Fez-se amante do cidadão X..., um | representante na Convenção, amigo do | cidadão Robespierre ; e, como elle tinha | muitas dividas, Ella pagava-lh'as todas. ||- Então já comprehendo... ||- E isto fez com que a cidadã conser- | vasse a cabeça nos hombros. || - Mas quando veio o 9 thermidor?! || - Succedeu que o cidadão X... mudon | de opiniões, abandonou Robespierre, | apertou a mão a Tallien, e é hoje mais | poderoso do que nunca. Até dizem que des- | posará a cidadã Antônia. || - Está bom, disse o homem de traje | grosseiro, já vejo que está bem informa-do, meu rapaz. || - Eh! que é la isso? meu bom homem, | disse o casquilho como que magoado, a | limonada sobe-lhe a cabeça? || - Então porque? || - Porque me trata familiarmente de | mais ; e isso não é moda. || - Embora. Mas é cá por uma cousa. || - Qual? || - Conheço-te há muito tempo. || - Conhece-me a mim? || - E o peralvinho olhou para o seu inter- | locutor com ar perturbado. || - Ora adeus ! conheço, sim. Tu nem | sempre has de ser janota, meu caro Po- | llyte. || - Sabe meu antigo nome? || - E

vejo que tu ainda não me reco- | nheceste. || Mas Polyte, porque era elle, deu re- |
| pentinamente um grito, dizendo: || - Ah! mas sim... é elle.. e que ce- | gueira a minha em não
reconhecer logo | o Sr. Bibi... || - Bibi, exactamente, disse o de traje | grosseiro. || E Polyte,
encartado em janota, lançou- | se ao pescoço do antigo agende de poli- | cia, e abraçou- [lhe]
ternamente. |

Edição 377

PONSON DU TERRAIL [espaço]3

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

|| Polyte conservava sempre entre as|suas as mãos de Bibi, e dizia-lhe com uma |
volubilidade repassada de ternura: || - Mas então que é feito? de onde vol- | ta? e porque se
divertiu assim commigo, | perguntando-me o que sabia melhor do | que ninguém? || - Meu
jovem amigo, respondeu Bibi, quando dois amigos, que se tinham per- | dido de vista, se
tornam a encontrar , e | têm de narrar as suas mutuas aventuras | é sempre o mais novo que
principia. || - Ah! disse Polyte. || - Deixei-te gaiato de Paris, e encon- | tro te peralvilho ;
explica-me pois pri- | meiramente a tua metamorphose. || - É bem simples, disse Polyte. || -
Vejamos. || - Lembra-se do dia em que recondu- | zimos á barreira o capitão Dagoberto, a |
menina Aurora e Benedicto? || - Perfeitamente. || - Entramos em Paris e fomos morar | para
a rua de Clos-Gourgean, ao pé da | rua de S. Honorato. || - Tudo isso é perfeitamente exacto.
|| - Na manhã do dia seguinte sahiu ce- | do, dizendo-me que entraria ao meio dia. || - E não
entrei nem ao meio dia, nem á noi- | te nem ao dia seguinte. ||

- Nem nunca, proseguiu Polyte ; es- | pereci oito dias, depois quinze; ninguém ! || Entao
suppuz que teria morrido, ou | que a cidadã Antonia o teria mandado | prender. || Como
levara comsigo o cinto em que | guardava o dinheiro, e vi que acabariam | os poucos escudos
que em tinha, como | não queria ser ladrão, fiz uma noite este | galante raciocinio: || De
combinação com o Sr. Bibi, deve- | mos tirar á cidadã Antonia o dinheiro | que ella roubou á
menina Aurora e á sua | irmã; já que o Sr. Bibi partiu, e como | eu não sei onde elle pára,
porque não| continuarei eu só a sua obra? || - Ah! disse Bibi, raciocinaste assim? || - E depois,
proseguiu Polyte, aind[espaço]adis- | se commigo, si Antonia fez desaparecer | Bibi, eu o
vingarei. || - Bom ! disse o homem da policia, com | um sorriso. || Polyte continuou: || - Eu já
tinha penetrado em casa da | cidadã Antonia e sabia o que devia fazer. | Certa noite parti de
Paris com uma faca | no bolso e um martello na mão. Bem sa- | be, papá, que quando se quer
matar de | um golpe, um martello vale mais que | um punhal. || - É verdade, disse Bibi. || - Eu
conhecia, imagine, os costumes | da casa. Deitavam-se tarde em casa da | cidadã Antonia,
porque o cidadão X... | vinha cear á meia noite e não sahia si- | não depois das duas horas da
manhã. || Era meia noite quando eu cheguei. || Deitei-me no fosso e esperei, mas não |
muito tempo. ||

Quando estava immovel, com os olhos | fixos nas janellas da casa, dois homens | passaram
perto de mim, o jardineiro e o cocheiro. || o segundo dizia:

|| << - O cidadão não vem esta noite. Deve | fallar amanhã na convenção e prepara o | seu
discurso A cidadã vae deitar-se. | Então podemos ir á Palaiseau beber uma | garrafa. >> || << -
Está dito, respondeu o cocheiro. >> || Passaram tão perto de mim que re- | ceiei bastante ser
apercebido ; depois por | uma brecha do muro desceram de um | pulo e ganharam os
campos. || Não hesitei mais e dirigi-me á casa | onde penetrei, como da primeira vez, | pela
janella da cosinha. || Cheguei á ante-camara. || A criada correu ao barulho que eu fiz. ||
Estendi-a em terra com uma mar- | tellada, e ela cahiu no vestibulo sem dar | um grito. || Em
seguida, como eu sabia o caminho, | subi ao quarto da cidadã Antônia. || Atravessei o salão, o

gabinete, indo | em bicos de pés, e assim cheguei á porta | do quarto de dormir. || A cidadã Antonia estava sentada e lia. || A chave estava na fechadura ; voltei-a | e abri. || Julgou que era a criada e não ergueu | logo a cabeça. || Mas eu dei um passo, e ella vendo-me, | deixou escapar um grito de espanto. Eu | tinha as minhas razões para não a ma- | tar logo ; queria conversar um bocadi- | nho com ella. || - Eh! cidadã, disse eu comprimen-

tando-a, não tenha medo. Si fôr raso- | vel, eu não lhe farei mal algum. || É corajosa essa mulher ; nos mo- | mentos mais criticos tem um sangue frio | que desbanca. || - Meu rapaz, disse ella, já que aqui | estas é porque provavelmente mataste | os meus criados. || - Nem todos, assassinei só a criada. | - Ah! e os outros? || - Os outros foram ao Palaiseau beber | um trago. | - De maneira que estou só aqui? | - Completamente só. || - Em teu poder ? || - Esta visto ! || - Pois bem! meu rapaz, continuou ella | com o socego ordinario, sei o que devo | fazer. Tu vens roubar-me... || - Isso conforme. || - Além de que, como queres vingar- | te de mim , vaes assassinar-me. || - Talvez. || - Só se morre uma vez, replicou An- | tonia. Fere-me e rouba-me-has depois ; | mas olha que não acharás grande cousa. || - Ora! disse eu com um ar incredulo. || - Deves imaginar, continuou ella sem- | pre sorrindo, não tenho em França a | minha fortuna, com este tempo da gui- | lhotina. Mandam-me dinheiro todos os | mezes, mas a burra esta em outra parte. || - Alguma cousinha se ha de achar, | resmunguei eu, escarnecendo. || - Sim, um cento de luizes, alguns dia- | mantes, algumas pratas. | - É bastante. || E avancei para ella um passo. |

Edição 378

PONSON DU TERRAIL [espaço]4

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

|| Nem um só musculo do seu rosto se | contrahiu. || - Meu rapaz, disse'ella, melhor farias, | si conversasses um pouco commigo e | metteses o punhal ao bolso. Posso dar- | te mais dinheiro que o que tu encon- | trarias depois da minha morte. || - E, si não for dinheiro o que eu que- | ro? || - Então queres vingar-te? || - Primeiramente. || Ella começou a rir. || - Mas nós estamos aqui para nos en- | tendermos, disse ella ; e, si ficarmos ini- | migos, a culpa não será minha. || - Ah! julga-o? || - Sem duvida, já que te namoricaste | dessa rapariga que eu detestava. || - E não a detesta já? || - Agora menos. || - E porque? lhe perguntei eu, olhan- | do para ella fixamente. || - Olha, disse ella, fecha a porta com a | chave, para que, si voltarem os meus | criados, tu teres tempo de me matares, | antes que elles me soccorram. Quando | tomares todas as precauções talvez me | ouças com paciencia. || - V-a lá! disse eu, a pressa não é mui- | ta. || Ella continuou? || - Aposto em que como te contaram a mi- | nha história. Eu sou uma antiga criada |

grave da condessa de Mazures, e roubei | um cofre que continha um a fortuna im- | mensa. || - Sei isso. || - Naturalmente, si eu queria fazer | guilhotinhar Aurora, é porque queria ter | a certeza de não me reclamarem nunca esta fortuna. || - Era logico. || - Sim, mas o que é logico nem sempre | é verdadeiro, e vou dizer agora porque | queria mandar guilhotinhar Aurora. Só | provarei primeiramente que nada re- | ceava pelo meu dinheiro. || - Sim, vae dizer-me que elle está na | Allemanha. || - Em em segurança, como vaes ver. Eu | sou bohemia. Pertença a uma seita pó- | derosissima que tem ramificações mys- | teriosas em todas as classes da socieda- | de allemã, húngara e bohemia. || Temos correligionarios pobres que | mendigam o

pão quotidiano, temol-os ri- | cós e poderosos que privam com o impe- | rador. || Todos obedecemos a um chefe occulto, | e esse chefe esta em mais subida posição | que os imperadores. Colloquei-me sob a | sua protecção. Confiei-lhe o meu dinhei- | ro, que usufruirei toda a vida, voltando | á nossa seita depois da minha morte. || - Ah! ella disse-te isso? interrompeu | Bibi, encrespando as sombrancelhas. || - Disse, e fallava com tal accento de | franqueza que não me deixou duvida al- | guma. || Um sorriso passou pelos lados de Bibi. || - És creança ! disse elle. || - Bem vês, me disse então Antonia, | que estou socegada em quanto ao meu | dinheiro. || - Mas então porque aborrece mortal-|mente Aurora?||

- Porque sou ciumenta. || - Della? || - Sim. || - Por causa da sua belleza? || - Por causa do amor que ella tem ao | soldado Dagoberto, que era um pobre | ferreiro, quando eu era criada e amava , | como sabem amar as mulheres do meu sangue. || Ao fallar assim, tinha um olhar de | odio feroz. || - Ora aqui esta, continuou ella, por- | que eu aborrecia Aurora. || - E já não aborrece? || - Agora menos. || - Porque? || - Porque já não amo Dagoberto. || - Ah ! || - Quando soube que elle desposara Au- | rora, alguma cousa se quebrou no meu | coração. E tu, proseguiu ella, tu, filho | de Paris, o gaiato destemido, tu nascido | no vicio, tens tido uma hora de virtude, | amas ainda? || - Sempre. || - Mas renunciaste a ella? || Baixei a cabeça e murmurei: || - Assim é preciso. || Então ela, anrindo um riso mau e | cruel, disse: || - És um pateta! || - Não, respondi eu ; mas estou muito | longe della. || - Não ha distancia invencivel, quando | se ama. Suppõe que vindo aqui para me | assassinares, saes rico, e que atirando | pela janella fóra a blusa e o bonet encar- | nado, te vestes como um beija-flôr. || Suppõe que, mal sabendo ler, comesças | a instruir-te, e que um bello dia, | passados dois ou tres annos, em vez de | seres o ferreiro Polyte, és o cidadão Hyp- | polito, empregado no ministério da guer- | ra ou da marinha. És um rapaz bonito. | intelligente como um filho de Paris. | Quem sabe? Talvez possas por ahi se- | guir um bom camimho. || Enebriaram-me estas palavras tenta- | doras. || - Diabo ! exclamei eu, cala-se ! || - Bah ! replicou ella, já te morde o | coração, e tens o pé no primeiro degrau | da escada da ambição. || - Mas ella não me ama ! exclamei eu. || - Amar-tehá talvez metamorphosea- | da. || - Mas ella é mulher do Dagoberto? || - Ah ! disse ella, rindo sempre ; mas | Dagoberto póde ser morto, e alguma cou- | as me diz que o será. E então... || Uma nuvem perspassou pelos meus | olhos. Cresci para ella com o punhal le- | vantado. Ella porém teve um accesso de | riso. || - Espera ainda um minuto, disse ella. | Tu vaes matar-me ; sairás daqui com o | meu pouco outro, mas serás apenas um | maroto vulgar, e Aurora munca te amará. || Cahiu-me o punhal das mãos.|| - Como? bradou Bibi, podias matal-a, | e não o fizeste ? ! || - Não ; estava louco. || - Afinal de contas, disse philosophica- | mente o homem da policia, parece que o | amor é loucura como qualquer outra, | peior ainda talvez, mas... || Polyte suspirou. || - Continúa, meu rapaz, continúa. Inte- | ressam-me enormemente as tuas pala- | vras. || E Bibi pediu terceira garrafa de limo- | nada, em quanto o janota de fresca data | limpava o suor que lhe escorria da cara.||

Edição 379

PONSON DU TERRAIL [espaço]5

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

III || - Ainda não viu rir essa mulher? pro- | seguiu Polyte.|| Si ella se encolerisasse, matal-a- | hia ; | mas ella ria, e o punhal cahiu-me das | mãos, || - Vamos, [borrado] tu queres que Aurora te | ame. Isto é claro, meu rapaz. || Já não era uma mulher, era um demo- | nio. || De repente atravessou-me o espirito a | sua lembrança, e peguei outra vez do | punhal. || - Ah ! disse ella, sem se agutar, então | que é isso ainda? || - Quero saber o que fez do meu ami- go. || - Que amigo? || - - Bibi. || - És curioso, meu rapaz, disse ella. || - Quero sabel-o, repeti eu,

porque há | quinze dias que elle desapareceu ; si | elle morreu, quero vingal-o. || - Então mette o punhal no bolso, por- | que te posso afirmar que elle está bem. || - E não o fez guilhotinar? || - Imbecil ! || E ella ria sempre. || - Mas quero sabel-o, bradei eu. || - Nesse caso, ouve, que tudo saberás. || Seu socego e vynismo desarmavam-me || de novo. || - Falla, lhe disse eu contemplando- a. || - Bibi fez mal em ficar em Paris. Elle|

tinha um passaporte e deveria aprovei- | tal-o, passando-se ao estrangeiro. || - Então succedeu-lhe alguma desgra- | ça ? perguntei eu com um frémio na | voz. || - Sim e não. Está preso, mas não mor- | to. || - Ainda não, ao menos. || - Nem morrerá ; prometto-te eu. || - Então foste tu que o mandaste pren- | der? || - Fui. || - Porque? || - Porque me prejudicava, e eu não | gosto que ninguem me contrarie. Mas, | repito-te que não morrerá. Não está em Conciergerie nem na Abbadia, nem em | nenhuma das prisões que mandam os | seus presos á guilhotina. || - Então onde elle está? || - Em Charenton, encerrado como doi- | do. || - Ora foi essa a primeira vez, inter- | rompeu Bibi, que essa desgraçada fal- | lou verdade. || - Ah ! || - Effectivamente ella fez-me prender | e encerrar como doido, e eu fiquei seis | mezes em Charenton. || - Então bem fiz eu em acreditar, dis- | se Polyte, porque estava escripto que eu | não a assassitaria. || Que se passou desde então entre nós? | recordo-me confusamente ; mas o demo- | nio continuou a sua obra de tentação e | uma hora depois eu estava completamen- | te louco. || Amava Aurora mais que nunca, e que- | ria tornar-me digno della. || Antonia deu-me um rolo de ouro. || - Vae a Paris, me disse ella, veste-te | convenientemente, freqüenta os cafés|

os espectaculos, diverte-te ; quando não | tiveres mais dinheiro, eu t'ó darei. || E eu parti. A contar desse dia come- | çou para mim uma nova vida. || Depressa se habitua uma pessoa a gas- | tar dinheiro ; de fórma que ao fim de | oito dias eu imaginava que sempre fora | rico. || E comtudo assaltou-me o medo quan- | do o dinheiro me foi acabando. || Eu não voltarei certamente á casa da | cidadã Antonia, disse eu de mim para | mim; Ella vingar-se-hia e far- me-hia | prender. || Tinha alguns luizes. || Uma noite fui á Opera. A cidadã esta- | va lá. Viu-me, saudou-me com a mão, e | com um gesto convidou-me a ir ao seu | camarote. || Alli não temia eu nada e arriscava- | me. || - Tens dinheiro ainda ? me disse ella. || - Nem muito, disse eu ingenuamente. || - Porque não foste procurar-me ? || Tive um olhar cheio de eloquencia. || Ella começou a rir. || - - Mas, prosseguiu ella, ha m[u]lto tem- | pó que te perdoei. Além de que, não és | tu o futuro instrumento da minha vin- | gança? || - Como assim? disse eu naturalmen- | te. || - Porque Aurora amar-te-ha cedo ou | tarde. || Senti o meu coração pulsar precipita- | damente. || - Sabes que és verdadeiramente um | galante rapaz ? disse ella. || E mettu-me na mão um novo rolo de | dinheiro accrescentando : | - Espero que quando se te acabe, não | te faças creança e vás ver-me. Que te|

direi eu ? continuou Polyte depois de | breve pausa, fiz-me janota e muita vez | fui á casa da cidadã Antonia, sem que | me succedesse peor aventura do que | voltar com os bolsos recheiados. || Uma noite encontrei-a deitando as | cartas. O cidadão X... estava ao pé della. || Estava inquieta e encrespava as so- | brancelhas. || De repente voltou-se para o cidadão | X... e disse-lhe: || - Ainda estás ligado ao cidadão Robes- | pierre ? || - Ainda. || - Fazes mal, disse ella ; é preciso des- | fazeres-te delle. || - Então porque? perguntou o repre- | sentante. || - Porque vejo a queda delle nas mi- | nhar cartas. || Tres dias depois, effectivamente, che- | gou o 9 thermidor. Mas o cidadão X... | tivera tempo de virar a casaca ; torna- | Ra-se thermidoriano e amigo de Tallien. || - Depois ? disse Bibi. || - Ora ! depois... adivinhe ? a cidadã | Antonia e o cidadão X... são mais poder- | sos que nunca. || - E ficaste seu amigo? || - Não, mas seu pensionista. || - E eis -te janota? || - É o meio de ser amigo de Aurora. || Bibi alteou os hombros. || - Eu estive em Charenton, disse elle, | mas creio que quem endoudeceu foste tu. || - Palavra de honra ! disse Polyte, | acreditei nas cartas da cidadã Antonia. || - E

que te disseram ellas ? || - Uma noite, ha oito dias, a cidadã An-| tonia deitou-as deante de mim.||

Edição 380

PONSON DU TERRAIL [espaço]6

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

III || - Meu filho, me disse ella, vejo Auro- | ra toda vestida de luto. O coronel Dago- | berto..., porque esse ferreiro é coronel | agora o coronel Dagoberto morreu. || - Palavra ? || - Aurora chora, mas consolar-se-ha. | Está próxima a tua hora. || - Ah ! ella disse-te isso ? interrompeu | Bibi. || - Disse, papá. || - E acreditaste-a ? || - Firmemente. || - E é por isso que tu és amigo de An- | tonia ? || - Mas... || - E, si necessário fôr, servil-a-has | contra nós ? || - Isso não , disse Polyte, e , si eu tives- | se a certeza de obter o dinheiro das duas | meninas... || - Para isso vim a Paris. || - Sahindo de Charenton? || - Não. Ha mais de um anno que me | evadi ; estive na Allemanha, e sei agora | onde pára o dinheiro do cofre, disse Bi- | bi. || - Nas mãos dos bohemios? ||- Sim mas ha um meio de lh'o tirar. || - Será possível ? || - Mas eu tinha contado comtigo e ago- | ra... || - Agora, disse Polyte, a quem o re- | morso de sua passada conducta começa- | va a assaltar, agora juro-lhe papá que | não conhecerei outro amo e que farei | tudo o que me ordenar. || - Então debes principiar por não pen- | sar em Aurora. || Polyte suspirou. || - Admittindo mesmo que Dagoberto | fosse morto e que ella esteja viuva, ella, | nunca será para ti. ||

- Tem razão, murmurou Polyte ; eu | estava doido. || - Ah, mas explica-me, interrompeu | Bibi, a razão porque, podendo enterrar | em cheio as mãos na bolsa de Antonia, | tu estás esta noite sem um soldo. || - Já disse que sahi de uma espelunca | onde perdi tudo. || - E porque não procuraste logo a ci- | dada Antonia? || - la fazel-o, quando fallamos ; e de- | pois, como vi Nichette? || - Quem é essa Nichette? || - A vendedeira de ramilhetes que está | á porta do jardim, uma linda rapariga. || - Ora essa ? disse Bibi, pois tu ainda | olhas para as mulheres? || -Oh ! disse, Polyte, um verdadeiro | amor não impede que um homem tenha | outros caprichos. || - E sentes esse capricho para com Ni- | chette?|| - Palavra que sim. || - Permitto- t'ó, disse o homem da po- | licia em tom paternal. || Chamou o criado, encartado em rapaz | como no tempo da tyrannia, pagou e dis- | se : |- Vamos ! ||-Aonde? || - Ao jardim. Irás comprimentar a | cidadã Antonia.. || - E espera aqui por mim? || - Não. Apresentas-me (a ella[]) como | um burguez da provincia. || - Mas ella conhece-o. || - E então tu reconheceste-me ? || - É justo, disse Polyte, vamos ! || Depois, olhando para Bibi : || - O caso é que está galantemente me- | tamorphoseado disse elle. || - Ora adeus ! replicou Bibi com um | sorriso. recordamo-nos sempre um pou-| co das profissões antigas. || E, tomando o braço do casquilho, as- | Hiram da loja de bebidas. || Já não era a cidadã Antonia, com a | sua toilette opulenta e de mal gosto, | que provocava a attenção publica nesse | momento, porque sempre havia muita | gente á porta dos jardins do Tivoli. ||

Não, Antonia entrar e perdera-se | nas sombras iluminadas a giorno. || Nichette tinha, porém, um circulo de | curiosos e admiradores em roda do seu | taboleiro. || - Olá ! disse Bibi olhando para a ra- | milheteira, palavra que tens bom gosto, | meu rapaz ! || E effectivamente essa Nichette era | uma linda rapariga. || Alta, delgada, pouco pallida, ella ti- | nha grandes olhos brilhantes, labios ver- | melhos como cerejas e uma farta cabel- | leira negra, em tranças confusas e luxu- | riosas. Bibi examinou-a attentamente. || Recordação súbita lhe perturbou o es- | piritito. ||-Oh ! é exacto ! disse elle. || - Que é ? perguntou Polyte admirado. || Bibi, porém, puxou-o á parte e respon- | deu : || - Ouve bem, que te vou contar a his- | toria de

um vaso de flôres. || - Mas... || - Ouve, e verás... || - Vejamos ! disse Polyte cada vez mais | admirado. || - Ha vinte annos tinha eu na minha | janella um vaso com uma roseira. Esta | roseira estava apanhada, rachitica, es- | tiolada. Só via sol meia hora por dia. || Certa manhã tive eu a idéa de a levar | ao campo para a casa de um amigo. || Transplantaram-n'a para a terra larga ; | teve ar e luz e no anno seguinte estava | ella enorme e coberta de rosas. || - Explique-se papá ! || - Nichette fez o mesmo ; vive em ple- | no ar. || - Nichette ? || - Sim reconheci-a. O pequenino mons- | trinho tornou-se essa linda rapariga. || - Então conheceu-a ? || - E tu também a conheces. || - Eu? || - Sim. Não te lembras do avorto ex- | quisito e feio que ha tres annos estava em | casa da engommadeira da rua do Petit- | Carreau ? || - Zoé ? || - Sim. ||

- Então ? || - Então Zoé é Nichette, a vendedeira | de violetas. || - Ah ! o papá treslê. || - Pois bem ! disse Bibi com accento de | convicção profunda, cortem-me a cabe- | ça si eu me engano. || E empurrando Polyte para diante del- | le fel-o entrar no jardim. || [espaço] IV [espaço] || A cidadã Antonia dera volta aos jar- | dins, parando ora onde se dançava, ora | sentando-se em um massiço de verdura, | comprazendo-se em ouvir as conversas | amorosas dos peralvilhos e das moder- | mas hectaires, que passeiavam seus hom- | bros nús, sob os candelabros e lanternas | venezianas ; e os que outr'ora haviam | conhecido a bohemia Toinon, a criada | grave da condessa de Mazures, não co- | nheceriam certamente esse ser grotes- | co, coberto de pedrarias e encaixado em | ridícula toilette. ||

- Entretanto a cidadã Antonia, em | vez de piedade, inspirava respeito e sur- | das invejas. || Primeiramente sabiam que era fabu- | losamente rica. || Depois ninguem ignorava que as suas | relações com o cidadão X... a tornavam | muito poderosa. || Finalmente em pontos de amor, diziam | que era caprichosa, e certa historia cor- | rera em Paris a seu respeito. || Antonia gostava de homens bonitos. | Diziam que uma noite estando ella na Ope- | ra, reparara em um cantor chamado | Bartholomeu ; era italiano como o indi- | cava seu nome. Quase sempre os tenores | são pouco escrupulosos ; Bartholomeu | não o era nada. || Em um entre-acto recebeu elle o se- | guinte bilhete: || <<Uma mulher fabulosamente rica, | morre de amores por vós. Convida-vos | para cear. Qual é o preço ?>> || Isto era crú de mais. Bartholomeu, | porém, não se importou e escreveu em | baixo, no mesmo bilhete: || <<Dez mil libras>> ||

Edição 381

PONSON DU TERRAIL [espaço]7

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilleteira Nichette

IV || O bilhete voltou á que tinha escrip- | to, isto é, á cidadã Antonia, que nessa | mesma noite pagou por dez mil libras o | prazer de uma entrevista com o cantor | italiano. || Este gloriava-se, e a historia chegara | aos jardins de Idalie. || Por isso a cidadã era cercada da mul- | tidão de rapazes, os quaes todos se jul- | gavam mais felizes que o tenor Bartho- | lomeu, e tinham mais ou menos necessi- | dade de dez mil libras. || Essa noite, porém Antonia não pare- | cia preocupada por nenhuma phantasia | amorosa. || Encrespava suas espessas sobrance- | lhas, e os olhos brilhavam-lhe com som- | bria chamma. || Sem duvida um pensamento mais sé- | rio, uma inquietação talvez, ou a a amea- | ça de um perigo, a perseguira nesse | mesmo logar de louco deboche, onde tam- | bem se esqueciam as desgraças da ves- | pèra e os cuidados do dia seguinte. || Dir-se-hia que algumas vezes ella pro- | curava alguém que desesperava de en- | contrar. || Ia de grupo a grupo, de quadrilha a | quadrilha, passando indifferente pelos | homens que se esforçavam por se fazer | notar daquella que só mirava as mulhe- | res com singular tenacidade. || Em certo sitio ella estremeceu e pa- | rou de repente. || Passava ao pé

della uma joven. || Ia só e parecia que não poderá encon- | trar cavalheiro algum no baile. || Mas Antonia contemplou-a alltenta- | mente e achou-a bella. || Era uma rapariga alta, esbelta, de ca- |

bellos loiros, olhos negros, typo de rara | belleza, e que de resto tinha nos labios | um vago sorriso de melancolia. || Era sem duvida o genero de belleza | que Antonia procurava, porque a bohe- | mia pousou-lhe a mão no hombro e fel-a | parar. || - Perdão, bella menina, disse ella. || A linda loura olhou admirada para | Antonia e disse : || - Que me quer, cidadã: || - Puf ! ahi esta uma palavra que já ninguem usa, disse Antonia. Chame me | antes por senhora, minha pequena. || - Então que me quer, senhora? per- | guntou a pobre rapariga, sem se enfas- | tiar com o apostrophe. || - Não me conhece ? || - Não, senhora ! || - Não vem aqui muita vez ? || - Foi esta noite a primeira. || - É talvez da provi[n]cia ? || - Não senhora, sou de Paris. Mas o | meu bairro não é este. || - E depois talvez que não vá muitas | vezes ao baile ? || - Todas as noites. Mas ordinariamen- | te vou ao salão de Marte. || - Ah ! || - E não voltarei mais aqui porque | não conheço ninguem. || - Depressa se trava conhecimento com | uma rapariga assim linda, proseguiu An- | tonia em tom acariciador, e não lhe fal- | tarão cavalheiros para a proxima qua- | drilha. || - Eu nunca danso, senhora. || - O que ? disse Antonia . || - Nunca danso, repetiu a joven, com | singular accentuação. || - Então porque vem ao baile ? || - Isso é segredo meu. || - E, quando dizia isto, um falso refle- | xô escapou de seus olhos negros. || Antonia não se sensibilizou : pelo con- | trario, fugitiva alegria brilhou no seu | rosto. || Dir-se-hia que esperava ter finalmen- | te encontrado a mulher que procurava. ||

- Como se chama ? disse ella, tambem | é segredo ? || - Não, senhora, chamo-me Germana. || - E não me conhece? || - Não ; é a primeira vez que a vejo. || - Chamo-me Antonia, disse a bohemia. || - Ah ! || - E sou a mulher mais rica de Paris. || - Parabens, disse a joven com indif- | ferença. || - Desgraçadamente sou só ; não tenho | filhos nem parentes. || - Realmente. || - E aborreço-me. || - E, para se distrahir é que vem aqui? || - Primeiro para isso, minha filha. E... | depois... || - Depois ? disse a joven. || - Procurar alguém || - Que não encontra? || - Que julgo ter encontrado. || Fallando assim, Antonia sentara-se no | banco, e fizera sentar a loira ao pé del- | la. || Esta obedecera com indiferença e olhou para Antonia continuou : || - E esse alguem é a menina. || - Eu ! ? || - Sim. || Um sorriso assomou aos labios da jo- | vem loira. || - Mas a senhora conhece-me tanto co- | mo eu a conheço. || - É verdade ; mas ha sympathias mys- | teriosas e instantaneas. || - Não comprehendo, senhora. || - Vou explicar-me. Eu procuro uma | mulher. || - Bom ! || - Joven e bonita como a menina, e da | qual eu possa fazer minha amiga. || E com quem partilharei a minha for- | tuna. || Amargo sorriso reappareceu nos la- | bios da joven. || - Senhora, disse ella, eu não posso ser | amiga de ninguem. || - Nem de mim ? || - Nem da senhora. ||

- Mas eu sou rica, disse Antonia. || - Já m'ó disse. || - E adoptal-a hei. || - Obrigada. || - Crear-lhe-hei uma vida de luxo e | prazer. || A joven loira levantou-se. || - Senhora, eu venho ao baile todas as | noites, mas não é para me divertir. || - Então para que? || - Para me recordar. Desculpe, si não | a posso ouvir por mais tempo. || E Antonia estremeceu, quando a jovem | abriu o manteo que lhe cobria os hom- | bros. || A jovem tinha ao pescoço um fio de se- | da encarnada, á maneira de collar ; mas | esse fio era tão delgado que parecia o | sulco sanguinolento que a faca da gui- | lhotina deixa, ao passar. || A jovem loira estava filiada no baile das victimas. || - Ah ! meu Deus ! murmurou Antonia | estupefacta, que bem me dirigia eu, real- | mente ! ella é uma aristocrata. || - Talvez... || E a loira com um sorriso amargo sau- | dou Antonia e partiu. || Reappareceu a ruga que Antonia ti- | nha na fronte, e que por momentos se | apagara. || - Vamos, murmurou ella, toca a re- | começar ; mas aquella tinha a belleza misteriosa e fatal de que eu precisava | para realisar os meus projectos. Procu- | remos ainda. || Antonia deixou o banco onde estava, | e continuou o passeio através do

baile || De repente achou-se de face de dois | homens que caminhavam em sentido in- | verso. || Um era Polyte, o outro era Bibi. || - Ah ! até que afinal, disse ella, vem- | do o casquilho. || - É verdade, disse Polyte. || E beijou galantemente a mão cheia de | aneis da temivel bohemia. || Antonia olhou para Bibi. ||

Edição 382

PONSON DU TERRAIL [espaço]8

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

IV || Bibi estava tão metamorphoseado, da- | va-se tão bem a figura e ar de um pro- | vinciano, recentemente desembarcado e | embasbacado por tudo o que vê, que An- | tonia não o reconheceu. || - Porque não vieste cumprimentar- | me mais cedo, meu galante ? perguntou | Antonia. || - É preciso confessal-o ? disse Polyte, | sorrindo. || Mas sem duvida. || - Chego agora mesmo. || - E são duas horas da manhã? || - É verdade meu Deus. || - Então passaste a noite em algum lo- | gar mau? disse Antonia. || - É verdade isso. || - Jogaste e perdeste? || - Exactamente! || - Mau foi isso ! disse Antonia, sorrin- | do. || Dep[o]is, em tom de indulgencia : || - Perdeste muito. || - Tudo o que tinha. || Depois, piscando o olho Polyte ac- | crescentou : || Felizmente encontrei este á | porta. || - Quem é ? perguntou desdenhosamen- | te Antonia. || - Um provinciano, respondeu Polyte |

baixando a voz, e que vos imaginava a | madama Tallien. || Antonia começou a rir. || - Offereci-me para o guiar, e elle pa- | gou-me a entrada, porque eu não tinha | nem um triste soldo. || Antonia metteu-lhe um luiz na mão. || - Vae procurar-me um bouquet, dis- | se ella ; desfaz-te do teu provinciano e | volta. Preciso de fallar comtigo. || Polyte cumprimentou Antonia, deu o | braço a Bibi e arrastou o para a porta do jardim, onde esperava encontrar Ni- | chette. || - Ella não me reconhece ! disse Bibi. || [espaço] V [espaço] || Mal Polyte e Bibi deixaram Antonia, | quando se encontraram com um perso- | nagem de não menos singular aspecto | que a bohemia. || Como homem, era o que Antonia era | como mulher. || De figura pardacenta, olhos negros, | cabello encrespado, typo bohemio ; e, | estranha, cousa, feio em vez de bonito, | porque essa raça maldita é ordinária- | mente dotada de belleza rara e fatal. || O mesmo indicio de mau gosto no seu | todo ; e de resto a mesma profusão de | aneis nos dedos e de diamante na ca- | misa. || Não estava á vontade no seu traje de | peralvilho, e parecia procurar alguém | através dos jardins, onde sem duvida | vinha pela primeira vez. || Polyte parou e começou a rir. || - Ora aqui está, disse elle, o homem | feito de propósito para Antonia. || - É verdade, disse Bibi, que pareceu | presa de leve commoção. ||

O bohemio parecia bastante preoccu- | pado, para reparar nos que olhavam | para elle. || Passou por ao pé de Bibi e de Polyte | sem ao menos lhes conceder um olhar. || - Aposto em como procura Antonia, | disse Polyte. || - É provavel, respondeu Bibi. || - Ah ! julga-o ? || - Talvez. || - Mas, continuou Polyte, dir-se-hia | que o papá o conhece. || - E conheço effectivamente. || - Ora essa ! || - E por causa delle é que eu vim a || Paris. || - Ah ! disse Polyte redobrando de cu- | riosidade. || Já não era Polyte, era Bibi que apres[sa]- | damente fazia descer aquelle para a por- | ta do jardim. || - Que mosca o pica, papá ? perguntou | Polyte que sabia que Bibi era presa de | certa emoção. || A' esquerda da porta, á entrada, ha- | via um pequeno massiço de verdura, | completamente deserto. || Bibi levou para ahi Polyte, fel-o sen- | tar em um banco junto delle, e disse-lhe: || - Conversemos depressa, e com pro- | veito. || - Falle papá. || - Não me mentiste tu, ha pouco ? || - Como assim ? || - Quando me

disseste que estavas sem- | pre prompto a servir-me, e, por conse- | quencia a ajudar-me a re-
haver a fortu- | na das duas meninas? || - Papá, respondeu gravemente Poly- |

te, repito que póde contar commigo para | a vida e para a morte || - Bem. Então posso fallar.
|| Bibi ordinariamente impassível, pa- | recia muito agitado nesse momento. || - Levarás um
bouquet a Antonia | quando eu partir, prossegui o homem | da policia. || - Pois vaes deixar-
me ? || - Vou porque tenho bastante que fa- | zer esta noite. Não me disseste há pou- | co que
a bohemia te revelára ter con- | fiado o dinheiro ao chefe da seita? || - Pelo menos ella assim
o affirmou. || - E disse a verdade. || - Assim o creio. || - Pois esse chefe é o homem que aca-
|| bamos de encontrar. || Polyte estremeceu e olhou para Bibi | com mais attenção. || Bibi
continuou : || - Elle vem a Paris procurar Antonia, | e vão encontrar-se agora. || - Bom ! || -
Ora, já que estás nas boas graças da | bohemia, fácil te é fazer-me um pequeno | favor. || -
Qual ? || - Vigial-os, saber si elles vão ambos, | e vir dizer-m'ó á minha casa, na rua dos | Bons-
Enfants, numero 1. || - Amanhã ? || - Amanhã ou esta noite, pouco impor- | ta ! esperar-te-
hei. || - Mas... || - Mais tarde saberás o resto, disse | Bibi ! Adeus ! || Apertou a mão a Polyte
e deixou pre- | cipitadamente o baile. ||

Edição 383

PONSON DU TERRAIL [espaço]9

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

V || - Palavra de honra ! murmurou então | Polyte, esta é a noite das aventuras ! | E com os
olhos seguiu o homem da po- | licia, seu antigo amigo, subiu para um | dos carros que
estacionavam na praça, | e desceu a rua do Monte Branco. || Só quando o carro
desappareceu é que | Polyte se lembrou do bouquet de Anto- | nia. || Então dirigiu-se á
praça onde ordina- | riamente estava a ramilheteira Nichet- | te. || A praça porém era
deserta. || Uma mulher que estava á porta adivi- | nhou o que Polyte procurava. || - A
ramilheteira entrou no jardim, | disse ella. || Polyte voltou atraz ; e, por mais que | procurou
Nichette, não a encontrou. || Foi no sitio onde deixara Antonia ; mas | Antonia não estava
alli. || E, quando Polyte recomeçava as suas | peregrinações , avistou o estranho per- |
sonagem, cuja aparição subita occasio- | nara tão viva emoção a Bibi. || O bohemio estava
sentado a uma pe- | quena mesa, onde um dos criados do es- | tabelecimento lhe tinha
servido um sor- | vete. || Atirando á volta de si um olhar negro | e profundo, esse homem
examinava tudo | através dos pares dançantes que passavam | em turbilhão, e parecia
embeber-se na um- | sica e enebriar-se com o ruido e com a | luz. ||

- Creio que Bibi se enganou, pensou | Polyte. Este homem vem aqui como cu- | rioso, e, de
fórma alguma, para procu- | rar Antônia. || E Polyte continuou a passear pelo jar- | dim. || De
repente, porém, parou. || - Que diabo ! murmurou elle, ora isto | é que é exquisito ! || Tinha
visto a um canto Antonia con- | versar com uma joven, cujas mãos tinha | entre as della, e que
parecia contem- | plal-a com amor. || Essa jovem era a ramilheteira Nichet- | te. || Antonia
fallava com animação, e a Jô- | vem ouvia-a tão attentamente que NE- | nhuma dellas viu
Polyte, que então dis- | se de si para si: || - Gostava de saber o que se passa en- | ter ellas. ||
Antonia e Nichette estavam encosta- | das a um massiço de verdura ; e Polyte, | dando alguns
passos para traz, desviou | o massiço e veio quase para junto dellas, | por-se á escuta.
||[espaço com 15 pontos finais]||Eis o que tinha succedido. || Antonia esperara por Polyte a
quem | tinha mandado buscar um bouquet. Mas, | como Polyte não se apressasse a vir, e , |
como Antonia lhe tivesse dado tal mis- | são só pra se ver livre delle, posera-se | a caminho

olhando todas as mulhe- | res, não encontrando em parte alguma | a quem procurava ; e isto
conhecia-se por | que um gesto de despeito e desespero | lhe escapava ás vezes. || Nichette
porém apresentara-lhe um | bouquet de violetas. || Antonia sentiu repentina commoção |
electrica ; e comtudo não era a primeira | vez que via Nichette. || Ela estava sempre á porta
dos jardins |

do Tivoli e Antonia ia alli todas as noi- | tes. || Mas Antonia passava sem reparar ; e | sem
duvida nunca encontrou o olhar ne- | gro e profundo da ramilheteira. Desta | vez, sim que
estremeceu dos pés até a | cabeça. || - Como te chamas tu, minha bella me- | nina? disse ella.
|| - Nichette, senhora. || - E és ramilheteira. ? || - Como se vê. || - Vendes muito ? || -
Alguma cousa. || - E esta noite ? || - Só tenho tres bouquets. || - Eu fico com elles, disse
Antonia. || E collocou uma moeda de ouro no ta- | boleiro. ||

Nichete levantou-se e ia retirar-se ; | Antonia porém reteve-a. || - Como vendeste os
bouquets não tens | que fazer agora ; não é assim? || - Sim senhora . || - Queres conversar
um bocadinho | commigo ? || Nichette atirou á bohemia um olhar | de admiração. || - Olha
que não te arrependes, disse | Antonia. Conheces-me ! ? || - Todo mundo a conhece. Não se
| chama a cidadã Antonia ? || - Precisamente ; então sabes que sou | rica ? || - Sim senhora.
|| - Rica a ponto de fazer chover ouro, | si quizer, das minhas janellas. || - É bem feliz, minha
senhora. || - Pois eu tambem te posso fazer feliz | e rica, disse Antonia. || - A mim ? || - A
ti, sim. || Nichette olhou para Antonia com um | ar que queria dizer :||

- Porque caçoa commigo? || Mas de repente estremeceu, como si | longínqua recordação lhe
atravessasse o | pensamento. || - Oh ! murmurou ella, parece-me que... || - Que te parece,
pequena? || - Que já a vi, minha senhora. || - Eu venho aqui todas as noites. || - Sim, sim ; ;
mas não foi aqui que eu | a vi. || - Então aonde?! || - Não sei,.. sei, sei ; mas... não... | não é
possivel , balbuciava Nichet[t]e|| Antonia pegou-lhe no braço e levou-a | para o banco junto
do mássico de verdu- | ra, por traz do qual Polyte estava es- | condido. || - Então, explica-te,
disse ella. || [espaço] VI [espaço] || A' medida que Nichette contemplava | attentamente a
cidadã Antonia, parecia | desfazer-se um véu que pesava na sua | memória. Emfim ella
exclamou : || - Oh! não me engano, era a senhora. || Antonia tinha menos memoria que Ni- |
chette, e perguntava a si mesma si a ra- | milheteira não estaria enganada por | uma falsa
semelhança. Mas Nichette dis- | se-lhe : || -A senhora não quis mandar guilhoti- | mar duas
meninas? || Antoni[a]o estremeceu. || - Ha tres annos ; eram duas irmãs ; | uma chamava-se
Aurora e a outra Joan- | na... || - Como sabes isso? || - Um dia a senhora foi á rua do Petit- |
Carreau, vestida de mendiga. || - É verdade. || - E fallou commigo. || - Comtigo? || - Sim,
senhora. ||

Edição 384

PONSON DU TERRAIL [espaço]10

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VI || De repente Antonia deu um passo para | traz. || - Ah ! já me lembro ; creio que me re- |
cordo... mas era uma rapariga tão pe- | quena ... magra, pallida, rachitica... || - Era eu, disse a
ramilheteira. || - É possivel ? || - Era eu, disse a ramilheteira com | uma accentuação, de cuja
sinceridade | ninguem podia duvidar. || - Então tu chamas-te Zoé ? || - É o meu verdadeiro
nome. || Antonia olhava sempre para a rami- | lheteira. || - Mas é que tu és linda de uma vez
! | disse ella. || - Oh ! minha senhora, respondeu | modestamente Nichette. || - Mas conta-
me lá a tua história, mi- | nha querida ? || - Oh ! disse Nichette, e não é com- | plicada. A
minha ama , a mãe Simão, poz- | me á porta, quando as duas meninas | foram salvas. || - E

depois ? || - Ora, depois ! depois corri as ruas | da cidade. || Primeiramente mendiguei, e depois | encontrei um cidadão velhote que me | deu vestidos e moveis. Eu mal tinha qua- | torze annos, mas o maroto do velhinho | gostava de fructa verde. || - E depois ? || - Era um homem poderoso, emprega- | do da communa. No fim de um mez já | eu fazia delle o que queria. Então instei | para que ele mandasse prender o mari- | do da minha ama, esse Simão que me |

tinha expulsado, dando-me um pontapé || - E elle concordou? || - Sim, senhora. || - Prenderam Simão? || - Prenderam, mas não o guilhotina- | RAM ; mandaram- n'ó para as galés com | os ladrões ; eu antes quis assim. || - Então tu ainda és má? || Nichette teve um sorriso infernal e | disse : || - Vingo-me. || - Mas que tinhas feito as duas meni- | nas? || - Eu tinha inveja de que ellas fossem | mais lindas que eu. || - E ainda as detestas ? || - Sempre, posto não saiba onde ellas | param. || - E far-lhes-hia mal, si as encontras-|sés? || - O mais que podesse. || - És uma rapariga amável, disse An- | Tônia, depondo um beijo na frente da ra- | milheteira. || E depois com a sua voz acariciadora : || Mas continua : conta-me a tua his- | toria. || - Como todo gosto senhora. || E Nichette proseguiu : || - la-me enfadando o velho do cidadão. | Lançava-me sempre em rosto o ter-me | arrancado da rua. E então, por uma | bella manhã, desembarcei-me delle. || - E como ? || - Elle dizia-me patriota, cantava o Ça tra e a Marselheza , patriota, Ni- | chette, e era amator assíduo da praça | da Revolução, no fundo, porém , era | aristocrata, occultava o seu verdadeiro | nome e emretinha uma corresponden- | cia com os realistas, aos quaes servia de | espião. || - Ah ! Ah ! || - Então roubei-lhe as cartas e man- | dei-as á policia. Prenderam-n'ó e elle | ficou arranjadinho. || - Guilhotinaram-n'ó? ||

- Sim, senhora. || - Encantadora rapariga ! murmurou | Antonia. E depois ? || - Depois, como eu amei um rapaz que | me espancava, e depois um outro que | me batia também, e em seguida mais ou- | tros ainda, resolvi fazer-me ramilhetei- | ra, porque os homens pouco valem. || - Então já não amas ninguem ? || - E farte-hias amar, si necessario fos- | se ? || Nichette teve um olhar e um sorriso | que queriam dizer : << Eu sei o que se | deve fazer para isso. >> || - Eu procurava ha pouco uma mu- | lher que fizesse perder a cabeça a um | homem, replicou Antonia. Quem sabe? | talvez que eu a encontrasse agora. || - Talvez ! é possível, disse modesta- | mente a ramilheteira ; principalmente, | si eu me der a isso. || Antonia pegou-lhe o braço e disse : || - Vem commigo. || - Aonde vamos, senhora ? || - A ' minha casa. || - Fazer o que ? || - Quero que ceies com o homem que | deve amar-te. || - Ah ! disse Nichette. || - E depois de certo silencio, proseguiu : || - E é bem rico esse homem? || - Que te importa ! si eu o sou... e te | pertence o que eu possuo. || - Ah ! minha senhora, não zombe de | mim. || - Juro-te que não zombo, minha filha. || - Palavra ? || - És bonita, viciosa, má, vingativa, e | aborresces ainda essas duas mulheres, | que tinham a audacia de ser mais for- | mosas que tu. || E aborrecerei sempre ! disse Nichet- | te. || - Realisas pois o ideal que eu procu- | rava. Vem ! adopto-te. || - E Antonia arrastou a ramilheteira. ||

Então Polyte sahiu do esconderijo e | limpou a frente banhada de suor ; de- | pois, vendo-as seguir, disse : || - Bibi tinha razão. A ramilheteira | Nichette e a pequena Zoé são uma só. | E eu que estava amoroso de semelhante | monstro ! || E Polyte teve um gesto de horros, fa- | zendo depois a seguinte pergunta : || - É verdade. A que homem destinará | Antonia a sua Nichette? || E resolveu segui-las de certa distan- | cia || [espaço com 15 pontos] || Antonia e a ramilheteira dirigiram-se | para a porta ; e Polyte seguiu-as sem- | pré de longe || Subitamente Antonia parou. || - Que ha, senhora ? perguntou Nichet- | te. || - Olha ! || E Antonia apontou para o exquisito | personagem que Bibi e Polyte já tinham encontrado. || Esse homem estava sentado a uma | mesa, sob um caramanchel de clémati- | tes, e bebia a pequenas golos, uma gar- | rafa de tokay, que já tinha pago com | um luiz de ouro. || Parecia tão absorto nessa occupação, | que nem voltou a cabeça e não viu as | duas mulheres, que o

examinavam. || Antonia tinha-se escondido por traz | de uma arvore. || - Vês esse homem ? disse ella baixi- | nho. || - Sim senhora. É bem feio. || - É rico e poderoso || - Ah ! || - Tão rico como eu, e tem tanto ou | mais poder na Allemanha, como eu aqui. || - E então ? || - Então é elle. || - O homem por quem me devo fazer amar? || - Sim. ||

Edição 385

PONSON DU TERRAIL [espaço]11

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VI || Nichette primeiro fez uma visagem de

| despeito ; depois um sorriso cynico lhe | assomou aos labios. || - Emfim, disse ella, já que elle é ri- | co... || - Vem ! não quero que elle te veja | aqui. || - Então porque ? senhora. || - Eu t'ó explicarei logo. || - E Antonia continuou a arrastar a ra- | milheteira. || O carro multicolor da bohemia estava | ainda á porta. || Antonia fez subir a ramilheteira, com | grande espanto dos curiosos e ociosos | que occupavam as aproximações dos jar- | dins. || Uns diziam : - Essa mulher é mais ori- | ginal que uma ingleza. Outros inveja- | vam a boa fortuna de Nichette. || Um homem exclamou : || - Que quererá fazer daquella deslei- | xada? || - Uma princeza, respondeu outro, | rindo. || O carro desapareceu em nuvens de | pó. || Então Antonia disse a Nichette : || - Esse que viste é o chefe da raça a | que pertença. || - E que raça é essa ? senhora. || - Eu sou bohemia. || - E então esse homem é bohemio? || - É nosso rei. ||

- Bravo ! então serei eu rainha. || - Si quizeres e souberes seduzil-o. || - Hi ! hi ! será ratão, disse a rami- | lheteira, ser rainha em Paris durante || a republica. || Antonia proseguiu : || - Esse homem veio a Paris para res- | tituir uma somma importante. || - A quem ? || - A quem ella foi roubada. || - Então elle esta de posse dessa som- | ma ? || - Sim. || Os olhos de Nichette relampaguearam || - Trata-se, continuou Antonia, de lhe | fazer perder a cabeça e impedir essa res- | tituição. || - E eu terei esse dinheiro ? || - Ao menos uma boa parte. || - Bem. Faça-me encontrar com elle | e deixe-o cá a minha conta. || - Para isso é que eu te levo á minha | casa. || - Então porque não quis que eu o vis- | se ha pouco ? || - Porque quero enfeitar-te como um | ídolo. É preciso que fiques bella como | uma deusa. || - Já entendo, senhora. || E Nichette confiou-se então cegamen- | te a cidadã Antônia. || [espaço com 15 pontos finais] || Durante este tempo, Polyte vigiava o | extranho personagem, que bebia deva- | garinho a garraga de tokay. || Emfim o chefe dos bohemios, como lhe | chamava Antonia, levantou-se e deixou | os jardins da Idalie. || Polyte seguiu-o. || Estava á porta uma citadine, carrua- | gem moderna então. O chefe dos bohe- | mios subiu para ella. || - Para onde vae, meu burguez ? per- | guntou o cocheiro. ||

- Para a casa da cidadã Antonia, res- | pondeu elle com uma forte accentuação | germanica. || - Prompto ! disse o cocheiro, sacudin- | do o chicote sobre os cavalos. || A citadine partiu, e Polyte que ouvi- | ra a ordem dada ao cocheiro, disse : || - Bibi mandou-me procural-o em sua | casa, na rua dos Bons-Infants, a qual - | quer hora do dia ou da noite, logo que | o bohemio partisse com Antonia. || Não partiram ambos, mas é a mesma | cousa. Já que elle vae á casa della : além | de que, Nichette é delles, cousa de que | Bibi não duvida. || E Polyte deitou a correr na direcção | da rua dos Bons-Infants. Bibi espera- | va-o. || O casquilho encontrou o homem de po- | licia sentado a uma mesa, desdobrando | uma volumosa correspondencia || - Então ? disse Bibi levantando a ca- | beça. || Em poucas palavras fez Polyte a sua | narração. || Bibi encrespou as sombrancelhas. || - Quando de uma natureza má, como | a da pequena Zoné, SAE tão má filha como | Nichette, devemos esperar até o fim. | Felizmente que a conheci. || Depois, olhando para Polyte, Bibi ac- | crescentou : || - Mas tu não podes

comprender-me | Para isso seria preciso contar-te o que, | alguns mezes ha, se passou na
Allema- | nha. || - Pois bem, papá, queira contar, que | eu o ouço. || Ora é exactamente a
narrativa que | Bibi faz dos acontecimentos de que a Al- | lemanha foi theatro, que nós vamos
pôr | em acção para maior intelligencia da | nossa obra. ||

Edição 386

PONSON DU TERRAIL [espaço]12

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VII || Por uma tarde de Novembro do anno

| de 1794, dois viajantes, um homem e uma | mulher caminhavam fatigados pelas | margens
do Rheno, dirigindo-se a Co- | blentz. || O homem já era velho. Seus cabellos, | de um negro
de ébano, eram feridos por | alguns fios de prata, e sua frente sul- | cada de profundas rugas,
tinha os vesti- | gios de uma vida longa e agitada. || Era joven a mulher que os acompanha- |
va. Teria dezoito ou dezeseis annos ? nin- | guem o poderia dizer, porque, como o | seu
companheiro, pertencia a esta raça | nomade, que vem, não se sabe de onde, | que atravessa
o mundo sem quase nun- | ca parar, e que se chama a grande fami- | lia dos bohemios. ||
Qual é a sua origem ? que terra foi o | seu primeiro berço ? || Mysterio impenetravel. ||
Segundo uns, vêm do extremo orien- | te, e por muito tempo viveram no Egyp- | to. Segundo
outros, foi a Bohemia a sua | primeira patria. || Mas ninguem sabe mais nada, e elles | muito
menos. || Ora estes dois personagens caminha- | vam ao lado de um outro, por essa es- |
trada desigual, lamacenta, fendida pelas | ultimas chuvas, e de onde as carretas da | artilheria
tinham aberto poças profun- | das. Não era noite ainda ; mas não se | podia considerar como
luz do dia a espe- | cie de crepúsculo ennegrecido, que per- | mittia ver ainda confusamente o
campo | deserto, assolado pela guerra, os velhos |

burgos sem telhado que dominam o Rhe- | no, e ao longue a flecha ponteaguda de | um
campanario. || Foi esse o ultimo objecto que attrahiu | a attenção da joven, que disse ao seu |
companheiro, apontando para o camp- | nario : || - Ó pae, aquillo não é a cathedral de |
Coblentz? || - Não ; tu bem sabes que ha uma hora | perguntamos que distancia estávamos |
ainda da cidade, e que o aldeão nos res- | pondeu : <Cinco leguas> || - Pois bem ! pae, então
ainda ha uma | hora de caminho? || - Quase. || - Temos caminhado tanto. || - Pobre criança !
disse o velho bohe- | mio ; e lançou á filha um olhar cheio de | compaixão e ternura. || - A
jovem suspirou. || - Principio a estar bem cançada, pae. || - Queres que te leve ao collo,
minha | filha? || - Oh ! não, meu pobre pae ; tambem | hás de estar bem cançado, não estas?
|| - Si ha tanto tempo que nós caminha- | mos... || - É verdade, trinta e tantas leguas, | pelo
menos, disse a joven. || E depois, olhando de revez para o pae: || - E caminharemos ainda
muito ? disse | ella. || - Não, respondeu o bohemio, estamos | no termo da nossa viagem. || -
Ah ! e não vamos mais longe do que | a Coblentz ? || - Não. É ahi que nós ficaremos quin- | Zé
dias talvez. || - E... depois ? || - Depois voltaremos ás nossas flores- | tas e ás nossas
montanhas, não mancha- | das ainda pelas hordas estrangeiras, dis- | se o bohemio em tom
feroz. || - E iremos pelo mesmo caminho ? || - Com pequena differença. ||

E, como a jovem soltasse um gesto de | espanto, o bohemio sorriu dizendo : || - Socega,
Móina, nós viemos a pé, mas | prometto-te que voltaremos de carrua- | gem. || - Ella olhou
para elle com um olhar ao | mesmo tempo triste, desvairado e cu- | rioso que poderia
traduzir-se assim : || - Eu respeito os seus segredos, por- | que é meu pae, mas juro que todos
| esses mysterios me magoam bastante. || O bohemio, adivinhando aquelle olhar, | disse a
sua filha: || - Ouve Móina [mancha] quando souberes de | que missão estou encarregado,

perdoar- | me-has todas as fadigas que te faço pa- | decer. || - E é bem importante essa missão? | disse ella. || - É, minha filha. || - Móina suspirou uma vez ainda e es- | perou ; mas seu pae não parecia dispôs- | to a satisfazer de prompto a sua curio- | sidade. || - Quando estivermos em Coblentz sa- | berás tudo, disse elle ; antes não. || - Móina ficou um pouco amuada. || - Vamos minha filha, disse ainda o | bohemio, animo ! Estamos no fim do nos- | so ultimo dia de fadiga ; juro-t'ó e tu as- | bes que Munito nunca mentiu. || - É verdade, disse ella, um pouco en- | vergonhada do seu arrufo. || E a bella menina lançou os braços ao | pescoço do bohemio e abraçou-o terna- | mente. || O crepusculo fugia pouco e pouco, o | campanario aproximava-se, ou para me- | lhor dizer, os dois viajantes contavam | pouco a pouco a distancia que os sepa- | rava delles. || Não era o campanario de Coblentz ; | porque Coblentz é uma grande cidade, e | não tem só uma torre, mas dez ou quin- | ze .|| Ora aquele campanario estava apenas|

rodeado de algumas pobres casas, que | mal constituíam um pouco de cem fogos. || - Dormiremos ali, porque bem vejo | que não poderemos chegar esta tarde a | Coblentz. || - Então porque? pae. || - Porque é quase noite, os caminhos | estão cada vez peiores, e tu vaes muito | cançada. || - É verdade, respondeu ella. Mas já | que estamos no termo da nossa viagem... || - Sem duvida, minha filha, mas Co- | blentz já não é agora uma cidade allemã. || - Ah ! || - Esta em poder dos francezes. || - Mas então esses homens estão senho- | res de tudo ? disse ingenuamente a joven. || - De tudo, murmurou o bohemio com | voz surda, em quanto que s[u]as negras | pestanas deixavam sahir um relâmpago | de odio. || Pois bem ! disse ainda Móina, e que | temos nós com isso ? importam-nos AL- | guima cousa [mancha] elles ? || - Não, mas... || - Mas que ? disse ella com impaciem- | cia. || - Como todas as cidades estão occu- | padas militarmente, fecham-se as portas | ao escurecer. || - E ninguem mais entra ? || - Ninguem. Bem vês que devemos | dormir naquelle povo. || - Assim é preciso, murmurou a joven | resignada. || Caminharam um momento silenciosa- | mente ; depois Móina continuou : | - Ó pae tu dizes que voltaremos de | carruagem? || - Sim, filha. || - Então teremos dinheiro em Coblen- | tz? || - Sim, Móina, disse o bohenio sorrin- | do. E é tempo de chegarmos, porque eu | estou com os meus ultimos thalers da | Prussia. ||

Edição 387

PONSON DU TERRAIL [espaço]13

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VII || Móina não respondeu nada ; tornara- | se seismadora. Apareceram-lhe final- | mente as primeiras casas do povo. || Então a criança cançada recuperou | um resto de força e ageitou as correias | de um sacco de viagem que trazia ás cos- | tas. || O pae, que levava igual, imitou-a ; e | elles deram mais galhardamente os ul- | timos passos. || Á esquerda, na margem da estrada, | havia uma casa edificada de tijolos ver- | melhos ; e por cima da porta, o tradi- | cional ramo de azevinho que indicava | uma estalagem. || Finalmente por baixo a palavra alle- | mã : || [espaço] GASTHAUS [espaço] || Um rapaz de doze a quinze annos es- | tava á porta sentado em um banco ; e | ao ver chegar os dois viajantes, mirou- | os curiosamente. || O bohemio saudou-o dizendo : || - Bons dias, pequeno, és da casa ? || - O estalajadeiro é meu pae. || - Elle dá-nos hospedagem ? || -Não [mancha] sei, respondeu o rapaz, que | olhando para Móina ficou como que des- | lumbrado da belleza della. || - Então esta casa é uma estalagem? | disse o bohemio. || - É ; mas os francezes passaram aqui | esta manhã || - E dahi? || - Roubaram-nos tudo. || Um homem sahiu neste momento do | interior da casa e disse, olhando descon- | fiado para Munito e sua filha : ||

- Que é? que é lá? que quer essa gen- | te ? || Era um homem alto, de perto de qua- | renta annos, alto e magro, cabellos ama- | rellos, olhos azues sem brilho e um gran- | de aspecto de tristeza. || Munito disse-lhe: || - Somos uns pobres viajantes cança- | dos e cheios de fome e sede. || O allemão respondeu : || - Esta manhã ainda eu era estalaja- | deiro, agora porem já não o sou, minha | boa gente. ||

- Então porque? perguntou Munito. || - Vieram os francezes. || - E dahi? || - Esvasiaram-me a adega e acaba- | ram-me as provisões. || - Sem pagar? || - Sem pagar. Fizeram mais, levaram- | me o pouco dinheiro que eu possuía. || O bohemio cerrou as mãos e olhou | para o céu com tal expressão de dor e | odio, que o allemão estendeu-lhe os bra- | ços dizendo: || - Bem vejo que é pae. || - Depois, tomando a mão da joven, | ajuntou : || - Mas entrem. Repartiremos o resto | de toucinho e choucrute ; passam a noi- | te aqui, e amanhã podem pôr-se a cami- | nho. || E installou-os junto do fraco fogo que | havia na primeira sala da hospedaria. || - Com se chama este povo ? pergun- | tou o bohemio. || - Folsbach, respondeu o estalajadeiro. || - Os francezes ocuparam-n'ó ? || - Durante tres dias ; o bastante para | nos arruinar para todo o anno. Houve | uma batalha há quinze dias, e não nos | resta de pé nenhuma planta de trigo ; | os cavallos esmagaram tudo. || Móina a pequena bohemia, sentára-se em um banco junto a chaminé, e che- | gava ao fogo as suas mãos azuladas pelo | frio. ||

Munito olhava em redor, como si pro- | curasse alguém. || O estalajadeiro comprehendeu esse | olhar. || - Ah ! talvez se admire de que não | haja aqui uma mulher ? || - É verdade. || - Minha pobre mulher morreu há | quinze dias, disse lamentosamente o al- | lemão, enxugando uma lagrima, em- | quanto que o rapaz, á lembrança da mãe, | começava a chorar. || A dor daquela pobre gente commoveu | o bohemio e a filha, fazendo-lhes esque- | cer as fadigas. || O allemão desdobrou a mesa e pôz so- | bre ellas um bocado de toucinho, rodea- | do de choucrute, metade de um pão e | uma garrafa de cerveja. || - É tudo o que me deixaram. || Munito tirou da algibeira uma bolsa | de couro, que ainda tinha tres thalers ; | pegou em um e deu-o ao rapaz. || - Não ha aqui um padeiro? || - Ha, disse o estalajadeiro. || - Então vae comprar pão. || O rapaz pegou no thaler e partiu. || Tres minutos depois voltou a correr, | dando todos os siguaes de violento es- | panto. || - Pae ! pae ! disse ella, tenho medo ! ... || - Que ha de novo ? ! perguntou o al- | lemão. || - Os francezes ! || - Como ? || - Voltam. A estrada está cheia del- | lês... Ouça.... não ouve os passos dos ca- | vallos ? || - É verdade. || Depois o allemão accrescentou com | sorriso triste: || - E dahi que queres tu que nos levem, | si já nos levaram tudo? || Mas Munito olhava para a filha com | inquietação, e sua mão apertou convul- | sivamente o cabo da faca, de lamina trian- | gular, com que elle comia. || Móina estava tão bella. ||

Edição 388

PONSON DU TERRAIL [espaço]14

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VIII || Fallára verdade o rapaz, os francezes | avançaram. || Um corpo do exercito que na vespera | passára pelo povo , vindo de Mayence, | deixára atraz alguns desertores, malva [-] | dos, soldados maus e cobardes que pre- | feriram o roubo á batalha. || Eram trinta, que o filho do estalaja- | deiro vira na praça da villa. || Era uma amostra de todas as armas, | artilheiros, infantes, sargentos, um of- | ficial e soldados. || O official era um hussard ; e comman- | dava essa tropa sem nome que pelas es- | tradas se agrupára pouco e pouco a vol- | ta delle. || Quando estavam reunidos no largo em | frente da igreja, o official disse : || - Camaradas, daqui a Coblenz ainda | é longe, e eu convido- os todos a fazerem | como eu : deitar aqui. Tendes sabres e | pistolas ; é a melhor moeda para pagar | ceia e cama. || Então dividiram-se

aos grupos de dois | e tres, e cada um desses grupos esco- | lheu o [a] casa onde havia de ficar. || Ora mal voltou o filho estalajadei- | ro, correndo o caminho, bateram rude- | mente á porta. || O estalajadeiro tremulo foi abrir. || Apresentaram-se-lhe tres homens : o | official de hussards e dois cabos de in- | fantaria. || Á primeira vista, com as insignias do | seu posto em uniforme de farrapois, de- | veria socegar os seus hospedeiros; olhan- | do-o porém de frente, experimentava-se | súbito sentimento opposto, uma especie | de terror e de desgosto. ||

Esse homem a quem chamavam o te- | nente Dachin, era um dos ultimos alis- | tados em 1792. || Filho de Paris do arrabalde de S. | Marçal, massacrador de Setembro, en- | controu-se soldado no dia seguinte. || Feroz sem bravura, aborrecido dos | soldados, despresado de seus eguaes e | dos chefes, o tenente Dachin evitava cui- | dadosamente os campos de batalha ; ia | sempre com os que ficavam atraz. || Era baixo, secco, má construcção, ca- | bellos de um vermelho ardente, olhos de um azul sombrio e de extrema mobili- | dade. || O nariz grande, os beiços delgados e | como que rasgados a faca, os dentes ama- | rellos e anavahados indicavam esse ho- | Mem de paixões ferozes e bestiaes. || E, como as bestas-feras attrahem, os | dois cabos que o seguiam não tinham | melhor cara. || Certamente esses tres homens eram | os mais ferozes daquelle bando de milha- | fres que de soldado francez só tinham | o nome. | - Olá ! disse o tentem em mau alle- | mão, não é aqui uma estalagem ? || - Sim, senhor, respondeu, tremendo, | o pobre allemão. || - Então dá-nos de ceiar. || - Ah, senhor, respondeu o desgraçado, | não tenho nada ; tão certo com eu cha- | mar-me Frantz Leiderick. || Os soldados que passaram hontem aqui | levaram-me tudo. || - Mentos ! || - O que vê na mesa é o que temos. || - Vamos lá comendo isso, disse o te- | nente. || E poz-se á mesa. || Depois olhando para Móina, proseguiu: || - Oh ! oh ! em quanto a bonita, é o | que meus olhos tem visto. || Móina baixou os olhos e o pae encres- | pou as sobrancelhas. || - É tua filha, meu velho avarento? |

disse ainda o tenente dirigindo-se a Frantz | Leiderick. || - Não, meu official.

|| É minha, disse o bohemio, e olhou | com tão estranho modo, que o militar | teve medo. || O tenente continuou : || - Então não queres dar-nos de comer | nem de beber. || - Eu dou o que tenho, senhor. || - Vamos ver isso, disse o tenente. || E fez aos dous cabos um gesto que el- | lês comprehenderam. || Chamava-se um Roberto Maubert e o | outro Jeronymo Paulo. Eram também | dois bandidos, dois filhos de Paris, que | tinham dansado a carmanhola mais vê- | zem em volta da guilhotina, de que ar- | rostado o fogo dos batalhões inimigos. || - Sim, repetiu o tenente Dachin, va- | mos ver si não tens mais nada. || Então os tres bandidos começaram a | revistar os armarios, a adega, e todos | os quartos da estalagem. || Os armarios não tinham nada ; as ade- | gas só tinham pipas vasiaas e os quartos | só moveis quebrados. || O estalajadeiro fallou verdade; tinham- | lhe levado tudo ; mas o tenente revis- | tou-o a elle e ao filho. || O pae nem um obulo possuia e o filho | tinha o thaler que o bohemio lhe dera | para ir buscar pão. || Munito puxou d[a] bolsa que continha | os dois thalers e atirou- a aos pés do of- | ficial, dizendo : || - Ahi está o que eu e minha filha pos- | suimos. || Tres thalers equivaliam a onze fran- | cós de moeda franceza. || -Vamos ! disse alegremente o tenen- | te Dachin, já temos com que ceiar. Vae | procurar toucinho, choucrute e cerveja, | depressa. || E deu os dois thalers ao pequenito al- | lemão que sahiu enxugando uma grossa | lagrima que deslisava pelas faces. ||

O bohemio guardava silencio, e de | tempos em tempos olhava para a filha com | vago espanto. || O tenente Dachin dirigiu-lhe a pala- | vra : || - Quem és tu ? || - Chamo-me Munito, meu official. || - És allemão ! || - Sim e não. || - Como assim ? || - Sou bohemio. || - E esta linda pe[qu]ena ? || - É minha filha. || - Ah ! ah ! queres dar-m'a em casa- | mento. || E o tenente abriu um riso cynico. || - Meu official, respondeu Munito com | socego apparente, minha filha é como | eu ; somos gente pobre, que ganhamos a | vida como podemos ; e, si o senhor fosse | generoso, não zombaria assim della e de | mim. || - Não zombo, acho

realmente bonita | a tua filha. || Munito estava pallido de colera, mas | a prudencia impediu-
o de romper. || Quando eu disse casamento, voltou o | tenente, foi um modo de fallar ; mas
eu | não tenho mulher agora, e faria tua fi- | lha muito feliz. || Minha filha é honrada, disse
Munito. || - Pois sim, disse o tenente, mais eu | desposaria-á a moda dos bohemios, que- |
brando uma bilha deante della. Por vem- | tura, vós outros, não fazeis assim, cães | de
saltimbancos? || - Não, senhor, disse o bohemio. ||- Não ?! ora essa ! || - Nossas filhas
casam-se como as ou- | trás, indo perante um magistrado e um | padre. || - Ah ! ah ! ah !
exclamou o cynico te- | nente. Realmente ! e eu que não gosto | dos padres e que zombo dos
magistrados !|| Munito olhava sempre para a grande | faca de lamina triangular que tinha á |
sua frente. ||

Edição 389

PONSON DU TERRAIL [espaço]15

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

VIII || Si o official que lançava olhares ar- | dentes á joven bohemia se atrevesse pa- |
ra elle, Munito ter-lha-hia embebido no | ventre. O official porém não se mexeu, |
porque nesse momento voltava o pobre | estalajadeiro, trazendo a cerveja e as |
provisões. || O tenente e os dois cabos cahiram nos | viveres coma soffreguidão de dois esto- |
magos esfaimados ; mas mesmo comen- | do e bebendo, pregavam na jovem olhos |
ardentes de cynismo e concupiscencia. | E o pobre pae dizia: || - Tenho a certeza de matar um ; mas | os outros... oh
! meu Deus ! como salva- | rei minha filha? || O allemão e elle trocaram um olhar. || Os
desgraçados sentem que são irmãos, | e procuram auxiliar-se. || - Protegei minha filha,
parecia dizer | o bohemio. || - Farei o que poder, respondia o al - |
lemão com olhar expressivo[[vo]]. || Depois deitava para a porta uns olhos | que queriam dizer. ||

- Não deve passar aqui a noite, é pre- | ciso partir. || Munito e sua filha comprehenderam |
tão bem esse olhar que Munito, depois | de comer, levantou-se e disse : || - Vamos minha
filha, ainda temos de | andar muito ; e agora que matamos a | fome e já descançamos é bom
partir. || - Prompto, meu paie, respondeu Mói- | na. || É servido ? disse o tenente Dachin. || -
Obrigado, meu official, disse o bohe- | mio com doçura, temos pressa. || - Para onde vão ? || -
Para Coblentz. || - Mas esta noite não podem entrar ; | as portas estão fechadas. || - Mas,
como as abrem ao alvorecer, | esperamos nos fossos. || - Nada ! não farás isso ! disse o tenen-
te. || - Porque, senhor ? || - Porque os caminhos estão maus e | cheios de malvados ; e
eu não quero que | aconteça nada a uma rapariga tão linda. || - O senhor é bom, murmurou o
bohe- | mio que olhava sempre para a faca. || - Partiremos todos juntos amanhã ao |
alvorecer ; e nós vos acompanharemos... || - Mas, senhor... || - Ah ! meu bravo, disse o
tenente, cu- | jos olhos brilharam de colera, ha de ser | assim porque eu o quero. || Foi
fechar a porta e accrescentou : ||

- Enterro o sabre na barriga de quem | tentar sahir ! || O allemão olhava para Munito com |
um olhar que queria dizer : || - Finja ceder, que eu lhe darei meios | de fugir. || Munito disse
então : || - Já que assim o quer, senhor, fica- | remos ; mas ao menos permitta que nos |
vamos deitar. || - Certamente, respondeu o tenente. || - Venha dahi, disse Frantz Leiderich. |
vou leval-o a um quarto, onde ha duas | camas. || Accendeu uma luz e abriu uma porta | que
dava para a escada || - Venha, disse elle. || O bohemio e sua filha seguiram-no ; e | na sala
baixa da estalagem os tres mili- | tares ficaram só com o pequeno allemão | que se sentára ao
lado do fogo e olhava | com espanto para esses homens. || Então o tenente Dachin disse a um
dos | companheiros : || - Espera um bocado que eu já venho. || E sahiu, deixando os outros a

cear. | Cinco minutos depois voltou, dizendo : || - Rodeei a casa ; tem só uma porta ; | não ha por onde elles se nos escapem, a | menos que não saltem pela janella. || - De que fallas tu, tenente ? || - Do bohemio e as sua filha. || - Ah ! gostas da pequena ? || - E ha de ser minha, com mil bom- | bas ! ||

- E minha ! || - O quê ? ! - E também minha ! disse o outro ca- | bo. || - Caçoaes, rapazes ! disse o tenente. | Ignoraes que sou official e que me deveis | obedecer ? || - Ora vae dormir ! nós não estamos | arregimentados. || - Ah ! sim ? pois bem ; veremos. || E o tenente tirou do sabre. || Um dos cabos porém começou a rir e | disse: || - Sempre somos bem brutos ! || - Porque ? disse o outro. || - Gostamos da pequena ... ? || - Todos tres. || - Pois tiremol-a á sorte. || - Não, disse o tenente, eu quero-a ! || - Joguemol-a, então. || - A que ? || - A primeira parada. || Os dois cabos pareciam resolvidos, e o | tenente bem sabia que dois homens va- | lem mais que um só || - Tendes razão. Quem tem cartas ? || - Deve havel-as aqui. || E como o estalajadeiro entrasse na | sala : || - Tens cartas ? perguntou o tenente. || - Tenho, meu official. || - Dá cá. || O allemão não disse nada ; mas um | raio de mysteriosa satisfação lhe brilhou | no rosto. ||

Edição 390

PONSON DU TERRAIL [espaço]15 [erro]

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

IX || O allemão, o bom estalajadeiro Frantz | Leiderick conduzira o bohemio e a filha | ao primeiro andar. || Móina tremia, encostada ao braço do | pae. || Munito, ao deixar a meza, metteu ao | bolso a faca, tão destramente, que nem o | tenente nem os cabos deram por isso. || O allemão foi o primeiro que subiu [a] | escada ; e quando abriu a porta, pôz um | dedo na bocca para recommendar silen- | cio aos hospedes. Depois, collando a boc- | ca ao ouvido de Munito, disse-lhe : || - Si ficar aqui esta noite, sua filha se- | rá deshonorada. || - Sei isso, disse Munito com socego | aterrador, antes porém matal a hei, e | elles só a possuirão morta. || - É preciso fugir, disse o allemão. || - Como ? por onde ? || - A casa só tem uma porta, replicou | Frantz Leiderick, que, como deve sup- | pôr, será guardada por elles. Mas veja | esta janella... Está a seis pés do solo. | Quando eu sahir, abra-a devagarinho, ate os lençóes e deixe-se escorregar sem rui- | do até a rua. || Munito agradeceu ao estalajadeiro | com um olhar. || - Vá, disse este, os pobres devem aju- | dar-se uns aos outros. Animo ! || E desceu. || Foi então que lhe pediram as cartas. || É facil de comprehender a satisfação | que tal pedido fez experimentar a Frantz | Leiderick, que dizia de si para si: || - Elles vão jogar. Entretanto o bohe- |

mio e a filha salvar-se hão, e terão tem- | pó de adiantar caminho. || E apressou-se a pôr ana meza uma | baeta sebenta e um baralho de cartas já | quase safadas, tão velhas eram. || Mas o tenente Dachin nem reparou | nisso : pegou nas cartas e baralhou- as. || - Como jogamos nós ? perguntou um | dos cabos. || - Jogamos o écarté em sete pontos | O primeiro de nós que sahir, terá a pe- | quena. || - Está dito, volveram os outros dois. || O tenente tinha confiança na sua es- | trella, mas enganava-se. || Á primeira parada, o cabo Thévenin | fez tres pontos. || Aquelles homens eram bandidos. O te- | nente e outro cabo trocaram um olhar | que queria dizer : || - Ganha lá meu tolo. Nós veremos | depois. || Em duas outras mão Thévenin ga- | nhou. || É minha a pequena ! disse elle. || - Ainda não ! zombeteou o tenente. || - Mas eu ganhei ! || - E a desforra ? || - Não há desforra ! || - Verás si ha ou não, disse o tenente, | puxando do sabre o e cahindo sobre Thé- | venin. || Thévenin tirou do seu e disse: || - Não me mettes medo, vá ! || - Nem tud, disse o tenente Dachin. || O outro cabo que se

chamava Thiago | Lapapud, não interveio : era astuto e di- | zia consigo : || - Vão matar-se, melhor ! Eu depois me | arranjarei com outro. || O tenente Dachin tinha uma superio- | ridade incontestavel sobre Thevenin, por | causa do sabre que tinha outro tanto | comprimento do do seu collega. || Entretanto o cabo defendia-se com vi- | gor. ||

O allemão e o filho r[e]fugiaram-se ter- | mulhos a um canto da sala. || A luta foi longa, encarniçada ; Théve- | nin defendia-se como um leão ; e já ti- | nha ferido o tenente no braço e no hom- | bro, quando este, com um bote, embe- | beu o sabre inteiro no peito do adver- | sario. ||

Thévenin deu um grito e cahiu, vo- | mitando ondas de sangue. || - Já não tem jogo ! disse o tenente com | um riso grosso. || Effectivamente o pobre diabo torceu- | se um momento nas convulsões da agonia | e ficou depois immovel com os olhos fe- | chados. Tinha morrido. || - Vamos ! disse o tenente, é minha a | pequena ! e quis dar uma passo para a es- | cada. || Mas o outro cabo Thiago Lapapud | poz-se deante d'elle, e disse por sua vez : || - Ainda não ! meu tenente. || - An ! também queres ? || - Quero ! respondeu Thiago Lapapud, | que já tinha o sabre na mão. || - Pois bem ! peor para ti ! || E Dachin cahiu sobre elle. || O pobre allemão exclamou : || - Os bohemios deixaram o quarto ha | muito tempo ; fugiram. || O tenente e Thiago Lapapud tinham | travado a luta, e os sabres faiscavam | como pederneiras. Mas Thiago compre [-] | hendeu logo que seria inferior em força | e em habilidade ao seu adversário , e o | medo assaltou- o || - Um momento ! disse elle, dando um | salto para traz. || - Que [mancha] ha de novo ? disse Dachin, | ebrio de furor. || Thiago Lapapud refugiara-se atraz da | meza, fazendo della uma trincheira pro- | visória. || - É tolice, disse elle, matarmo- nos | por uma mulher, quando nós podemos | interder perfeitamente. || - Concordo, disse o tenente com cy-|

nismo ; com tanto que a rapariga seja | para mim. || -Será para ti. || - Renuncias a ella? || - De todo, não. || - Então, em guarda ! || - É inútil. Tu és tenente, és meu su- | perior, e por tanto cedo-te o passo. || - Ah ! ah ! || - Depois de ti, eu , disse rindo Thiago | Lapapud. || - Lá isso, sim, disse o tenente. || Metteu o sabre na bainha, enxugou | com o lenço o sangue que lhe corria das | feridas e disse : || - Vamos lá ! || E dirigiu-se para a escada, sem que | desta vez o cabo pensasse em obstruir- | lhe a passagem. || O rapaz tremia de medo. || O estalajadeiro, convencido de que os | bohemios tiveram tempo de fugir, nem | se buliu, olhando com tristeza para o ca- | daver de Thévenin, estendido em mar | de sangue. || O tenente Dachin tinha subido ; e o | seu passo, depois de retumbar nas esca- | das fazia-se ouvir no corredor que con- | dúzia ao quarto dos bohemios. || Bateu. Não lhe responderam. Bateu | mais forte, e , como não recebeu respos- | ta, fez voar a porta em estilhas, com um | encontrão. || Então Frantz Leiderich sentiu erris- | sarem-se-lhe os cabellos, ao ouvir um | grito de mulher e o rumor de uma luta. || Os bohemios não teriam partido? ||[espaço com 15 pontos finais]||Munito e sua filha estavam ainda effec- | tivamente no quarto, não porque tives- | sem desprezado o conselho do estalaja- | deiro, mas porque não tiveram tempo de | o aproveitar. || Uma circumstancia imprevista, inde- | pendente da vontade do allemão e da | própria vontade delles se lhes tinha | apresentado. ||

Munito tinha-se aproximado da já- | nella. || Quando porém ia abril-a, em quanto | que a filha, sem perda de tempo, atava | uns aos outros os lençóes da cama, vira | dois soldados francezes que tinham vin- | do sentar-se por baixo da janella. || Era noite, mas fazia luar. || Munito achava-se, por entre dois pe- | rigos, porque incontestavelmente os dois | soldados, vendo gente a fugir por uma | janella correriam a prende-a. || Então Munito esperára que os dois | soldados fossem embora. || Enganou-se || Accenderam os cachimbos, e posto o | frio fosse vivo, ficaram alli, como si es- | [ti]vessem ao pé de um bom fogo. || O bohemio tinha fechado a porta ; e, | com a faca na mão estava prompto para | o que succedesse|| - Pae, disse Móina, eu não quero [sa]- | hir viva nas mãos desses miseraveis. || - Matar-te-hei. Disse

Munito com ac- | cento feroz, caminhando da porta para | a janella, e brandindo sempre a
faca. || Os risos cynicos do tenente e dos com- | panheiros subiram até elle ; depois os | gritos
cederam logar ás injurias; e Mu- | nito ainda teve uma nova lembrança. || - Elles disputam,
disse baixinho a | Móina, vão bater-se. || Effectivamente ouviram o ruído da lu- | ta travada
entre Thévenin e o tenente | depois ouviram a queda de um corpo, e | depois o ruído de uma
nova luta. || E Munito dizia baixinho á filha : || Estarei socegado, quando só tiver um nos
braços. || O tenente subiu finalmente. || Munito julgou que elle mataria o se- | gundo
adversario. || Collocou-se pro traz da porta e es- | perou. ||

Edição 391

PONSON DU TERRAIL [espaço]16

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

IX || Forçada a porta, o tenente precipi- | tou-se no quarto. || Então Móina deu um grito de
espanto. || Mas Munito lançara-se ao tenente an- | tes delle ter tempo de puxar, do sabre, e |
enlaçou-se nelle [mancha] como uma serpente. || O tenente era mais robusto que o bo [-] |
hemio, mas este tinha por seu lado a | destreza e a flexibilidade. || Além disto, estava armado
com a faca, | e escolhendo geito, enterrou-a até ao | cabo no peito do adversario. || Este
cahiu como uma massa inerte. || Munito tomou então nos braços a filha | semimorta de
susto, e , brandindo a faca, | dirigiu-se para a escada. || Chegando á sala baixa, encontrou-se |
cara a cara com Thiago Lapapud, que | tinha o sabre na mão e lhe disse: || - Não vás mais
longe, camarada ! || - Logar ! urrou o bohemio. || Poz a filha em terra e cahiu sobre o | cabo.
|| Este estendeu o braço ; e a ponta do | sabre, mais comprido que a faca, fez pa- |
rar o desditoso pae. || E o pobre bohemio, apesar da energia | que lhe dava o desespero, teria
succum [-] | bido certamente naquella luta desigual, | si não lhe viesse de repente um auxi- |
li[a]r || Era o allemão, que agarrando em um | tição, o atirou á cabeça do cabo. || Este deu
um rugido de dor, e deixou cahir o sabre. || Então o bohemio, rastejando como um | reptil
para elle, embebeu-lhe a faca no | baixo ventre. ||

O cabo cahiu. || Munito retomou nos braços a filha des- | maiada e sahiu da estalagem,
confiando | só na Providencia, que ajuda os que co- | meçaram por se ajudar a si mesmos.
||[espaço com 15 pontos finais]|| X || O frio da noite que gelava os cami- | nhos era de
rachar pedras, como vul- | garmente se diz. || Por isso estava límpido o céu, e a lua |
ostentava-se em todo o seu brilho. || Munito corria sempre, levando nos | braços a filha
desmaiada. Tinha evita- | do a estrada real, deixara a villa atraz | delle, e internou-se nos
campos. || - Meu Deus ! murmurou elle, paran- | do para tomar respiração, fazei com que |
eu chegue a Coblenz e minha filha será | salva. || Algumas vezes, parando ainda, pres- | tava
ouvidos a ver si era perseguido. || Era silenciosa a noite e o campo es- | tava deserto. || Então
Munito punha-se a caminho, | não obstante o seu fardo e o seu cansaço. || Felizmente o ar da
noite reanimou | Móina. || Munito sentiu que ella se lhe agitava | nos hombros, e depois
ouviu um suspiro. | Então parou de novo. || - Onde estou eu ? quem me leva as- | sim ?
murmurou a joven com uma voz enfra [-] | quecida. – Sou eu, respondeu Munito. || - Pae, pae
és tu ? falla-me ! || - Sim, sou eu, minha filha... || - E o bohemio poz docemente a filha em |
terra. || Móina deitou um olhar á volta della. || - Onde estamos nós ? || - Ao abrigo de todo o
perigo. || - Os soldados... || - Matei dois. || - E.. os outros ?... || - Não nos perseguem, ou , si o
fazem, | perderam-nos de vista. Bem vêes que es- | tamos sós. ||

- Ah ! Deus é bom ! murmurou Móina. || Depois poz-se de pé accrescentando : || - Já não
preciso que tu me leves, eu | caminharei. || - Poderás tu ? || - Posso, pae. || - Ha mais de

uma hora que eu corro, | disse o bohemio. Devemos estar perto | de Coblantz. || Caminhando sempre pelos campos, não | perdera de vista a estrada ral, que lhe | ficava a direita. || Munito disse de si para si que esse ca-| minho não offerencia perigo algum, e que | era inutil augmentar o cansaço da filha | fazendo-lhe dar voltas pelos regos gela- | dos ainda com um resto de neve. || E galgou para a estrada, amparando | Móina que trepidava ao caminhar. || Marcharam uma hora ainda. ||Então appareceu-lhes ao longe, aos | raios da lua, uma cidade assente no flan- | co de uma collina, e banhando os pés no | Rheno. || - Deve ser Coblantz, disse Munito. || Estas palavras deram força a Móina | que andou mais depressa. || E Coblantz não distava mais de | meia hora, apparecia-lhes distincta- | mente. || - Mas, meu pae, disse a bohemia, não | te disseram que não se entrava de noite | na cidade ? || - É verdade ; mas há arrabaldes, onde nós encontraremos pousada. – Quem nos receberá, si nós não te- | mos dinheiro? || Um sorriso assomou aos lábios de Um- | nito, que disse: || - Nós o teremos em Coblantz. || -Então tens amigos na cidade ? || - Tenho um, judeu, chamado Samuel | Job. || - E esse judeu ?.. || - E esse judeu dá-nos o dinheiro de | que precisarmos. || Móina soltou um suspiro de satisfação. ||

Edição 392

PONSON DU TERRAIL [espaço]17

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

X || Continuando a caminhar, ouviram re- | pentinamente um ruido atraz delles. || Munito prestou ouvidos, e parou logo. || O ruído augmentava. || Então o bohemio deitou-se e collou os ouvidos á terra. || Reconheceu distinctamente que o rui- | do provinha do galopar de alguns ca- | vallos. || Era elle a quem os cavalleiros Perse- | guiam. || A cautela, Munito arrastou a filha | para o fosso da estrada, deitou se e fez | deitar a filha ao lado delle. || - Não te mexas ! disse elle. || Os cavalleiros chegavam a todo o ga- | lope. || Por traz das sebes. Munito levantou | um pouco a cabeça, e reconheceu uni- | formes francezes. || Era bem uma duzia de homens a ca- | vallo. || Munito retinha a respiração, e tirou | de novo a faca, promptot a defender a | filha, e a matal-a, para a salvar da des- | honra. || Mas os cavalleiros passaram, sem pa- | rar, muito perto dos dois bohemios, dei-

tados no fosso ; um cão que corria adean- | te não os descobriu. || Quando o bando estava longe, Munito | levantou-se. || - Vamos, disse elle a caminho. || - Pae, disse Móina, tenho muito medo. || - Felizmente que não nos viram, res- | pondeu o bohemio. || - Oh ! si tu soubesses como o coração | me batia, disse ainda a joven. || - E, quem sabe, continuou Munito, | si elles nos fariam mal? nem todos os | soldados francezes são bandidos. || - Acreditas isso ? disse ingenuamente | a joven. || - Os que encontramos na aldeia, são | uns maus soldados que ficam atraz, mi- | seraveis que roubam, em vez de comba- | [ba]ter. || - É o emsmo, disse Móina, si tu me | acreditasses... || - Então ? || - Esperariamos aqui até amanhecer. || - Mas, minha filha, disse o bohemio, | faz tanto frio. || - Que importa ? || - E, si nós adormecêssemos, estava- | mos perdido. || - Oh ! pae, é que eu tenho muito me- | do. || - Medo de que? || - De que esses homens venham per- | seguir-nos. || - É impossivel ? || - E prendem-nos, quando chegarmos a Coblantz? || Munito encolheu os hombros e disse | com voz doce : ||

- Não receies nada ; nós não iremos | até as portas da cidade. || - Então onde paramos ? || - Na primeira casa que encontrar- | mos. || Móina consentiu em continuar a ca- | minhar. || - Dás-me a tua palavra ? || - Prometto t'ó. || De tempos a tempos o bohemio olha- | va para o oriente, esperando sempre vêr | apparecer essa luz esbranquiçada que | annuncia o dia

proximo. || Mas a lua estava sempre no zenith e | a faxa branca não apparecia. || Finalmente Coblentz encontrou-se | deante delles. || Então a bohemia viu com espanto que | não havia arrabalde, pelo menos da- | quelle lado. || Um largo fosso, um baluarte e uma | porta – eis tudo o que se offercia aos | olhos dos viajantes extenuados. || - Pae, disse Móina, bem vêes que não | ha casas. É preciso ficar aqui... || - Não, não, di[espaço]sse Munito, caminhe- | mos ainda. || - E, como Móina trepidasse de susto | e de cansaço, tomou-a nos braços. || Nesse momento uma sentinella appa- | receu no forte e gritou : || - Quem vive ? || - Não não podemos recuar, disse Muni- | to. Avancemos. E respondeu á senti- | nella em lingua allemã : || - Somos uns pobres viajantes exte- | nuados de frio e de fome. || A sentinella gritou-lhes: ||

- Avançai. Talvez que o official que | commanda a porta vos deixe passar. || - Pae, pae, fuja- mos ! repetiu Móina. || Porém Munito respondeu lhe : || - Batamos pelo contrario, estamos no | termo de nossos soffrimentos. || A porta não estava fechada, como se | pôde imaginar ; a mesma ponte levadi- | ça estava lançada sobre o o fosso. Sómen- | te aos dois lados havia dois soldados em | observação. || Estes dois soldados tinham ouvido a | sentinella do forte, e gritaram aos dois | viajantes. || - Avançai ! || Munito e Móina tremula metteram- se | á ponte levadiça. || - Quem sois vós ? disse uma das sen- | tinellas. || - Somos allemães. || - Soldados ? || - Não, disse Munito, somos uns po- | bres bohemios, que ganhamos a vida a | fazer parte nas feiras e praças. || - Ah ! ah ! quereis entrar na cidade ? || - Queremos, e passar a noite em al- | guma estalagem. || - Este dialogo fez vir á porta um official e dois outros soldados. || O official perguntou com voz roufenha: || - Que é lá isso ? || - São bohemios saltimbancos, disse a | sentinella. || - Entrem, disse o official. || Esta voz, posto que rude, não era des- | tituida de franqueza. ||

Edição 393

PONSON DU TERRAIL [espaço]18

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

X || Munito sentiu algum animo no cora- | ção e entrou com a filha no corpo da | guarda. || Então o official contemplou-os atten- | tamente, e disse : || - Têm papeis ? || - Temos, respondeu Munito. || E tirou da cinta uma caixa de folha | como as que trazem os militares com | caixa, e entregou a ao official. || - Que vem a ser esta garatuja? disse | elle. || - É hungaro, respondeu Munito. || - Quem e que sabe hungaro aqui ? per- | guntou o official. || Nenhum dos soldados respondeu. || Mas de repente o official estremeceu e | franziu o sobreolho e disse : || - Hé ! que é lá isso ? || Tinha visto manchas de sangue na | roupa de Munito e no vestido de Móina. || O bohemio empallideceu. || - De que é esse sangue ? repetiu se- | veramente o official. || - Este sangue é o de dois miseráveis | que quizeram assassinar minha filha. || - Oh ! oh ! || - Eh lá ! meu capitão, disse um solda- | do, é sem duvida o homem que assassinou | o tenente Dachin, sabe que o destaca- | mento entrado a pouco nos contou a | coisa. || Móina deu um grito de horror. || - Revistem esse homem ! gritou o offi- | cial. || Apalpam Munito e acharam-lhe a faca ensanguentada : || - É elle ! repetiu o soldado. || - Sou eu, sim, disse Munito altiva- |

mente, e os senhores teriam feito outro | tanto. || É possível , meu bom homem, disse o | official ; mas receio bem que sejas fuzila- | do amanhã. || XI || O official que commandava a guarda | era um homem de perto de vinte e cin- | co annos. Alto, um pouco forte e louro | como um allemão. || Sua figura, bastante marcial, tinha | o cunho da bondade e da aspereza ao | mesmo tempo. || Era com razão o que se chamava vul- | garmente um bravo. Um olhar

lhe bas- | tava para adivinhar a verdade inteira. || Móina tinha essa belleza refeita, pro- | vocadora, irresistível, que irrita os tem- | peramento ardentes e os appetites nos | homens sensuaes. || Além disso, o official, que era um capi- | tão da infantaria, conhecera o capitão | Dachin, e sabia o que elle valia. Não ti- | nha, pois necessidade de provas em quan- | to á sinceridade do bohemio. || O tenente quizera violentar a joven, e | o bohemio matara-o. || Era simplesmente natural. || Mas desgraçadamente o homem que | commandava Mayence era o que se cha- | ma um homem duro, e espalhava o terr- | ror por onde passava. || Era incontestável que Munito assassi- | Nara um official francez; que-o exercitos | da republica, tão mal acolhidos nas mar- | gens allemãs usavam de terríveis repre- | salias, o que o desgraçado estava irre- | mediavelmente perdido. || O capitão Bernin, tal era o nome do | official, comprehendeu tudo isso. || Tambem não lhe foi difficil ver que os | seus soldados devoravam a joven com os | olhos, e imaginou que fazel-a passar a | noite no corpo da guarda, era expol-a a | terrível perigo. || De fôma que, sem perder nada da sua | voz rude e quase brutal, disse a Mu- | nito : ||

- Tens a tua conta, meu pobre diabo, | e não dou nada pela tua pele. Mas emfim | só amanhã á tarde srás fuzilado. || A estas ultimas palavras, o sombrio | rosto de Munito | illuminou-se de esperan- | çãs mysteriosas. || O capitão Bernin continuou: || - É antes de morreres tens tempo de | pôr tua filha em segurança. || Um clarão de alegria brilhou nos | olhos do bohemio. || - És de Coblentz ? || - Não, capitão. || - Vens aqui pela primeira vez ? || - Venho. || - Então não conhece aqui ninguem ? || - Oh ! conheço disse Munito. Tenho | um amigo. || - Como se chama ? || - É um judeu, chamado Samuel Job. || - Onde mora ? || O bohemio procurou entre os papeis | da caixa de folha, e respondeu, pegando | em um delles : || - Samuel Job é adelo de profissão, e | mora em Lange strasse, 125. || - Isso quer dizer: 125, rua Grande, não | é assim? interpellou o capitão. || - Sim, senhor. || - Está bom ! disse um soldado francez | que devorava com os olhos Móina desfal- | lecida, então não se fuzila já esse homem | que assassinou um official francez ? || O capitão olhou-o de soslaio e disse: || - Só se fuzilam os que são condemna- | dos por conselho de guerra. || - Nem um pio, multidão de canalha ! | disse o capitão encolerizado e batendo | com o pé. || Os soldados calaram-se. || O capitão proseguiu: || - Está bom ! uma boa escolta vae con- | duzir-te a ti e a tua filha á casa de Sa- | muel Job. Tu confias-lhe a tua filha, e | depois trazem-te aqui, onde ficarás meu | prisioneiro até amanhã. || O bohemio chorava de alegria ; pegou |

nas mãos do official e levou as aos la- | bios. || Os soldados já não ousavam murmurar | mas olhavam-se com furor, cheios de | despeito, e pareciam achar que o capitão | ultrapassava singularmente o seu dever, | tomando sob sua protecção a filha do bo- | hemio. || Só um soldado não murmurava, e pa- | recia approvar tacitamente a conducta | do capitão. || Era um velho sargento de bigode grisalho. || O capitão disse-lhe : || - Hé ! Lafolie ? || - Prompto ! disse o sargento. || -Leva dois homens contigo. || - Sim, meu capitão. || - E conduz este homem e esta mulher | á casa do adelo Samuel Job. || - Também dá dinheiro sobre penhores | disse o sargento ; empenhei lá o meu re- | lógio por seis florins. || - Então sabes onde é ? || - Sei, meu capitão. || - O sargento adivinhára as intenções do | seu chefe : fez signal a dois soldados, dois | recrutas, da obediencia dos quaes estava | certo, e disse-lhes : || - Acompanhem-me || O capitão disse ainda : || - Esta este homem fallar com o ju- | deu, si elle quiser recommendar-lhe a | filha, e depois torna a trazer-m'ó. || - Sim, meu capitão. || Depois, voltando-se para Móina e para | o bohemio, o sargento disse em voz me- | nos rude que á do official : || - Vamos ! vagabundos, a caminho ! || Móina chorava. || O pae pegou-lhe do braço e disse-lhe | em bohemio : || - Não chores, não tenhas medo, elles | não me mataram ainda, e Samuel me | salvará. || - Como poderá salvar-te esse pobre | judeu ? || - Verás ! ... ||

E Munito caminhou resolutamente. || Esta confiança invadiu pouco e pouco | Móina. || Lange strasse, isto é, a rua Grande, | era logo a deixar a porta do forte, e o numero|125 não era longe. || Eram 5 horas da manhã ; a cidade es- | tava silenciosa. e as lojas e casas esta- | vam fechadas. Só de tempos a tempos se | ouvia o passo lento e regular da patru- | lha, e ao longe o grito das sentinellas | que velavam nos fortes. || Móina caminhava pelo braço do pae, e | era tão grande a sua emoção que nem fa- | diga sentia. || Chegaram á casa do judeu. || Era uma casa baixa, com duas janel- | las, torta, triste, de má apparencia. || Havia uma loja ao réz do chão, na | deanteira da qual uma lanterna deixava | ler o seguinte : | << Samuel Job, adelo vende, e compra | toda a qualidade de mercadorias, e dá | dinheiro sobre penhores. >>|| O sargento bateu á porta com a coro- | nha da arma. A principal ninguem res- | pondeu. || Depois, como o sargento continuasse a | bater, abriu-se uma janella por cima da | porta e uma cabeça negra e cabelluda | appareceu. || - Quem bate assim a semelhante hora ? || - Você é Samuel Job ? disse o sargento. || - Sou, Que quer? || - Trazemos aqui um seu amigo. || Então o bohemio pronunciou algumas | palavras em lingua zingara. || Samuel Job pronunciou uma exclama- | ção de alegria e admiração. || - Esperem, disse elle, eu vou abrir. || Com effeito desceu precipitadamente, | e os dois bohemios ouviram o ruido das | fechaduras e fechos que o adelo abria suc- | cessivamente. || Samuel Job não resumia ao certo o | typo legendari[o] do judeu mercador de | baixellas e jóias. ||

Edição 394

PONSON DU TERRAIL [espaço]19

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XI || Não era como se poderia imaginar, | um velhinho debil, embrulhado em gi- | não de pelles, com bonet exquisito, com- | prida barba branca e de sapatos de ou- | relo. || Samuel Job era alto e vigoroso, de | quarenta annos, olhos negros perfil | atravido e cruel, e que havia herdado | toda a belleza hebraica, esse typo tão | puro, que se perde nos homens e se con- | serva nas mulheres. || Havia alguma cousa de socegado e bom | na attitude que trahia a sua força. Sem- | pré senhor de si, este homem jamais de- | via ter medo. || Emprestava dinheiro sobre penhores, | mas também podia sustentar o arnez do | soldado. || Quando os francezes tomara a cida- | de, dois soldados quizeram saquer-lhe | a casa ; Samuel, porém, dotado de força | hercúlea, pegou nelles por um braço e | atirou-os pela janella fora. || Os que a força respeita mais é a força. || Desde esse dia nenhum francez pensa- | ra mais em inquietar o adelo. || Samuel Job desceu precipitadamente, | ao ouvir as palavras que Munito pro- | nunciara em lingua zingara. || Abriu a até com certa pressa que se po- | deria tomar por alegria. || Mas, ao ver os dois bohemios acom- | panhados de soldados deu um passo para | traz. || Depois reconheceu o sargento que lhe | viera empenhar o relógio. ||

- Ah ! disse elle, você ? || Ao mesmo tempo olhava para Munito | que olhava para elle absolutamente do | mesmo modo. || As pessoas mais intelligentes que os | soldados adivinhariam logo que esses | dois homens não se tinham visto nunca. || Munito apressou-se então a fallar na- | quella lingua que os soldados não com- | prendiam. || - Não vos foi annunciada a minha Che- | gada ? disse elle. || - Eu esperava-vos de uma dia para ou- | ter. || - Eis-me finalmente. || - Mas que vem a ser esses soldados | que vos acompanham ? || - Sou prisioneiro delles. || - Desde quando ? || - Ha uma hora. || - Ah ! bem sei, disse Samuel Job sor- | rindo, esses tratantes francezes estão | sempre a pedir papeis a todo o mundo. | Prenderam-vos e trazem-vos aqui para | que eu respnda por vós ? || Munito agitou a cabeça e disse : || - Ah ! oxalá que assim fosse ! mas... || - Mas que ? || - Eu sou prisioneiro e tudo o que pu- | de obter foi que elles me conduzissem | aqui para que eu podesse confiar-vos a |

minha filha. || Então Samuel Job olhou para Móina, | que continuava a tremer, tendo o rosto | banhado em lagrimas. ||- Mas que vos succedeu então ? ex- | clamou o judeu, que compreendeu fi- | nalmente que os dois bohemios eram | victimas de alguma catastrophe. || - Paramos hontem em uma aldeia, e | um official quis deshonrar minha filha. || - E então ? || - Então, disse friamente Munito, ma- | tei-o com uma facada. || - Deus de Israel ! murmurou Samuel |

Job, em cujo rosto se pintava verdadei- | ro espanto, si fizeste isso, estaes irre- | mediavelmente perdido ! || - Talvez .. disse Munito. || - E de nada vos serve ser rico como | um rei ; o vosso ouro e os vossos dia- | mantes não vos salvarão. || O adelo fallava em lingua bohemica, e | si os soldados entendessem o que elle di- | zia, admirar-se hiam de ouvir chamar | ricos aos dois vagabundos, coberts de | farrapos, que viajavam quase com os pés | nus e que tinham dado o ultimo thaler | para a ceia do tenente Dachin e dos dois | miseráveis que o acompanhavam. || XII || O sargento Lafolie era bravo, mas não | era paciente. || De modo, que disse em lingua allemã, | que fallava bem, por que era de origem | alsaciana. || - Então, não acabaes lá com essa al- | garavia ? || Samuel respondeu : || - Desculpe-nos si nós cedemos ao ha- | bito de fallarmos a lingua materna, mas | nós nada dissemos que deixasse de com- | preender. || - Esta bom, disse o sargento, mas não | sabe o que viemos fazer ? || - Sei e não sei. || Trazemos essa menina para ver si | quer tomar conta della. || - Si quero ? disse Samuel Job já com vi- | vo accento de commoção. || - E nós tornamos a levar o pae. || - Para onde ? || - Para a cadeia. || - Sargento, disse Samuel Job, de for- | ma alguma me opporei a que cumpra o | seu dever ; mas olhe para estes desgra- | çados, elles estão extenuados e prova- | velmente morrem de fome e sêde. || - É verdade, disse Munito que deixou |

cahir sobre sua filha um olhar de ter [-] | nura desesperada. || - Permitta, pois, disse o judeu, que | eu os deixe entrar em minha casa e lhes | dê de beber e de comer. || - Isso leva muito tempo ? perguntou | o sargento que se esforçava por ter uma | voz brutal. || -Tenha paciencia, que em quanto es- | pêra beberá um copo, disse o adelo. Ora | o soldado francez jamais recusou um | copo de vinho. || Os tres soldados entraram com os dois bohemios. || O judeu abriu uma pequena porta, pa- | ra a alameda humida e sombria, tendo | cuidado de fechar a rua. || Munito e sua filha acharam-se em | uma penquena sala cheia de toda a espe- | cie de mercadorias. Era o armazém do | revendão. || Mas no fundo desta sala levantava-se | um velho panno de velludo de Utrecht | e os dois bohemios viram outra sala | mais pequena, e que pelo seu arranjo e | aceio contrastava com a confusão da pri- | meira. || Tinha moveis de nogueira, velhos ba- | hús de talha e uma mesa que sustenta- | va uma baixela luzidia e bem disposta. || O judeu abriu um desses bahus, tirou | uma garrafa de vinho e copos, e levou | tudo aos soldados que tinham ficado na | primeira sala. Depois voltou onde tinha | introduzido o bohemio e a filha e dis- | se lhes : || - Creio que não devemos perder tem- | po ; dizei-me depressa o que posso fazer | para vos salvar. || O panno tornara a cerrar-se : mas como os soldados ouviam falar Munito e | o hospedeiro, não se importavam com o | preso. || Munito respondeu ao judeu em lingua | bohemica. ||

- Deve haver em Coblentz um gene- | ral francez que me salvará. || - Conheceil-o? ||- Não, mas trago uma mensagem para | elle. || - Ah ! || E o judeu contemplava com um espan- | to cheio de commiserção o vestido mi- | seravel do pae e da filha. || Munito adivinhou indubitavelmente o | pensamento secreto de Samuel Job, por- | que lhe disse : || - Creio que desconfiaes de mim... || - Então porque ? || -Vós só me conheceis de nome, e pos- | to que nos correspondemos ha dez annos re- | gularmente nunca nos vimos. || - Como quase sempre succede entre | negociantes que commerceiam em pai- | zes differentes, disse Samuel Job. || - E vós pensaes talvez neste momen- | to, continuou Munito, que aqui está um | pobre diabo, que julga talvez livrar-se | tomando o nome de Munito, o rei dos | bohemios da Austria, e o

guarda do the- | souro de seus irmãos. || O judeu era franco. || - Effectivamente confesso que fiz se- | melhante reflexão. || -Ah ! ah! então que disse eu ? ! || - Porque me parecia impossível que | Munito, o home que possui os mais | bellos diamantes da Europa... || - Viaje a pé como um vagabundo, e | se faça prender por soldados francezes, | não é assim ? || O judeu ficou silencioso. || - Ouvi, replicou o bohemio, minha | filha e eu fomos roubados em Francfort | pelos prussianos, que só nos deixaram | alguns thalers. Desde Francfort fizemos | a jornada a pé. || - Ah ! disse Samuel || -Mas os bandidos não pensaram em | metter as mãos aos meus cabellos. ||

Edição 395

PONSON DU TERRAIL [espaço]20

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XII || Munito possuía effectivamente uma | grande cabelleira encaracollada, que se | lhe aprumava na testa magra e brônzea- | da, como immenso ninho de pássaro. | - E si elles vos pözessem as mãos nos | cabellos ? disse Samuel admirado. || - Teriam encontrado isto. || E Munito, passando a mão pela cabel- | leira, tirou um diamante grande como | um ovo de pomba, e apresentou- a Sa- | muel Job. || O judeu fez um gesto de surpresa. || - Ah ! disse elle, desculpae-me. Sois | effectivamente Munito, porque só vós | podeis ter esse diamante, que, pelo me- | nos vale oito mil thalers. || - Bem podeis imaginar, concluiu Mu- | nito, que no caminho corri o grande | risco de mostrar essa pedra a outrem | que não a vós. Tinha certeza de que, | chegando aqui, vós me darieis todo o di- | nheiro de que eu precisasse. || - Tendes a minha caixa á vossa dis- | posição, como vós me porieis a vossa si | eu fosse a Pesth. Mas, accrescentou Sa- | muel Job, que não é verdadeiramente disso | que se trata. || - Ah ! sim, disse Munito com um sor- | riso, pensaes que vou ser fuzilado ama- | nhã... || - Os francezes são agora nossos amos e | senhores. || - Sei. || -E repito que nem todo o vosso ouro | vos salvará. || Munito nada perdeu de sua serenida- | de. || Pegou de uma faca, que o judeu col- |

locara sobre a mesa com alguns alimen- | tos e começou a descozer rapidamente o | forro do gibão. || - Foi um milagre, disse elle, não me | encontrarem isto lá em baixo, quando | me revistaram. || Do forro descosido tirou elle uma car- | ta cujo subscripto era em allemão. || Depois entregou- a ao judeu, dizendo : || - Nada de perder tempo, meu amigo. | O general Pichegru deve receber esta | carta o mais breve possível. O general | esta em Coblantz, não é assim ? || - Pelo menos ainda estava hontem. || - Pois bem ! que esta carta lhe che- | gue as mãos e eu ficarei salvo. Em quan[-] | to a minha filha... || - Oh ! disse Samuel Job, a vossa filha | está aqui em segurança. A minha cabe- | ça responde por ella. || Um sorriso veio então aos lábios de | Munito, que disse, olhando com ternura | para Móina : || - Enxuga as lagrimas, minha filha, que teu pae ainda pertence a este mun- | do e não está prestes a deixal-o. || Esta confiança do bohemio, confiança | que acabára por ganhar a sua filha, fa- | zia admirar cada vez mais o judeu As- | muel Job. || - Meu amigo, disse Munito, vós de- | veis ficar allemão de coração. || - De alma e coração aborreço a Fran- | ça, disse Samuel Job. || - Póde então confiar-se-vos um se- | greto ? || - Sem duvida. Além de que as nossas | relações commerciaes, continuou As- | muel, respondem pela minha probidade | e descripção. || - Como vedes, disse Munito, esto in- | vestido de poderes de um embaixador. || - Ah ! disse o judeu. || - Sabeis que contam comnosco na | Austria, e o imperador não hesitou em | conceder-me uma audiência quando lh'a | pedi. |

- Muito bem, disse Samuel Job. || -Sabeis que represento, proseguiu | Munito, uma associação de banqueiros | mysteriosos, que faz emprestimos con- | sideraveis ao exercito de

Condé e ao | partido realista francez. || - Sim, sei isso. || - Á frente do exercito republicano | do Rheno está um homem, o general Pi- | chegru, que, estamos convencidos disto, | só procura trahir a republica, passar á | causa realista com armas e bagagens | e marchar sobre Paris. Eu venho tra- | tar com o general. || - Vós ! || - E trago-lhe uma carta do impera- | dor. || Si o general recer essa carta eu | não serei fuzilado. || Os soldados não comprehenderam uma | palavra dessa conversa em lingua hun- | gara. || Tinham, porém esvasiado já a garrafa, | e o sargento, abrindo a porta, disse as- | peramente : || -Então, acabaram de comer e de be- | ber ? || - Acabamos, disse Munito. || -Então a caminho. || - Estou prompto a seguir-vos. || Móina lançou-se ao pescoço de seu pae | e sossobrou de novo em magoado pran- | to. || - Mas não receies nada, disse o bohe- | mio ; repito-te que não me fuzilarão. || E , dirigindo-se a Samuel Job, que es- | condeu a carta e o diamante sob a rou- | pa. || - Tratae della, e que a minha carta | chegue ao general. || - Recebel-a-ha dentro de uma hora, | respondeu Samuel. || - Vamos, vamos, despachar ! dizia o | sargento Lafolie, que a furto enxugou | uma lagrima, e que tomou um ar rude | para dissimular a sua emoção, abraça a |

tua filha pela ultima vez, meu velho, e | partamos ! || Munito estreitou Móina contra o co- | ração, e, desviando-a depois, seguiu os | soldados. || O judeu acompanhol-os até a porta ; | depois fechando-a voltou para o pé de | Móina que chorava ainda. || Um relógio collocado a um canto da | sala marcava cinco horas. || - Minha filha, disse o judeu, não te | afflijas ; logo que for dia eu mesmo irei | ao quartel general ; tem a mesma espe- | rança que eu tenho. || Effectivamente, quando os primeiros | clarões da madrugada miravam atravez | das vidraças da casa, Samuel conduziu | a joven a um quarto e disse-lhe : || - A fadiga opprime-te, trata de dor- | mir algumas horas, que, quando acorda- | res, ser-te-ha restituído o teu pae ! .. || XIII || Quando o judeu ia a sahir de casa, de- | pois de ter recommendado a Móina que não abraße a ninguem que viesse bater | á porta, ouviu duas pancadas discretas | na janella da loja. || Samuel abriu e achou-se em frente | de um mancebo vestido com uniforme | francez. || Era um tenente que o judeu conhecia, | por ter lhe emprestado dinheiro sobre | penhores. || - Bons dias, pae Samuel, disse elle : | vi luz atravez das vidraças e pensei que | já estaveis a pé. || - Bem vedes que estou, cidadão te- | nente. || - E desconfiaes que preciso de vós, | não é assim? disse o official sorrindo. || Samuel ficou impassível. || O tenente tirou o relógio do bolso, e | mostrando-o ao judeu : || - Quanto vale isto ? disse elle. || - Para vender, ou para empenhar ? || - Isso pouco importa ! preciso de di- | [n]heiro hoje mesmo, antes do meio dia. ||

O relógio para mim vale quarenta | thalers, meu tenente. || - É pouco... não chega para o que eu | preciso. || Samuel Job fez com a cabeça e com os | hombros um movimento significativo, | que queria dizer : || - É quanto posso dar ? || Mas o tenente proseguiu : || - Passei a noite em casa do General Dagoberto, que tem uma linda mulher | da qual estamos todos namorados e que | nos faz perder um pouco a cabeça. jo- | guei ; perdi não só todo o dinheiro que | tinha mas também uma somma de cin- | coenta thalers, que hoje mesmo hei | de | entregar ao general || - E vós não sabeis como enconral-os? | disse Samuel. || - Ora proseguiu o tenente, vós sabeis | que as dividas de jogo se pagam dentro | de vinte e quatro horas ? || Tudo que tenho a dizer-vos é que o | vosso relógio para mim não vale mais | do que quarenta thalers. || - Meu bom Samuel, juro-vos... || - Oh ! disse o judeu, bem sei que ides | jurar- me que sois um homem honrado | e que me restituireis fielmente essa | somma || - Podeis ter a certeza disso, atalhou o official. || O judeu afinal era um bom diabo. || - Mas emfim, disse elle, supponho que | não tender necessidade desse dinheiro | antes do meio dia ! || O official pensou que tinha enterneci- | do o adello. || - Seguramente que não, disse elle ; si | eu tivesse a certeza de que ao meio dia. || - Isso depende de vós. || - Como ? || - Eu também preciso que vós me fa- | çães um pequeno serviço. || - Fallae, estou á vossa disposição. || - Contarei isso pelo caminho, disse o | judeu. Vinde, preciso de sahir. ||

Edição 396

PONSON DU TERRAIL [espaço]21

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XIII || O official tinha ficado na rua, e esta conversa tivera logar no umbral da porta. || Samuel sahiu, e o tenente e elle ca- | minharam lado a lado. || Então o adelo disse ao tenente : || - Não poderá fallar facilmente ao ge- | neral um pobre judeu como eu? || - Isso conforme... A que general que- | reis fallar ? || - Ao general Pichegru. || - Ao commandante em chefe? || - Sim. Tenho absoluta necessidade de | lhe fallar. || - Quando ? || - Esta manhã mesmo. || - Isso é que e inteiramente impossi- | vel, disse o tenente. || - Porque ? perguntou o judeu empal- | lidecendo. || O general sahiu hontem á tarde de | Coblantz. || - Será possível ? || - Vae caminho de Mayence, e como | sahiu ao escurecer, entre elle e Coblantz | já deve haver umas vinte leguas || - Oh ! meu Deus ! disse Samuel com | um accento de dór que fez estremecer o | tenente. || - Mas que vos succedeu ? perguntou | elle. || - Uma grande desgraça, que só o Ge [-] | neral Pichegru póde remediar. || - Mas que foi ? disse ainda o official. || - Um amigo meu deve ser fuzilado | hoje, e eu queria pedir o seu perdão ao |

general, a quem, disse o judeu ao acaso, | fiz outrora alguns pequenos favores. || - Te[n]des um amigo que deve ser fuzi- | lado hoje? || - Tenho um pobre diabo bohemio... || - Mas o que fez elle ? || - Matou um official francez. || - Sim ? e aonde ? não ouvi fallar nada | a respeito disso. || - Foi esta noite mesmo, disse o judeu; | e contou simplesmente ao officia a des- | graçada aventura de Munito. || O tenente ouvia Samuel com certa | emoção, e quando o judeu terminou, dis- | se, olhando para elle: || - O negócio é mau. Nos temos as mais | severas ordens, e é quase certo que o | general Pichegru recusará o perdão des- | se pobre diabo, por mais favores que vós | lhe possais fazer. || Samuel Job não podia revelar ao te- | nente qual era a importancia do perso- | nagem que iam fuzilar. Entretanto re- | plicou: ||

|| - Juro-vos que, si eu podesse ver o | general, obteria pelo menos uma com- | mutação de pena. || - Mas eu já vos disse que o general | partiu. || - E não haverá meio de o encontrar? || - O general foi a Mayence, onde fica- | rá dois ou tres dias. || - Ah ! || - Ha pois meio de lhe falar . Mas não | será já tarde? E depois, continuou o of- | cial, creio que seria uma viagem inu- | til. || Samuel tinha um ar tão consternado, | que o tenente commoveu-se. || - Ah ! disse elle, veio-me uma insp- | ração. || Samuel Job olhou para elle. || - Não me disseste que o bohemio ti- | nha uma filha? || - Tem. || - Que elle vos confiou? ||

- Sim, tenente. || - E é nova? || - Nova e bonita. || Ouvi, replicou o official, na ausência | do general em chefe Pichegru, o gene- | ral Dagoberto é quem commanda a praça | de Coblantz. || - E que tem isso ? disse o judeu. || - Já vos disse qua a mulher d'elle é | nova e bonita. || - Ah ! || - E que nós estamos todos namorados | della. || - E depois ? || - É uma aristocrata, uma ex-fidalga, | que amava o general havia muito tem- | pó ; porque é preciso que saibais que o | general é filho do povo ; | outr'ora elle | era uma cousa como serralheiro ou fer- |

reiro, estou bem certo. || - E depois, depois ? disse o judeu. || - Parece até, continuou o tenente, | que a mulher do general, quando apenas | eram noivos, foi condemnada á morte | como aristocrata. || - E quem a salvou ? || - O marido, indo pedir o perdão della | á Convenção que lh'o concedeu. || - E ... essa mulher ? || - É tão bonita, como de bom coração. || - E julgaes que ella se interessaria | pelo nosso pobre Munito? || - Ao menos pela filha interessar-se- | ha. || - Mas quem lh'a ha de apresentar ? || O jovem official coçou a orelha a prin- | cipio, e depois corou levemente. || - Ah ! disse elle, si não fosse essa mal- | dita noite os cincoenta thalers que | perdi... || - Que farieis ? || - Iria mesmo falar com o general. || - Pois então não há dúvida ! disse o | judeu, e tomando o caminho da casa, | disse : || - Vinde ... não são cincoenta nem cem |

são mil thalers que eu ponho á vossa | disposição. || Um sorriso assomou aos labios do te- | nente, que disse : || - Pae Samuel, enganae-vos ; eu sou | official do exercito francez ; e o exerci- | to francez é sempre o mesmo, quer a | França seja republica ou monarchia. | Pedi- vos cincoenta thalers pelo meu re- | logio, porque precisava dessa somma. | Pegae no relógio e dae-me cincoenta tha- | lers, que eu não quero nem mais um. || - Senhor, respondeu Samue Job, eu | também sou cavalheiro. || - Senha, meu amigo. || - E não preciso de penhor. Guardae o | vosso relógio. Eu vos enprestar-vos, | sob palavra, o dinheiro que necessi- | taes. || Dizendo isto, Samuel mettu a chave | na fechadura da porta, e entrou tão do- | cemente que Móina, que estava no pri- | meiro andar, não o ouviu. || A pobre creança dormia. O judeu abriu | a burra, pegou em um punhado de tha- | lers e deu-os ao tenente. || - Bom, disse elle ; a generala, como | foi educada na provincia, é madrugado- | ra, e antes de uma hora hei de vê-la. || - E pensaes que daqui... lá?... disse As- | muel com voz enternecida. || - Fuzilarão o bohêmio ? || - Sim. || - Não receies nada, disse o tenente ; | só o fuzilarão depois de julgado. || - E quando se reúne o conselho ? || - Provavelmente ás dez horas da ma- | nhã. || - E então ao meio dia... || - Não penseis nisso, e tende confiança | em mim. || Durante este curto colloquio fizera-se | dia, e um pallido raio da aurora reflec- | tia nos telhados. || - Vamos ! a generala talvez já esteja | a pé. ||

- Ides a casa della? || - No mesmo instante. || - Onde vos tornareis a ver ? || - Esperae aqui. || O tenente partiu, e o judeu pôs-se a | escutar o ruído daquelles passos preci- | pitados até que extinguiu completamen- | te. || Então subiu ao quarto de Móina, pé | ante pé, e olhou pelo buraco da fecha- | dura. A pobre menina, vestida, estava | estendida no leito, e adormecera, pedin- | do indubitavelmente ao Deus dos bohe- | mios, que se apiedasse de seu pae || [espaço] XIV [espaço] || Era rigorosamente verdade tudo quan- | to o jovem tenente dissera a Samuel. || O general Dagoberto era quem, na | ausencia do general Pichegru, comman- | dava a praça de Coblentz ; porque Da- | goberto, o nosso antigo amigo, ex fer- | reiro da Abbadia da Côte de Deus, o | bravo Dagoberto, a quem a Convenção | concedera a vida e a liberdade de sua | noiva, era agora chefe de brigada. || Tres annos passaram e já Dagoberto era o feliz esposo da condessa Aurora. || Aurora, como facilmente se imagina, | não desposara a causa da revolução. Mas | ella era franceza ; e, tornando-se espo- | as de Dagoberto, acceitara a republica, | ficando no fundo de seu coração fiel aos | principios legitimos. Seu primo, o conde | Luciano de Mazures, casara com Joanna. || Ambos se tinham retirado para a Aus- | tria, e o conde pozera se mesmo ao ser- | viço dos exercitos imperiaes. || As duas irmãs porém tinham ficado li- | gadas pela mais estreita amizade. Cor- | respondiam-se e visitavam-se todos os | annos. Duas vezes Joanna viera a Pa- | ris ; duas vezes também a condessa Au- | rora fizera a viagem de Vienna apesar | da guerra encaraçada que havia entre | a França republicana e o resto da Euro- | pa. ||

Edição 397

PONSON DU TERRAIL [espaço]21

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XIV || A belleza, a graça de Aurora e a sua | romanesca historia tinham-lhe grangea- | do todos os corações. || Aurora era o idolo do corpo de exer- | cito que operava no Rheno. || E, como tinha ficado uma perfeita se- | nhora, porque as tempestades da vida | passada não lhe haviam escurecido o ca- | racter, e, como além disso, o amor mu- | da a desgraça em felicidade, e a tristeza | em alegria, a cidadã Dagoberto amava | os prazeres e as festas. || Todas as noites, desde que os France- | zes occupavam Coblentz, de onde re- | pelliram do exército de Condé, Aurora | recebia em sua casa os officiaes que ti- | nham alguma educação. || Dansava-se, jogava-se até uma certa | hora da noite; e ora bem verdade que o | tenente tinha perdido cincoenta thalers | contra o general. || Ora o jovem o official, a quem Samuel | acabava de emprestar a somma de que | elle precisava, tomara o caminho da casa | do general Dagoberto. || Aurora já estava a pé. || Apenas tinha dormido algumas horas ; | e, si não fosse uma circumstancia im- | prevista, talvez que o tenente passeasse | muito tempo por baixo das janellas, sem | que alguma dellas se abrisse. || Eis o que se tinha passado. || No momento em que a jovem esposa | dormia o mais profundo somno, accor- | dou sobressaltada ao toque da campainha | da porta de entrada. || O general, que acabava de se deitar, |

levantou-se á pressa, perguntando o que | havia de novo. || O capitão Bernin que commandava | aquella porta da cidade, onde o desgra- | çado bohemio tinha ido bater, um pouco | antes de romper o dia, trazia uma men- | sagem a Dagoberto. || Esta mensagem relatava ao mesmo | tempo o assassinato do tenente Dachin e | a prisão do bohemio. || Aurora vestiu um robe de chambre, e | desceu á sala de espera. Ella nunca as | mettia nos negocios do serviço ; nesse | dia, prém, obedecendo sem duvida, e | um pressentimento, quiz saber o que se | passava. || Dagoberto encrespando as sobrance- | lhas, lia a parte do capitão. || Vendo entrar sua mulher esforçou-se | por sorrir : mas ella percebeu logo que | se tratava de grave [mancha] negócio que affligia | profundamente o bom Dagoberto. || Elle, sem dizer uma palavra, esten- | deu-lhe a parte do capitão Bernin. || Aurora leu e empallideceu. || - Bem vês, minha querida amiga, dis- | se Dagoberto que é preciso fazer justiça. || - Que queres dizer com isso? pergun- | tou Aurora tremula de emoção. || - O desgraçado, de que me fallam, as- | sassinou um official francez. || - Que lhe queria deshonnar a filha. || - Talvez ; mas tenho as mais formaes | e severas ordens de Pichegru. Um dia, | mataram-nos um soldado com um tiro ; no | dia seguinte é um official que cahe ás | facadas de um allem[ão]. São necessários

|| exemplos severos, sem o que morrer- | mos aqui todos, um a um || - Mas esse tenente Dachin era um mi- | seravel, disse Aurora. || - Eu não affirmo o contrario. || - E esse homem não fez nada mais que de- | fender-se || - Ah ! bem o sei. || - Portanto não se deve punir como | um verdadeiro assassino. ||

- Mas é necessário, disse Dagoberto | com tristeza ; si eu perdoasse a esse | homem todo o exercito murmuraria. || E, em quanto que Aurora pedia ao | bom Dagoberto, o qual, a seu pesar, se | conservava inflexível, chegou o tenente | com os cincoenta thalers. || O jovem official estava addido a Dago- | Berto, como ajudante de campo. || Por esta circumstancia era um dos fa- | miliares da casa, e , pela sua boa educa- | ção, Aurora dispensava-lhe muita ami- | zade. || - Ah ! disse Dagoberto, chega a pro- | posito, tenente. || - Realmente, meu general ? || - Estamos a braços com um máu ne- | gocio. || - Ah ! || - Um negócio que é preciso concluir | o mais breve possivel. || - Então do que se trata meu general? || - Do assassinato de um official. || - Ah ! eu sei disso. || E o tenente lançou a Aurora um olhar | que queria dizer ; Vós advogaes a causa | da humanidade, creio, e eu vou juntar- | me comvosco. || - O tenente vae

levar uma ordem para | que se reúna o conselho de guerra, dis- | se ainda Dagoberto. || - Meu bom amigo, disse Aurora, não | podes esperar algumas horas ? || - Para que? || - Ah ! meu general, disse o tenente, | si soubesses como é interessantes esse | pobre homem ? ! | não digo que não. || - E sua filha... || - É verdade, interrompeu Aurora, | elle tem uma filha. || - Nova e bonita, minha senhora, e as | lagrimas dellas talvez a enterneceriam. || - E a pobre criança está talvez presa ? |interrogou ainda Aurora. || - Não senhora ; recolheu-a um judeu | chamado Samuel Job. ||

- Ah ! || - E esse judeu, que é amigo do bohe- | mio, diz que é grande infelicidade que o | general partisse para Mayence. || - Porque? perguntou Dagoberto. || - Porque lhe teria pedido o perdão do | seu amigo. || Dagoberto agitou os hombros e disse : || - Pichegru seria insensível, como eu | vou ter a dor de o ser. || - Mas, meu amigo, disse Aurora, não | ha necessidade nenhuma de julgar este | homem hoje mesmo. || - Hoje mesmo ou amanhã, que impor- | ta isso ? elle será condemnado... || - E, si Pichegru lhe perdoar? || - É impossível. || - Emfim, disse Aurora, não me recu- | saras um favor, tu que me amas, não é | assim ? || Aurora fallava com voz quase suppli- | cante. || - Pois bem ! falla, disse Dagoberto | com certa severidade que mal dissimu- | lava a sua emoção. || - Desejava que o conselho de guerra | não se reunisse antes do meio dia. || - Bom ! e depois ? || - E que me fosse permittido vêr a | filha desse desgraçado. || - Aurora, Aurora, murmurou Dago- | berto, esqueces que eu sou aqui com- | mandante em chefe, e que assumo por | isso grave responsabilidade. || - Bem sei, disse Aurora, mas não re- | ceies nada, meu amigo ; eu jámais farei | com que faltes aos teus deveres. || Depois, como Dagoberto parecia con- | sentir, ella disse ao tenente : || - Então a filha do bohemio está em | casa do judeu Samuel Job ? || - Sim, senhora. || - Quero vê-la. || - Eu vou buscal-a, disse o tenente. || - Não, respondeu Aurora, irei a casa | do judeu. Espere por mim tenente. || Aurora subiu ao seu quarto, deitou |

um chaile aos hombros, e descendo dis - |se ao jovem official : || - Dê-me o seu braço. || - Mas então onde vae , senhora ? disse | Dagoberto. || - A casa do judeu. || - Que loucura ! || - Ingrato ! disse Aurora, então não | queres que eu seja sempre boa ? || E com um sorriso venceu o marido. || O tenente collocara discretamente os | cincoenta thalers sobre um movel. || Foi uma diversão para Dagoberto. || - Ah ! é justo, disse elle, disfarçando | um pouco, sou vosso credor. || - Meu general, disse o tenente, as di- | vidas do jogo, pagam-se dentro de vinte | e quatro horas. || - Pois, sim, mas ainda havia tempo até a noite|| - Assim como tu, meu amigo, para | fuzilares este pobre bohemio, disse Au- | rora. || E, tomando o braço do joven official, | accrescentou : || - Vamos. Vamos depressa, senhor. || [espaço] XV [espaço] || Dissemos que Samuel Job subiu ao | quarto de Móina e a encontrou a dor- | mir. || A pobre criança, morrendo de fadiga, | fechara os olhos e dormia agora um | somno pesado e firme. || - Como é bella ! murmurava o judeu, | contemplando a alguns minutos. E di- | zer, continuava elle, que a vida está por | um fio, que talvez quebre. || Samuel desceu á loja, e para enganar | a anciedade, porque contava os minutos | desde que o tenente partira, começou a | pôr em ordem os objectos de toda a es- | pecie, que atulhavam o rez do chão da | casa. ||

Edição 398

PONSON DU TERRAIL [espaço]12 [22]

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XV || Quando o tenente e a condessa Auro- | ra chegaram, Samuel teve um palpíte. || Essa mulher tão joven e formosa não | lhe traria uma palavra de clemencia em | favor do prisioneiro? || - Seis Samuel Job ? disse Aurora. || - Sim, minha senhora. || - E amigo do

bohémio que vão fuzilar ? || - Ah ! exclamou o judeu, a senhora | não o permittirá não ? || - Ah ! meu bom amigo, eu não sou o | general, e nenhuma influencia tenho no | conselho de guerra ; mas... || - Mas ? ... disse Samuel que suspendeu | a sua alma dos labios da joven senhora. || - O bohémio tem uma filha ? || - Sim, senhora. || - E está aqui ? || - Sim, disse o judeu com um movi- | mento de cabeça. || - Desejava vê-a, disse Aurora. || Samuel Job dirigiu-se para a escada e | subiu correndo ao quarto de Móina. || Ao ruido que fez, abrindo a porta, Móin- | na despertou. || - Ah ! disse ella sorrindo, tive uma | louca esperança : julguei que era meu | pae. || - Não é, disse Samuel : mas venho | buscar-te. || - Para ir ter com meu pae ? || - Não, mas para te apresentar á um- | lher do general. || - Do general Pichegru ? ||

- Não, do general Dagoberto, do qual | depende a sorte do teu pae. || E tomou Móina pela mão e arrastou-a. || As mulheres verdadeiramente bellas | admiram a belleza das outras mulheres. || Aurora deu um grito de admiração ao | ver a jovem bohémioa. || Móina estava pallida ; seus grandes | olhos pisados pela fadiga, onde havia | ainda vestígio de lagrimas, tinham o | olhar espantadiço e doce de gazella do | deserto. || -Minha menina és tu que tens teu | pae preso ? lhe disse Aurora || - Sim, minha senhora, respondeu Móin- | na, que queria por-se de joelhos deante | de Aurora. || A condessa porém levantou-a e pegou- | lhe na mão. || - Não chore, minha filha, disse ella. | Tenha esperança. || - Ah ! a senhora há de salvar-o, não | é assim ? disse Móina, erguendo suppli- | ces mãos. || - Farei o que poder, respondeu Auro- | ra, mas deixe-me fazer-lhe uma pergun- | ta. De onde vinha com seu pae ? || - Oh ! bem de longe, senhora, de Vien- | na d'Austria. || - De Vienna ? || - Sim, senhora. || Aurora estremeceu. Era em Vienna | que estava a sua irmã Joanna, a condes- | as de Mazures. || - E para onde iam ? || - Vinhamos para aqui, quando nos | succedeu aquella desgraça. || E Móina contou com animação e ener- | gia a scena sanguinolenta, de que fôra | theatro a estalagem da Villa, e que ti- | nha precedido as grosseiras tentativas do | tenente Dachin e dos dois cabos. || Aurora ouvia indignada. || - Desgraçadamente, disse ella emfim, | esse homem era um official, e já não é |

o primeiro que ha um mez têm assass[i]- | nado. O general Pichegru, quando par- | tiu de Coblantz... || - ó meu Deus ! disse Móina, então o | general partiu ? || - Sim, minha filha. || - Ah ! então está meu pae perdido ! || - Ainda não, disse a condessa. || - E, dirigindo-se a Samuel Job, disse, | designando o tenente : || - Não disse a este senhor, que, si fal- | lasse com o general Pichegru, se com- | promettia a salvar o bohémio ? || - é verdade, minha senhora. || - Quantas horas lhe são precisas para ir | a Mayence. || - Cinco ou seis horas, com um bom | Cavallo. || - Então poderá estar de volta á tarde, | ou pelo menos á noite ? || - Oh ! com certeza. || - Bom ! disse Aurora, eu não sei qual | é o valor da sua esperança ; mas de al- | gum modo me posso associar a ella ; fa- | rei com que o general Dagoberto lhe dê | um passaporte para Mayence. || - E depois ? disse Samuel. || - Esperarão que volte, para julgarem | o pae desta menina. || - Mas, continuou a condessa, o meu | amigo não se illude ? || - Com que ? senhora. || - Com a clemência do general Piche- | gru. || - Senhora, respondeu affoutamente | Samuel Job, fiz tal favor ao general, | que elle não pode recusar-me nada. || Samuel mentia ; mas poderia dizer que | era portador de cartas dos inimigos da | França para o general Pichegru ? || - Bem ! disse Aurora, tentemos en- | tão. || Vem acompanhar esta menina, que | encontrará em minha casa um asilo até | a sua volta. ||

O tenente olhou então para Móina com | um olhar que queria dizer : || - Não receie nada, seu pae será salvo. || - Aprese os preparativos de viagem. | meu amigo, enquanto eu vou fazer com | que o general assigne um passaporte | para si. || E Aurora depoz um beijo em Móina. || - Espere, minha filha, disse ella. || E tomando o braço do tenente, voltou | á casa a toda pressa. || Dagoberto passeava na sala que lhe | servia de gabinete, onde recebia todas | as manhãs os officiaes ás suas ordens. || Ainda estava só quando Aurora voltou. || - Minha querida amiga, estou como | tu, commovido, ao pensar que esse des[-] | graçado não fez mais

que defender a fi [-] | lha ; nãs Pichegru deixou-me ordens | tão claras, tão terminantes... tão for- | maes... || - Meu bom amigo, disse Aurora, só | tenho a pedir-te um favor. || - Qual ? || - Esse judeu chamado Samuel Job, e | que recolheu a filha do bohemio, pre- | tende obter a vida do desgraçado, uma | vez que tu lhe concedas tempo necessario | para ir a Mayence. || Dagoberto enconhe os hombros, e | disse : | - Eu conheço Pichegru, é um home | que não se enternece facilmente. || - Samuel compromette-se a obter tu- | do delle. || - Está bom, disse o general, o conse- | lho de guerra só se reunirá ao meio dia. || - E porque não se ha de reunir só | amanhã, quando voltar Samuel ? disse a | condessa. || - Porque o exercito, replicou Dago- | Berto, murmuraria altamente todo o dia, | e tu, minha boa amiga, bem deves saber | que o exercito está descontente, e só es- | pêra um pretexto para se revoltar. ||

Pois não sabes que a republica nos de- | vê um consideravel atraso de soldo? || - Ah ! é justo, disse Aurora. || - Quando o soldado não tem dinheiro, | continuou Dagoberto, só espera o mo- | mento favorável de fazer mal. || - Mas, si Pichegru, perdoasse ? || - Pichegru tem uma autoridade que | eu não tenho. E portanto o homeio ha | de ser julgado hoje. || - E si elle fôr condemnado ? || - Será. Tenho a certeza disso. || - Mas então fuzilaram-n'ó ? || - Não ; será executado amanhã de | manhã, e entretanto Samuel Job terá tempo de voltar. || Quando Dagoberto dizia isto, entra- | vam o judeu e a joven bohemia. || Dagoberto, sensibilizado, como sua mu- | lher, pela belleza da joven, sentiu aug- | mentar a sua compaixão. E olhando pa- | ra o judeu : | - Estás seguro do bom resultado da | tua missão ? || - Estou, meu general, disse Samuel. || - Julgas que Pichegru te concederá o | perdão do bohemio ? || - Tenho a convicção disso. Dê-me | vinte e quatro horas, e eu respondo por | todo. || Dagoberto entregou um passaporte ao | judeu, porque sem isso, ninguem viaja- | va em territorio occupado pelo exercito | francez. || Depois disse ao tenente, que, como se | sabe também era seu ajudante de or- | dens : || - Mande dar um cavallo a esse ho- | Mem, para que elle parta immediata- | mente. || Um quarto de hora depois, Samuel Job | galopava para Mayence, enquanto a con- | dessa Aurora installava Móina no seu | próprio quarto. ||[espaço com 15 pontos finais]||

Edição 399

PONSON DU TERRAIL [espaço] 23

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XVI || Ora quando Samuel Job deixava Co- | blentz, um homem entrava na praça. Era já velho, abrigava a vista cança- | da, debaixo de umas lunetas, e apresen- | tou-se á porta, que era guardada pelo | capitão Bernin. || Perguntarem-lhe pelo passaporte. || - Não tenho, respondeu elle, mas em | Coblentz ha um homem que responderá | por mim, como por elle mesmo. || - E que homem é esse ? perguntou o | capitão. || - É o general Dagoberto. || - Está bem “ disse o capitão. vão le- | val-o á casa do general. || E mandou ao sargento Lafolie que | acompanhasse o viajante. || Chegado á porta do general, o home | de lunetas disse ao sargento : || - Mande prevenir o general já, por- | que tenho muita pressa de o vêr. || - Como se chama ? perguntou o sar- | gento. || - Chamo-me Bibi. || - Exquisito nome ! || E o sargento levantou o cão da porta, | que se abriu logo. || Um soldado veio ao encontro do sar- | gento, e olhou para o homem de lune- | tas. || Nesse momento, porém uma outra | porta se abriu, e Dagoberto atravessava | o vestíbulo. || - Meu general, disse então o homem | de lunetas não é o senhor que respon- | de por mim ? || - Bibi ! exclamou Dagoberto. ||

E veio para o homem da policia, com | as duas mãos abertas, e, com um gesto | imperioso. despediu o sargento Lafolie ! || Dagoberto pronunciou o nome de Bibi com voz tão alegre e

retumbante, que a | generala que entrava no quarto ouviu-o. || Aurora desceu a toda a pressa e, como | seu marido, estendeu as duas mãos ao | homem da policia, repetindo : || - Finalmente que chegou. || - Sim, senhora, disse Bibi. || - Mas de onde vem ? || - Oh ! de muito longe. || - De Paris ? || - De Paris primeiramente, mas como | lá não me corria bem, puz-me ao fresco. | Si não fosse o 9 thermidor, estava arran- | jado. || - Pobre amigo, disse Aurora, que se | tornou melacolica, lembrando-se do | Terror. || Bibi continuou: || - Bem sabem que lhes fiz um jura- | mento, quando os deixei a ambos : - | << Restituir-lhes-hei a fortuna roubada | por Antonia, disse eu. >> || - Meu pobre amigo, disse o general | com um sorriso, si a trouxesses, olha | que seria alegremente recebida, eu t'ó | juro. || - Ah ! || - A republica deve-nos seis mezes de | soldo, e si não estivessemos em paiz con- | quistado, não sei como viveríamos. || - Ah ! disse Bibi, ainda não posso cum- | prir o meu juramento, mas cumpril-o- | hei. || - Como ? disse Dagoberto em ar de du- | vida. | - Dizem que Antonia está mais pode- | rosa que nunca disse Aurora. || - Não importa ! disse Bibi ; já sei os | vestígios do dinheiro. || - Ora ! como ella o tem, ella lá o as- | berá guardar. || - Si ella o tivesse em seu poder já ha |

muito que eu lh'ó teria filado, por mais | poderosa que fosse. || Dagoberto e Aurora olharam para | Bibi com admiração. || O homem da policia continuou : || - Venho de Vienna d'Austria. || - Bom || - E trago-lhe cartas da sua irmã. || - Ah ! dê cá depressa, disse Aurora, | que já não pensou mais no seu dinheiro. || Bibi tirou do bolso uma carteira es- | farrapada, e da carteira uma ca[r]ta que | entregou a Aurora. || E em quanto a condessa lhe quebra- | va o fecho com anciedade, Bibi prose- | guiou, dirigindo-se a Dagoberto : || - Antonia, a Toinon de outr'ora ?... || - Sim, interrompeu Dagoberto, a ci- | gana, que ha seis annos me predisse que | eu traria um dia vestidos dourados. || - Já sabe então o que eu ia dizer-lhe ! || Antonia é bohemia. || - Muito bem. || - Os bohemios formam na Allemanha | uma tribu numerosa e potente. || - Com effeito ! || - Aos pobres que lêem a buenadicha | pelas ruas, dansan na corda ou repre- | sentam em theatros ambulantes : mas | também os ha ricos que são banqueiros, | usurários e adelos. E ha outros que até | ocupam elevados cargos. || - E esses creio que não têm relações | nenhuma com os outros. || - Pelo contrario, ricos e pobres, to- | dos se dão, têm costumes mysteriosos | senhas e signaes de convenção, praticas, | religiosas singulares, e um chefes occul- | to que os governas na sombra. || - Realmente ! disse Aurora que aca- | bava de lêr a carta da sua irmã, á con- | dessa Joanna de Mazures. || - Até têm um thesouro commum, dis- | se Bibi. || - Ora essa ! disse Dagoberto. || - Esse thesouro accumularam n'ó |

pouco e pouco, atravez dos seculos, e é | para elles como que uma caixa de soc- |orros. Ora quer saber o que fez Anto[-] | nia? lançou nessa caixa commum a som- | ma enorme que roubou á senhora e á | sua irmã, com a condição de a usufruir, ficando depois da sua morte, para o the- | souro commum. || - Estão, pois, perdidas todas as nossas | esperanças, disse Dagoberto. || - Ainda não. || - Os ciganos não restituem nada. || - Talvez.. || - Oh ! és ingenuo de mais, disse Da- | goberto. || - Meu general, os bohemios são hon- | rados Quando souberam que esse di- | nheiro foi roubado... || - Mas como ! exclamou Aurora, en- | tão elles não o sabem ? || - Não, porque Antonia lhes fez crêr | que essa fortuna lhe fôra dada pela prin- | ceza Helena, que se queria vingar da | infidelidade do conde de Mazures, seu | tio. Provou-lh'ó com peças falsas e car- | tas escriptas expressamente. || - E então julga, meu caro Bibi, que | os ciganos restituiriam o dinheiro, si ti- | vessem a prova de que foi roubado? || Julgo, senhora. || - Mas, disse Aurora suspirando, onde | encontrar essa prova ? a condessa de Ma- | zures morreu ; Gretchen, nossa mãe | morreu ; meu pae ... || - Seu pae não morreu, disse Bibi. || - Meu pae não morreu ? || - Não, senhora. || - Ah ! exclamou Aurora commovida, | mas onde está então ? || - Ah ! senhora, disse Bibi, ainda não | chegou a hora de lhe fazer tão dolorosa | confidencia. Não me interrogue hoje... || - Mas ... || - Basta que saiba que seu pae vive, | que se arrepende do passado, e que a | ama. ||

- Continue, meu amigo, disse Aurora, | conseguindo dominar a sua emoção. || - Senhora, prosseguiu Bibi, deve ima- | ginar que com bastante custo pude as- | ber o que Antonia fez do dinheiro. || O thesouro dos bohemios está escon- | dido. || -Em que sitio ? || - Ninguem o sabe ao certo, a não ser | esse, o rei desse povo mysterioso, que | põe á sua disposição sommas immensas.||

- Empresta aos banqueiros e aos reis. || Muitas vezes tem recorrido a elle o | imperador da Austrá ; e a senhora sabe | que o seu primo, conde de Mazures, hoje | marido da sua irmã, é ajudante de ordens | de Sua Magestade. || - E dahi ? || - O imperador póde restituir-lhe a | sua fortuna. || - O rei dos bohemios acreditar-lhe-ha | então na palavra? || - Não. Mas uma simples carta que | provasse que a princeza Helena amava | o conde de Mazures, seu tio, seria | suficiente para edificar o imperador e | destruir a abominável versão de Anto- | [[to]]nia. || - Ah ! disse Aurora, mas eu não te- | nho nenhuma carta desse genero. || - Levei dois mezes, continuou Bibi, | a procurar esse rei dos bohemios. || - Ah ! disse Dagoberto. || - É um personagem invisível Ora | está no fundo da Hungria, ora desce o | Danuvio, ora percorre o norte ou o sul | da Hungria, porque a parte a sua rea- | lesa, ele tem uma profissão. || - Qual é? || - Negociante de pedras preciosas, e | passa por ter os mais bellos diamantes | do mundo. || - Então, disse Dagoberto, o rei não é | esse pobre diabo que eu receio bem que | será fuzilado amanhã? || Bibi estremeceu. ||

Edição 400

PONSON DU TERRAIL [espaço] 24

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XVI || - Que quer dizer, meu general ? per- | guntou elle. || - Ah ! interrompeu Aurora, é uma | historia lamentavel, meu amigo. || - Mas qual? || - Por toda a parte há bohemios, re- | plicou Aurora. || - Sem duvida, senhora, mas o que é? || - Um pobre diabo que pretende per- | tencer a essa raça, viajava a noite pas- | sada, em companhia de sua filha, pela | estrada de Mayence a Coblentz. || - Bem ! || - Era bonita a filha ; elles iam cança- | dos, cheios de fome ; entraram em uma | hospedaria da villa, onde os açoitam por | caridade, quando chegam uns soldados | com um official. Esse official é um mi- | serável que quer deshonnar a pequena | bohemia ; o pae toma uma faca e mata-o. | - E depois? disse Bibi. || - Depois pega na filha nos braços, foge | e chega a Coblentz, onde é preso. || - E vão fuzilal-o ? || - Assim o receio, disse Dagoberto. || - Mas isso depende do general. || - De mim não, mas de Pichegru, que | esta em Mayence, para onde eu mandei | um judeu chamado Samuel Job. || - E esse judeu ?... || - Esse judeu diz que fez um grande | favor a Pichegru. || - Ah ! || - E partiu convencido de obter o per- | dão de Munito. || - Munito ! exclamou Bibi. || - Sim, é o nome delle. || - Mas também é o nome desse rei dos |

bohemios que eu ha tanto tempo procu- | ro inutilmente. || Dagoberto começou a rir, e disse : || - Meu amigo, este é um pobre diabo | que não tem thesouros nem diamante || - Esta coberto de farrapos, dise Au- | rora. || - É o mesmo, disse Bibi. desejava | vê-lo [.]. É possível, meu general ? || - Com certeza. || - E póde tambem vêr a filha, disse | Aurora. || - Onde esta ella ? || - Aqui mesmo. || - Aqui ! || - Sim, disse Aurora, recolhi-a ; e, | succeda o que succeder, espero obter o | perdão de seu pae || E a condessa Aurora fallando assim, | dirigiu-se ao seu quarto, dizendo : || - Móina ! Móina ! vêm, minha filha ! || A pequena bohemia correu, e Bibi não | pode reprimir um gesto de admiração ao | vê-la, tão formosa era ella ! ... || [espaço] XVII [espaço] || Bibi, vendo Móina, pôde deixar de ex- | perimentar a impressão de duvida que | tinha experimentado Dagoberto e Au- | rora. || Effectivamente a pobre menina esta- | va vestida tão pobrememente que era im- | possível admitir que ella fosse a filha | de um

homem que possuía milhões. Com [-]tudo. Bibi disse-lhe : || - Como se chama ? minha filha. || - Móina, respondeu ella. || - E seu pae? || - Chama-se Munito. || - De que terra é ? || - Da Hungria, senhor. || Bibi olhou para ella mais attentamen- | te ainda. || - E seu pae não é negociante de dia- | mantes ? || Móina estremeceu ; mas era descon- | fiada por instincto e pensou que por | uma palavra imprudente poderia acabar | de perder seu pae. ||

- Não, senhor, disse ella. || - Então seu pae não é o rei dos bohe- | mios? || Ella começou a rir, e disse: || - Si meu pae fosse rei, então eu seria | princeza, e as princezas não andam des- | calças. || - Minha filha, disse Aurora, creia que | é para interesse de seu pae que lhe fa- | zem essas perguntas. || Móina, porém, continuava a descon- | fiar de Bibi, que não pensava no grande | olhar investigador que tinha conserva- | do, desde a sua antiga profissão de ho- | mem da policia. || Móina, pois, conservou-se em pruden- | te silencio, ignorando que a salvação de | seu pae dependia talvez da franqueza de | suas confissões. || Bibi comtudo notára-lhe um leve es- | tremecimento. || - Ella não falla verdade ! pensou elle. || Quis ficar só com Dagoberto e deixou a | condessa levar Móina. || Depois disse ao general : || - Eu desejava ver o prisioneiro. || - Para que ? disse Dagoberto. || - Para me certificar si elle é o ver- | dadeiro Munito. || doberto começou a rir, e disse : || - Pois ainda não estás convencido ? || - Ainda não meu general. || - Mas tu ouviste a filha ... || - A filha mente. || - Que idea ! || - É como tenho a honra de lh'ó dizer. | Acredite-me : eu não pertenci vinte an- | nos a policia, sem conhecer bem meu | officio. Leio no fundo das almas. || - E cuidas que, si essa criança sou- | besse que era rico e tinha o poder de | que ha pouco fallaste, não o diria logo, | com a esperança de o poder salvar? || - Não. || - Mas eu penso o contrario. || - Engana-se general, ou antes, não | conhece o character bohemio, que é es- | sencialmente mysterioso. O que um bo- |

hemio rico esconde mais cuidadosamen- | te é a sua fortuna. || - Ora essa ! || - Juro lhe que tenho agora a convic- | ção de que Munito é quem eu procuro. || - Pódes certificar-te d'isso. || - Como ? || - Indo vê-lo || O general puxou do relógio. || - São nove horas da manhã apenas, | disse elle ; só ao meio dia comparecerá | elle no conselho de guerra. || - E poderei entrar na prisão. || - Sem duvida, com uma ordem minha. || O general chamou o joven tenente, seu | ajudante de ordens, e disse-lhe algumas | palavras. || - Venha commigo, disse este ao pae | Bibi. || Bibi pôz as lunetas e seguiu o official. || A cadeira era um antigo convento, si- | tuado na margem do Rheno, e que os | francezes tinham apressadamente posto | em estado de receber presos. || Tinham lançado para alli confusamen- | te prisioneiros de guerra, espiões sur- | prendidos em flagrante delicto e al- | guns soldados condemnados a penas dis- | ciplinares. || Mas, como prenderam mUnito, antes | de ser dia, metteram-n'ó em um quar- | to. ||

Bibi ahi o encontrou sentado ao pé da | janella, guarnecida de grossos varões de | ferro. || O homem da policia pediu ao joven of- | ficial que o deixasse sósinho com o bo- | hemio. || Munito olhou para aquelle homem que | assim entrava na sua prisão e que elle | via pela primeira vez. || Suppoz até que era algum juiz encar- | regado de o interrogar. || Bibi, porém fez um signal mysterioso | e Munito estremeceu. || Como homem da policia Bibi sabia | de tudo. ||

Enquanto estivera em Vienna fizera- | se filiar nos francos-mações. || Ora muitos bohemios são franco-ma- | coes, e , si Munito era realmente quem | Bibi procurava, devia fazer parte da- | quella seita, || Munito respondeu com signal idêntico. || Então Bibi disse : || - Vejo que somos irmãos. || - É verdade, disse o bohemio. || - Alem d'isso sou teu amigo. || - Ah ! || - E, si eu venho aqui, é para te sal- | var. || Munito abriu um sorriso triste e de | esperança ao mesmo tempo. || - Não tenho medo da morte, disse elle. || - E verdade, mas farás todo o possi- | vel para viveres. Primeira mente por | causa da tua filha, que eu acabo agora | mesmo de deixar. || - Viste minha filha ! disse elle. || - Sem duvida. || -Então vindes da casa de

Samuel Job? || - Não porque Samuel Job saiu de Co- | blentz. || - Saiu ! Samuel ! exclamou o bohemio. || - Saiu. || - E minha filha ! minha filha ? que é | feito d'ella ? || - Descança; confiou-a a uma nobre e | bella senhora, a mulher do general Da- | goberto, que cuidará d'ella, como si fos- | se sua filha. || - É ao menos verdade o que me dizes? | disse o pobre pai tremendo todo. || - Juro-t'ó em nome da associação de | que fazemos parte e que nos faz irmãos. || - Mas porque partiu Samuel ? | - Foi a Mayence por tua causa. || - Por minha causa? || - Sim, porque o general Pichegru, a | quem elle vae pedir o teu perdão, não | está em Coblentz. || Livida pallidez se espelhou no rosto | de Munito ||

Edição 401

PONSON DU TERRAIL [espaço] 25

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XVII || - Ah ! disse elle, cobrindo a fronte, | com as duas mãos, si o general partiu, | estou perdido. || - Ainda não, disse Bibi, porque ha ou- | tro general que se interessa por ti. || Munito olhou para Bibi com ar de du- | vida. || - É aquelle cuja mulher recolheu tua | filha. || - E que poderá esse homem fazer por | mim ? || - Elle é quem commanda na ausência | do general Pichegru. || - E perdoar me -ha ? || - Não, mas faz suspender a tua exe- | cução até que Samuel Job volte de | Mayence, nde espera encontrar Piche- | gru. || - Ah ! isso é diferente, disse Munito. || E pareceu-lhe voltar-lhe a esperança. | que o tinha abandonado. || - Então, disse elle, esse general é quem | te manda aqui ? || - Sim e não. || Munito pareceu não comprehender. || - Obtive d'elle a paermissão de te vis- | tar, prosseguiu Bibi ; eu é que precisava | de te ver. || - Vós ? || - Sim, eu, Ha muito tempo que te | procuro. || Munito fez um novo gesto de espanto. || - Ha dois mezes que te procuro, re- | plicou Bibi. || - Mas eu não vos conheço. || - Tu chamas-te Munito. || - É verdade. || - E és o rei dos bohemios. ||

Munito sorriu. || - Porque caçoaes commigo? disse elle. || Bibi não desanimou. || - Ouve-me. Tu contas com o teu per- | dão, e talvez que tenhas razão, porque | parece que Samuel tem grande influen- | cia em Pichegru ; mas talvez que tu pos- | sás enganar-te. || - Oh ! disse o bohemio, com um sor- | riso. || - E então só ha um homem que te póde | salvar. || - E esse... homem? || - Sou eu. || - Vós ! || - Acredita em mim, si és sincero, con- | Fe-as-me que tu és effectivamente Muni- | to o rei dos bohemios, o negociante de | diamantes e pedras preciosas, o guarda | de um thesouro mysterioso, e a minha | cabeça responderá pela tua vida. || Mas Munito não cedeu. || - E, si eu fosse o homem que vós di- | zeis. que interesse teríeis em me salvar? || - Queres sabel-o ? || - Quero. || Bibi aproximou-se da janella e atra- | vez das grades de ferro olhou para o Rhe- | no que ruidosamente corria junto da cadeia. || - Que fazeis ? perguntou Munito. || - Vou vêr si poderei cumprir a mi- | nha promessa. || - Ah ! || - E agora ouve-me. || - Fallae, dis[s]e Munito. || E o bohemio atirou a Bibi um olhar | mais curioso que inquieto. || [espaço]XVIII[espaço]|| Bibi fallava allemão, uma lingua que | os soldados francezes não entendiam na- | na. || Comtudo podia bem ser que alguém | espreitasse á porta da prisão. || O homem da policia fez primeiramen- | te esta reflexão ; depois fez uma outra |

ainda, e era que só servindo-se do pro- | prio idioma é que podia ganhar a con- | fiança do bohemio. || Este ficou admiradissimo de ouvir o | pae Bibi, esse homem tão desconhecido | para elle, dirigir-lhe a palavra em hun- | garo. || Bibi disse : || - Supponhamos, pois, que és o rei dos | bohemios. || - Muito bem, disse Munito. || - És o guarda de um thesouro que | pertence em commum a todas as pessoas | da tua tribu. || - O thesouro existe effectivamente, | respondeu Munito. || - Esse thesouro augmentou por uma | fortuna consideravel que te confiou uma | mulher. || - Ah ! tu sabes isso ? disse

Munito, | que repentinamente sahiu da sua extre- | ma reserva. || - Sei isto e outras cousas mais. || - E depois ? || - Tornaste-te depositario dessa som- | ma, sob a condição de servires fielmente | os interesses dessa mulher, durante a | sua vida. Depois da sua morte, pertenc- | er-vos-ha o capital. || - Isso é poerfeitamente verdadeiro. | Pois bem, é essa mulher que te envia | aqui? || - Não. || - Então porque te interessas por mim ? || - Porque me interesse por esse di- | nheiro. || - Sim ? || - Sabes que foi roubado esse dinheiro | que recebeste ? || - Enganas-te, meu paesinho, disse o | bohemio, servindo-se de uma pharase tão | familiar aos da sua raça ; si esse dinhei- | ro fosse roubado, nós não o teriamos ac- | ceitado. || - Ah ! realmente ? || - Tu não conheces os bohemios. Elles | abominam o roubo. ||

- Nem todos, porque essa mulher é | uma bohemia. || - Sem duvida. || - Chama-se Antonia. || - É esse o nome della. || - E ella roubou esse dinheiro. || Munito abanou a cabeça com um ar incrédulo. || - Meu paseinho, disse elle, tenho a | vida na mesma conta em que a têm todos | os homens, e Mao minha filha Móina o | mais possível. Si eu morrer, minha fi- | lha ficará só no mundo. Pois bem, ouve- | me agora tu : Si julgas que Munito pa- | ra salvar a vida, se separaria de um di- | nheiro que lhe confiaram, enganas-te. | Manda vir os meus juizes, chama os | meus carrascos, que eu estou prompto. || Bibi não perdeu o sangue frio. || - Paesinho, disse elle também, ouve- | me. Si eu te provar que Antonia rou- | bou esse dinheiro, restituil-o-has? || - Com certeza. || - Pois bem ! provar-t'ó-hei. || - Realmente ? || - Vamos começar por te salvar. || - Slava-me, si quiseses, mas na cer- | teza de que só terás o dinheiro, quando | eu tiver na mão a prova de que me fal- | las. || - Nem de outro modo o quero. || E Bibi aproximou-se novamente da | janella. || Os varões eram contornados e formavam uma especie de barriga para fóra ; | e esta disposição particular permittia | olhar verticalmente para o rio. || Bibi media a distancia, que não era | de mais de cem pés. || Depois voltou a Munito. || - Ouve-me ainda ; juras-me, sob tua | palavra, que me darás o dinheiro, si eu | te apresentar a prova de que fallei ver- | dade ? || - Juro, disse o bohemio. || - Então fallemos da tua salvação.||

- Já t'ó dissipaesinho, que Pichegru | me perdoará. || - E, si elle recusar o perdão ! || - Não recusa. || - Emfim, disse Bibi, é preciso prever | tudo. Pichegru já não esta talvez em | Coblentz. || - Munito estremeceu. || - Então não sei como poderá salvar- | me. || Bibi rio e disse: || - Imagina que tens amigos em Co- | blentz. || - Bom ! || - Que te dão [mancha] a lima para limares os | ferros da tua prisão. || - E depois ? || - Que te provam uma esada de | corda e que com ella desces ao Rheno. || - Onde me afojo porque eu não sei | nadar, disse Munito. || - Imagina também que tens amigos | que te procuram um barco. || - Ah ! isso é diferente. || - E que te esperam em baixo. || - Imaginas muitas, cousas, disse o bo- | hemio, com um sorriso triste. || - Tenho cá minhas razões para isso. || - E, fallando assim, Bibi tirou do bol- | so uma pequena lima, que entregou ao | bohemio admirado. || - Vae escondendo isso no teu gibão | disse elle, e lembra-te de uma proverbio | que diz : <<Ajuda-te que Deus te ajuda- | rá.>> || - Mas si me surpreendem a limar os | ferros... ? || - Aconselho-te que não pricipies a | limal-os antes de anoitecer. || - Primeramente hão de vir buscar [dobra] | para ires ao conselho de guerra. || - E serei condemnado ? || - E's mas ainda assim não serás fu- | zilado antes da madrugada de amanhã. || - Mas a corda ? || - Descança, eu virei esta noite. ||

Edição 402

PONSON DU TERRAIL [espaço] 26

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XVIII || E Bibi deixou o prisioneiro, indo á | casa do general Dagoberto. || - Então ? lhe perguntou o general. || - Nada feito ! respondeu Bibi não pu- | de obter nada d'elle. || - Não é o rei dos bohemios ? || - Não sei ; mas sabel-o hei esta noite. || - Como ? || - Meu general, disse Bibi, que tinha | as suas razões para não se abrir com | Dagoberto, não póde recusar-me nada, | não é assim ? || - Nada no limite da minha conscien- | cia e dos meus deveres, respondeu Da- | goberto. || - Também não lhe pedirei nada que | vá de encontro ao seus deveres e me per- | turbe a sua consciencia, meu general. || - Então falle. || - Succeda o que succeder, não fuzila- | rão o bohemio antes de amanhã pela ma- | nhã, não é assim ? || - Dei a minha palavra a Samuel Job, | disse Dagoberto, e é preciso esperar que | elle venha. || - Muito bem, meu general. Não per- | mitte ir outra vez vêr o bohemio esta | noite ? || - Não vejo nisso inconveniente algum. || - É tudo o que eu lhe queria pedir. || - E Bibi subiu aos aposentos de Aurora. || A condessa procurara a Móina vesti- | dos convenientes, e era tão affectuosa | para ella, que a pobre criança começa- | va a ter esperança da boa sorte de seu | pae. || Entretanto ao ver entrar Bibi, olhou-o | com anciedade. Bibi sorria. ||

- Não esteja triste, menina, disse elle, | seu pae viverá. || - Oh ! falla a verdade senhor ? disse | ella juntando as mãos. || - Não prometto nunca sem cumprir. || E Bibi olhou para Aurora, que lhe dis- | se : || - Está certo de que Pichegru lhe per- | doará ? || - Não, senhora. || - Então consegui vencer o meu ma- | rido ? || - Também não. || E Bibi dando estas respostas descon- | soladoras, não perdia nada do seu soce- | GO. || - Mas então ? ... disse a condessa in- | quieta. || - Senhora, disse Bibi, jura-me uma | cousa. || - Falle... || - Jura – me não pedir o perdão do bo- | hemio ao general ? || - Mas porque ? || - A salvação d'elle depende disso. || - Seja, disse Aurora que confiava no | espírito engenhoso de Bibi. || Depois accrescentou : || - Eu não estou no serviço da republi- | ca franceza, e não me propuz abandonar | os que ella persegue. || Bibi fallava agora em francez, uma | língua que Móina não comprhendia, de | fórmula que ella não entendia o que dizia | a condessa e o homem da policia. || - Senhora, replicou Bibi, quando fui | á cadeia vêr esse pobre diabo... || - É o rei dos bohemios ? ... || - Não, disse Bibi. || - Continue, disse Aurora. || - Dizia eu que quando gha pouco fui | á cadeia, dei uma volta com o tenente | ajudante de ordens do general. || - Um gentil moço, disse ella. || - E elle deu-me algumas informações | sobre o modo como a senhora passa o | tempo em Coblentz. || - Ah ! ah ! disse Aurora, sorrindo.

- Parece que a senhora adora os pas- | seios pelo rio. || - É verdade, e todas as tardes, depois | do jantar, a menos que o tempo não es- | teja frio, vamos navegar uma ou duas | léguas, pelo luar, respondeu a condessa. || - Fez-me um juramento ha pouco, | senhora ; quer agora fazer-me um pe- | queno favor ? || - Com todo o gosto, meu caro Bibi. || - Tenho de dar um passeio esta noite. || - Pelo Rheno ? || - Sim, senhora. Quero visitar um | meu amigo que mora na margem direi- | ta, defronte da cidade. || - Eu mesmo o levarei lá, disse Aurora. || - Eu não ousava pedir-lh'ó, mas ac- | ceito, respondeu Bibi. || E deu um passo para se retirar || - Agora, concluiu elle, vou dar um | giro pela cidade. || E sahiu. || [espaço] XIX [espaço] || Bibi dirigia voluntariamente monolo- | gos a si mesmo. || Era um costume que elle, contrahira, | em viver spo a maior parte do tempo. || Ora, quando Bibi sahiu da casa de Da- | goberto, disse de si para si: || - A condesa não suspeita que eu a vá | fazer cúmplice da evasão do bohemio, e | estimo que só o saiba no ultimo momen- | to. Essas pessoas são tão honestas que | se interessariam menos por Munito, | quando soubessem que elle tem uma du- | zia de milhões a dar-lhes. || Além de que Munito conta sempre | com Pichegru e eu não. || Porque ? || Ninguem o adivinharia, mas o pa Bi- | bi bem sabe o que ha de fazer. || Bibi fez uma pausa. Depois, conti- | nuando a caminhar dirigiu-se a uma | hospedaria, a uma gastauss, como di- | zem na Allemanha. || Desde que chegara ainda não tinha co- | mido nem bebido. Mandou servir-se de | almoço, pediu um quarto, barbeou-se, |

mudou de roupa branca e abriu a car- | teira. || - Passaram-me a letra sobre um ban- | queiro de Coblenz, disse elle. Vejamos. || E tirando a letra que era de duzentos | thalers, deu um grito de surpresa. || A letra era pagável em casa do judeu | Samuel Job. || - Que diabo ! disse elle, pois eu não | reparei neste nome ? || Samuel Job estava em Mayence, se- | gundo lhe disseram de manhã em casa | do general Dagoberto. || Bibi, porém, pensou que o judeu te- | ria alguém em casa d'elle, um emprega- | do, um caixeiro, talvez uma mulher, que | na sua ausência fizesse as honras da ca- | las ; perguntou pela morada de Samuel | Job e foi lá. || A casa estava fechada. || Quando batia pela terceira vez, abriu- | se uma janella da casa visinha, e uma | velha disse-lhe em allemão : || - Samuel não esta lá. || - E não esta ninguem em casa ? || - Nada, elle não tem mulher nem fi- | lhos. || - Ah ! disse Bibi, que se lembrou de- | sapontado que só possuia alguns thalers. | Esperarei até amanhã, disse elle pen- | sando que Dagoberto afinal estava promp- | to para tudo . || De manhã tinham visto Bibi, a pas- | sear por Coblenz com o ajudante do ge- | neral ; e supposto a cara d'elle não in- | culcasse, espalhara-se que era pessoa de | importância. || Encontrou capitão Bernin que de manhã o mandara prender e conduzir | por um soldado á casa do general. || O capitão ccomprimentou-o e Bibi cor- respondeu com amenidade. || Depois o bom do homem continuou a caminhar e entrou em caa de um cor- | doeiro. || Comprou uma corda de comprimento | de 73 pés, a maior que pôde achar. || - Bah ! disse elle, si a corta é curta, |

o nosso homem dará um banho no Rhe- | no ; nós o pescaremos. || E levou a corda á hospedaria. || Ahi fechou-se no quarto, despiu-se e | envolveu a corda á cinta. || - Isto vale mais que Pichegru. || Depois esperou a noite com impacien- | cia. Durante este tempo Munito tinha | comparecido diante de seus juizes, e fôra | condemnado á morte, por unanimidade. || Bibi que tinha uma ordem escripta | por Dagoberto, foi á cadeia, e obteve | como de manhã, o favor de conferenciar | com o prisioneiro. || - Paesinho, lhe disse elle, precisas | de tres horas para limares os teus fer- | ros. || - Trazes-me a corda? ||- Trago. || - Bibi tirou o gibão e o collete, desem- | baraçou-se da corda e mettu-a debaixo | da cama do prisioneiro. || - Agora mãos á obra, e nada de per- | der tempo. || - E quando os varões estiverem lima- | dos ?... || Amarras a corda e esperas que te chege aos ouvidos o barulho dos remos, Fe- | rindo a agua. || - E então ? || - Então estás com o ouvido alerta ; e, | si ouvires um assovio, deixas-te escor- | regar pela corda; eu não sei si ella será | comprida, mas deixas-te cahir, quando | chegares á extremidade. Nada receies ;; | nós te agarraremos ; tudo está combina- | do e prompto. || - Mas, si Pichegru me perdoar ? || Bibi agitou os hombros. || - Ouve, disse elle, eu sei tudo ; ou an- | tes adivinhei tudo. Si tu tivesses vindo | a Coblenz para negócios teus, viajarias | com as commodidades e o apparatus de um | homem da tua fortuna ? || - Ah ! disse o bohemio olhando pene- | trantemente para Bibi. ||

Edição 403

PONSON DU TERRAIL [espaço] 27

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XIX || - Estou certo de que eras portador de | uma carta para o general Pichegru. || - Acreditas? || - Tinhas esperanças nessa carta, que | encarregaste a Samuel Job de levar. || - Depois ? disse o bohemio que não | negou inteiramente. || - Pichegru é um grande homem no | campo de batalha; mas fôra dahi é in- | constante. Hoje serve a republica, ama- | nhã pensa em trahil-a. || - Então ? || - Então ! supponhamos que Samuel | Job o acha fiel a republica. || - Oh ! disse Munito com ar de duvida. || - Responderá mandando fuzilar-te, | depois de aniquilar a carta que tu lhe | trazias. || -É verdade mas, si elle aceita o | que eu lhe proponho?! ||- Mada fuzilar-te do mesmo modo. || - Porque? || - Porque tem uma testemunha

de me- | nos da sua traição. || - És judicioso, paesinho ; e póde mui- | to bem ser que tenhas razão. || - Por tanto, lima os teus ferros e tra- | ta de te salvares tu. || - Mas... minha filha... || - Ora, a tua filha enconral-a-has no | barco. || - Adeus ! || - E Bibi sahiu apressadamente, por não | querer despertar suspeitas. Eram sete horas da noite. || Tinha só duas horas portanto, para ir | ter com a condessa Aurora e metter-se |

com ella no barco, que devia salvar o | bohemio. || Bibi, tomando a rua principal, diri- | giu-se para a porta de Mayence. || Queria dar uma volta para fora da ci- | dade, e tomar disposições relativas ao | plano de evasão. || Deixaram-n'ó sahir. || Na estrada ouviu elle ao longe o ga- | llope de um cavallo. || - Oh ! oh ! será já Samuel que volta? || disse elle. || E foi ao encontro desse cavalleiro que | ainda não avistava. || Um pouco antes da porta da cidade | havia um casa isolada, á beira da es- | trada. Tinha ella sido o theatro de um | recente combate, e estava abandonada. || Bibi escondeu-se na porta ; o cavallei- | ro chegava a toda a brida. || Quando só estava a vinte passos de | distancia, Bibi gritou-lhe: || - Alto ! || - Que quer ? perguntou o cavalleiro, | parando de subito. || - Sois Samuel Job? || - Sou. || - Então, disse Bibi atravessando-se | resolutamente no caminho, não passareis | sem me fallar. || - Quem sois? disse o judeu. || - Um homem que traz contra vós uma | letra de duzentos thalers. || - Vinde amanhã, que eu pagarei ; ho- | jê levo muita pressa. || Bibi, porém deitou-lhe a mão á redea | do cavallo. || - Ouvir-me heis hoje, disse elle, por- | que se trata da vida do bohemio Munito. || - Quem falla ahi de Munito ? interpel- | lou Samuel. || - Eu. || - Conheceil-o pois ? || - Sou seu amigo e quero salvá-lo. || Havia tal autoridade na voz de Bibi | que Samuel não pôde passar adiante. || - Então quem sois vós? ||

- Um homem que sabe o que continha | á mensagem que vós levaste a Pichegru. || - Ah ! sabeis isso?... || - Sei. Trazeis o perdão de Munito ? || - Assim o creio. || - Como ! não tendes a certeza? || - Trago uma mensagem fechada para | o general Dagoberto. || - Pois bem ! disse friamente Bibi, | aposto a minha cabeça contra os duzen- | tos thalers que me deveis, em como nes- | sas mensagem vem a ordem pura e sim- | ples de mandar fuzilar Munito. || - É impossivel ! exclamou o judeu. || - Juro-o. || - Ah ! || E o judeu tirou a mensagem do bolso. || Bibi deitou-lhe as mãos. || - Que fazeis ? disse Samuel. || - Assegurar-me da verdade de minhas | palavras. || Já dissemos que fazia um luar claro | como o dia || - Mas desgraçado, disse Samuel, isso | é uma mensagem fechada. || - Não importa ! abra-se. || - E diante de Samuel Job quebrou o sel- | lo da mensagem. || Continha ella estas duas linhas ape- | nas. || <<Meu caro general. || << Quando receber esta, mande fuzilar, | mesmo de noite, o homem que assassi- | nou o tenente Dachin || [espaço] PICHEGRU.>> || - Então ? que vos dizia eu ? || Samuel sentiu arrepiarem-se-lhe os cabellos. || [espaço] XX [espaço] || Samuel olhava para Bibi com uma es- | pecie de stupor. || - Mas quem sois vós, que adivinhaes | assim as cousas ? disse ele emfim. || - Chamo-me Bibi, respondeu o homem | da policia ; sou francez, e interesse-me | tant e mais que vós talvez por Munito, | rei dos bohemios. ||

Samuel recuou ainda. || - Agora, proseguiu Bibi, conversemos | bem e depresa, porque não temos tem- | po a perder. || Samuel Job estava aterrado. || - Supponhamos, continuou Bibi, que | eu não vos tinha encontrado. || - E dahi ? || - Entraveis na cidade e ieis a toda | a pressa á casa do general Dagoberto. || - Isso é verdade. || - Entregaveis-lhe a mensagem de Pi- | chegru ; persuadido de que continha o | perdão de Munito, e o general, forçado | a obedecer, nem mesmo esperava para | amanhã de manhã o fuzilamento do po- | bre diabo no pateo da prisão. || - Ai ! murmurou o judeu, algumas | horas mais cedo ou mais tarde !... || - Dentro de algumas horas Munito | será salvo ! || - Hein ? que dizeis ? || - A verdade, meu caro *senhor* Samuel. || - Oh ! disse o judeu olhando anciosa- | mente para Bibi. || - Mas para isso, disse Bibi, é preciso | que vós não entrei em Coblenz. O ge- | neral ordenou que vos levassem á pré- | sença dele, logo que transpaeosseis as | portas da cidade. || - Passarei antes a noite no

fosso da | fortaleza, disse Samuel. || - Não ; é reciso ajudar-me a salvar | Munito. || - Mas então como esperaes vós sal- | Val-o! || - Recebendo-o em um barco. || - Então elle está livre ? || - Não, está na cadeia. Mas metteram- | n'ó em um quarto que dá para o Rheno. || - Ah ! || - E o general permittiu-me chegar | junto delle. || - E depois ? || - Entreguei-lhe uma lima e uma cor- | da. A esta hora já ele está a limar os | varões da prisão ; e graças á corda, dei- |

xar-se-ha escorregar até o Rheno, e nós | o recolheremos em um barco. || Samuel Job sacudia a cabeça. || - Ah ! o vosso plano, tão simples na | apparencia, é impossível de realizar. || - Porque ? || - Porque, desde que os francezes estão | senhores da cidade, prohibiram toda a | navegação de noite pelo Rheno. || O barco que ousasse passar ao alcance | dos canhões dos fortes seria abysmado | immediatamente. || - Enganae-vos, disse BIBI SORRINDO. || - Ah ! não. || - Ha um barco que passa ao alcance | dos canhões dos fortes, todas as noites, | tão livremente, como nós passeamos por | esta estrada. || - Sim, ha um, disse Samuel. || - Então já vedes. || - Mas é o da condessa Aurora. || - Exactamente, e com esse barco é | que nós salvaremos Munito. || Samuel teve um gesto de que queria di- | zer : || - Ora isso é que eu não comprehendo. || - Mas Bibi continuando a sorrir, disse : || - Sabieis que a generala se interessa | por Munito ? || - Sem duvida, mas ella não forçará o | marido... || - O general não sabe nada. || - Esta bom ! || - E ella também não. || - Então, como quereis vós... ? || Bibi tirou o relógio do bolso. || - Seis horas dadas. Meu caro Samuel | não tenho verdadeiramente o tempo ne- | cessario para dar explicações. || - Quando estivermos no barco... || - Então eu devo ir convosco ? || - Sem duvida. | - Mas então é preciso que eu entre na cidade. || - Agora. ||

Edição 404

PONSON DU TERRAIL [espaço] 28

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XX || E Bibi estendeu a mão para a margem | direita do rio. || - Vedes aquella casa lá no alto ? || - Vejo, é uma residencia de estio, des- | habitada no inverno. || - Pouco importa. Descei o rio e to- | mai-a como ponto de espera, collocan- | do-vos defronte. || - Muito bem. || - Quando o barco subir o rio, levan- | tai-vos nos bicos dos pés, para que nós | vos vejamos, que la iremos buscar-vos. || - E daqui ha quantas horas vireis? || - Entre as onze e a meia noite. || - Sabeis nadar ? || - Sei. || - Sabeis guiar um barco ? || - Fui remador na minha mocidade. || - Então tudo é por nós. || - Mas, disse ainda Samuel, o general | tem dois allemães ao seu serviço, que | guiam o barco. || - Tem ; mas os allemães voltarão a | Coblantz, emquanto que vós partireis | com Munito e com a filha para a Hollan- | da. || - Ah ! a filha tambem estará no bar- | co ? || - Também. Adeus. || E Bibi apertou a mão a Samuel ; quan- | do o ia deixar, disse-lhe : || - Dae-me o despaço de Pichegru. || - Para que ? || - Vereis... depressa ! || E Bibi voltou á cidade, e as portas | abriram-se-lhe logo, porque Coblantz | conhecia-o agora como um antigo ami- | go do general Dagoberto. ||

Metteu o despacho ao bolso e foi a ca- | as do general. || Dagoberto estava no quarto, e traba- | lhava, quando Bibi chegou. || - Olá, disse elle, viste esse pobre dia- | bo ? || - Vi, meu general. || E Bibi accrescentou com indifferença : || - Illudi-me. || - Como assim ? || - Elle é bohemio, e chama-se Muni- | to... || - Mas não tem relação alguma com o | rei dos bohemios ? || - Nenhuma, desgraçadamente para | elle, e felizmente para o general. || - Hum, espero ainda que Pichegru lhe | perdoe. || - Tambem eu, disse Bibi; mas não nos | devemos fiar nisso. || - Pobre diabo ! || - Ora adeus, meu general, eu também | sou sensível ; mas emfim, logo que esse | não é o homem de que nós suppunha- | mos, devemos resignar-nos a uma des-

|graça, caso ella succeda. || - A filha, é que me interessa, disse Da- | goberto ; si eu fôr obrigado a fuzilar o | pae, quero que minha mulher a adopte. || - Mas a proposito de minha mulher, | que singular Idea tem ella ! tu queres | ir passear pelo Rheno ? || - Quero, meu general. || - Esta noite ? || - Já. || - Com este frio ? || Bibi fez um signal affirmativo com a | cabeça. || - E queres que minha mulher te | acompanhe? || - Quero. || - Porque ? || Bibi tomou um ar mysterioso. || - Não lhe disse já esta manhã que | protestei fazer dançar Antonia ? || - Sim, mas que relação... ? || - Espere general, e siga o meu ra- | ciocinio. ||

- Falla. || - Do outro lado do Rheno ha uma es- | pecie de mansarda. || - Bom ! || - Mora ahi uma velha, segundo as in- | formações que hoje mesmo me deram em | Coblantz. || - E essa mulher ? ... || - Conheceu Antonia. || - Ah ! || - E também conheceu Gretchen, a | mãe de Aurora ; póde, pois, dar-nos in- | formações de summa importância. || - Está bom, disse Dagoberto, mas fa [-] | rias melhor si fosses lá antes amanhã de | manhã, do que esta noite. || - Amanhã será tarde. || - Porque? || - Porque espero sair de Coblantz ao | amanhecer || - E onde vaes tu ? || - Tratar dos seus negócios, general. || - És singular, Bibi. || - Serei, disse Bibi ; e convenho que | outr'ora não prestava para nada; | agora, porém, arrependi-me, e trato de | fazer tanto bem, como outr'ora pratica- | va ardentemente o mal. || - Bom ; vae procurar a condessa e faz | o que quizeres. || - Ah general, é provável que não vos | torne a ver. || - Como ? pois partes sem me dizeres | adeus ? || - Isso depende do que me diser a vê- | lha. || - Mas tornamo-nos a ver... || - Em breve assim o espero. Adeus | general. || Dagoberto apertou as mãos de Bibi, e , | enquanto que este subia aos quartos da | condessa Aurora, o general inclinou-se | outra vez sobre um mappa das margens | do Rheno, no qual pregava successiva- | mente alfinetes de cabeça preta, verde | ou vermelha. || Bibi dizia comsigo, ao entrar no quar- | to da condessa: ||

- Acabo de pregar pêta sobre peta a | esse pobre general. Si eu, porém, lhe | dissesse a verdade elle julgaria de sua | honra vigiar-me, mudar Munito de pri- | são, e fuzilar-me o mais depressa possi- | vel. Na vida pratica, os caracteres ca- | valheirescos, são as vezes bem exquisi- | tos... || E Bibi subiu nos aposentos de Aurora, | que conservava ao seu lado Móina, a | filha do bohemio || [espaço] XXI [espaço] || Aurora nada recusava a Bibi, ao ho- | mem que lhe fizera tantos serviços. || Entretanto, quando Bibi partiu, ella | também reflectiu, como Dagoberto, que | elle podia adiar para o dia seguinte a | visita que queria fazer a um amigo, na | outra margem do Rheno. || Dilla ella ao vê-lo entrar : ||- Espero que refletisse, meu amigo. || - Em que ? || - Em que faz frio, e que portanto me | vem dar as boas noites antes de se dei- | tar porque supponho que lhe deram um | quarto cá em casa. || - Mas, senhora, eu de fórmula alguma | renunciei á nossa excursão. || - Que exquisitece ! || - Não gracejo nunca, senhora, e para | prova, vou repetir-lhe o que ha um mi- | nuto disse ao general. || - Vejamos ! disse Aurora admirada. ||- Jurei entregar-lhe a sua fortuna ; | espero cumprir a minha promessa. Mas | é preciso que a senhora me ajude. || Aurora olhou com espanto para Bibi. || - Deciddidamente, meu amigo, não o | comprehendo. || - Porque? senhora. || - Que relação ha entre o amigo que | quer visitar em plenta noite nas mar- | gens do Rheno, e a fortuna que me rou- | baram ? || - Confia em mim ? senhora condessa. || - Absolutamente, meu amigo. || - Si eu lhe jurar que esse passeio tem |

relação com os meus projectos, acredi- | ta-me? || - Acredito. || - E que é preciso que venha commi- | go ? || - Irei. || Aurora olhou ternamente para Móina | e disse: || - D=a-me tempo de eu levar esta meni- | na ao seu quarto, que venho já ? || - Senhora, vou pedir-lhe outro favor, | que ha de achar exquisito || - Qual é? || - Leve comsigo a pequena bohemia. || - O enigma complica-se cada vez mais | disse Aurora. || - Basta que a senhora saiva, que | obrando assim, mysteriosamente, me oc- | cupo dos seus negocios. || Aurora não insistiu. || - Farei como quizer, disse ella. || Depois dirigiu-se a Móina, em lingua | allemã. || - Queres acompanhar-me, minha fi- | lha ? || - Oh ! irei com a senhora até o fim | do mundo, porque

tenho fé em si, que | salvará meu pae. || - Ah ! já não ousou esperar tal, mur- | murou a condessa com súbita emoção. || Bibi levantou os olhos para o ceu, | como um homem que já não conserva | grande esperança. || Depois para derrubar Aurura, disse- | lhe em francez : || - Ha mais de doze horas que Samuel | partiu ; já estaria de volta, si trouxesse | uma boa noticia. || Moina não comprehendia e continua- | va a olhar para a condessa, em quem | parecia ver um anjo tutelar. || A casa que Dagoberto habitava em Co- | blentz era pegada a um jardim que des- | cia em declive até o rio. || No fim havia uma porta que dava para | a ribanceira, e o barco da generala es- | tava atracado alli. ||

Edição 405

PONSON DU TERRAIL [espaço] 29

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXI || A condessa deitou um manto pelos | hombros, agasalhou-se e depois de dar | uma roupa bastante quente a Móina, dis- | se a Bibi : || - Vamos ! || Desceu então ao jardim, chamou os | dois allemães que serviam de remado- | res e estavam nas cosinhas, e Bibi | e Móina acompanharam-na || Aberta a pequena porta do jardim, to- | dos cinco se acharam na ribanceira, e | embarcaram logo. || Corria vento oeste ; levantaram a | vela. || Bibi ordenou aos remadores que su- | bissem o rio, mettendo a prôa para a | casa branca, que elle, pouco havia, in- | dicára a Samuel Job, como ponto de es- | pêra. || Aurora estava cada vez mais admira- | da ; ella, porém promettera a Bibi que | não o interrogaria, e resignou-se e to- | dos aquelles mysterios. || Q[u]ando, passada meia hora, o barco es- | tava defronte da casa branca, Bibi levan- | tou-se e olhou para a terra. || - Que faz ? disse Aurora. || - Estou vendo si está no seu ponto o | homem que eu mandei vir aqui. || - Mandou vir aqui alguém? || - Sim, senhora. Espere, la está. || Bibi mostrava o contorno de um ho- | mem que se destacava, em negro, no céu | resplandece com os raios da lua. || A um signal os remadores atracaram | o barco. || O homem aproximou-se então, e a con- | dessa e Móina soltaram um grito de sor- | presa. ||

- Samuel Job ! disse Aurora. || - Sim, senhora, respondeu o judeu, | grave e triste. || - Valtaes de Mayence ? || - Sim, senhora. || - Meu Deus ! que nova fatal me tra- | zeis pois ? || - Elle o dirá, quando estivermos ao | largo, disse Bibi. || Samuel embarcou, e o barco voltou | ao meio do rio. || Móina tremia, como folha sacudida | por ventos outomnaes. || Bibi fez um signal a Samuel. || Esse signal queria dizer : || - Deixa-me fallar. || E, dirigido-se á condessa : || - Ha uma hora que passeava eu na | estrada, no luar, quando encontrei As- | muel Job, que chegava a toda a brida. || - Mas não que diz, cortou a condessa, | si o general Pichegru... || - Espere, senhora, disse Bibi, soce- | gadamente. Samuel Job trazia ao gene- | ral Dagoberto uma mensagem de Piche- | gru. || - E essa mensagem... || - Abri-a, senhora, pensando que o | general m'ó perdoaria. || - Depois, depois ? disse a condessa an- | ciosa. || - Aqui tem a mensagem. || Bibi tirou o despacho do bolso, e en- | tregou-o á condessa. || Graças ao luar, via-se como de dia. || Aurora deu um grito. || - Meu Deus ! meu Deus ! então que | vamos nós fazer? || E ella lançou a pequena bohemia um | olhar consternado. || - Vamos salvar Munito, disse fria- | mente Bibi || - Salval-o? || - Sim, senhora. || - É pois possível ? || - Si a senhora o quizer. || - Si eu quizer ! ah ! duvida? || E depois, agitando a cabeça : ||

- Mas, meu amigo, não conhece Da- | goberto. É um homem inflexivel e por | nada do mundo faltará ao seu dever. || - Nós não precisamos do general. || - Que diz ?! || - A verdade senhora. || - Mas... como... meu Deus ! isso faz- | me enlouquecer. || - Senhora, disse friamente Bibi, des- | cançe e ouça-me o mais socegradamente | possível. || - Falle, meu

amigo. || - O seu barco é conhecido no rio Rhe- | no ? || - Sem duvida. || - E passa livremente ao alcance dos | canhões do forte ? || - Os remadores dizem o meu nome e | a ponte de barcas abre-se lhes sempre. || - Bem ! senhora, vamos desembarcar | em breve, e Samuel e eu guardaremos | o barco. || - Mas que vae fazer ? || - Vae ver. || O barco descia agora a corrente do rio com rapidez vertiginosa, e chegou | aos muros da prisão. || - Stop ! alto ! disse Bibi. || Os remadores amainaram logo a vela | Samuel Job, sentando a ré, pegava na ca- | na de leme. || - Governa direito para debaixo das | janellas, gritou Bibi. || Depois, pondo os dedos na bocca deu | um assovio. || De repente a condessa ouviu um es- | talido ; levantou a cabeça e viu um ho- | Mem que acabava de quebrar os ferros | que só estavam presos por um pouco. || Uma coroda pendeu no espaço ; e um | homem desceu por ella. || Móina deu um grito. || - Silencio ! disse Bibi, ponde-lhe a | mão na bocca. || - Ah ! compreendo agora ! disse a | condessa, é um homem de genio, Bibi. || - Quero dar-lhe a sua fortuna, disse o | homem da policia. ||

- Como... Munito... || - Munito é o rei dos bohemios, senho- | ra. || E Munito chegara á extremidade da | corda e suspendia-se ainda a vinte pas- | sos do rio. || - Larga tudo, disse Bibi em lingua | húngara. || O bohemio largou a corda, cahiu no | rio e desapareceu. || Samuel, porém, já se tinha lançado ao | rio ; mergulhou, e, agarrando o velho | bohemio pela enorme cabelleira, trou- | Xe-o acima, e, com braço vigoroso ati- | rou-o aturdido ao barco. Tudo isto se | fizera em um minuto. || - Agora, senhora, disse Bibi, vamol-a | pôr em terra e mais aos dois remadores. || Salvou o bohemio e elle não a esquece- | rá. || Munito deitava á condessa um olhar | cheio de reconhecimento, em quanto a | filha lhe lançava os dois braços á volta do | pescoço. ||[espaço com 15 pontos finais]||Um quarto de hora depois, o barco | alijado da condessa e dos dois allemães, | habilmente guiado por Samuel Job, che- | gava a ponte das barcas. || - Quem vive ? gritou a sentinella. || - A cidadã Dagoberto! respondeu Bibi. || Havia no barco uma mulher, e sobre | os hombros dessa mulher, Aurora tinha | deitado o seu chaile de cachemira bran- | ca. ||Abriu-se a ponte, e o barco desceu ra- | pidamente o Rheno, levando Samuel Job, | Móina e Munito ao qual dizia Bibi : || - Paesinho, provar-te-ei que Antonia | roubou o dinheiro que te confiou. Sabes |tu a quem ella o roubou ? || - Não. || - A mulher a quem tu deves a vida, | concluiu o homem da policia. ||[espaço] XXII [espaço] ||Tal tinha sido a narrativa de Bibi. || Polyte escutara com attenção avida | e disse: ||

- Quando concluiu a salvação de Um- | nito, que fez ? onde foi depois ? || - Descemos o Rheno até Dusseldorf ; e | alli eu disse ao bohemio : || - Paesinho, já não precisas agora de | mim ? || - Certamente que não ; nem eu tão | pouco, disse Samuel Job. || Dusseldorf pertencial aos prussianos e | nós estávamos em terra allemã. || - Agora, disse eu ainda a Munito, | vaes até Hamburgo e de Hamburgo pó- | des tomar a estrada de Vienna. || - Tens perfeitamente razão, meu pae- | sinhô, disse Munito. Espero que nos tor- | naremos a vêr. || - Certamente ; já que te prometti pro- | var que acceitaste a guarda de um rou- | bo. || - Desejo tanto ter essa prova, como | tu tens em m'a dar. Onde nos encontra- | remos? || - Onde quizeres. || - Em Vienna então. || - Quando ? || - Daqui a um mez. || Samuel tinha correspondentes em to- | da a parte onde havia judeus. || O adelo foi a casa de um collega de | Dusseldorf e pediu mil thalers, que en- | tregou a Munito. || Munito olhou para a filha sorrindo. || - Iremos de carro e não magoarás os | pés. || Depois olhou para mim e disse : || - Paesinho deixa-me fallar um pouco | contigo. || - Falla... || Chamou-me para o lado, a fim de que | Samuel não ouvisse a nossa conversa e | disse : || - Tu interessas te por mim, só porque | eu sou o rei dos bohemios ? || - Sem duvida. || - E esperas? dar-me a prova de que | Antonia roubou o dinheiro que eu tenho | della. || - Terás essa prova. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXII || - Não é essa a questão, paesinho, e | não me comprehendes. || - Explica-te ! || - Si tens essa prova, é bem simples | que eu te dê o dinheiro. || - Bom ! || - Si tu não podes dar-m'a, eu guar- | do-o ; e isto ainda é mais simples. || - Onde queres chegar tu ? || - A isto : que tu me salva-te a vida e | que, em troca, eu devo ser-te obrigado. || - Oh ! respondi eu, isso não tem im- | portancia nenhuma. || - Enganaste ; e provar-te-hei o meu | reconhecimento. || Elle não quis explicar-se mais e limi- | tou-se a perguntar-me para que sitio | me poderia escrever. || - Conto voltar a Vienna, disse eu, | daqui a oito dias, pelo caminho mais | curto. || - Para onde vaes morar ? || - Para Bischofgasse, prasa de S. Es- | tevão *numero 17*, respondi eu. || - Bem ; para lá mandarei noticias. || Separamo-nos | Munito contratara com o patrão de um | grande barco, que devia leval-o a Ham- | burgo. || Samuel Job e eu subimos destemida- | mente para o barco do general Dagober- | to, e depois de um dia e uma noite de | viagem, chegamos a Coblentz. || Durante ela, Samuel Job mais de uma | vez testemunhara os seus temores rela- | tiva [mancha] e ao general || Debalde nos cobriremos com a protec- | ção da condessa Aurora, o general deve- | ria enfurecer-se. ||

Debalde o procurava socegar, Samuel | inquietava-se cada vez mais, á medida | que nos aproximava-mos de Coblentz. || Effenctivamente o general levaria | aquilo a mal, si não fosse um inopinando | acontecimento. || O governo francez chamára repenti- | na mente o general Pichegru. || Porque ? em voz alta diziam na cidade | e nas fileiras do exercito francez. || Pichegru era um traidor, e pensava | em passar-se ao inimigo. || Ora na ante-vespera quase á hora em | que nós levávamos o prisioneiro, tinha | chegado um estafeto de Paris, confe- | rindo o commando em chefe da divisão | ao general Dagoberto. || Este achava-se, pois investido do | commando supremo, não dependia já de | Pichegru, e podia perdoar ao bohemio. || A condessa Aurora, que nós tínhamos | desembarcado deante da porta de seu | jardim, entrar em casa sem ruido, re- | commendando silencio aos dois allemães. || O general Dagoberto, occupado toda a | sua noite em fazer reconhecer a sua auto- | ridade, em enviar ordens aos differen- | tes corpos de tropas, disseminados pelos | arredores da cidade, não se tinha occu- | pado do prisioneiro. || Só de manhã os carcereiros reconhe- | ceram a evação. || Dagoberto sorriu, quando a mulher | lhe contou a verdade. || - Estimo isso, disse elle ; mas já não | havia nada a temer, porque eu já não | obedeço ao general Pichegru. Eu per- | doava-lhe. || Quando eu, voltando de Dusseldorf, | me apresentei em casa do general, elle | estendeu-me a mão. || - Meu finorio, disse elle, caçoaste | commigo. || - Ora ! não foi nada ! disse eu sorrin- | do. || - Como ? não foi nada ! pois não me | disseste que ias tratar da fortuna de mi- | nha mulher ? ||

- Disse a verdade, general. || - Ora essa ! || - Salvando Munito, condemnava-o ao | reconhecimento. || - Mas como é isso ? || - Munito e o rei dos bohemios são a | mesma pessoa. || - Mas tu disseste-me o contrario. || - É um facto. || - Então porque me mentiste a mim e | a Aurora ? || - Meu caro, general, eu conheço o | seu carácter cavalheiresco. Quando Mu- | nito fosse o homem que nós procurava- | mos e de que tínhamos necessidade, o |

general mostrar-se-hia inflexível, por | um excesso de delicadeza. || Dagoberto agitou os ombros, mas não | respondeu ; e não dirigiu nenhuma ex- | provação a Samuel Job. || Demorei-me vinte e e quatro horas em | Coblentz ; depois, munido de um salvo | conducto, tomeio o caminho de Vienna. || -Chegou la antes de Munito ? ||- Naturalmente, mas o bohemio apres- | sara-se. || - Ah ! || - Oito dias depois da minha chegada | recebi uma carta delle, no meu hotel, | praça de S. Estevão. Escrevia o bohe- | mio: || << Paesinho : ||<< Atravesso Vienna sem parar ; mas | serei fiel ao ponto de reunião que dei, | para o dia 17 do corrente ; podes espe- | rar-me precisamente ás oito horas da | noite, que lá me verás. || - Minha filha Móina incumbem-se de | te testemunhar todo o seu reconheci- | mento, e pede que acceites a pequena | lembrança que inclusa remetto. || MUNITO. >>|| Essa lembrança pequena era um co- | frezinho de esmeralda verde que encer- | rava cem mil francos de perolas finas. || - Que brincadeira ! interrompeu Po- | lyte, arranja bem as cousas esse bohe- | mio. E o papá que fez das perolas? ||

- Essa é boa ! vendi-as, acrescentou | ingenuamente Bibi, eu não sou virtuoso, | sinão o que é preciso ser. Sabe que já | gastei as minhas economias, desde que | emprehendi fazer dançar Antonia? ||- Então tem cem mil francos? || - Em bons fundos vienenses, meu fi[-] | lho. || - O bohemio foi exacto ao rendez- | cous ? perguntou ainda Polyte. || - Exacto. Preveni o conde Luciano | de Mazures, que se achou em minha ca [-] | as, quando o bohemio chegou. || - Vejamos, nos disse elle, eu também | quero restituir o dinheiro que Antonia | me confiou ; faltam-me, porém as pro [-] | vas de que foi roubado esse dinheiro. || O conde Luciano contou então toda a | história da bohemia Teinon, criada gra- | vê de sua mãe. || Fallava com accento de franqueza, | que impressionou vivamente o bohemio. || - Desejava acreditar-o, disse elle em- | fim. || - Então não nos acredita ? paesinho. || - Não. Porque? || - Porque sou depositário de um tes- | tamento da princeza Helena. || - E então ? || - De um testamento que institue sua | legatária universal a bohemia Toinon || Ao mesmo tempo Munito abriu o gi- | bão e tirou do seio um pergaminho que | poz sob os nossos olhos. || Era um testamento alographo, assig- | nado pela princeza Helena. || - Esse testamento é falso ! exclamou | Luciano. || - É o que falta provar, disse Munito. || - Mas como ? exclamou o conde. || Subita lembrança me perpassou pelo | espírito. || - Ah ! disse eu, provar-t'ó hei, mas | não aqui. || - Então aonde ? || - Em Paris. || - E como m'ó provarás tu? paesinho ||

- Pondo-te deante do que fabricou, | e mostrando-te as verdadeiras cartas da | princeza Helena. || - Si tal fizeres, o dinheiro é teu. || Esta bom ! repliquei eu, podes voltar | a Paris ? || - Sem duvida. || - Quando ? || - Quando quizeres. || - Esta bom ! dentro de quinze dias lá | estarei. || - La estarei, disse o bohemio. || E separamo-nos ; mas deviamos ver- | nos na mesma noite. || - Ah ! disse Polyte. || - E tu vaes vêr si é preciso ou não | jogar forte com uma mulher como a ci- | dada Antonia, acrescentou o pae Bibi, | que parou um momento para tomar fo- | ligo... || Perdão papá, disse Polyte. || - Que é ? || - Antes de continuar, permitta- | me | que lhe faça uma pergunta. || - Falla. || - Como soube que Antonia confiara o | dinheiro ao bohemio ? || - É isso precisamente o que eu vou | contar-te. || - Ah ! || - Vaes vêr... || - Ouvirei, disse Polyte, que o se tornou | cada vez mais attento ||[espaço] XXIII [espaço] || Bibi replicou pouco depois : ||- Disse-te que estava hospedado na | praça de S. Estevam, em Vienna, *numero* 17, | em uma hospedaria que tinha esta ta- | boleta : Reunião dos Cavalleiros Hun- | garos. || Era uma das hospedarias mais fre- | quentadas, e havia alli um vae-vem | considerável de viajantes. || Vinham uns do fundo da Allemanha | no Norte, outros emigrados francezes, | e outros desembarcavam dos barcos que | subiam o Danubio. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXIII || Tres mezes antes tinha eu travado um | conhecimento bizarro com um francez | na hospedaria dos Cavalleiros Hunga- | ros. || - Era emigrado ? || - Acreditei-o a principio, supposto | seja difficil enganarem-me. Sempre adop- | tei os usos do paiz que habito, prosseguiu | Bibi. || Em Vienna janta-se ás duas horas, e | ceia-se as oito. Havia quatro ou cinco | dias que eu, á mesa, ou ao meu lado, en- | contrava um joven de maneiras distinc- | tas, com parte de gentil homem francez, | antes da republica. || Em Vienna falla-se um bocado francez || por toda a parte || A mesa fallava-se geralmente francez || O jovem e eu fallavamos. || Eu dava-lhe o tratamento de cavalhei- | ro e senhor, e fiquei convencido de que | elle era emigrado. || Enganava-me. || Alguma indecisão no seu olhar, algum | embaraço em algumas das suas respos- | tas, despertaram depressa o meu espiri- | to. || - Eh ! eh ! disse eu de mim para mim , | este sugeito bem póde ser um espião de | policia franceza. | | Ora eu conhecida todo o pessoal da rua | de Jerusalém, e era pouco provavel que | depois da minah partida a republica re- | novasse uma parte dos seus agentes. || Comecei portanto a vigiar o meu ho- | mem. || Elle era muito assiduo á chegada de | todos os barcos, e parecia que procura- | va sempre um viajante desconhecido. ||

Cada manhã examinava todos os que | desciam dos conheces que chegavam da | Allemanha do norte e da Bohemia, e que | paravam na praça de S. Estevão. || Uma noite finalmente elle ficou só á | mesa e fez algumas notas em uma car- | teira. || Eu conservava o meu passaporte, vi- | sado por Robespierre, e a minha nomea- | ção de agente da policia franceza. || Como parecia que elle não reparava | em mim, aproximei-me d'elle e toquei- | lhe no hombro || Elle voltou-se um pouco admirado. || - Meu caro cavalheiro, lhe disse eu, | entre confrades não há mysterios. || - Que quer dizer com isso ? voltou | elle. || Eu mostrei-lhe o meu passaporte. || - E que tem isso ? continuou elle, ca- | da vez mais admirado. Exibi a minha carta de policia. || - Porque me mostra isso ? volveu elle | ainda. || - Como ? repliquei eu admirado então; | pois não comprehende ? || - Certamente que não. || - Entretanto temos o mesmo officio. || - Isso mais devagar. || - Ora vamos ! confesse que está aqui | para conhecer os emigrados. || - Juro-lhe o contrario. || - Então explique-me o que vae fazer | á chegada de cada barco. || Um sorriso lhe assomou aos labios. || - Eu não sou espião, sou um mandata- | rio. || - Ah ! || - Venho todos os mezes a Vienna. || - Fazer o que ? || - Receber cem mil libras, para levar | para Paris. || Depois accrescentou sorrindo : || - E creia que não é por conta do go- | verno francez, ou de qualquer outro. || - Entretanto, repliquei eu, não ha | particulares tão ricos que tenham mil e | duzentas libras de rendimento. ||

- Pois conheço-as eu. || - Ora !... || - É testemunha a pessoa eu me en- | via aqui. De cada viagem recebo cem | luizes pelo meu trabalho e para as mi- | nhas despesas. || Elle fallava com inteira franqueza, e | eu de nada podia desconfiar. Aquelle ho- | mem fallava verdade. || - Porém desta vez, disse elle, é preci- | so que a cidadã Antonia me indemnisse | um pouco mais. || - A cidadã Antonia ! exclamei eu. || - Sim. Conhece-a ? || - Ora essa ! Já me fez dançar um pou- | co. Não é essa a amante do cidadão X... ? || - Justamente. || - O qual era amigo desse pobre fal- | lecido Robespierre ? fiz-lhe alguns pe- | quenos serviços. || - Toque la, disse elle, vejo que estou | com a minha gente. || - Exactamente || - Porque é preciso que eu lhe

diga, | que estou contra minha vontade á me- | sa. || - Porque ? || - Ha alli uma roda de nobres que me | chamavam cavalheiro e me tomam por | um dos seus. || - E isso contraria-o ? || - Em commoda-me. Eu chamo-me | Agostinho Valmel; sou um antigo semi- | narista, a quem a revolução fez um gran- | de serviço, permittindo-lhe deitar a so- | taina para traz das costas, porque eu | não tinha grande vocação para aquillo. | E assim fica explicada a minha educa- | ção. || - Perfeitamente. || - E eu não ousou ligar-me o ninguem. | Aborreço-me horriavelmente e não sei | com certeza, quanto tempo ainda estarei | aqui. || - Bem ! disse eu, quer beber commi- | go um copo de tokay ? procuremos dis- | trahir-nos um ao outro. || - Com todo o gosto, disse elle. ||

Pedi tokay, e passados alguns minutos | estávamos na mais perfeita intimidade. || - Dizia-lhe eu, rompeu elle, qu esta- | va ao serviço da cidadã Antonia. || - Bom || - E que vinha todos os mezes aqui re- | ceber as minhas rendas. || Pisquei o olho. || - Ouça, lhe disse eu, eu já sei o que | isso é. || - Sabe ? ! || - A thesouraria do imperador é que | paga tudo isso. || - Engana-se || - Juro, repliquei eu baixando a voz, | que a cidadã Antonia esta adida á poli- | cia imperial, e confesso-lhe que não vim | aqui senão para me certificar disso. || Elle teve um gesto de espanto e quase | de medo. || - Tallien foi quem me mandou aqui. || - Pois bem, disse elle, Talliem enga- | na-se. || - Assim o desejo, para melhor sorte | de Antonia || -Pois posso provar isso. || A estas palavras deitei-lhe mais de be- | ber. || Si ha vinho que torne o homem ex- | pansivo, é seguramente o de tokay. || - Antonia é pessoalmente muito rica, | disse elle. || Pelo menos em Paris, passa por o | ser. || - E entretanto não lhe cortaram o | pescoço, o que, segundo me disse ella, é | uma bella prova de que o seu dinheiro | não estava em Paris. || - Isso é verdade. O dinheiro della está | aqui. || - Está. || Em casa de algum banqueiro? || - Não, em casa de um bohemio. || - Ora !... || Elle contou-me então tudo o que tu | já sabes agora, tudo o que eu ignorava | então, isto é, que existia uma tribu mys- |

teriosa e potente, de que ella fazia par- | te, e que tinha um thesouro commum. || Cada mez elle ia receber as rendas da | cidadã Antonia. || - Mas porque receia, lhe disse eu, de- | morar-se desta vez mais tempo em Vien- | na ? || - Porque Munito está ausente. || - Ah ! elle chama-se Munito ? || - Chama. || - E onde esta? || - Não sei. Viaja por causa dos seus | negócios, porque negoceia em diaman- | tes, e nunca diz para onde vae, o que | faz com que eu me veja obrigado talvez | a esperar quinze dias ainda, e confesso- | te que começam a faltar-me recursos. || - Imaginas bem, replicou Bibi que | se interrompeu um momento para res- | pirar, que eu tinha todo o empenho pa- | ra não largar o meu homem. || Emprestei-lhe, pois, cem escudos. || Durante oito dia, viram-nos sempre | nas ruas de Vienna. Iamos ao especta- | culo juntos, corremos os bailes e outros | lugares de prazeres em que abunda | Vienna. || Munito não voltava. || Finalmente uma tarde recebi uma pa- | lavra do conde de Mazures que, como | debes imaginar, ia vêr algumas vezes. || O conde queria dar-me em pessoa uma | boa noticia. || O chefe de brigada de Dagoberto tinha | sido promovido ao posto de general de | divisão, e fazia parte do corpo de exer- | cito do general Pichegru. || - Mas, senhor conde, lhe disse eu, | sorrindo, que tem o senhor com isso ? | pois não é inimigo irreconciliável da re- | publica franceza? || - É verdade, disse elle. || - Então que lhe importa o que o gene- | ral Dagoberto sirva ás ordens de Piche- | gru, ou de outro ? || - Dirt'o-lhei amanhã, por que hoje é | um segredo de estado. ||

Edição 408

PONSON DU TERRAIL [espaço] 32

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXIII || Quando eu chegava á hospedaria dos| Cavalleiros da Hungria jaó não encon- |trei o meu joven companheiro, Agostinho | Valmel. || Disseram-me que tinha saido. || Procurei-
nas ruas, no theatro, em | toda a parte. Entrei no hotel e encon- |trei-o fazendo a malla. || -
Parto, disse elle. || - Partes ? || - Parto, Munito voltou. || - Quando ? || - Esta noite. Recebi
os cem mil fran- |cos. Aqui estão os teus cem escudos. Si | precisares dos meus serviços, não
me |poupes. || - Eu não preciso de dinheiro, mas sou | curioso. || - Ah ! || - E desejava ver
esse Munito. Não | posso conceber que haja um bohemio que | possua milhões. || - Pois ha.
|| - Queria satisfazer a minha curiosida- |de. É possível ? ||- Nada mais fácil. || - Como ? || -
Ele mora a dois passos daqui, na | rua de Santa Isabel *numero* 8. Vae la ama- |nhã. || - Sobre
que pretexto ? || - Sobre o primeiro que ocorrer ; por | exemplo ; vender-lhe eu comprar-
lhe| um diamante. || - Obrigado, irei. || Não dormiu aquella noite. || Ao amanhecer,
Agostinho Valmel dei- |xou Vienna. ||

Eu esperei uma hora conveniente, e | depois fui bater á porta do bohemio Mu- |nito, o rico
negociante de diamantes || [espaço] XXIV [espaço] ||Bibi fez nova pausa. || Depois de um
momento de silencio, | continuou : || - A rua de Santa Isabel é apenas uma |viella|| Era de
Fraca apparencia a casa que Mu- |nito habitava. || Grosso, varões de ferro guarneciam |as
janellas, e quando eu bati, abriu-se |na porta um postigo semelhante aos dos |das cadeias. ||
Atravez das grades appareceu uma |velha, que me disse : || - Quem procura ? || - Queria vêr
o Sr. Munito. || - Está fora da terra. || - Nada, respondi eu, eu sei que elle |chegou hontem.
|| - É verdade, mas tornou a partir. || -Que me diz ?! ||- A pura verdade : e por signal que |
até levou a filha. || - E aonde foi? ||- Não sei. || - Mas... || - Elle nunca diz para onde vae. || E
a esta resposta, a velha fechou o |postigo. || Emfim, eu já sabia alguma cousa: Mu- |nito
tinha uma filha. || - Bem ! disse eu de mim para mim, |virá talvez esta noite ou amanhã. ||
Durante oito dias, de manhã e á noite |fui sempre bater á casa da viella de San- |ta Isabel. ||
Todas as vezes a velha me dava a |mesma resposta, e fechava o postigo. || Finalmente no
nono dia fui ver o con- |de de Mazures. || Fallou- me de Pichegru. || - Não sabes, me dise
elle, porque es- |tou contente por vÊr o general Dagober- |to e portanto minha prima
Aurora, fa- |

zer parte do corpo de exercito que Pi- |chegru commanda? || - Não. || -Porque Pichegrui está
prestes a | abandonar a causa da republica. || -Ah ! || - E a passar para os principes com |
armas e bagagens. || Estamos em contrato com elle. || - Realmente ? || - E mandamos-lhe
um enviado, em | quem o imperador tem plena confiança, |supposto não seja homem de
representa- |ção. || - E... esse homem ? || - É o mais rico negociante de dia- |mantes de toda
a Allemanha. || Estremeci. Elle notou-o || - Senhor conde, lhe disse eu, esse ho- |mem foi ter
com o general Pichegru? || - Ha oito dias. || - E chama-se Munito ? || - Como sabes tu isso?
|| - Pouco importa. Chama-se elle ou | não Munito? || - Chama. || - Pois bem ; diga á senhora
condessa | de Mazures que , si quer escrever a sua |irmã Aurora, eu me encarregarei de lhe |
levar a carta. || - Então partes? ||- Parto ; vou juntar-me ao corpo de | exercito do general
Pichegru. || - Para que? || - Vou á procura de sua fortuna, que | Antonia lhe roubou... || E,
sem querer explicar-me mais, | deixei Vienna em uma mesma noite. || Agora sabes o resto. ||
- Não ; ainda não sei tudo, disse Po- |lyte || - Ah ! é justo, disse Bibi, ainda te não | contei
como depois de ter deixado Mu- |nito e de lhe dar Paris como ponto da | nossa reunião, eu o
tornei a ver nessa | mesma noite. ||

- É isso mesmo o que eu não compre- |hendo. || - Imagina, pois proseguiu Bibi, que | nessa
mesma noite chegou Munito re- |pentaneamente e me disse : || - Receiava que tivesses partido
já, | paesinho. || - Porque queria participar-te uma | visita que tive. || - Q[u]em foi ? || - O
mancebo de Paris que veio rece- |ber os cem mil francos. || - E pagaste ? || - Não, recusei. ||
- Porque, paesinho? || - Porque começo a acreditar agora | no que tume disseste... O dinheiro
não | é de Antonia. ||- Pois fizeste mal em não pagar. || - Achas? || - Vaes despertar as

suspeitas de An- | tonia. || - Já se despertaram. || - Como assim? || - Quando o rapaz viu que eu não pa- | gava, disse-me assim: << o Sr. encontrou | um homem chamado Bibi, um agente de | policia, um miserável que também rou- | bou Antonia, e que lhe contou essa his- | tória. >> || - Ah ! elle disse-te isso, paesinho? || - E acreditaste-o ? || - Não : mas comprehendí que ele ti- | nha contado a Antoia o que se tinha | passado entre elle e tu. || - Assim deve ser. De fórma que An- | tonia acautela-se ; mas pouco importa ! | isso não impedirá de teres a prova que | te prometti. || - Pois, si tu me déres essa prova, te- | ras... || E um clarão appareceu nos olhos do | bohemio. || - Ainda não me conheces, paesinho, | disse elle, e também não conheces as | pessoas que me chamam rei. ||

Neste momento, esse homem era bello | e a sua fronte resplandecia de magesta- | de. || - Olha, paesinho, me disse elle, os bo- | hemios, como filhos de Israel, estão dis- | persos por toda a superfície do globo : || mas em toda a parte são irmãos solida- | rios uns dos outros, e a honra de um só | é a honra de todos. || Aqui, nesta grande cidade, eu sou | um pobre homem, um vendedor de diaman- | tes ; lá em baixo, accrescentou elle es- | tendendo a mão para o horisonte, além | daquellas montanhas, nos vallos selva- | gens do Bohemia, eu sou verdadeira- | mente um rei ! || Alli todos curvam a sua vontade á | minha, e são fielmente executadas as | minhas ordens. Si Antonia, que era nos- | sa irmã por nascimento, se tornou in- | digna de fazer parte da nossa família, | será castigada sem piedade. A fé de Mu- | nito, que podes contar co a justiça dos | bohemios... || Adeus, paesinho ; ou antes, até a vista ; | dentro de quinze dias estarei em Paris. || - Agora já não tenho mais nada a dizer- | te, meu caro amigo, concluiu Bibi. || - Perdão, papá. || - Que queres ainda? || - Só tenho cá uma cousa. || - Falla. || - Há pouco encontramos Munito nos | jardins do Tivoli. || - Sim. || - Passamos e repassamos por elle. || - Sim. || - Olhou para nós. || - Muitas vezes, com perfeita indiffe- | rença. || - Não o reconheceu então elle ? || - Reconheceu. Mas há uma conven- | ção entre nós. || - Ah ! isso é diferente... O papá é sem- | pré um grande homem. ||

Edição 409

PONSON DU TERRAIL [espaço] 32

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXIV || - Mas emfim, disse Polyte que queria | saber tudo, Antonia sabia da chegada do | bohemio? || - Naturalmente. || - Por quem? || - Por elle. || - E vae ceiar com ella esta noite? || - Assim o creio. || - E ella provar-lhe-ha claro como o | dia... || - Provar-lhe-ha o que quizer, mas eu | também tenho as minhas provas de re- | serva || E Bibi accrescentou, com um sorriso : || - Agora já sabes o bastante, ao me- | nos por hoje meu pimpão. || - Acha ? || - Trata-se de me servir, ou antes de | servir Antonia. || - Todo o meu sangue lhe pertence | disse Polyte, com um arrojado de enthu- | siasmo. || - E por conseguinte, de fazer o que | eu mandar. || - Estou prompto. || - Vaes a casa de Antonia. || - Muito bem. || - Tratarás de ceiar com ella e com o | bohemio. || - E depois ? || - Ora essa ! depois vens dizer-me logo | o que se passou entre elles. || - E Nichette ? || - Ah ! éssa é que é preciso espiar. || - É o genio do mal, essa pequena. ||

- Mas que? || - Si tu lh'a fizesses perder a ella? || - A Nichette ? || - E então? || Polyte contorceu-se e disse: || - Depois de eu saber que Ninchette e | Zoé são a mesma pessoa... || - Então já não amas Nichette ? || - Quer dizer, já não concebo o menor | capricho por ella. || - Pois bem ! disse friamente Bibi, é | preciso ter um capricho por amor da | condessa Aurora. || - Vae, meu filho. || E o pae Bibi despediu Polyte ||[espaço com 15 pontos finais]|| Quando o peralvilho partiu, o agente | de policia murmurou : || - Ha uma cousa que eu não disse |

Polyte ; é que é falso o testamento que | a cidadã Antonia deu ao bohemio, pode- | ria ser obra do cavalheiro de Mazures, | pae de Aurora, hoje meu amigo, o ex- | chefe da policia secreta, o cidadão Pau- | lo... || E Bibi cahiu em profunda meditação || [espaço] XXV [espaço] || Sigamos agora a cidadã Antonia e Ni- | chette, que perdemos de vista durante a | longa narração de Bibi. || A bohemia subiu para a carruagem. | com a que outr'ora se chamava a peque- | na Zoé. || Ficou admirada a multidão que cobria | as immediações do Tivoli. || Mas nessa cidade de Paris, sempre ex- | centrica e sempre nova, nascida do ter- | ror de hontem e da esperança de ama- | ha, eram bem recebidas todas as origi- | nalidades. Era da moda essa creatura | disforme que semeava o ouro ás man- | cheias, o que tinha os mais extravan- | tes fatos, e as equipagens do mais bri- | lhante mau gosto. || A multidão applaudia-a, quando ella | apparecia no theatro. || Nos bailes, as lindas donzellas, todas | á uma, lhe mendigavam um sorriso ; e |

já dissemos que mais de um homem en- | vejava a sorte do afortunad X... || Ora a multidão estupefacta e encanta- | da ao mesmo tempo, batera palmas, ao | ver a linda ramilheteira subir para o | carro de Antonia. || - Para opalacio ! gritou ella ao co- | cheiro. || Antonia estava radiante, a despeito de | uma preocupação que a importunava | desde algum tempo. || Entrara pensativa no Tivoli, e sahira | com uma sombra de alegria no coração. || De onde provinha essa alegria ? || De ter encontrado Nichette ; dessa | que fora outr'ora Zoé. || E, em um relancear de olhos, Antonia | lembrou-se do papel horrivel que a pe- | quena engommadeira tinha representa- | do na vida de Aurora e de Joanna. || - Evidentemente, semelhante rapari- | ga devia tornar-se uma mulher comple- | ta para o mal. || Os bons fazem-se de maus algumas vezes ; mas é preciso que os philosophos e phi- | lantrophos saibam que os maus nunca se | tornam bons. || Ora desde que ella fizera assassinar a | condessa de Mazures, desde que vira to- | dos os monstros que o terror esmagou, | Antonia, ainda assim, não tinha encon- | trado o que os poetas chamariam uma | alma, irmã de sua alma. || O proprio X... a pesar da sua baixeza, | parecia-lhe indigno das suas expansões | e das suas confidencias. || Antonia, desde a morte da sua boa | ama, pensava em uma mulher, que re- | presentasse junto de si o papel que ella | tinha havia annos, representado ao pé | da condessa de Mazures, esse outro ge- | nio do mal. || Queria uma mulher intelligente,per- | versa até a perfeição, feroz de ódio e de | amor por necessidade, uma mulher, em- | fim, da qual ella podese dizer ; é minha | discípula. || Em vão tinha ella procurado essa | creatura quase ideal. ||

Eis que de repente encontrava a ra- | milheteira Nichette, a nova encarnação | da engommadeira Zoé, esse pequeno | monstro que tão complacientemente sor- | ria á guilhotina. || Para cumulo da desgraça Nichette | era bella. || Tinha essa belleza audaz e fatal, que | tão viva impressão faz em certos ho- | emns, naquelles principalmente que mais | necessidade têm de se dominar. || Uma horas antes, Antonia ainda era | scismadora. Munito, o rei dos bohemios, | preveniu-a da sua visita por uma carta, | que ella tinha recebido naquella mesma | manhã. Que vinha elle fazer a Paris? ||Antoniam desconfiava; tinha visto amon- | toar-se ao longe a tempestade, e trata- | va de lhe fazer frente. || Agora achava Zoé, sentia-se forte, a | como as alampadas de da entrada do jar- | dim allumiassem a satânica cabeça da | ramilheteira, Antonia murmurou : || - Duas mulheres como nós não devem | ter medo de nada. Ambas juntas, sere- | mos uma força invencível. || A cidadã Antonia tinha deixado, ha- | via muito tempo, a sua casa de campo | em Palaiseau. || Esta habitação era boa, em occasiões | de effervescencia popular, quando rei- | nava o terror, e quando se podia ir pa- | rar á guilhotina de um momento para | outro. || Presentemente, porém, Paris estava | socegado, e Antonia voltava para alli. || Tinha elle alugado, na rua dos Bons- | Enfants, um belo palacete, entre um | pateo e um jardim, commetêra loucu- | ras em o mobilar, e dava allie festas ex- | plendidas, onde fazia as honras o cida- | dão X... mais poderoso que nunca. Foi, | pois à rua dos Bons Enfants que a bo- | hemia conduziu Nichette. || No caminho já ellas tinha conversa-

| do um pouco. || - De fórma que, dizia Nichete, quer | que eu me faça amar por esse homem | temível? ||

- Quero, pequena. || - E elle dar-me-ha muito ouro ? || - Isso depende da intensidade da pai- | xão que tu lhe inspirares. || - Ah ! disse Nichette, quando eu prin- | cipiari, descance, que darei conta do re- | cado. || - És um amor, disse Antonia. || E abraçou-a com ternura. || - Senhora, replicou Nichette, per- | doar-me-ha de eu ser curiosa, não é as- | sim ? || - Diz minha perola. || - Porque dá de cear a este mono, e | evitou ha pouco de fallar-se e ser vista | por elle? || - Filha, replicou Antonia, vou expli- | car-te em duas palavras. || - Ah ! || - Esse homem chama-se Munito. || - Muito bem. || - Esta manhã recebi delle uma carta, | em que me annunciava a sua chegada a | Paris. Ora não me convinha receber a | sua visita no dia marcado. || Dir-te-hei já porque. Recebendo a | carta, deixei Paris e aproveitando um | bello dia da de sol, fui ver a minha casa de | Palaiseau. Antes de partir, deixei dito | onde me deviam procurar, e convidei-o | para cear ás tres horas da manhã. || Comprehendo, disse Nichette. Mas en- | tão não ficou de se encontrar com elle | no Tivoli? || Não. E admiro me de encontrar alli. || - Porque? || - Porque ha de saber que vou lá mui- | tas vezes. || - Então elle procurava-a ? || - Provavelmente. Mas evitei a sua | presença, porque precisava de fallar | comtigo antes. || Taes tinhas sido as palavras trocadas | entre Antonia e Nichette, emquanto a | carroça rodava ruidosamente da porta | do Tivoli, para a rua dos Bons-Enfants. ||

Edição 410

PONSON DU TERRAIL [espaço] 33

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXV || A porta da cocheira abriu-se de par | em par, e o carro entrou. || Nichette estava deslumbrada. || Creados agaloados, como os cochei- | ros, tumultuavam no pateo. || No vestibulo havia laciaos com tochas | e caixas cheias de flores raras, como | Nichette nunca as tinha vendido. || A casa de Antonia era um palacio ha- | bitado por um exercito de creados. || A bohemia tomou Nichette pela mão, | fez-lhe subir os degraus de uma larga | escada ; e , chegando ao primeiro andar, | a ramilheteira viu abrir-se uma enfia- | da de salões ricamente mobiliados, com | ricos tapetes espessos, e onde reinava | também o luxo de mau gosto que tanto | parecia agradar a cidadã Antonia. || - Anda, disse ella, vou conduzir-lhe ao | teu quarto. || - Como ? disse Nichette admirada, pois | já tenho um quarto em sua casa ? || - Tens, pequena. || - Mas... || - Ha quinze dias que está preparado. || Nichette julgou que a bohemia zomba- | va della. || Mas Antonia dizia a verdade. || Havia quinze dias que havia sido avi-

sada da proxima viagem de Munito a | Paris, e desde então que ella procurava | uma mulher que pudesse seduzir o bo- | hemio. || Ora, na esperança de encontrar a ave | rara, Antonia tinha-lhe preparado a | gaiola, o ninho. || Um gabinete, um quarto de dormir, | uma sala de toilette, e duas creadas gra- | vês esperavam a amante, ainda desco- | nhecida, do bohemio Munito. || Na extremidade do terceiro salão. An- | tonia empurrou uma porta, e Nichette | viu-se na entrada de seu gabinete. || Havia grande differença entre esse | gabinete e o sótão que a pequena Zoé | occupava em casa da pobre mãe Barge- | vin, na rua do Petit-Carreau. || Mas Zoé já se tinha adiantado desde | então, e Nichette não se assombrou. || - Aqui está o teu quarto, disse Anto- | [[to]] nia. || E ao mesmo tempo agitou o cordão de | seda de uma campainha. || Então duas lindas crescas, atrevidas, | insolentes entraram, e não puderam dei- | xar de olhar um pouco desdenhosamen- | te para a ramilheteira. || - Meninas, disse Antonia que as ful- | minou com um olhar, aqui tê a sua | ama ; desde hoje em diante obedeçam- | lhe

como a mim mesmo. || Depois deu um beijo em Nichette. || - Vae vestir-te e preparar-te, minha | pequena, disse ella ; quando estiveres | prompta, vem ter commigo. || Antonia sahi então e deixou Nichette | entregue as duas criadas graves. ||

Depois de uma hora já não havia nada | da antiga ramilheteira. || Lavada, perfumada, com os bellos ca- | bellos em bandós caprichosos, vestido de | seda preta, corpete de velludo preto, | decotada como costumavam as maravi- | lhosas de então, Nichette mirou-se a | um grande espelho e achou-se divina- | mente bella e disse : || - Eu bem sabia que cedo ou tarde fa- | ria fortuna. || E disse as creadas, que se tinham tor- | nado de perfeita humildade, que a con- | duzissem para o pé da cidadã Antonia. ||[espaço] XXVI [espaço] || Antonia fez um gesto de admiração | ao ver entrar Nichette. || A jovem estava transformada. || - Como és bella ! disse ella. || Nichette era parisiense e, como todas | as parisienses tinha esse gosto instincti- | vo da elegancia que faz o desespero das | outras mulheres. ||

Escolhera a sua toilette dentre as que | as creadas lhe tinham mostrado, harmo- | nisando as côres com o instinto maravi- | lhoso. || A filha das ruas tornara-se um mu- | lher elegante, revelando inteiramente | esse bom gosto que faltava a Antonia. | E a bohemia contemplou por um momen- | tou a sua obra, como Pigmalião devia ter | contemplado a sua estatua, antes de se | namorar della. || - Ah ! concluia a cigana, és perfeita- | mente a mulher que eu procurava. || Tomou lhe o braço e fel-a sentar junto | della continuando : || - Porque tu és minha filha adoptiva, |

és a carne da minha carne, e eu não | quero ter segredos para ti. || E continuou depois de a abraçar ain- | da : || - Devemos amarmo-nos nós que tam- | bem sabemos aborrecer. || - É verdade senhora, replicou Ni- | chette. || - Ainda odeia as duas irmãs? || - Sempre, respondeu ella, com os | olhos em chamma ; mas o meu odio | mudou de alimento. || -Que queres dizer com isso? || - Quand eu era pequena, magra, es- | bambeada, negra como uma ameixa e | coberta de farrapos, quando me chama- | vam Zoé, eu trahia Aurora e Joanna por | que ellas eram bonitas. || - E agora ? || - Agora odeio-as, porque não ellas | grandes fidalgas, porque o rei voltará | talvez, e porque haverão gentis homens | e belas senhoras, e então enxotam-nos | a nós ás filhas do povo, e castigam-nos | por termos gritado : viva a republica ! | e por termos applaudido o cidadão Brou- | to e a guilhotina. || - Ainda não voltou esse tempo, disse | Antonia. || - Mas póde voltar... || - Talvez. || - E então nós as veremos ambas, es- | sãs pretendidas sobrinhas de mãe Simão | patentear vestidos riquissimos em car- | ros dourados, e cobrirem-nos com o seu | desprezo. ||

Edição 411

PONSON DU TERRAIL [espaço] 34

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXVI || Nichette fallava com tal accento de | ódio, que a cidadã Antonia não hesitou | mais. || - Sim ! repito-te que não quero ter | segredos para ti. || Nichette deitou-lhe um olhar que | queria dizer: << Eu sou tão perversa co- | mo tu, tão corrupta como tu, e qualquer | que seja o crime que me vaes confiar, | conta desde já que o approvo.>> || Antonia sabia ser breve e prolixa | quando era preciso. || - Sim, disse ella, o rei póde voltar, e | ellas também ; e então serão senhoras | aristocratas. Tens razão, mas faltar- | lhe-ha uma cousa. || - Qual ? perguntou Nichette. || - Dinheiro. Ellas são pobres... || - Tanto melhor ! disse a vingativa | rapariga. || - E pobres por minha causa. || - Ah ! ah ! disse Nichette, arrui- | nou-as ? || - Não, roubei-as. || - Antonia pronunciou estas palavras | com um cynismo que encantou Nichet- | te. || A ramilheteira lançou-es-lhe ao pesco- | co. || - Ah ! és adorável. || - Vês que sou rica,

proseguiu Anto- | nia. || - Oh ! muito rica, ninguem o póde | duvidar. || - Pois bem ! a minha fortuna pertencen- | cia-lhes. || - Sim senhora. || - Mas essa fortuna, continuou Anto- |

nia, essa fortuna que hei de repartir | contigo, querem tomar-m'a. || - E quem? disse Nichette que poz as | mãos na cinta, como si estivesse para | sustentar uma luta com todos os inimigos de sua nova amiga. || - Umas pessoas que lh'a querem dar. || - Oh ! mas eu estou aqui, disse Ni- | chette. || - Lembras-te de um homem que mo- | rava outr'ora na tua casa e que se chama- | mava Bibi ? || - Si me lembro ! esse velho misera- | vel enganou-me bem. || - Então também o odeias ? || - Quase como as duas irmãs. || - Pois elle, disse Antonia, é que quer | fazer nos dizer de facto e de direito. || - Que patife ! || Já dissemos que Antonia não queria | ter segredos para Nichette. || Contou-lhe então como, depois de se | ter apoderado da fortuna das duas me- | inas, fortuna que estava em um cofre, | ella o tinha confiado ao rei dos bohemios. || - Mas, disse Nichette, é esse homem | que espera para cear? || - Exactamente. || - E eu devo fazer-me amar por elle ? || - Comprehendes então agora ? || - Sim e não, senhora. || - Explica-te, pequena. || - Si esse homem a vem ver e cear | comsigo é porque é seu amigo. || - Pelo menos era-o. || - E então não tem interesse nenhum | em dar esse dinheiro sinão a si. || - Enganas-te || - Ah ! || - Nem todos os bohemios são isemptos | de escrúpulo, como eu, continuou Anto- | nia. || - Ah ! são todos muito honrados, disse | se Nichette, escarnecendo. || - Ao menos Munito tem essa preten- | ção. ||

- Ora ! então quando elle recebeu o | dinheiro não sabia que era roubado? || - Não. || - E que lhe disse a senhora para ex- | plicar tal aquisição ? || - Mostrei-lhe um testamento que a | tia das duas raparigas fizera em meu fa- | vor, porque essa fortuna proveio de uma | princeza allemã, tia dellas por afinida- | de. || - Então essa fortuna é sua ? disse in- | genuamente Nichette. || - Não. || - Como assim ? || - O testamento é falso. || - Ah ! comprehendo. || - E o pae Bibi comprehendeu provar- | lh'ó. || - E si elle o consegue ? || - Munito restituirá o dinheiro. || - Sim, disse Nichette, mas si Munito | me amar, eu far-lhe-hei perder de tal | forma a cabeça, que confundirá alhos | com bugalhos. || - E depois, disse Antonia encantada | com tal resposta, eu não sei como Bibi | poderá provar que o testamento é falso. || - Ah ! || - Morreu quem o fez. || 'E a letra da princeza está perfeita- | mente imitada? || - Como a princeza morreu e como | não se encontrará letra della... a menos | que não vão revistar a minha secreta- | ria. || - Ah ! tem carta della ? || - Algumas. || - É preciso queimal-as, disse Nichet- | te. || - Hei de fazer isso ; mas antes é pré- | ciso que Munito se convença de que Bibi | é um intriguista. || - Mas, disse ainda Nichette, como sa- | be a senhora os projectos desse homem. || - Todos os mezes mando a Vienna um | homem de minha confiança. || - Muito bem. ||

- Esse homem, apresenta-se a Munito, | que lhe conta cem mil libras para mim. || Ora, continuou Antonia, ha trez me- | zes que esse homem trava conhecimento | com Bibi, e entregou-se-lhe imprudente- | mente. || - Ah ! ah ! || - Bibi começou então a procurar o rei | dos bohemios ; encontrou-o provavelmente- | te ; e não sei o que se passaria entre | elles. || Quando ha quinze dias, o meu manda- | tario foi a Vienna, Munito recusou pa- | gar-lhe. || - Ah ! esse Bibi ! disse Nichette enco- | llerisada. || Antonia continuou: || - Alguns dias depois recebi uma car- | ta do rei dos bohemios. || - Que dizia elle? || - Que lhe affirmavam que eu tinha | roubado o dinheiro de que elle era depo- | sitario . e que, posto elle se recusasse a | crêr em tal, toda vida não podia pagar | mais, sem primeiramente apurar a ver- | dade. Annunciava-me o resto que vi- | nha a Paris vêr-me, e que me preveni- | ria de sua chegada. || Imagina agora como eu estarei in- | quieta. || - Effectivamente, disse Nichette. || - Ora, como já não sou nova nem for- | Mosa, imaginei que si encontrasse uma | mulher como tu, enebriaria de amor | Munito e far-lhe hia tolher assim a ac- | ção desse demonio de Bibi. || - Então procurou-me? || - E alguma cousa me dizia que te en- | contrava. || - Pois bem ! aqui estou. || E Nichette abriu um sorriso soberbo, | o sorriso da mulher que anticipadamen- | te

está segura da victoria. || - Não é o meu dinheiro que tu vaes | defender, disse Antonia. || - É o nosso, disse friamente Nichette. || Em uma palavra, ella acabava de fa-

zer com Antonia um tratado de allian- | ca, de vida e de morte. || E, como Antonia a abraçasse ainda, | ouviu a campainha que annunciava a | chegada de uma visita. || - É Munito “ disse Nichette. || E prompta para o combate, levantou-| se com um clarão nos olhos e um sorri- | so nos labios. || - Não, ainda não póde ser elle, disse | Antonia. || - Então quem é? ||- Um homem que eu tive o capricho | de amar, respondeu Antonia desdenho- | samente, pagando- | lhe a bagatella de do- | Zé a quinze mil libras por mez. || - Ah ! disse Nichette. || - Ora ! murmurou Antonia com um | riso cynico, eu não sou joven nem bella | como tu, mas faço-me amar como posso. || Depois accrescentou: || - Mas esta noite não estou para amar. | Tenho muito o que fazer. || E levantou-se para receber o cidadão | X... e despedil-o mais depressa possi- | vel. ||[espaço] XXVII [espaço] || Não se enganara Antonia ; era effec- | tivamente o cidadão X... que chegava. || A bohemia esperava-o em uma saleta | visinha daquela onde recebera Nichet- | te. || O cidadão X... era um epicurista. || Quando atravessava o pateo, perfu- | mes exhalados das cosinhas castigaram- | lhe agradavelmente o olphato, e elle no- | tou em toda casa uma azafama descos- | tumada. || - Esta boa Antonia, dissera elle, tem | gente á ceia para me comprazer, e oc- | cultou-me esta surpresa. Bons dias, for- | Mosa querida, disse elle entrando e bei- | jando galantemente a mão da bohemia. || - Boas noites, respondeu ella. || - Hoje a casa tem um ar de festa, anjo | idolatrado. ||

Edição 412

PONSON DU TERRAIL [espaço] 35

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXVII || E poz-se junto della, na ottomana, em | que ella se tinha sentado. || - Acha? || - Das cosinhas voam perfumes os | mais | deliciosos. || - Disse ao mestre que se excedesse. || - Então tem convivas para a ceia? || - Tenho. || -Quem ? || - Em primeiro lugar uma mulher | muito linda. || - Ah ! ah ! disse o cidadão X... cujos | olhos brilharam. || - Depois um dos meus bom amigos | que voltam da Allemanha. || - E depois ? || - Mais ninguem. || - Uma partida de quatro, segundo | vejo. || - Não, é um triangulo perfeito. || - É possível ? || - O senhor não é meu marido, disse | Antonia com grande doçura. || O cidadão X... recuou estupefacto. || - Diz que ? ... || - Que não é meu marido, repetiu | tranquilamente Antonia || - Esta a gracejar ! || - Agora. Recebo hoje uma pessoa | deante de quem quero ser virtuosa. || - Ah ! disse o cidadão X... com uma | impertinência digna de um falon rouge. || - Assim é meu amigo. || - Mas... minha bella...|| Antonia tornara-se seria. || - Meu caro, disse ella, acha agrada- | vel que eu seja rica, não é assim? || - Mas... que relação tem ... o que me | diz... ||

- E si eu fosse pobre, accrescentou | ella, com um sorriso, a sua amizade | permitiria... || - Senhora ! || - Pois bem ! permitta que o despeça | hoje, por que a minha fortuna depende | talvez da sua ausencia. || O cidadão X... attendia á sua posição | Achou conveniente encrespar na sobran- | celha e mostrar-se ciumento. || - E quem me assegura que a senho- | ra falla a verdade? || Antonia deu uma gargalhada. || - Ora o senhor é sempre de um gro- | tesco extremo. Si quer conservar a | minha amizade, vá embora. || - E si eu não quizer? || Pronunciando estas palavras o cidadão X... fez um gesto e tomou uma po- | sição de tribuno. || Antonia deu outra gargalhada e disse: || - Ah ! não me mete medo, meu caro. || - Antonia, tome sentido ! || - Estamos já em outros tempos. || - Senhora ! || - O seu amigo Robespierre morreu ; | e agora já não se guilhotina ninguem. || Estas palavras socegaram o cidadão | X... || - Seja galante, dise Antonia, e vá em- | borá. || - Mas, emfim, disse o tribuno feroz, | dir-

me-ha ao menos... || - Quem é o homem a quem eu dou de cear ? || - Sim. || - É um allemão, não é um bohemio. || - Ah ! || - Que tem dez milhões... esta conten- te ? ! || - E essa mulher que diz ser tão bel- la. || - É minha filha adoptiva [.]. Está satis- feito ? || Desta vez na voz de Antonia havia alguma cousa de breve, secco e termi- nante, que fez perceber ao cidadão X... que aquella exquisitice dramatica devia

terminar, que e a sua situação de Othel- lo já não tinha nenhuma razão de ser. || - Vá embora e venha amanhã ver me, disse Antonia. || Estendeu-lhe a mão, levantou-se e abriu-lhe a porta. || O cidadão X... partiu sem dizer uma palavra. || Afinal de contas esse homem eloquen- te que tanta vez fizera retumbar a tri- buna com as suas apostrophes á tyran- nia, não era isempto de fraquezas. || Um sorriso assomou aos labios de An- tonia, quando elle partiu ; sorriso tris- te como indubitavelmente devem ter os precitos, quando se lembrarem do céu. || - A ceia é a única cousa que elle la- menta, disse ella. || Depois experimentou esse sentimento das mães que envelhecem e se acham bellas em suas filhas. || E pensando em Nichette, murmurou: || - Mas amal-o ha ella ? || Esta creatura, perversa entre todas, definhada pelo odio e pelo crime, amava um ser humano, pela primeira vez da sua vida; e juntara-se a Nichette. || Esta já se tinha habituado á sua nova situação, repoltreara-se em uma otto- mana e enovelara-se como uma gata que aguça o acho de suas unhas. || - És adoravel assim, lhe disse Anto- nia, vindo abraçal-a de novo. || Passaram juntas uma boa hora, antes de chegar o bohemio. || Quando este se apresentou, Nichette já sabia toda a vida de Antonia, identi- ficara-se com ella, desposando-lhe os ódios, os rancores, adivinhando-se os projectos, e estando resolvida a tornar- se o braço direito della. Chegou final- mente Munito. || Dois lacaioes que já tinham a senha, introduziram-o no gabinete, onde o es- peravam Nichette e Antonia. || Munito estremeceu e pareceu pertur- bato quando viu a joven. ||

- Bom ! pensou Antonia, o encanto opera já o seu effeito. || Elle, porém, salvou-se daquella emoção passageira, e dirigiu a palavra a Anto- nia, em lingua bohemia. || - Quem é essa mulher? disse elle. || - Minha filha adoptiva, disse Anto- nia. || - Ah ! disse Munito que pareceu ficar satisfeito com aquella resposta. || Depois disse ainda : || - Vamos, por um momento, fallar nos negócios. || - Falle... || - Accusam-te de um roubo, mas eu não o creio. || Antonia nem pestanejou. || - É um miserável agente de policia chamado Bibi ? disse ella. || - É. || - Um desgraçado a quem eu salvei do cadafalso. || - Talvez ... || - E em que baseia elle tal accusação? || - Diz que é falso o testamento da princeza Helena. || Antonia teve um leve estremecimen- to na voz, quando disse : || - E como espera elle proval-o ? || - Isso é que eu não sei. || - Então esse homem esta em Paris? || - Também não o sei. || - Mas, paesinho, tu vens a Paris para teres essa prova? || - Naturalmente. Mas debes saber que tenho outros negocios, e que não posso demorar-me aqui muito tempo. || - Ah ! || - Conto demorar-me quinze dias. || - E depois ? || - Ora, depois ! depois partirei. Si da- qui até lá elle não me provar o que eu avanço, farei como que si não o tivesse visto. || - És a sabedoria encarnada, paesinho. || Munito olhava sempre para Nichette e parecia que a achava muito a seu gos- to. ||

Nichette não podia comprehender uma palavra da conversa do bohemio e de Antonia ; mas adivinhara, e dizia assim : || - O pobre diabo não é assim tão feroz, e amal-o hei depressa. || Munito tirou as luvas. || Nichette ficou deslumbrada. Viu bri- lhar-lhe nos dedos um anel com um diamante do tamanho de um ovo de pom- BA. || - Ah “ pensava ella, Antonia tinha razão. Esse homem deve ser fabulosa- mente rico. Antes de um mez terei eu carros como ella. || Um lacaio abriu a porta e disse : || - Esta posta a mesa ! || - Vem cear, paesinho, e dá a mão á minha filha. || Munito obedeceu. || Nichette imaginou que a mão delle tremia ao tocar na della. || E como Antonia, ella também disse de si para si : || - Creio que o peixe pica... || Effectivamente Munito parecia expe- rimentar um encanto

indivível em com- | templar a joven. || [espaço] XXVIII [espaço] || Entretanto o nosso amigo Polyte to- | Mara o caminho da rua dos Bons- En- | fants. || Bibi dissera-lhe : || - Faz-te convidar para a ceia e con- | tar-me-has tudo o que vires e ouvires, | Desde que se tornara o cherubim de | Antonia, Polyte era inteiramente da | casa. || Os creados saudavam-n'ó respeitosa- | mente ; o cidadão X... mostrava-lhe boa | cara. || Ora, quando este sahia da casa de An- | tonia, com muito mau humor, Polyte | virava a esquina da rua, o que fez com | que ambos se encontrassem cara a cara. || - Boas noites, cidadão ! disse Polyte. || - Ah ! és tu ? disse o cidadão X... || - Sou, cidadão. ||

Edição 413

PONSON DU TERRAIL [espaço] 36

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXVIII || O feroz representante olhou a volta | delle e disse sorrindo: || - Estamos sós, meu amigo. || - A esta hora não é de admirar, res- | pondeu Polyte. || - Por conseguinte vou dar-te um pe- | queno conselho que ninguem ouvirá. || - Escuto cidadão. || - Amigo, disse o cidadão X... sabes | que a republica tem os seus dias conta- | dos? || - Que me diz? || - E que já se pode dar o tratamento | de senhor e não pode cidadão? || - Desculpe, é um mau habito que hei | de procurar perder. || - Bem, meu amigo. || - Mas, replicou Polyte, já não vae a | casa da cidadã Antonia ? || - Venho de la. || - E não ficou para cear ? || - Não. || [[mancha] disse familiarmente Polyte, | parece que não vem contente. || - Não, effectivamente. || - Houve alguma novidade ? ... || O cidadão X... olhou fixamente para | Polyte. || - E tu, vaes agora lá? || - Vou. || - Cear? || - Sim ! || - Bem ! podes poupar caminho meu | amigo Polyte. || - O que ? || - Despedem-te como a mim. || - Ora ! || - É o que eu te digo. Antonia tem con- | vivas. ||

- Realmente ? || - Primeiramente uma linda mulher, | no que parece. || - E depois ? || - Um homem que eu não conheço, e | que ella não me deixa ver. || - É exquisito, disse Polyte. || De repente uma idéa atravessou o ce- | rebro do cidadão X... || Olhou fixamente de novo para Polyte || - És curioso ? disse elle. || - Como um gaiato de Paris, que sou. || - E discreto ? || - Quando é necessário. || - Vou fazer-te uma proposta. || - Vejamos, disse Polyte. || - Tu sabes que tenho um quarto no | palácio. || - Naturalmente. || - Com esse quarto confina um gabi- | nete de toilette. || - Muito bem. E esse gabinete de toi- | lette tem uma vidraça que dá para a | sala de jantar, disse Polyte. || - Exactamente. || - E então? || - Então supponhamos uma cousa. Tu | entras, vaes ao meu quarto e penetras | no gabinete de toilette. || - Subo a uma cadeira, continuou Po- | lyte, e immovel, por traz da vidraça, | assiste á ceia. || - É oq eu eu ia dizer. || - Depois, amanhã, conto-lhe o que se | passou. || - A bom entendedor meia palavra | basta. || - Mas desgraçadamente, disse Polyte, | isto é um pouco impraticável, senhor. || - Como assim ? || - Bate á porta. || - Bom. || - Dão-me entrada, como ao senhor. || - Sim, si tu entrasses pela porta prin- | cipal. Mas si tu desceres á antiga rua | Valois, e entrares no palacio pela pe- | quena porta do jardim... || - Como ? ||

- Com esta chave. || E o cidadão X... poz na mão de Poly- | te uma chave que Antonia lhe tinha da- | do nas suas horas de expansão e de amor. || - Ah “ isso agora é outro fallar, disse | Polyte, pegando na chave. || - Agora, és prudente, és engenhoso e | podes entrar em um palacio sem seres vis- | to. || - Descance, accrescentou Polyte ; eu | tenho amigos na casa. || - Amanhã, concluiu o cidadão X... | vem procurar-me cedo para me conta- | res o que vires e para me dares a cha- | ve. || Dizendo isto apertou a mão a Polyte | e afastou-se. || Polyte começou a rir á socapa. || - Pobre cidadão X..., disse elle, não é | o ciúme que te impelle mas

sim o re- | ceio de seres substituído. Ora ! quando | uma pessoa está em boa posição, procu- | ra conservá-la. || E Polyte passou por deante do palace- | te de Antonia sem parar, e descend á | rua de S. Honorato, voltou á direita, pa- | ra se metter na antiga rua de Valois. || O palacete de Antonia tinha effectiva- | mente um grande jardim, para o qual | se entrava por uma pequena porta, que | dava para aquella ultima rua, em fren- | te ao Palais- Royal. || Polyte entrou, pois, no jardim, com a | ajuda da chave que o cidadão X... lhe | tinha dado. || Era sombria a noite, e as luzes que | brilhavam nas janelas do palacete, mer- | gulhavam, por opposição, o jardim na | obscuridade. || Polyte metteu-se em uma grande ala- | meda de arvors que conduzia directa- | mente a estufa. || A estufa ficava aberta no verão. Ao | fundo havia uma pequena escada de ser- | viço que dava para os andares superio- | res do palácio. || Elle caminhava com precaução, indo | pela relva, e evitando pôr o pé na areia. ||

Quando chegou a estufa parou para | escutar. || - Agora é que espiono por conta de | duas pessoas ao mesmo tempo, pensou | elle, por conta de Bibi e do cidadão X... || Ora o cidadão X... só saberá de mim o que a | mim me convém que elle saiba. || Os criados vagueavam pelas salas e | corredores. || Polyte ouvia os seus passos ruidosos | e apressados. || Entretanto metteu-se pela escada pe- | quena e subiu pé ante pé. || Parava, quando ouvia ruido ; mas | continuava a seguir para deante, quan- | do não havia rumor nenhum. || Chegou assim ao primeiro andar. || Ahi Polyte reconhecia-se perfeita- | mente e não carecia de ninguem para lhe | indicar o caminho. || Devia só ir nos bicos dos pés, cami- | nhar até a extremidade do corredor, pôr | uma mção chave e abrir uma porta. || Era o quarto a que o cidadão X... | chamava seu. || E Polyte assim fez. || Quando chegou alli, tirou a chave, | metteu-a por dentro, fechou-se e disse : || - Não quero ser interrompido. || Polyte estava sem luz, e já dissemos | que a noite era sombria. || Mas as janellas do quarto davam para | o jardim, que era plantado de grandes | arvores, então vestidas com todas as fo- | lhas. || As vivas luzes das janellas vizinhas re- | fletiam se nessa verdura, com um espe- | lho, reenviando para o quarto, mergu- | lhado na escuridade, uma especie de luz, | que fazia com que Polyte não esbarra- | se na parede ou não tropeçasse ruidosa- | mente contra algum movel. || Vêr dalli para o gabinete de toilette | era uma brincadeira pa Polyte. || Viva luz passava atravez da vidra- | ça. || Polyte enconstou docemente uma ca- | deira á parede. ||

Subiu e viu então distinctamente o | que se passava na sala de jantar. || Antonia, Nichette e o bohemio esta- | vam a meza. || O bohemio estava vermelho ; tinha o | olhar acintillante, e parecia tomado da | doce embriaguez do vinho e do amor. || A attenção de Polyte cahiu primeira- | mente sobre esse personagem. || - Diabo ! disse elle, o bom homem pa- | rece um pouco animado; lastimo o si | tem com elle todos os seus diamantes ! || Polyte olhou depois para Nichette. || Mal a reconheceu, tão vantajosamen- | te transformada estava ella || - Safa ! murmurou elle, é um bocado | verdadeiramente digno de um príncipe, | a tal rapariga. || Estava aberta uma das meias portas | da vidraça, provavelmente para arejar | o gabinete de toilette. || Polyte ouvia perfeitamente a conver- | sa dos três convivas. || - É adoravel a tua filha, dizia Muni- | to, que parecia ébrio; eu sou viúvo e | quero desposar-a. || - Pois sim ! paesinho, respondia An- | tonia com um tom escarnekedor ; tu és | rico de mais para nós. || - Cubro-a de diamantes. || - Ora ! dizes isso... || - E de pedras preciosas, accrescentou | Munito, bebendo um grande copo de to- | kay. || - E depois, disse Antonia é minha filha | adoptiva. || - Bem sei. || - E tu não quererás desposar a filha | de uma ladra. || Munito entoou um riso grosso e disse: || - Ah ! foi Bibi que me disse isso. || - E acredital-o ? || - Não. || - Palavra ? || - A prova é que vou pagar-te as tuas | rendas atrasadas. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXVIII || Fallando assim, Munito, que parecia | completamente ébrio, tirou do bolso uma | volumosa carteira, que pôz na meza. || - Hum ! pensou Polyte, parece-me que | estamos soffrivelmente derrotados, as | meninas, o pae Bibi e eu. || Munito abrira a carteira e espalhava | sobre a mesa notas dos bancos prussia- | nos e austriacos. || Nichette devorava com os olhos esse | dinheiro. || Polyte disse ainda : || - Vae bem a pequena ; si continuar, | sahirá o que prometia quando era | creança ? || [espaço] XXIX [espaço] || - Também não anda mal o paesinho, | como lhe chama Bibi, continuava a di- | zer Polyte que via o bohemio pregar in- | flamados em Nichette e sorrir a Anto- | nia ; si isto continua, estamos perdidos. || Effectivamente o bohemil parecia não | ligar a menor consideração ás accusa- | coes de Bib e reputar Antonia a mais | honrada mulher da sua tribu. || Polyte porém não teve o gosto de ver | o que ia passar-se, porque um live rui- | do o fez estremecer. || Voltou-se e ficou mudo, com a frente | banhada em suor, ao ver que uma mu- | lher tinha entrado no quarto – Ah ! sr. Polyte, disse uma voz fres- | ca e harmoniosa, agora pilhei-o. || - Schiu ! disse o peralvilho, pondo um | dedo nos labios. || Graças ao reflexo da claridade que pas- | sava pela vidraça, elle reconheceu a | criada de quarto de Antonia. || Não era aquella que outr’ora Polyte |

quase que tinha estrangulado em Palai- | seau, no vestibulo da casa. || Era uma linda rapariga chamada Pau- | lina, e que entrara, havia pouco, para | casa da bohemia. || Paulina tinha todos os defeitos e to- | das as qualidades da sua profissão. || Era discreta, mentirosa, atrevida, não | revelava os segredos da sua ama, sinão | a quem lh’os pagava generosamente, e | procurava até saber esses segredos total | ou parcialmente. || Gostava de Polyte, que tomara um ar | distincto, desde a sua metamorphose de | gaiato de Paris em peralvilho. || Deitava-lhe uns olhos apaixonados, | quando elle vinha a casa de Antonia ; e | Polyte mais de uma vez a abraçara e | lhe dera um beijo na testa. || - Mas então que faz aqui ? disse Pau- | lina : por onde entrou ? || - E tu que vens aqui fazer, rapariga ? | perguntou Polyte baixando a voz. || - Ora, eu desempenho os meus deve- | res, respondeu a criada. || - Ora essa ! || - Espreito as portas . || - E olha atravez das fechaduras. || - E como isso não é la muito commo- | dp, vinha vêr mais á minha vontade. || - Esta bom ! então seremos dois a es- | preitar. || Como Paulina era baixa, aproximou | uma cadeira da parede e pôde assim che- | gar á vidraça. || - Então a Sra. Antonia não sabe que o | senhor está aqui ? || Com certeza que não. || - Mas como entrou o senhor ? || - Pelo jardim. || - Então tem uma chave ? || - Tenho uma que me emprestou o ci- | dadão X... || - E espiona por conta d’elle ? || - Exactamente. || - Pois eu também, disse Paulina. || E ambos continuaram a espreitar. || O bohemio contava placidamente a |

Antonia cem mil francos em notas do ban- | co. || Antonia pegou no dinheiro e foi guar- | dal-o ao seu quarto visinho. || Munito e Nichette ficaram sós por um | momento. || O bohemio continuava a olhar para a | joven com os olhos inflamados. || - Ama-me ? dizia elle, pegando- | lhe | nas duas mãos e comprimindo-as terna- | mente. || Nichette sorria de um modo provoca- | dor e cheio de promessas. || - Não comprehendo nada disto, mur- | murava Paulina ao ouvido de Polyte. || - Nem eu, respondia elle. || - Conhece aquella mulher ? || - Não, disse Polyte. || - A Sra. Antonia trouxe-a esta noite. || - Ah ! || - Vinha pobrementemente trajada, mas

nós | vestimol-a cá.; || - Mas ella é bonita? || - Ora “ disse Paulina, não tem nada | de extraordinario. || Antonia voltou. || - Ah ! paesinho, disse ella, ao que pa- | rece estás perdido de amores. || - Estou, disse Munito. || - E tu queres desposar a minha filha | adoptiva ? || - Immediatamente, si fôr possível. || - Oh ! não, disse Antonia, tens muita | pressa. Ninguem casa de noite. || - Isso conforme. || - Além de que, Nichette não é bohe- | mia, continou Antonia. || - Ah ! || - Elle não se contentaria esvasiar uma | bilha comtigo e quebral-a depois, segun- | do o nosso rito. || - Mas, emfim, disse Munito, tu não | vaes despedir-me a estas horas ? || - Vou sim, disse Antonia. || - E para onde queres tu que eu vá ? || - Para a tua hospedaria. || - Ah ! é justo, disse o bohemio, já me | tinha esquecido que parei em uma hos- | pedaria. ||

- O amor faz-te perder a cabeça. || - É verdade. Mas voltarei, não é as- | sim ? || - Quando quizeres. || - Amanhã de manhã? || - Como quizeres. || Munito beijou ardentemente as mãos | de Nichette e disse-lhe: || - Si me amares, cobrir-te-hei de pe- | rolas e de diamantes. || - Quero ser rainha, respondeu Nichet- | te. || - Serás, porque eu sou rei. || - O bom homem esta perdido, mur- | murava Polyte. || Depois agarrou Paulina pela cintura | e disse-lhe : || - Pequena, é preciso partir agora. || - Porque ? || - Porque já viste e bastantes | cousas. || - E o senhor ? || - Eu ainda quero vêr e saber mais. || - E então eu porque não? || - Porque não ! disse Polyte com um | tom de autoridade. || Paulina fez uma cara de despeito e | retrucou: || - E, si eu disser a Sra. Antonia que o | senhor esteve aqui esta noite? || - Eu digo-lhe que tu me fazias com- | panhia, e ella expulsar-te-ha. || - E ao senhor também. || - Eu sou amigo do cidadão X... || E Polyte pareceu reflectir do seguinte | modo : || - Ella não comprehenderá uma pala- | vra do que disseram Antonia e Munito. | É melhor ficar de bem com ella. || Sorriu e disse: || - Não tenho intenção de te impedir | que vejas e ouça minha pequena. || - Ah ! assim é melhor. || - Mas já que te tornas minha cumpli- | ce, é preciso que sejas até o fim. || - É o que eu quero. Que poderei fa- | zer para lhe agradecer Sr. Polyte ? || - Por enquanto levas-me ao teu quar- | to. ||

- Bom ! || - Escondes-me ahi. || - Até amanhã? respondeu a criada | que fingiu corar. || - Não, até que todos se deitem || - E depois ? || - Abres-me a porta da rua, e eu vou | embora. || Antonia e o bohemio conversavam na- | quella língua que nem Polyte nem a ra- | milheteira comprehendiam. Polyte, po- | REM examiava a alteração da physio- | nomia da bohemia. || As feições de Antonia serenaram pou- | co e pouco , e Polyte dizia a si mesmo : || - É claro que Antonia enfeitçou o | bohemio. Elle ama Nichette, e a paixão | póde mais n'elle que a honra ! Anda mal | Bibi en contar com ele para rehver a | fortuna das meninas. || Munito estendeu a mão a Antonia e dis- | se lhe em francez: || - Bem; até amanhã ! || - Até amanhã, repetiu Nichette que | lançou os braços ao pescoço do bohemio. || Este suspirou, deu, cambaleando, AL- | guns passos para a porta, parou e olhou | ainda para a joven ramilheteira. || Anotnia tocou uma campainha. Appa- | receu um criado. || - Mande apromptar a carruagem para | levar este senhor, disse ella. || Munito partiu. || Então Antonia e Nichette ficaram sós. || - Temol-o agarrado, disse Antonia. || - Assim o creio, respondeu a rapariga | sorrindo. || Antonia cingiu Nichette com os braços, | estreitou-a ternamente e disse : || - És digna de mim ! || - Procurarei sel-o pelo menos repli- | cou a perversa creatura. Mas porque o | mandou embora esta noite ? || - Porque é preciso que elle te deseje | por espaço de quinze dias. || - E depois! || - Partiremos com elle, e iremos a Bo- | hemia celebra os esponsaes. || Polyte e a criada ouviam sempre. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXX || Antonia e Nichette conversaram al- | guns minutos ainda. || A conversa que versou unicamente | sobre o bohemio não interessou nada a | Polyte. || Finalmente Antonia chamou. || - Ah ! disse Paulina ao ouvido de Po- | lyte, é de mim que ella precisa agora. || - Vaes então ? || - Vou... Ella quer talvez deitar-se. || - Quando te verei? || - Fique aqui que eu virei procural-o || E Paulina sahiu devagarinho do ga- | binete de toilette. || Polyte ficou só ; e. como a solidão dá | logar ás reflexioes, elle dizia de si para | si: || - É bem simples o plano de Antonia : | ella vae fazer engulir a pilula ao bohe- | mio, isto é vae deixa-o desejar arden- | temente Nichette ; e Munito, amoroso, | não mais lembrará que deve a vida a | Bibi e a condessa Aurora. || Facilmente entrei aqui : mas como | hei de sahir agora? Pois é preciso que | eu veja Bibi esta noite mesmo. Talvez | que elle arranje meio de arrancar Mu- | nito as róseas garras de Nichette. || Como elle conversava sempre com a | cara collocada a vidraça, e como conti- | nuava a olhar para a sala de jantar, viu | entrar a criada. || - Leva a menina para o quarto della, | ordenou Antonia. || Dizendo isto, a bohemia depoz um | ultimo beijo na cara de Nichette, e se- | param-se depois. ||

Polyte esperou muito tempo, uma | hora talvez. || Os rumores do palacio extinguiram-se | successivamente, e por um momento elle | viu que tudo estava deitado em casa. || -Mas então essa rapariva não volta- | rá ? dizia Polyte já impaciente. || Depois que Antonia e Nichette deixa- | ram a sala de jantar e que os criados | levaram as luzes, Polyte ficou na mais | completa obscuridade, e não ousava fa- | zer um pequeno movimento com receio | de ir de encontro a algum movel. || Ouviu, emfim, um passo leve no par- | que e a porta abrir-se docemente. || Mão pequena o tomou pelo braço. || - Venha disse a voz da criada. || - Até que emfim, disse Polyte ; jul- | guei que não voltarias. || - Venha devagar, disse a criada. Con- | fie em mim, que eu o guiarei. || Polyte consentiu. || Atravessou pé ante pé o quarto visi- | nho do de Antonia, e, sempre guiado | pela criada, achou-se em um corredor. || Então olhou para Paulina e disse : || - Estão todos deitados ? || - Todos ? || - Podes, pois, fazer-me sahir ? || - Sem duvida, mas... || E começou a corar galatamente. || - Oh ! rapariga, disse Polyte, és ga- | lante de mais para que eu não me tente | em ficar, mas... || - Mas que ? disse ella com certo ani- | mo. || - Preciso de sahir e de me demorar, | ainda que não seja sinão um quarto de | hora. || - Ah ! mas volta ? || - Talvez [espaço] volto sim. || Polyte mentia, mas o que elle queria | era esquivar-se aos galanteios da criada. || - E aonde vae com uma noite destas ? || - Fallar com o cidadão X... || - Ah ! - Elle espera-me. || - Mas aonde? ||

- Em uma sala de jogo do Palais- | Royal. || Isto era possivel e Paulina não duvi- | dou. || - Então não deve sahir pela porta | principal. || - Pelo jardim? || - Sim. || - É me indifferente. || - É melhor para mim, disse Paulina. || - Porque? || - Porque porteiro tem o somno tão | leve que póde despertar ao abrir-se a | porta. || - Como quizeres, disse Polyte. || Tomaram a pequena escada que dava | para a estufa e que communicava com | o jardim por uma porta que nunca se | fechava. || Uma vez fora da estufa, Paulina le- | vantou a cabeça. || - A senhora dorme, disse. Já não tem | luz no quarto. || - Então que é aquillo que eu vejo lá | em cima ? || - É luz que vem do quarto da meni- | na que a senhora trouxe esta noite, res- | pondeu Paulina com despeito. || - Então ainda não estará deitada ? || - Está, mas tem uma

lamparina acce- | sa. || Polyte notou então que havia uma ar- | vore copada e espessa deante da frontei- | ra do palacete, que subia em linha recta | até a janella, onde ainda brilhava a luz. || Paulina conduziu-o á porta do jardim | que dava para a rua, que outr'ora se ti- | nha chamado de Valois e disse-lhe : || - Espero por si. || - Como ! esperas por mim? || - Pois si não darda mais do que um | quarto de hora... || - É justo. || E Polyte, dando um beijo no collo de | Paulina, foi embora. || Correu á casa de Bibi ; o homem da | policia não se tinha deitado ainda. || Polyte julgou mesmo notar, quando |

bateu a porta, que Bibi, antes de abrir | completava algum negocio mysterioso. || Os aposentos de Bibi, depois da sua | chegada a Paris, constavam de dois | quartos; um para onde se entrava logo, | depois do pateo, e outro a seguir a este, | aonde Bibi tinha a cama. || Foi no primeiro que elle recebeu Po- | lyte, o qual não notou a principio que | o outro quarto estava fechado. || - E então ? disse Bibi. || - Ah ! que exquisitas cousas, papá, | respondeu Polyte. || - Que me dizes ? || - Em primeiro lugar, Antonia deu com | a porta na cara ao cidadão X... || E Polyte contou a Bibi como encon- | trará o feroz amigo do defunto e como | acceitara fazer a policia por conta delle. || Bibi encrespou as sobranceiras e dis- | se : || - Isso é que me contraria. || - Ainda ha mais que o vae contrariar | já, gracejou Polyte. || - Bem, que viste tu? || - Primeiramente Nichette metamor- | phoseada ; dir-se-hia que nasceu no meio | de sedas e velludos, e que nunca vestiu | outra cousa. || - Duvido. E depois ? || - Nichette e Antonia adoram-se. Pa- | recém duas rolas. || - E depois ? || - Cearam com o bohemio Ah ! papá | interrompeu Polyte, perdemos decidida- | mente neste jogo. || - Achas ? || - Receio-o bem, pelo menos. || Um sorriso mysterioso passou pelos | lábios de Bibi. || - Continua meu filho, disse elle. || - Munito esta doido de amores por Ni- | chette. || - Ah ! ah ! || - E pagou a Antonia ! || - Como assim ? || - Deu-lhe os cem mil francos atraza- | dos. ||

- Esta bom ! || - E está totalmente convencido de que | o papá é um intriguista e que o dinhei- | ro de Antonia é della ! || Bibi ouvia impassivel. || - Parece que isto não lhe causa sem- | sacção. || - Ora ! disse Bibi. || - Mas, supponha uma cousa. || - Diz. || - Munito esta nas garras de Nichette. || - E dahi? || - Nichette leva-o para longe de Pa- | ris. || - É provavel. || - E nós ficamos burlados. || Bibi agitou os hombros. || Polyte abriu uns grandes olhos, admi- | rado do socego e laconismo de Bibi. || Este replicou? || - Então achas que Munito estáapai- | xonado por Nichette? || - Como um doido, como um selvagem. || Bibi começou a rir. || No mesmo instante abriu-se a porta | do quarto e, com grande admiração de | Polyte, entrou um homem. || Era Munito. O bohemio sorria ; esta- | va tão socegado e frio como Bibi. || - Ah ! rapaz então achas que estou | apaixonado ? disse elle com uma pronun- | cia allemã, fortemente accentuada. || - Mas... balbuciou Polyte, aparece- | me... julguei ver.. || - Viste mal... ou antes não viste nada. || E o bohemio começou a rir, accres- | centando : || - Agora estou convencido de que An- | tonia roubou o dinheiro que possui. | Quando eu tiver a prova material, ve- | reis si Nichette me impede de eu o res- | tituir. || Bibi olhava para Polyte sorrindo. || - Meu pobre amigo, disse elle, os bur- | lados esta noite não fomos nós, foram | Antonia e Nichette. ||

Edição 416

PONSON DU TERRAIL [espaço] 39

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXX || - Então, disse Polyte, com despeito | vejo que foi inútil tudo quanto fiz e que | era melhor não me terem incommodado. || - Enganas-te, respondeu friamente Bi- | bi, porque agora preciso de ti mais que | nunca, não é assim Munito ? || E Bibi lançou ao bohemio um

olhar | interrogador. || [espaço] XXXI [espaço] || Que se passou entre Polyte, Munito e | Bibi ? || E o que nós saberemos, seguindo Po- | lyte, que um quarto de hora depois vol- | tava a rua de Valois. || - Palavra de honra ! murmurava elle | caminhando com passo rapido, não cui- | dava fallar verdade, quando prometti a | Paulina que voltava. || Ella espera-me ; tudo caminha ás mil | maravilhas. || A criada effectivamente, apesar da | frescura da noite, sentara-se atraz da | porta do jardim que ficara meia aberta || Mal póde conter um grito de alegria | ao ver reaparecer Polyte. || Este, tomou-a pela cintura e, dando -|lhe um novo beijo, disse : || - Creio que sou de palavra, hein ? || - Encantador, disse a criada, corando | de prazer. || Depois, pegando-lhe na mão, disse : || - Não fiquemos aqui ; faz frio. || - Aonde me leva tu ? || - Ora ! disse elle baixinho, ao meu | quarto. || - E aonde é o teu quarto ? || - Ao lado do que deram áquella crea- | tura. ||

- Ah ! ah ! disse Polyte. || E de novo se deixou conduzir. || Paulina estava interessante, e não era | de uma virtude feroz. || Tinha tido mais de uma aventura, e | Polyte, quando a seguiu, não imaginou | que fosse elle o primeiro que ella met- | tia, de noite, em casa. || Quando chegaram ao corredor, para | onde dava a porta do quarto, ella parou. || - Que ha ? disse Polyte, em que pen- | sões tu ? || - Ora ! disse ingenuamente Paulina, | cá dentrou bem está o senhor, mas... || - Mas que rapariga ? || - Como há de ir embora ? || - Vou amanhã. || - De dia ? disse ella com um leve mo- | vimento de espanto. || - Pois ! || - Mas todo o mundo verá ! || - Não, porque quando sahir do teu | quarto vou bater a porta do quarto de | Antonia que supporá que eu venho de | fora. || Paulina fez certamente aquella obser- | vacão por simples formalidade, porque | ella poz-se a caminho e metteu em se- | guida a chave na fechadura da porta. || - Nada de barulho, disse ella ainda. || - Receias que Antonia nos ouça ? || - Não ; o quarto della é no andar su- | perior. || - Então que receias tu ? || - Mas a minah nova ama, que tem | sempre luz no quarto, talvez esteja ago- | ra a pensar nos milhões desse macaco | que vimos esta noite. || - Então o teu quarto é assim tão per- | to do della ? || - Póde ver. || E Paulina, que tinha procurado uma | luz, mostrou uma porta ao fundo do | quarto. || - A tua porta dá para o quarto della ? || - Dá. || - Mas esta trancada ? || - É só carregar no botão para abrir. ||

- Ah ! || Paulina tinha procurado a luz e olha- | va para Polyte, attentamente. || Polyte, porém, tornara-se pensativo ; | depois, de repente, pareceu obedecer a | uma inspiração. || - Pequena, antes quero dizer-te a | verdade já. || - A verdade ? || - Sim. || Paulina olhou para elle admirada. || - Sabes quem é esse pobres rapariga a | quem tu chamas uma creatura ? || - Já me disse que era uma ramilhe- | teira. || - Sim, a ramilheteira do Tivoli. E eu | estou apaixonado por ella. || - Ah ! || E Paulina recuou. || Dir-se-hia que Polyte acabava de lhe | derramar pela cabeça um balde de agua | gelada. || - Pois ama essa rapariga, o senhor ? | repetiu ella. || - Amo ! disse Polyte || - E esta aqui ? || - Para que me introduzas no quarto | della. || - Ora essa ! || - Rapariga, disse Polyte, não te arre- | negues e conversemos um momento como | bons amigos Tu não estás doida por | mim, não é assim ? || - Oh ! odeio-o, disse ella. || - Seja ; mas eu tenho o coração gran- | de e posso amar duas mulheres ao mêm- | o tempo. || - Que horror ! || - Sê amável. Faz oq eu eu te peço, | que talvez não tenhas de te arrepende- | res. || E Polyte deu um novo beijo nas loiras | tranças de Paulina. || - Mas, disse ella amuada, como póde | amar essa creatura que viu ha pouco | abandonar-se ás caricias desse velho ma- | caco ? || - Queres que diga tudo ? ||

- Diga. || - Já não a amo, aborreço-a ! || - Ora ! || - E quero vingar-me ! disse Polyte. || E fallando assim, tirou do bolço uma | comprida faca. || Paulina soffreou um grito. || - Si dás uma palavra, disse friamente | Polyte, mato-te ! || A criada teve modo e ficou muda e | tremula. || O casquilho mudou de attitude repen- | tinamente. || O seu gesto era secco, breve a palavra | e brilhante o seu olhar. || - Tu não me conheces bem, disse elle. | Quando eu prometto uma coisa, cum- | pro-a. Si queres ser minha amiga não te | arrependerás disso ;

mas, si te oppões | aos meus projectos, ou si me atraíças, | mato-te, tão certo como estarmos ambos | aqui. || - Que quer de mim ? balbuciou a ra- | pariga humildemente. || - Obediencia em primeiro lugar. || - Obedecerei. || - Depois silencio. || - Serei muda. || - Bem ; assim é que tens juizo, disse | Polyte. Ouve, pois. || - Queira dizer. || - Vaes abrir esta porta. || - E depois ? || - Entras em bicos de pés no quarto de | Nichette. || - E verei si ella dorme? || - Sim. || - E venho dizer-lh'ó? || - Isso mesmo. || Paulina tremia ; mas tinha lido no | olhar de Polyte que ele era homem de | fazer o que dizia. || De fóma que carregou no botão da | porta e entrou no quarto de Nichette. || No chão havia um espesso tapete que | afastava o ruido dos passos. || Estava uma lamparina accesa. || Paulina caminhou retendo o folego. ||

Nichette não dormia. || A ramilheteira estava agitada a pen- | sar nos milhões do bohemio, como dis- | será a criada. || - Que quer ? disse ella seccamente, ao | ver entrar Paulina. || A criada parou e disse: || - Perdão, senhora, ouvi-a mover-se. || - E dahi ? || - Antes de me deitar, vim ver si pre- | cisava de alguma coisa. || - Obrigada, disse Nichette, não quero | nada. || E voltou-se. || - Paulina sahiu. || Mas Polyte, que tinha caminhado com | precauçã até a porta, ouviu as ultimas | palavras da ramilheteira. || Passou, pois, pela porta de Paulina, | poz um dedo nos labios para lhe recom- | mendar silencio e, enquanto que ella | sahia, achou-se elle no quarto de Ni- | chette. || Nichette dizia : || - De balde me quero illudir, estou | acordada e não posso duvidar e, comtu- | do, parece-me um sonho. Ainda homtem | eu era a ramilheteira Nichette, e agora | tenho milhões em perspectiva, andarei | de carro como Antonia, e tenho mulhe- | res para me servir. || Ah ! si eu sonho não quero desper- | tar ! || Ella pronunciava estas ultimas pala- | vras, julgando fallar comsigo mesma, a | meia voz, como as pessoas distrahidas | que monologam na rua... || Um riso escarnekedor lhe respondeu. || De repente Nichette deu um grito e | ergueu-se perturbada. || Estava um homem ao pé do leito della, | um homem com uma grande faca na mão | e que dizia : || - Cautella que não acordes Nichette. ||

Edição 417

PONSON DU TERRAIL [espaço] 40

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXI || Ella teve medo e quis puxar pelo cor- | dão da campainha que pendia na alcova . | mas Polyte levanta-o fora do alcance | da mão della e disse-lhe : || - Então não queres que o teu sonho | se realise? si chamas, si gritas, si alguém | entra aqui, és uma mulher morta ! || E chegou-lhe a garganta a ponta da | faca. || Nichette, pallida e com os cabellos ar- | ripiados, olhava com espanto para aquel- | le homem. || Onde o tinha ella visto já ? || Como entrou elle alli ? || Que lhe quereria ? || A si mesma dirigia ella estas pergun- | tas tacidas, quando Polyte lhe adivinhou | o pensamento. || - Vejo que não me reconheces, diss | elle. || Mas si queres viver, si queres os mi- | lhões do bohemio Munito, não compro- | mettas o teu futuro e ouve-me gentil- | mente. || - Mas quem é o senhor ? balbuciou | ella. || - Vou dizer-t'ó minha bella. || Polyte sentou-se na extremidade do | leito, cortou com uma faca o cordão da | campainha e disse : || - Conversemos agora. || [espaço] XXXII [espaço] || Passado o primeiro momento de espan- | to, Nichette reconheceu Polyte. || Reconheceu-o por o ter visto á porta | do Tivoli andar a volta della e rasgar- | lhe um comprimento. || Mas não reconhecia nelle então nem | agora o antigo gaiato de Paris, que tão |

poderosamente contrinuir para salvar | do cadafalso Aurora e sua irmã. || Polyte, feito janota, tinha-se meta- | morphoseado de tal sorbte, que quem o | tivesse conhecido naquella antiga epo- | cha, a começar pelo taverneiro Coclés, | e a acabar pelo corcunda Benedicto, nin-

| guem o reconheceria. || E Nichette, serenando seu espanto, | disse : || - Quem é o senhor?
|| - Chamo-me Polyte. || E o que pretende de mim ? || - Conversar contigo, minha pequena.
|| - Mas como entrou aqui ? || - Não ha porta que resista a um ho- | Mem que esta decidido a
matar-te, si | fizeres o menor ruido. || Como Paulina, Nichette comprehen- | deu que Polyte
cumpriria a sua palavra, | em caso de necessidade. || - Mas que quer ? repetiu ella. || -
Quero dizer-te que te amo. || Nichette deu um suspiro. || A ramilheteira não tinha nas veias a
| menor gotta de sangue de Lucrecia. || Polyte, conservando sem pre a arma, | pegou-lhe na
mão. || - Sabes que és linda de uma vez? dis- | se elle. || Nichette recuperava pouco a pouco
a | presença de espírito. || - Pois não é preciso ameaçar-me com | a morte para me dizer isso,
disse ella. || - Perdão, si tocasses, teriam vindo... || - Ah ! || - E poriam-me para fora da porta,
o que | não me faz conta. || - Finalmente, ama-me? || E ella recuperou o atrevimento de |
mulher perdida, habituada a brincar | com o amor dos homens, como um do- | mesticador de
feras costuma fazer com | os animaes ferozes. || - Amo-te ha seis annos, disse friamen- | te
Polyte. || Ella sorriu e disse : || - Mentas muito bem. || - Ah ! achas? ||

- Ora ! não póde amar-me ha seis an- | nos. || - Porque? || - Porque ha apenas seis mezes que
| me conheces quando muito. || - Enganas-te... || - Ha apenas seis mezes que sou rami- |
lheteira á porta do Tivoli. O senhor con- | tou os mezes por annos. || - Repito-te que te amo
ha seis annos. || - Que atrevimento ! || - Amo-te desde quando tu te chama- | Vaz Zoé. ||
Nichette tremeu convulsamente e um | grito lhe fugiu da garganta. || - Cala-te ! disse Polyte,
si não queres | experimentar a faca. || E lançou-lhe um novo olhar frio e feroz, que dominou a
ramilheteira tremu- | la. || Ella olhava para elle com uma espe- | cie de terror supersticioso. ||
- Zoé ! dizia ella, sabe que me chama- | va Zoé? || - Sei. || - Então onde me conheceu ? || - Na
rua do Petit-Carreau. || Estas palavras foram para Nichette | como um echo vivo e sonoro do
passado. || Pareceu-lhe repentinamente que um | véu se rasgava no seu cerebro, e que |
todas as reminiscencias da infancia se | lhe representavam com um kaleidosco- | po. || Reviu-
se nos desvão que occupava na | loja da mãe Simão, depois na rua com o | cesto de roupa no
braço, e considerou- | se tal qual era, chupada, miserável, ne | grã como uma maeixa, coberta
de pe- | quenos farrapos, debaixo dos quaes ella | tiritava de frio todas as noites de inver- |
no. || Estranha cousa ! em presença desse | homem, rapaz galante, bastante atrevi- | po ara a
matar si ella tentasse resis- | tir-lhe, ella experimento, não um sem- | timento de vergonha,
mas um sentimen- | to de orgulho. || Como ? ! pois nessa epocha da sua tris- |

te infancia, quando a repellian, e a con- | sideravam um montro, havia um homem | bastante
previdente, talentoso e bem | avisado, para prever nella a linda rami- | lheteira, a Nichette
que faria perder a | cabeça aos janotas e faria pular os co- | rações de todos os pintalegretes
? ! || E ella olhou para Polyte com tal ex- | pressão de alegria e gratidão, que Poly- | te
compreendeu que já não precisava | da faca. || Nichette pertencia-lhe. || Essa rapariga
rancorosa e má, essa | creatura sem coração, tinha um de- | feito valente – o orgulho – e foi
ahi que | elle a feriu. || Nichette estava altiva que amor que | soubera inspirar a desgeitada
Zoé. || Lançava-lhe grandes olhares cheios | de reconhecimento e dizia-lhe: || - Palavra ?
conheceu-me quando eu | me chamava Zoé ? || - Conheci. || - Quando eu morava na rua do
Petit- | Carreau ? || - Em casa da mãe Simão, a engom- | madeira, a mulher do... || - Oh ! é
isso, disse Nichette. || - Eras pequena e magra então, pro- | seguiu Polyte, mas já tinhas esses
gran- | des e bonitos olhos, e quando te encon- | trava com o teu certo de roupa no bra- | ço,
omeu coração fazia um tic-tac como | o de um moinho || A voz de Polyte retumbava nos ouvi- |
dos de Nichette como musica encanta- | dora. || E ella olhava para elle com uma te- |
nacidade cheia de curiosidade inquieta. || - Mas tenho boa memoria... || - Ah ! disse Polyte.
|| - E Deus sabe si me fallavam bastan- | te então, quando eu sahia. E nesse tem- | po
ninguem queria saber de amor. || - A guilhotina era a que então ins- | pirava mais amor. || - E
parece-me que si alguem como o | senhor me tivesse seguido... ||

- Chamaval-o ? || - Chamava. || Polyte riu. || - É porque eu então não era nin- | guem. || - Ora ! || - Lembras-te das lojas da rua? || - Lembro-me um pouco. || - Defronte da mãe Simão havia um | açougue. || - Havia o do pae Foubboueuf. || - Ao lado morava um encadernador. || - É verdade. || - Um pouco mais abaixo havia uma | imprensa. || - Onde se imprimia o jornal do Père-| Dunchem. || - Isso mesmo. Pois bem! na impren- | sa havia um pequeno gajo, alto, magro, | de compridos cabellos, que levava as | provas aos autores. || - Ah ! || E o gajo estava sempre a porta. || - Exactamente. || - E quando a pequena Zoé passava | elle sentia tremer as pernas como varas | verdes. || - E esse gajo quem era? || - Ora ! era eu ! || - Ah ! || - Queres a prova ? espera ! ... || E Polyte despiu a sua casaca a fran- | ceza e ficou em mangas de camisa ; de- | pois pegou em uma gazeta que Nichette | tinha lido para procurar dormir, e fez | um bonet que colocou na cabeça. || De repente o janota se transformou no | rapaz dos arrabaldes de Paris, no gaia- | to descarado, canalha, de sorriso atre- | vido, e de olhar cheio de deboche e as- | tucia. || E com voz aguardentada e avinhada | gritou : || - Olá, Zoé ! || Nichette estremeceu de entusiasmo ; | estava completa a obra de seducção. ||

Edição 418

PONSON DU TERRAIL [espaço] 42

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXII || Nichette tinha diante de si um homem | vindo da lama, como ella, e esse homem | amava-a, não a despressaria nunca, por- | que não valia mais do que ella. || Pegou-lhe na faca e disse: || - Tira para lá isso, imbecil ! || E ao mesmo tempo lançou-lhe os bra- | ços ao pescoço. || - Com mil diabos ! murmurou ella, | pensei que ninca amaria ninguem, mas | desta vez parece-me que cahi. || Nichette voltará a ser completamente | a pequena Zoé ||[espaço com 15 pontos finais]|| E ella olhava para elle com extasi e di- | zia-lhe : || - Mas emfim, como te tornaste tu ago- | ra um janota assim ? || - Cmo tu te fizeste senhora de grande | tom ! respondeu Polyte, sorrindo. || Nichette estremeceu repentinamente | Corou e empallideceu ; seus olhos baixa- | ram, pensou em Munito. || - Ah ! perdôa... disse ella... não sabia | que te encontraria. || Polyte deu uma gargalhada cynica. || - Está bom ! respondeu elle, jogo fran- | co já que elle tem milhões... || Esta apostrophe cynica não desilludiu | Nichette ; pelo contrario. ||

Zoé reapareceu, Zoé comprehendeu | que era amada por um home digno del- | la. || Déra a amizade a Anotina, por que via | nella uma natureza tão perversa como a | della; mas dava todo o seu coração a um | homem que não recuava deante dos | odiosos calculos de uma partilha, e que | se revelava cynico com um socego atre- | vido. || Ella abraçou-o de novo dizendo : || - Creio que me perderei por ti ! ... || [espaço] XXXIII [espaço] || Nichette contemplava Polyte, e Polyte | olhava para Nichette com a satisfação | um pouco vã do conquistador que fixa a | sua conquista. || A ramilheteira replicou: || - Agora que és o meu namorado, vaes | contar-me tudo, não é assim ? || - Ora essa ! que queres tu que eu te | diga ? || Ella começou a rir e disse: || - Então achas naturam que um homem | entre de noite em casa de uma mulher, | e que, com a faca na mão, lhe diga : Ama- | me si não mato-te ?! || - Bem vêes que assim foi. || - É certo, mas ninguem me disse ain- | da como tu entraste. || - Está bem ! vou dizer-tó minha cu- | riosa. || E Polyte collou os labios aos hombros | nus da rapariga. || - Vejamos, disse Nichette, estou prom- | ta a ouvil-o, meu senhor e amo. || - Eu conheço Antonia. || - Esta bem. || - Ella faz-me até alguns favores. ||

Nichette despediu um olhar inflamma- | do e volveu: || - Mas olha que eu sou muito ciumen- | ta. Polyte riu. || - Descança, não é isso o que eu quero | diser ! || - Vamos depressa. || -

Antonia acha-me intelligente, soffri- | velmente canalha e corrupto, e então eu | não podia deixar de lhe agradar. ||- És um grande homem ! disse Nichette| com entusiasmo. || Polyte continuou : || - Travei conhecimento com ella de | um modo muito engraçado. || - Que me dizes ? || - Uma noite introduzi-me em casa | della e quis assassinal-a. || - Para que ? ||- Ora ! para roubar. || Nichette nem se moveu e disse: ||- És um bello companheiro. || - Então fizemos um tratado. || - Ah ! || - Não a matei, não a roubei, e desde | então ella dá-me uma pensão. || - E aposto em como te ama ! || - Quer dizer, ella chama-me filho e | acha-me encantador. || - Decididamente ella ama a mocidade, | disse Nichette gracejando. || E de novo abraçou Polyte. || - Então sabes como eu estou aqui? dis- | se ella. || - Quase que sei. || - Antonia adopta-me como filha. || - E casar-nos hemos por um destes | dias. ||

- Quando eu depennar o velho bohe- | mio. || E a cynica rapariga começou a rir. || - Mas não queres finalmente dizer-me | como entraste aqui ? || - É bem simples. Sou amigo da casa | e amigo do cidadão X... || - Que é o amo agora. || - Tem suas horas, que nem todas são | boas. || - Porque ? || - A prova é que Antonia despediu-o | esta noite. || - Ah sim ! bem me lembro. || - E eu encontrei-o furioso e queren- | do absolutamente saber o que se passava | aqui. || - Pobre homem ! || - Deu-me, portanto uma chave que | abre uma pequena porta do jardim, e | por onde eu me introduzi aqui. || - E não foste visto ? ||- Tenho uma confidente. || Nichette ergueu a frente. || - A tua criada de quarto. Fiz lhe dois | dedos de namoro. || - Não quero isso, disse Nichette. || - Ora ! é preciso que ella esteja ás nossas | ordens, e que se prenda também com os | nossos interesses. || - Eu lhe pagarei, já tenho ouro em | abundancia, disse friamente Nichette. || - Não, disse Polyte, não deves metter- | te nisso. || - Porque ? || - Porque eu não quero, voltou elle, | despedindo friamente um olhar domina- | dor. || Nichette curvou a cabeça. ||

Edição 419

PONSON DU TERRAIL [espaço] 43

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXIII || Tinha encontrado um senhor. || - Ouve-me, replicou elle ; amas-me não | é assim ? || - A ponto de enlouquecer. || - Então escolhe : ou não me ver mais, | ou obedecer-me cegamente. || - Sou tua escrava. || - Quero que Antonia ignore o que se | passa entre nós. || - Por que ? || - Porque Antonia já tem ciumes de ti | e nutre certos projectos relativamente ao | bohemio. || - Antonia não saberá nada. || - Juras-m'ó ? || - Palavra de Zoé. || - Amanha voltarei aqui de dia. || - Bem. || - Deves ser impassivel. Si te trahes | por um gesto, por um grito, por uma | vermelhidão súbita que te suba ao ros- | to, tudo acaba entre nós e nunca mais | me tornarás a vêr... || - An ! não receeis que me traiha; amo- | te muito para tal succeder. || - Mas talvez nos traiha essa rapariga | que está agora na confidencia de nossos | amores. || - Respondo por ella, disse Polyte. || Dirigiram-se depois ternos adeuses. || - Até amanhã. || - Até amanhã. || - Virás como esta noite ? dizia ella. || - Prometto-te. || - Accredito em ti. || E elle caminhou na ponta dos pés, de- | sandou o fecho da porta e achou-se no | quarto da criada Paulina. || Esta estava pallida e tremula. ||

- Ouviste pelo buraco da fechadura ? | lhe disse Polyte. || - Talvez. || - Então asseguraste-te? || - É um monstro ! || - Agora : soiu apenas um homem e um | homem que póde amar rigorosamente | duas mulheres. || - Va la uma pessoa sacrificar-se por | alguém, disse ella || Elle quis dar-lhe novo beijo mas ella | repelliu o dizendo : || - Causa-me horror. || - Ora, disse elle com seu cynismo ha- | bitual, eu acomodava tudo si quizesse. || - Ora essa ! || - Entretanto vem guiar-me. || - Mas... || - Vamos, disse Polyte, não é prudente | arriscar um jogo perigoso

commingo mi- | nha bella. || E principiou a brincar com a faca. || Depois do que ouvira, Paulina sabia | que esse homem era capas até de a ma- | tar. || Suspirou, vieram-lhe as lagrimas aos | olhos e ella accrescentou : || - Venha dahi vou leval-o a porta do | jardim. || - Vamos lá ! leva a capa e a touca | que faz bastante frio. || - O senhor é sempre muito bom para | mim realmente ! disse ella com amargu- | ra. || Contudo obedeceu, e alguns minutos | depois atravessavam ambos silenciosa- | mente o jardim. || Aberta a porta Polyte tomou o braço | da criada. || - Agora vem commigo, disse elle. || - Comsigo? || - Certamente. || - Aonde quer levar-me ? || - Á minha casa. || Paulina estremeceu. || - Ora essa ! disse ella, sempre é muito | atrevido. || - Sempre me dizem isso. ||

- Esta doido... || - Si tu me amas !... || E, á força, arrastou-a para a rua, fe- | chou a porta e mettiu a chave ao bolso. || A criada não era de excessiva altivez, | naquele momento tinha certas idéas | eclectivas. || - Ora ! pensou ella, também não tenho | muito que perder ! || E disse em voz alta : || - Mas que dirá a senhora Antonia, si | não me vir amanhã de manhã ? ! || - Tu entras ao amanhecer. || - Ah a tal não me atreverei eu... || - Garota, disse Polyte, piscando o | olhou, já não ha de ser a primeira vez | que tu ficas fóra de de casa. || Paulina estremeceu. || - Oh ! ainda serão capazes de dizer | mais, retrucou ella. || - Eu sei tudo, disse friamente Polyte, | quando me lembrei de sahir pela porta | principal do palacete, é porque sabia | que tu tinhas uma chave. || Paulina estava confusa. || - Vamos ! vamos ! dizia Polyte, si eu | sei tudo... || E continuou a arrastal-a || Paulina não sabia onde morava o seu | roubador. || Deixou-se guiar com os olhos fecha- | dos e Polyte levou-a á casa de Bibi. || Bibi e o bohemio ainda estavam um | defronte do outro e bebiam tranquilla- | mente uma garrafa de tokai que lhes ti- | nha levado o rapaz do hotel. || Paulina, que julgava ir á casa de Po- | lyte deu um grito de espanto, quando | ao abrir-se a porta, se assou deante des- | sés dois homens. Ella nunta tinha visto | Bibi ; mas reconheceu o bohemio. || Polyte empurrou-a para deante, di- | zendo. || - Entra, minha bella amiga, são uns | parentes meus da provincia. || E accrescentou, dirigindo se a Bibi : || - Papá, aqui esta o passarinho gala- | te que devemos pôr na gaiola. ||

Paulina, estupefacta, voltou-se. || - Rapariga, disse friamente Polyte, | já sabes agora as cousas que eu tenho | interesse em não divulgar. Portanto | acharás rasoavel que nós nos opponha- | mos, estes senhores e eu, a que voltes | para a casa de Antonia. ||

Paulina olhava para os tres com um | olhar estúpido. || - Mas descança , minha bella, prose- | guiu Polyte, seremos gentis para comti- | go, serás generosamente paga do teu cap- | tiveiro provisório ; não será, pae Bibi ? || - Com certeza, disse o homem da po- | licia. || Polyte empurrou a porta e disse ain- | da : || - Vou fazer estes senhores scientes | da situação. || E contou como por intervenção de | Paulina, podera penetrar no quarto de | Nichette. || - És rapaz de intelligencia, disse Bi- | bi, e fizeste bem em nos trazeres esta | rapariga. || - É dessa opinião papá ? || - As criadas têm lingua comprada e | é util que Antonia nunca saiba o que | se passou. || - Mas, balbuciou finalmente Paulina | toda tremula, que querem fazer de mim ? || - Mal nenhum ; guardar-te aqui. || - Prisioneira ! || - Dez ou quinze dias somente. || - Si é para que eu me cale, é inútil | Juro que não direi nada. || - Bem sabemos. || - E, si não me deixam ir, perderei o | meu logar. || - Quanto ganhas em casa de Antonia ? | perguntou o bohemio. || - Seiscentas libras por anno. || - Aqui tens mil. || E Munito tirou do bolso um rolo de | ouro que entregou a criada. || - Ah ! si paga tão bem, é impossivel | recusar-lhe nada. ||

E pegou no rolo de ouro. || - Si queres ficar ao meu serviço, dis- | se Bibi, dar-te-hei cem libras por mez. || Paulina começava a ver que a sua | aventura amorosa tinha um bello desen- | lace. || - Com effeito ! disse ella, eu não ti- | nha tanto, como creada da corcunda. || - É nossa, disse Polyte. || E com um olhar consultou Bibi e o | rei dos bohemios. || [espaço] XXXIV [espaço] || Bibi era um macaco velho. || Para elle o coração humano não ti- | nha mysterios. || Depois de um minuto de reflexão, dis- | se a Polyte e a Munito : || - Esta rapariga serve-nos

melhor, fi- | cando ao pé de Antonia. || Paulina tinha a lingua bem comprida. || - Servem-se sempre bem as pessoas | que pagam como os senhores ; mas si | desconfiam de mim, retenham-me aqui. | Uma vez que me duplicam | salário, o que me dão o que eu ganho ao menos. || - Duplicam-t'ó e triplicam-t'ó até, dis- | se Bibi. || - Isso melhor, disse ella. || - Mas has de ficar ás nossas ordens. || - Indubitavelmente, meus bons senho- | res. || - E lembra-te, accrescentou Polyte, | que eu jogo a faca quando é preciso. || - Isso é uma ameaça inútil, observou | Bibi em tom paternal. || - Não é tão inutil como isso, disse Po- | lyte. || - Ora ! || - Esta rapariga ama-me. || Paulina deu uma gargalhada tão fran- | ca e zombeteira, que fez desapontar Po- | lyte. || - Ora essa ! disse ella, amei-o Duran- | te um bom quarto de hora, mas isso aca- | bou. ||

Edição 420

PONSON DU TERRAIL [espaço] 43 [44]

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXIV || E estendeu-lhe a mão. || - Ficas ás nossas ordens ? || - É boa ! primeiramente por causa | do dinheiro. || - E depois ? || - Depois por amor da arte. Porque, | bem vêem que essa mulher corcunda, per- | seguiu a criada, trata a gente como um | cão, e aborreço-a enormemente. || - Odeias Anotnia ? || - Acho-a grutesca. || - Sim senhor ! disse Bibi, e quererias | vê-la morrer miseravelmente ? || - Queria, disse ella com um tom de | fraqueza, de que ninguem poderia duv- | dar. || Então Bibi continuou, derigindo-se a | Polyte : || - Levas a rapariga a casa de Antonia. || - Bem ! disse Polyte. || - Ella ser-te ha útil., quando quizeres | entrar no palacete, e entrarás bastantes | vezes, creio eu. || - As que forem necessarias. De resto | Zoé agrada-me, accrescentou Polyte. || - Cautella ! disse Bibi, encrespando as | sobrancelhas. || - Ella agrademe, mas Aurora é quem | amo, disse o peralvilho em ar de conclu- | são. || Depois voltando-se para Paulina : || - Ora eis que te dão a liberdade, em | vez de te metterem na gaiola. Vens? || - Estou prompta a segui-o, disse a | rapariga. || - E nós, disse Bibi, olhando para Mu- | nito, vamos continuar a conversar. || Polyte e Paulina partiram. Chegados |

á rua o peralvilho agarrou no braço da | criada e disse-lhe: || - Aposto como tu me amas. || - Engana-se, respondeu ella, com um | ar escarnecedor. || - Mas... || - Si eu quizesse, tel-o-hia seguido. || - Ha pouco perdoaste-me já o sei... | Mas eu enganei-te duas vezes. || - E a segunda agradou-me extrema- | mente para que eu o torne a amar. || E Paulina tinha um pequeno ar tão | impertinente que embaraçava um pouco | o peralvilho. || - Quer agora que eu lhe diga tudo ? vol- | véu ella. || - Diz. || - Ha uma hora acreditava eu que | amasse a ramilheteira. || - Ah ! || - Todas as mulheres têm ciumes, até | por causa do homem por quem nutrem | um capricho vulgar. || - É um facto. || - Mas agora como sei que o senhor re- | presenta um papel... || - Como sabes tu isso? || - Ora ! não é difficil adivinhal-o. Esse | bohemio que estava ebrio em casa de An- | tonia, que tinha todo o seu juizo cá fora | e que espalha o outro ás mancheias; esse | outro velho que falla com autoridade de | patrão... || - Bem vê, continuou Paulina, que eu | já não sou criança e que sei o que as COI- | sãs querem dizer. || - Ah ! || - Por conseguinte aconselho o a que | não me supponha uma rapariga credula | o facil de dobrar, accrescentou Paulina. || E não imagine principalmente que eu | lhe guardo o menor rancor. || A criada fallava com uma firmeza que | feria Polyte no seu orgulho de homem | fez ; mas por outro lado serenava-o TAM- | bem mais. || - Então achas que representei um pa- | pel com a ramilheteira ? ||

- Tenho certeza disso. || - E adivinhas com que fim? || - Não; mas nada sabe-o hei. || - Oh ! oh ! || - Ora! deve saber que presentemente | não é spo o dinheiro que me prende. || - Então que mais ? || - A curiosidade. || E Paulina concluiu sorrindo : || - São três os que meditam um não sei | que contra essa macaca de Antonia. Eu | entrei no jogo, sem o saber, mas hei de | comprehendel-o. || - O nosso jogo? || - Sim, porque tenho tudo a ganhar e | nada a perder. || Em quanto a criada fallava com esta | firmeza e intelligencia zombeteira, Po- | lyte pensava: || - Antonia é decididamente menos for- | te do que eu suppunha. Foi procurar bem | longe o que tinha quase á mão. Paulina | vale bem Zoné. || Chegaram á porta do jardim. || Polyte quis dar um beijo em Paulina, | mas ella fugiu-lhe rindo : || - Ah ! agora não vale a pena, disse | ella. Somos dois aliados. Esta dito tudo. | Ou antes os seus amigos compraram-me | e eu executo as suas ordens. || - Bem ! disse Polyte, há de abrir-me a porta amanhã a noite. || - A que horas ? || - Ainda não sei. || - Mas eu não posso estar toda a noite a pé. || - É verdade, mas ouve. || - Diga... || -Desde as onze ás duas da madrugada- | da si ouvires cantar a segunda estro- | phe da Marselhesa, serei eu... || - Bem, disse Paulina : e entrou. || Polyte pensou no cidadão X... || - Quando uma pessoa considera que | elle ainda nem espera no café Foy, disse | elle. || E como estavam fechadas as grades do jardim, elle voltou ao Palays-Royal e su- |

biu a escada principal desse café celebre | que vira successivamente Robespierre, | Dantson e Camillo Desmolins. || Effectivamente o cidadão X... ainda | esperava Polyte. || Era um homem sensual por excellen- | cia esse grande orador, e o systema ner- | voso não predominava nunca inteira- | mente nelle. || Tinha diante delle uma perdiz, ria, | uma garrafa de vinho Médoc, e, apesar | de ter sido despedido por Antonia, ia | fazer desaparecer aquillo. || Quando viu entrar Polyte experimen- | tou uma viva satisfação. || Polyte quando entrou tinha um ar | mysterioso e satisfeito. Pelo caminho ti- | nha elle imaginado uma pequena fabula | que o contentara muto. || - Então, disse o grande orador. || - Nada ! disse Polyte, fez mal em ser | ciumento. || - Que me dizes ? || = [E bem inoffensiva a sua aventureira, | juro-lh'o. || - Dizendo isto, Polyte, sentou-se á me- | sa sem cerimonia. || - Queres cear ? disse o cidadão X... || - Com todo o gosto, respondeu Poly- | te, morro de fome e de sêde. || - Tomou o costado de uma perdiz, e o | cidadão X... deitou-lhe vinho. || Com a bocca quase cheia, Polyte con- | tinuou: || - Acabo de estar duas horas no gabi- | nete de toilette que me indicou. || - E que viste ? || - Vi tudo. || - Mas o que ? || - Vi que ceavam juntos o hospede | mysterioso, Antonia e a outra mulher | bonita. || - Que outra mulher bonita ? || - É a ramilheteira do Tivoli. || - Ah ! e o hospede mysterioso? || - É o bohemio de Vienna. || - O depositario da fortuna de Anto- | nia ? ||

- Justamente. || - É exquisito. || - Também a mim me parece exquisi- | to ; mas expliquei a cousa, ouvindo a | conversa. || - Vejamos. || - Sabem que o bohemio poz as suas dif- | ficuldades em pagar os cem mil francos | do mez passado? || - Mas... disse o cidadão X... tu sabes | isso ? || - Ora ! então não ouvi a conversa ?! || - Ah ! continua. || - Elle veio a Paris para se explicar | com Antonia. || - Muito bem. || - Encontraram-se a noite nus jardins | do Tivoli. || - E então ? || - Então o bohemio, que segundo pa- | rece é sensível ao bello sexo, viu que | era do seu gosto a ramilheteira e Anto- | nia convidou-a para cear com elle. || - E que succedeu depois ? || - Succedeu que o bohemio perdeu a | cabeça e o coração. || - Bem ! || - E que esta perdido de amores pela | ramilheteira. || - Mas pagou os cem mil francos ? per- | guntou o cidadão X... com anciedade. || - Vi-lh'os pôr na mesa em notas de | banco. || - E Antonia recebeu-os? || - Logo e com todo o gosto. || Os olhos do cidadão X... brilharam de | prazer. || - Depois ? || - Depois, julgue que era inutil o res- | to. Vim aqui trazer a chave. || - Ninguem te viu? || - Ninguem. || O cidadão X... pediu segunda garrafa | do velho Médoc. || Os olhos brilhavam-lhe e elle parecia | o homem mais feliz do mundo. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXIV || No fundo do seu coração dizia elle : || - Como o bohemio esta apaixonado | pela ramilheteira pouco me importa ! o | essencial é que elle pagasse, porque real- | mente já tinha falta de dinheiro. || - Cidadão, disse Polyte, permite-me um conselho ? || - Sem duvida. Falla. || - Si amanhã vir Antonia, mostre-lhe | boa cara. || - Prometto t'-o || - E não lhe peça explicação alguma. || - Evitarei isso, porque já não quero | saber mais nada. || Polyte acabou de cear com o cidadão | X... || Davam nos telhados os primeiros cla- | rões da madrugada, quando elles sahi-| ram do café Foy. || Separaram-se á porta. || O cidadão X... seguiu para a rua de | Santo Honorato. || Polyte disse de si para si : || - Vamos ver o que faz Munito e o tio | Bibi. || E dirigiu-se para a casa deste ultimo. || Com grande espanto porém, soube que | Bibi e o bohemio acabavam de sahir. || - Onde teriam elles ido ? ... ||[espaço] XXXV [espaço] || Ontem teriam, pois, ido Bibi e Munito ? || Para o saber é preciso reportarmo-nos | ao momento em que Polyte os tinha dei- | xado levando Paulina, a criada grave | de Antonia. || Uma vez sós, Bibi e Munito pozeram-|se a conversar. || - De fórma que, paesinho, estas agora ? |

seguro de que a cidadã Antonia roubou | o dinheiro que te confiou? || - Perfeitamente seguro. || - Então porque não o restitues ? || - Porque quero essa prova material | para apoiar a minha convicção. || - É muito necessária ? || - Muito necessária, como vaes vêr, | respondeu o bohemio. || - Porque ? || - É verdade que sou rei da minha | tribu. || - Bem : e daí? || - Tenho um conselho fiscal , como se | diz em negocios, isto é , não sou o único | possuidor da nossa fortuna commum. ||- Ah ! || - Tenho associados a quem devo con- | tas, aos quaes é preciso que eu prove | que estamos de posse de uma fortuna rou- | bada. ||- Isso agora é diferente, disse Bibi | pensativo. || - Acredito, como tu, proseguiu Muni- | to, que o testamento da primceza Helena | é falso. Tu prometeste-me dar com o fal- | sificador. || - Para isso vim a Paris. || - Pois bem ! procuremol-o. || - Ah, sim ; mas primeiro é preciso que | eu te informe certos negócios de fa- | milia que dizem respeito aos meus clien- | tes, paesinho. || - Falla, que eu ouço. || - Como sabes, Antonia era uma cria- | da. || - Depois de ter sido criada grave da | princeza Helena, foi friada da condessa | de Mazures, não é isso ? || - A mãe do conde Luciano, o marido | de Joanna. || - Muito bem. || - A mãe é que possuía o famoso cofre. || - Ah ! ah ! || - Porque preciso confessar-l'ó, paesi- | nho, proseguiu Bibi, essa fortuna, pas- | sou de mãos em mãos, ou ants de la- | drões em ladrões. ||

A condessa de Maruzes foi assassina- | da. Sabes por quem ? || - Por Antonia ? || - Não ; por um homem que promet- | teu a Antonia fugir com ella para a Ita- | lia e desposal-a. Ora Antonia disse-lhe: | O senhor tem um grande habito de letra | da princeza Helena e tem em seu poder | muitos titulos della. É preciso fazer um | testamento falso, em nome da princeza. || - E esse homem fel-o? || -Fez. || - Como sabes tu isso ? ||- Não posso dizer-t'ó ainda. Mas eis | o que succedeu. Quando Antonia tomou | posse do testamento, apoderou-se do co- | fre e fugio, em quanto esse homem as- | sassinou a condessa. || - Ora disso é que eu quero ter a pro- | va. || - Tel-a-has si eu encontrar esse ho- | mem. ||- Como sabes, replicou Munito, logo | que eu possa demostrar áquelles a quem chamo ministros, a nullidade do testa- | mento e a culpabilidade de Antonia, de | modo nenhum nos limitaremos a rest- | tituir o dinheiro. ||-

Então que faremos além disso ? ||- Condemnaremos Antonia. || - Em que culpa ? || - Oh ! podes estar descansado, que o | castigo há de ser terrível. || Os olhos de Munito brilharam de re- | pente e Bibi tremeu até a medulla. || - Como sabes, prosseguiu o bohemio, | nós gosamos na Allemanha o nome de | honrados e probos. O imperador se de- | dignou confiar-me uma missão, e jul- | ga-nos muito boas pessoas. E Antonia é | uma mulher da nossa tribu, que com- | prometeu a nossa probidade. ||A justiça dos bohemios será horrível; | os supplicios que tu podes imaginar em | cousa nenhuma se parecerão com o que | lhe destino. || Vamos então procurar o homem de | quem fallaste... ||

- Espera la, replicou Bibi ; quando me | ausentei de Paris, ha cousa de dois an- | nos, esse sujeito ficou muto doente. || - Talvez que morresse. || - Pesou que não ; mas talvez que es- | teja doido. || - Então esta tudo acabado ? || - Não, porque os tolos também se cu- | ram, e póde muito bem ser que elle te- | nha recuperado o juizo. || - Onde o deixaste tu ficar ? ||- No hospício. Anda commigo. ||Bibi levantou-se e achegou-se á janel- | la. || O dia começava a romper. || - Vamos lá, papá, disse elle. || Envergaram depois os seus carreks, | trajó então da moda, e que estava desti- | nado a ser o precursor do sobretudo e o | herdeiro do capote repudiado por causa | da republica. || Pouco depois desciam ambos as esca- | das, e entravam em um trem de praça. || - Para o Hotel-Dieu ! disse Bibi ao co- | cheiro. || O Hotel-Dieu havia sido chrismado | pela republica, á imitação dos outros mo- | numentos, bem como as ruas, mas o po- | lvo mostrava-se rebelde á nova denomi- | nação, e desta maneira o Hospital Na- | cional continuava a chamar-se Hotel- | Dieu. || A carruagem chegou ao Sena, atra- | vessou a Ponte Nova, entrou na cite e | só parou na praça Parvis. || O Hotel-Dieu está toda a noite aberto ; | desde o amanhecer que o pessoal do ser- | viço está a pé, assim o porteiro a quem | Bibi se dirigiu, lhe mostrou logo os re- | gistros. || No fim de um quarto de hora de in- | vestigação, soltou um grito de alegria. || Havia encontrado a seguinte nota : ||<< O cidadão Paulo, director da policia | secreta, deu entrada em o 1º Praireals >> || Na margem não havia nenhuma de- | claração de obito nem de sahida. ||

Por conseguinte o cidadão Paulo es- | tava vivo, e o que mais era, dentro do | hospital. || Bibi pediu licença para fallar ao me- | dico de serviço. || Um enfermeiro que o levara ao por- | teiro, disse, depois de lêr a nota do re- | gistro. || - O cidadão Paulo ; bem me lembrou. ||- Como ? || - Mas elle já não esta cá. || - Como póde ser isso ? perguntou Bibi, | si o registro não tem nenhuma nota de | sahida. || - Procure no registro do anno passa- | do, e la achará. || E o enfermeiro procurou-a de boa von- | tade, e mostrou para Bibi estas palavras: ||<< Hoje, 4 Vendimiario, o [c]idadão Paulo, | ex-chefe de policia, e doido incurável, | saiu d'este hospicio. Foi reclamado por | um mancebo chamado Benedicto que pa- | recia parente d'elle.>> ||- Benedicto ! exclamou Bibi. || - Quem é esse Benedicto? perguntou | Munito. || Bibi não respondeu e voltando-se pa- | ra o servente, disse : || - Esse sujeito de certo que havia de | deixar a morada ? || -De certo, disse o servente. || - Pode dar-m'a ? || - Parece-me que a encontrarei n'um | livro especial que ha em todas as enfer- | marias. || O servente deixou Bibi e Munito na | sala de espera e perdeu-se no interior | do hospicio. || Ao cabo de um quarto de hora estava | de volta. || - Benedicto, disse elle, declarou que | morava em Passy, que era calafate, e | que habitava a casa numero 17 sobre o caes. || - Muito agradecido. || Em seguida entrou de novo na carrua- | gem com Munito. ||

Edição 422

PONSON DU TERRAIL [espaço] 46

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXV || Para podermos explicar como Bene- | dicto, que não era outro sinão o corcun- | da Benedicto, o heroe dos primeiros ca- | pitulos da nossa historia, reclamou o ci- | dadão Paulo, é preciso que nos recorde- | mos de que o pobre rapaz havia sahido | de Paris com Daboberto e a condessa | Aurora. Haviam-n'ó levado para a Al- | lemanha. ||

|| Havia um anno que Benedicto se jul- | gava feliz, passando o tempo, ora com o | general, ora com Juanna e o conde Lu- | ciano de Mazures. || [mancha] as unicas pessoas a quem ha- | via dedicado a vida e amado ! || Mas em um bello dia, Benedicto açor- | dou e sentiu-se presa dessa doença ex- | ravagante, dessa nostalgia tão com- | cum que se chama saudade do logar | onde nascemos. || Emfim, tinha saudades de sua flores- | ta, da sua querida floresta de Orleans, | e sonhara com a esperança de ir lá aca- | bar os dias de vida, presentemente que | já não se guilhotinavam por da cá aquel- | la palha. || Dagoberto, que acabava de ser nomea- | do chefe da brigada do exercito do Rhe- | no, recebeu a visita de Benedicto em | certo dia. || Benedicto continuava a gaguejar, e | Dagoberto achava isso muito natural || - Venho dizer- te adeus, disse Bene- | dicto. || - Vaes-te embora ? || - Vou. ||

- Voltas para Vienna, para casa da | condessa ? || - Não, disse Benedicto; a condessa | tem agora tanta precisão do pobre Be- | nedito, como tu, ou Aurora. || - Então para onde é que vaes ? || - Vou para França. || - Porque ? || - Porque me aborreço neste paiz, on- | de não entendo nem palavra do que se | diz. || - Esta bom ! disse Dagoberto, sorrin- | do. || - Demais tenho vontade de tornar a | ver a nossa floresta. || - Ah ! || - E de vêr o que sarta do convento da | Corte de Deus. || - E da minha casa, disse Dagoberto, | suspirando. O que será feito della !... || E o antigo ferreiro enxugou uma la- | grima. || Benedicto continuou : || - Pensas que não te digo adeus para | sempre ? || - Ora ? respondeu Dagoberto, tenho a | certeza, que daqui a tres mezes, já cá | estarás de novo. || - Pode muito bem ser, disse Benedic- | to com ar pensativo. || - E que vaes tu la fazer ? Não temos | la nem parentes nem amigos. || - Quem sabe ? disse Benedicto. || - Oh ! pódes ter a certeza de que | aquelles a quem amávamos já morre- | ram. || E Dagoberto poz-se a pensar no pobre | abbade mitrado da Côrte de Deus, nesse | nobre e santo velhinho, que se chama- | va D. Jeronymo, e a quem os revolucio- | narios vieram um dia buscar, a fim de o | levarem para Orleans. || O nome do velho sacerdote veio-lhe | do coração aos labios ; Benedicto ou- | viu-o. || - Pensas em D. Jeronymo ? perguntou | elle. || - Penso. ||

- Julgas que elle morresse ? || - Quase não tenho nenhuma duvida a | esse respeito. Aquillo foi guilhotinado | com a fornada de padres de Fevereiro | de 93. || - Pois olha que não penso assim. || - Porque ? || - Poque creio que D. Jeronymo está | vivo. || Dagoberto abanou a cabeça. || - E si eu fôr a nossa terra, hei de lá | ouvir fallar delle. || Dagoberto deu pouca atenção ás pal- | lavras de Benedicto. || O que era certo era que Benedicto ti- | nha saudades dos tanques da Côrte de | Deus, das faias e das matas, da floresta, | e de saltar de novo, como outr'ora, por | cima dos montes e arbustos, tão bem ou | melhor que um cabrito. || - Pois vae, disse Dagoberto. || - Voltarás quando te passarem as sal- | dades. || E deu-lhe um punhado de luizes. || Para Benedicto era quantia sufficiente | para fazer uma viagem á roda do mum- | do. || Mas Benedicto era reflectivo, econo- | mico, quase avarento, como todos os la- | vradores. || Foi a pé, descançando no ar libre de | dia, e de noite nos palheiros das estala- | gens ; comia queijo e pão, e bebia a | água das fontes. || O resultado foi cahir doente, sem for- | ças para continuar a viagem, quando | chegou a Paris. || O estalajadeiro, onde se foi hospedar, | como o não suppunha possuidor de som- | ma tão redonda, teve medo que o fre- | guez lhe morresse em casa, e mandou-o | levar para o Hotel-Dieu. || O acaso fez com que a cama em que o | deitaram fosse visinha da do cidadão | Paulo, o doido sem cura. || Apenas Benedicto viu o seu collega no | soffrimento soltou um grito. || Reconhecera no cidadão Paulo, o ca- |

valheiro de Mazures, o pae da condessa | Aurora. ||[espaço] XXXVI [espaço] || Como Benedicto gritasse de surpresa, | chamou a atenção dos serventes e en- | fermeiros. Mas o cidadão Paulo não ha- | via dado conta delle. || Como fizessem a Benedicto algumas | perguntas respondeu : || - Conheço este doente. || - Conhece ? || - Conheço, é da minha terra. || Um dos serventes abanou a cabeça. || - Olha que se engana. || As lições que Benedicto havia apren- | dido desde que deixara a sua querida | floresta, haviam-n'ó tornado prudente | por isso não insistiu. || - Então é porque estou enganado. || O servente ajuntou : || - Este é o cidadão Paulo. || - Não é o nome da pessoa que eu sup- | punha, respondeu Benedicto. || - Foi chefe de policia de segurança no | tempo do fallecido Robespierre. || - Ah ! então bem dizia o senhor que | eu estava enganado. || - Ficou doido subitamente sem se sa- | ber porque. continuou o servente. || - Ah ! ele é doido? || - Doido furioso. A mania delle é di- | zer-se aristocrata, e que lhe guilhotina- | ram a filha. || - Ora essa ! disse ainda Benedicto que | mal podia soffrer a commoção. || - Mas, continuou o servente, si elle | tivessi sido aristocrata, não teria atraí- | do os collegas com tanto zelo. Está ahi um doente que era policia, e que | serviu ás ordens delle. || E esse diga que o cidadão Paulo era in- | flexivem contra os nobres, e que tinha | por costume prender cincoenta e tantos | por semana. || - Ah ! elle diz isso ? obtemperou ainda | Benedicto. || - Agora como esta loto, continuou o | servente, affirma que é nobre que tem |

grandes títulos, mas que não os quer de- | clara. || - Pois queira desculpar-me, disse Be- | nedito, fui enganado pelas apparencias. || E fingiu não se tornar a occupar do | cidadão Paulo. || Passados três ou quatro dias o corcun- | da restabeleceu-se pouco a pouco. || - Não me resta duvida, meditava Be- | nedito nas suas longas noites de insom- | nia ! o meu companheiro de cama não é | outro sinão o cavalheiro de Mazures || Demais, aquella convicção não lhe era | contrariada pela informação do serven- | te. Benedicto conhecia bem como se ha- | via de portar para com o cavalheiro. || Sabia perfeitamente que elle era um | triste fidalgo, e que depois de desappa- | recer da sua terra natal, havia sido ca- | paz de mudar de nome, e ter acceitado o | cargo de chefe de policia, com a única | mira de salvar a propria pelle. || Alem disso, Bibi nunca lhe havia dito | nada de confidencial a respeito do cida- | dão Paulo. || - Por isso Benedicto dizia de si para | si: || - Quem me dera ter a certeza de que | era elle. Como hei de certificar-me ? || O corcunda era intelligente como to- | dos os corcundas e sobre tudo não lhe | faltava imaginação. || Cerna noite, ouviu o tolo mecher-se e | remecher-se na cama, levantou-se deva- | garinho, collou-lhe os labios a um dos | ouvidos e murmurou: || - Aurora ! || O tolo soltou um grito e sentou-se d'um | pulo na cama. Aquelle grito fez appare- | cer o guarda da vigia. || Mas Benedicto já se tinha tornado a me- | ter na cama, e fingiu dormir. || Assim Benedicto logrou saber o que | desejava. || Então pensou o corcunda : || - Afinal de contas, este é o pae da me- | nina Aurora, e eu não consinto que mor- | ra em um hospital. ||

Edição 423

PONSON DU TERRAIL [espaço] 47

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXVI || A menina Aurora pensa que elle mor- | réu ; no entanto sempre é seu pae... || E Benedicto desde aquelle momento | tomou uma resolução. || Dois dias depois, podia abandonar o | hospital. || Poz-se a caminho, demorou-se oito | dias, e no nono pediu licença para fal- | ar ao director. || - Cidadão, disse elle, não me enganei | quando ele me figurou reconhecer o ci- | dadão Paulo. || Elle não se chama assim. || Chama-se Benedicto Nicolau, e é ir- | mão de minha mãe. || Quando se proclamou a republica | abandonou os seus lares, e não

sabíamos | si era vivo ou morto, quando quai o | achei. Agora velho reclamal-o. || - Como !
reclamal-o ? || - Sim, senhor. Sou caisfate, tenho | meios de subsistência, e prometto cuidar |
bem do infeliz. || Os hospicios sempre folgam quando | se vê livre |de um doente, principal- |
mente quando elles não têm com que pa- | gar. || Benedicto provou, pois fizeram uma |
pequena investigação, que tinha algu- | mas economias, que ganhava três fran- | cós por dia e
occupava uma casa sauda- | vel sufficiente para duas pessoas. || A licença não podia, pois
deixar de | ser concedida, e o cidadão Paulo foi le- | vado para fóra do hospicio, sem fazer |
resistência. || A sua loucura era tranquilla, qual- | quer creança lhe impunha a sua vont- | de.
||

Benedicto pensava comsigo: || -O pobre do velho não póde andar | muito, e por isso hei de
cuidar delle até | o resto. || Por ventura não é elle o pae de Auro- | ra ? || Algumas vezes
pronunciava aquelle | nome diante do velho. || Nesse momento o louco tremia, solta- | va um
grito, escondia o rosto com as | mãos e punha-se a chorar. || Outras vezes punha-se a olhar
para | Benedicto. || E então o corcunda repetia : ||- Si tivesse a certeza de que elle tor- |
naria a ser malvado e tratante, bem sei o | que havia de fazer. || Mas o pensamento de
Benedicto não | chegava a formular-se inteiramente. ||[[espaço com 15 pontos finais]]|Havia
já dez ou doze mezes que Bene- | dicto em companhia do louco, gozava de | uma vida
desprecauida, quando Bibi e | Munito se apresentaram no Hotel-Dieu, | e souberam que o
cidadão Paulo havia | sido reclamado por um corcunda cha- | mado Benedicto. || Bibi correu
logo para Passy. || Quando chegaram, o sol ia alto, e por | isso Bibi não foi bater á porta
indicada. || Pois si Benedicto trabalhava no posto, | era lá onde se podia encontrar. || Bibi
não se enganou. || Descobriu logo ao longe uma barcaça | pontuda, amarrada no caes, e que
trans- | portava para terra, com auxilio de al- | gumas carretas, certo carregamento de |
nulha. || O primeiro trabalhador que avistou, | a empurrar uma daquellas carretas, foi | o
corcunda. || - Oh ! Benedicto ! exclamou. || Como ouvisse que lhe chamavam pelo | nome, o
corcunda parou e olhou com ad- | miração para o bohemio, que nunca ha- | via visto, par que
era seu companhei- | ro disfarçado. || De feito, Bibi estava alambicado, que |

passaria impunemente junto da cidadã | Antonia. || E chegando-se para o pé do trabalha- |
dor, repetiu : || - Bons dias, Benedicto. || - O senhor sabe-me o nome ? || - Que duvida. || -
Então conhece-me ? || Bibi desatou a rir. || - Não és tu só que te queixas de não | me
conheceres a cara, mas a voz não te | deve enganar. || - Bibi ! exclamou Benedicto. || - É
verdade, sou eu mesmo. || Benedicto olhou para Munito com ar |de desconfiado. || - Este
senhor, disse Bibi, é amigo das | meninas ; podes fallar deante delle. Que | estas tu aqui a fazer
? || - A ganhar a vida. || - Para que não ficaste com Dagober- | to ? || - Estava nostalgico ;
tinha saudades | da terra. || - Moras sósinho ? || - Moro. || - Fallas a verdade ? || Benedicto
tremeu. || -Com quem havia eu de viver? inter-| rogou elle. || - Com o cidadão Paulo por
exemplo. || - Ah ! já o sabe? || - Sei, respondeu Bibi. || - Então como é que o sabe ? || - O
caso é simples. Fui ao Hotel- Dieu | onde esperava encontrar o meu amigo | o cidadão Paulo.
|| - O seu amigo ? || - Essa é boa ! || - Então não sabe que... || - Sei que o cidadão Paulo é o
pae da | condessa Aurora. || - Mas como logrou saber isso ? ||- Ora, sei cousas mais
importantes, e | ha mais tempo. || - Vem de mando da condessa? || - Não si ella pensa que o
pae está | morto. ||

- É como si estivesse. || - Porque ? || - Esta doido. || - Mas os doidos tambéms e curam, |
atalhou Bibi. ||- Assim dizem e eu acredito, murmu-| rou Benedicto, e espere lá, que eu tenho
| ás vezes idéia... || -De que ? ||- Ha certos dias que o louco parece | reconhecer-me || - E
dahi?|| - Parece-me que si o levasse lá para | baixo, para a floresta de Orleans, para | a terra
delle, lhe tornaria a vir o senti- | mento de percepção. || - Pensaste nisso ? ||- Tenho-
o pensado muitas vezes. || -Então porque não o fizeste ? || - É por causa do dinheiro ? || -
Tenho mais do que preciso. || - Então qual é o motivo? || Benedicto baixou os olhos. || - Tive

sempre receio, balbuciou elle. || - Receio de que ? || -De que si elle recuperar a razão, | torne a ser o que foi em outros tempos. || - Eu sou da opinião contraria. || - Ah ! o senhor acredita ? || - Acredito, e ainda te digo mais que | eu e alguém temos grande interesse em | que elle recupere o juizo. || - Esta bom. Pois então tratareis de o | levar para lá, respondeu Benedicto. || Bibi fitou Munito. || - Eu cá sou medico como todos os fi- | gurões da minha raça, disse o bohemio| e talvez tenha meios de o curar ; com- | tudo não affirmo sem o vêr. || - Viemos por causa disso, ajuntou Bi- | bi. || Benedicto largou a carreta. || - Vamos á casa, que é alli ao pé. || Com effeito, era uma casa do cães, de | apparencia desagradavel e mesquinha, | mas limpa. || O louco nunca sahia para a rua, quan- | do Benedicto andava fóra. ||

Punha-se á janella horas inteiras a | ver correr o Sena, que ia deslizando en-| ter o caes e a insula. || Aquella contemplação parecia embe-| bel-o tanto, que no momento em que Be- | nedito entrava nunca era delle perce- | bido ; era preciso que Benedicto lhe ba- | tesse no hombro, afim de o tirar daquel- | le pasmo. || Bibi segiu Benedicto e Munito se- | guiui em companhia delles. || O tolo fitava o Sena com as costas | voltadas para a porta. Benedicto to- | cou-lhe no braço. || Então o cidadão Paulo voltou-se || Olhou para Benedicto e sorriu. || Depois olhou com curiosidade para | Munito e depois para Bibi. || - Não me conhece ! responderam o ul- | timo com tristeza ; a mim que sou o seu | amior amigo. || O louco voltou-se de nova para a ja- | nella. || - Esta bom, disse Bibi olhando para | Munito, que pensas tu, papá ? || - Que maina é a delle ? perguntou o | bohemio. || - Atteima que lhe guilhotinaram a fi- | lha. || Bibi aproximou-se do doido, que ao | sentir que lhe tocaram no hombro, se | voltou de repente, perguntando: || - Que me queres ? || - Quero fallarte de Aurora, disse Bi- | bi. || O doido deu um grito. || - Depois olhando para Bibi com os | olhos dilatados, trôou com voz ameaça- | dora. || - Quem és tu que assim me vez fal- | lar de Aurora ; Aurora morreu ; foi Ro- | bespierre que a mandou guilhotinar. || E continuou a fixar Bibi, como si um | véu que lhe toldasse a vista se rasgasse |repentinamente...||

Edição 424

PONSON DU TERRAIL [espaço] 48

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXVII || Durante alguns minutos Bibi, Mu- | nito e o corcunda Benedicto se entreo- | lharam silenciosos, espiando no rosto do | louco a metamorphose que se ia operando || Isto passou-se com a rapidez de um relam- | pago. || O cidadão Paulo em breve começou a | dar gargalhadas estridulas, e depois a cantar a Ça [mancha] irá. || - Parece-me incuravel, observou Be- | nedito. || - Não é, retrucou friamente Munito, | tu verás como hei de cural-o. || - Com que papá? perguntou Bibi. || - Com os bohemios, respondeu Munito| possuem drogas mysteriosas e meios de |[mancha] mentos particulares. || - Bem o seu. || - O que este diz, apontando para Be- | nedito, é bem imaginado. Levaremos | o doido para os sitios em que viveu, e si | os meus medicamentos forem efficazes, |curado o teremos em tres dias. - Voltar- | lhe há a memória ? || - Decerto. |||[mancha] a estudar. || - [mancha] dias para ir, e outros dois para |[mancha] ou quatro dias para descançar, |[mancha] papá. || - [mancha] pondeu Munito. || - E no entanto que farás de Nichette | e de Antonia? || Um sorriso transpareceu nos lábios do | bohemio. || - Tu não tens precisão de mim duran- | te estes oito dias.|| - Porque não ? || - Não vou contigo. || - E o tratamento em que fallaste... ||

- Isso, quando eu o indico, já o hás | de saber empregar perfeitamente... || - Ah ! então é outro o caso. || O tolo collocou-se de novo ao peitoril | da janella, sem dar attenção aos interlo- | cutores. || Contemplava sempre o rio. || - Espera lá, disse Munito. O tratamen- | to

é simples. É uma bebida que fará ca- | hir o doente numa especie de somnolen- | cia moral e
physica. || - Ah ! disse Bibi. || - Suppões que este senhor e tu vão | partir esta noite. || -
Entendo. || - O louco não se oppõe, foi sempre do- | cil e obediente, lembrou Benedicto. || -
Vocês podem ir numa carruagem de- | cente, comer e beber pelo caminho. Si | elle tiver fome
que coma ; si tiver sêde | hás de dar-lhe um copo de vinho prepa- | rado por mim. || - E o
vinho que faz? || - Ha de adormecel-o; pôl-o num es- | tado lehargico, de modo que elle nada
| perceba do que se fizer ao pé d'elle. || - E depois? || - A casa onde elle morou ainda esta |
em pé? || - Saquearam-n'a durante o Terror, | mas um antigo caseiro do cavalheiro |
restaurou-a. || - É verdade que m'ó disseram. Foi o | tio Cornu, aquele honrado homem. || -
Póde-se, pois contar com elle? || - Póde. || - Quando vês chegaresm a essa casa, o | louco
apenas verá os objectos através de | um nevoeiro espesso. Em seguida met- | tam-n'ó na
cama depois de lhe dar uma | poção que eu hei de preparar. Adorme- | cera logo, e no dia
seguinte quando ac- | cordar expiará todos os cantos da casa. | A janella deve estar aberta,
para que | elle, na occasião de se levantar, possa | desfrutar a vista da floresta e das cam- |
pinas onde tantos annos habitou. De | vem-n'ó deixar só, e então vocês verão |

como se fará luz no intellecto enoitecido | do pobre doido, que se interrogará a si | mesmo,
suppondo tudo um sonho. || - E ficará são ? || - Ainda não, mas entrará em via de | curativo.
E, já me esquecia dizer-te que | não lhe debes apparecer, disse Munito. | É preferível que a
primeira pessoa que | se lhe apresente á vista, seja este sujei- | to que esta affeito a viver com
elle. || - Pois sim, disse Benedicto. Mas que | lhe hei de eu dizer ? || - Nada, ou então o
mesmo que de cos- | tume. || - Entendo. || - E terá o cuidado de que elle só o | veja a si. ||
Benedicto moveu a cabeça sem signal | de affirmação. || - Ha de fazer-lhe perguntas e o se- |
nhor deve responder-lhe ; é até possivel | que desate a chorar. || - E que falle da filha ? || -
Sem duvida. || - E então devo dizer-lhe que está | viva? || - Não, matal-o hia com essa noticia.
|| - O primeiro dia passal-o ha em um | estado de stupôr ; a noite deve dar-lhe outra poção
idêntica. No dia seguinte | acudir-lhe-ha a memoria, os pensamen- | tos hão de borbulhar-lhe
no cérebro, e | então tu poderás vel-o papá. || - Bem ! disse Bibi. || - Aposto que ao terceiro
dia já elle | terá juizo perfeito, concluiu Munito. || - E poderei dizer-lhe depois que a fi- |
lha esta viva? || - Ainda será cedo. Has de fallar-lhe | de Antonia. || - Ah ! sim ! || - É possivel que
se enfureça, mas en- | tão dir-lhe-has que ella é muito rica, e | que o dinheiro que possui esta
em mãos | de pessoas que decerto o hão de restituir | si se provar que o testamento da
Prince- | za Helena era falso. Elle era perdido por | dinheiro, não é verdade? ||

- Si o era ! Si não o fosse, teria assas- | sinado a condessa de Mazures? || - Pois bem ; a
esperança de possuir | esse dinheiro ha de acabar de o curar. || - Tens a certeza disso, papá ?
|| - Tenho, E depois voltarás com elle | para Paris ? || - Assim o faremos, disse Bibi. || Depois
dirigindo-se para Benedicto, | ajuntou : || - O negócio esta decidido. Vamos tra- | tar da
partida. || - Quando ? || - A noite ; vae-te preparando que ao | lusco-fusco cá estarei á porta
com a car- | ruagem. || - Estaremos promptos a essa hora, | disse Benedicto. || - Depois,
abanando a cabeça, pergun- | tou : || - Oh Sr. Bibi, já pensou noutra coisa? || - No que ? || -
Que o cavalheiro era um famigera- | do bandido noutro tempo ? || - Que tem isso ? || - Tem
muito. Si elle recuperar o jui- | zo talvez volte a vida passada. || Bibi encolheu os hombros
como quem | quer dizer? || - Pouco se me dá disso. || - E si elle não quizer ficar com o di- |
nheiro? concluiu Benedicto. || Munito desatou a rir. || - Oh , póde estar descançado que não
| ha de ser a elle que o hei de restituir. || Bibi e Munito sahiram e subiram para | a carruagem.
|| - Então estamos combinados, papá, | disse Bibi, tu ficas em Paris durante a |
nossa ausencia? || - Fico. || - E que has de lá fazer? || - Apaixonar-me hei por Nichette, dis- |
se o bohemios sorrindo. || Cherama a Paris. || O bohemio foi para a sua hospedaria |
costumada, com a promessa de vir vêr |

Bibi no mesmo dia e de lhe trazer o vi-|nho destinado a narcotizar o doido. || Bibi voltou para casa, onde soube que | Polyte já tinha vindo duas vezes procu- | ral-o, parecendo inquieto de sua ausen- | cia. || O policia não se tinha deitado deste a | antevéspera. || Foi-se, pois, deitar e não tardou a ador- | mecer. || Roncava como o sino grande de uma | cathedral, quando accordou sobressalta- | do. || Estavam a bater a porta. || Bibi abriu e deu de chapa com Po- | lyte. || - Ah ! és tu? disse.||- E pela terceira vez que te procuro. | Que fizeste de manhã ? || - Andei a procura do pae de Aurora. || - Encontraste-o? ||- Encontre. || - Doido Omo era? || - Doido varrido, mas Munito espera | cural-o || - Esta bem, mas eu não entendo bem | uma coisa, disse Polyte. || - Dize lá || - Acredito que cures o cidadão Paulo. || - Adiante. || - Mas que utilidade tem a cura para | provar a Munito que Antonia roubou o | dinheiro? || - Tem muita, porque foi elle quem fez | o testamento. || - Ah ! então já me calo. E convirá elle |nisso ? || - Que pergunta ! bastava que lhe fosse para | empobrecer Antonia, a quem elle tanto | deve aborrecer, por causa das peças que | ella lhe pregou. || - Agora percebo. ||- Então sempre partimos esta noite ? |continuou Bibi. || - Com o doido ? || - Com o doido e Benedicto. || - Com Benedicto ? || - Sim. Nós também o encontramos. ||

Edição 425

PONSON DU TERRAIL [espaço] 48 [2?]

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXVII || E Bibi poz-se a explicar o aconteci- | do a Polyte. || - E Munito ficará em Paris? pergun- | tou ainda o ultimo. || - Penso que sim ; apaixonar-se-ha | loucamente por Nichette. | || - Muito bem, disse Polyte sorrindo. ||- Mas tu o que é que fizeste esta noi- | te ? || - Ceei com o cidadão X... ||- Disseste-lhe o que viste ? || - Disse, mas póde ter a certeza, papá | que me será fiel. Elle deseja que Anto- | nia conserve o dinheiro e deixe ficar mal | o boêmio. || - Viste Antonia? || - Acabo de vir de casa della. || - Sim ? ||- Não duvida de nada. A impassibili- | dade de Nichette foi admirável. || - Julgas que a podes subjugar ? ||- De pés e mãos , como uma escrava. ||- Pois então, escuta-me bem, disse Bi- | bi depois de alguns momentos de silen- | cio. || - Dize... || - É preciso jogar com pau de dois bi- | cós. || - É o melhor. | - Eu cá encaro as cousas pelo peor | lado. Munito póde enganar-se e o cida- | dão Paulo continuar a ser doido. || - Entendo. || - Então não srá de Nichette que te- | remos de nos aproveitar ? || - Para sabermos os segredos de An- | tonia ? ||- Isso mesmo. ||

- Mas é necessário que ella esteja de | posse delles. || - Ha de o estar, disse Bibi. Aquellas | duas creaturas comprehendem-se mara- | vilhosamente para que possam ter se- | gredos uma para outra. E lembra-te | bem do que te digo ; si podermos alcan- | çar uma carta authentica da fallecida|princeza Helena, e comparal-a com o | testamento que Munito possui. || - Provar-se-ha a falsidade ? ||- Certamente ; e não precisaremos en- | tão do pae de Aurora. || - Mas que certeza temos de que An- | tonia possua essa carta? disse Polyte || - Ella tem muitas. || - Tens a certeza? || - Tenho. Ao principio costumava | têl-as no cofre onde guardava o dinhei- | ro. || - Talvez Antonia as queimasse... ||- Não penso assim. || - Porque? || - Porque a bohemia tem orgulho de | conservar as cartas de uma mulher de | alta nobreza, como a princeza Helena. || - De feito, parece possível. Mas onde | estão essas cartas ? || - Nichette as procurará. || - Esta bom, papá, essas se acharão, | disse Polyte. ||[espaço com 15 pontos finais]|| Bibi não se foi deitar : preparou-se | para a viagem, e esperou juntamente | com Polyte, que Munito voltasse; Eram | cinco horas quando o bohemio chegou á | casa. Trazia duas garrafas lacradas. O | lacre de uma era verde, o da outra ama- | rello. || - Este é o vinho sympathico. || - Entendo, disse Bibi. || - Este outro é a poção. Agora não | te esqueças

das minhas recommenda- | coes, papá, nada de commoções violen- | tas. || - Esta descansado, papá. || - Quando volta ? perguntou Polyte. || - Daqui a oito dias. ||

- Nesses oito dias, acabo eu de fazer | Nichette doida por mim. ||- Ao contrario, eu endoudecerei por | causa della, disse Munito sorrindo. || - Sem motivo nenhum, observou Po- | lyte. || - Como ?! disse o bohemio. || - Sou um pouco ciumento, respondeu | framente o mancebo. Nichette promet- | te muito e falta melhor. || - É o mesmo que eu digo, disse Mu- | nito. Já trintei, e só amo no mundo a | minha filha. ||E como saudade tributada a Móina, o | bohemio enxugou uma lagria. Recor- | dou-se do drama de Coblentz : então pegou | na mão de Bibi dizendo : || - Animo ! quero restituir á condessa | Aurora o dinheiro que lhe roubaram. | É preciso que as cousas não se demo- | REM; vou prevenir os dois individuos da | minha tribu, a quem devo dar conta das | minhas acções. || - Bibi estremeceu. || Se via preparar-se a futura condemna- | ção de Antonia ! ||[espaço] XXXVIII [espaço] || Passadas quarenta e oito oras, roda- | va difficilmente por uma das rua lama- | centas que atravessavam a floresta de | Orleans, um vehiculo cortava a floresta em | todas as direcções. Era tirado por dois | vigorosos cavallos de boa raçae condu- | zia tres pessoas ; uma fóra e duas den- | tro. Dentro estavam Bibi e o cidadão | Paulo, e fóra o corcunda Benedicto. || O vinho sympatico do bohemio Mu- | nito, havia produzido effeito. || O cidadão Paulo, ou antes o cavalhei- | ro de Mazures, como dantes lhe chama- | vamos, levou toda a viagem em uma | profunda somnolencia. || Apenas de momento a momento abria | os olhos para se certificar si Bibi esta- | va a seu lado. ||

Depois tornava a cerrar as palpebras, | e cahia de novo na sua apathia || Até a pequena povorção de Pithiviers, | celebre pelas suas aves de recheio, os | personagens de que nos occupamos, ape- | nas haviam alugado cavallos de posta. || Mas em Pithiviers Benedicto disse a | Bibi : || - Agora escusam de saber para onde | vamos. Vou alugar cavalgaduras e ser- | virei de conductor. || Bibi approvou a resolução. || Os ares da terra natal dão saude e | imaginação, como diz o povo. || Deste modo, assim que Benedicto viu | esfumar-se no horizonte uma facha ne- | grã, que lhe annunciava a sua querida | floresta, sentiu bater-lhe o coração mais | e transformou-se logo no agil lavrador, | matreiro e prudente que nós conhece- | mos. || Em vez de seguir pela estrada ordina- | ria, deitou por um carreiro encravado | na floresta, que elle tantas vezes havia | palmilhado, e que era mais consistente | que os outros, por causa da areia que | lhe cobria o fundo argiloso. O atalho ia | dar a uma casinhola, em outro tempo | habitada pelas guardas, mas presente- | mente abandonada. || Dalli ao caminho de a pé dos campos, | havia apenas um quarto de legua. || Benedicto parou a chem passos. || A floresta estava deserta e silenciosa, | e bem se via que a guarida do guarda | estava deshabitada. || Depois o corcunda fes retroceder os | cavallos e veio parar ao pé do casebre. ||- Papá, espere-me aqui, disse a Bibi. || - Para que ? perguntou o policia. So- | mos a meia legua de Billardiére. || - Que tem isso? ||- É o castello do cavalheiro. ||- Porque não vamos la directamente ? ||- Já lh'o digo, respondeu Benedicto. || - Falla, filho. || - Ouvi dizer que fora comprado por | um honrado caseiro, que certamente de- |

ve ter a intenção de o entregar á meni- | na Aurora. || - Pódes antes dizer á senhora Auro- | ra Dagoberto. || - Perdão, foi engano. || - Diz o resto. || - Si o caseiro fôr ainda vivo, e o cas- | tello ainda lhe pertencer, hei de preve- | nil-o e contar-lhe o propósito da nossa | viagem. || - Bem lembrado, disse Bibi, que co- | mechava a comprehender o caso. || - Além disso é preciso desconfiar do | cavalheiro, apesar de dormir como uma | pedra... ajuntou Benedicto. || - Tens razão, disse Bibi. || - Poderia acordar e soffrer a com- | moção que Munito recommendou que | evitássemos. || - Lembras-te bem, respondeu Bibi. || - É melhor chegarmos lá de noite. O | senhor fique aqui, que eu vou a desço- | Berta. || E Bibi principiou a tirar os arreios | aos cavallos. || O cavalheiro restava meio acordado e | emio dormente, isto é, em estado mais | que sufficiente para se apear e entrar no | casebre. || A casa não estava trastejada, mas a | um canto via-se um montão de palha. || Benedicto e Bibi deitaram alli o ca- | valheiro, que em

breve tornou a ador- | mecer. || Depois disto Benedicto deixou o cava- | lheiro confiado á guarda de Bibi e ausen- | tou-se. || Conhecia a floresta a palmos, apesar | de quatro annos de ausencia. || Sabia de cór todos os atalhos, todas as | clareiras e meandros. || Em menos de um quarto de hora che- | gou a beira dos campos. Depois poz-se a | correr a toda a pressa na direcção de uma | cabana que se descobria a 100 metros da | floresta. ||

Edição 426

PONSON DU TERRAIL [espaço] 49

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXVII || Aquella casinha no tempo de Benedic- | to era habitada por um rachador de le- | nha, chamado Jacob, que vivia sósinho, | nunca se quizera casar. || - De certo que ninguem fez mal a Já- | COB. Era pobre de mais para que se im- | portassem com elle ; a isto ajuntava a | sobriedade, pois não frequentava as ta- | vernas e gosava de boa nota a todos os respeitos || Ao sahir de Paris, Benedicto teve o | bom senso de não abandonar a roupa de | trabalho. || Trazia vestido o seu uniforme de ca- | lafate, isto é, blusa azul, calças de risca- | do e chapéu de palha de abas largas. || A chaminé da casa fumegava. || Era bom signal. || Benedicto aproximou-se. || A porta estava aberta, e um homem | fazia a ceia. || Era Jacob. || Ao arruido dos passos de Benedicto, | Jacob voltou-se para a porta, e fez um | gesto de admiração sinão de medo, e fi- | cou de bocca aberta a olhar para o cor- | cunda. || - Porque é que olhar pra mim com | ar de admiração ? Não me conheces ? || - Ah ! és Jacob ? || - Mas o bohmem não [s]e mexia, e conti- | nuava a mostrar-se medroso. || - É que eu não sei si és alguma alma | do outro mundo, continuou elle. || - Forte patarata ! disse Benedicto. || E atirou-se lhe ao pescoço com tanto | entusiasmo que Jacob não duvidou que | estava a tratar com um vivo. ||

- Cautella ; uma alma do outro mun- | do não aperta com essa força. || - E porque me chamas de alma do outro | mundo ? perguntou Benedicto a rir. || - Porque todos diziam que tinhas mor- | rido. || - Essa não é má ! || - E que te tinham guilhotinado em | Paris. || - Ve si tenho a cabeça no seu lugar. || E Benedicto poz-se a abanar a cabeça. || - Mas de onde vens? exclamou o ra- | chador. || - De Paris. || - E para onde vaes ? || - Vim vêr-te primeiro. || - Esta bom. || - E uns outros collegas. || - Ah, meu caro amigo, respondeu o | rachador, os nossos collegas estão bem | mudados desde que partiste; uns mor- | tos, outros militares. Dizem por ahi que | o próprio ferreiro da Côte de Deus é ge- | neral. || - Não menten. || - Pois olha que eu não queria acredi- | tar. || - É essa a verdade nua e crua. || - Mas contavam dele cousas tão ma- | ravilhosas. Também... || - Que se diz ainda ? || - Que se casou. || - Também é verdade. || - Com a condessa Aurora, a filha do | defunto cavalheiro de Mazures. || - É como dizem. || Jacob olhou para Benedicto com ar | de quem diz: || - Estás a caçoar commigo ? || - E não te admires de te informar tão | dessaffogadamente, porque desde que par- | ti daqui sempre tenho estado com a me- | nina Aurora e a irmã della, disse Bene- | dicto. || - Pelo que dizes tudo isso é certo ? || - Certissimo. || - Esta bom ! eu é que conheço quem | folgará com isso. ||

- Quem é? || - O tio Cornu. || - O antigo caseiro de Billardiere ? pois | ainda é vivo? || - Si é. Tu talvez não saibas que elle | comprou o castello. || - Comprou ? ! || - E bem barato... no tempo dos bens | nacionaes... tinha umas moeditas, e ellas | são raras. Demais naquelle tempo pa- | gavam em papel, e por isso não lhe foi | difficil comprar o castello. || - Boa vivenda que é. || - O pobre homem, porém não quer | viver nelle. || - Ora essa ! || - Deixou-se ficar na granja, e não lhe | poz o dedo. || - Que modo de pensar. || - Diz que si a menina Aurora vier | morar

para elle, lh'ó dará, continuou o | rachador. || -De certo que ella ha de vir. || -Tens certeza ?
|| - Tenho. E ha de vir em pouco tem- | po. || - Pobre senhora ! murmurou o velho, | dizerem
que ella nos tem feito tanto | bem, mas que si não fugisse seria talvez | guilhotinada ! ||
Benedicto estava de posse do que que-| ria saber. || -Agora adeus, como já te vi, vou dar |
uma volta por aqui.|| - Vae já falar com o tio Cornu. || - É o que eu tinha na idéa. || - Queres
uma pinga de vinho? não é | muito bom mas é de boa vontade. || -Venha elle, disse
Benedicto. || E poz-se a beber por um enorme can- | taro, a zurrapa que o rachador lhe offe- |
recia. || Depois apertou a mão de Jacob e despediu-se. || Benedicto não andava nem corria,
sal- | tava como um cabrito atravez de sua | querida floresta. || E poz-se a caminho para
Billardiére, |

cujo tecto de ardosias, brilhava aos ul- | timos raios do sol poente. ||[espaço] XXXIX [espaço]
|| Benedicto parecia ter voltado á infan- | cia ; saltava pelos campos como um po- | tro fugido
á caudelaria. || Quando chegou a Billardiére parou. | Necessitava de reflectir um pouco. || Em
seguida parou a contemplar aquel- | la casa, onde tantos dias felizes passara | com as duas
meninas, como então lhes | chamava. || Billardiére retinha o seu aspecto meio | senhoril,
meio de pousada de caças. || Era inteiramente a mesma pelo exte-| rior, com excepção de
uma cousa. || Haviam-lhe apagado as armas da fa- | milia de Mazures, insculpidas sobre a |
porta principal, para as substituir por | esta fórmula : | Liberdade Igualdade e Fraternidade. ||
E note-se que isto era obra do tio Cor- | nu. || Como homem de peso e bom raciocínio, | o tio
Cornu dissera com os seus botões : || - Eu comprei o castello, e o que eu | tenciono fazer mais
tarde não é da conta | de ninguem. || Agora trata-se de arranjar as cousas | de modo que eu
passe por um proprieta-| rio serio. || Si deixasse ficar as armas na porta, | adivinhavam-me a
vontade, e talvez sof- | fresse alguns desgostos. || Por isso, o tio Cornu mandou safar as |
armas de cima da porta.|| Mas como dissera o rachador Jacob, | os seus projectos não eram
ignorados | por ninguem desde o nove thermidor. | Não morava no castello, mas aos que se
| admiravam disso, respondia : || - Tenho uma filha casadoira, e ando | a cato de um marido
rico com quem a | case ; quando o encontrar cederei a am- | bos o castello. || Deste modo o
tio Cornu continuava a | viver na sua granja junto do castello, de | companhia com sua mulher
e filha, es- |

perando sempre noticias dos seus anti- | gos senhores. || Benedicto sentou-se debaixo de
uma | arvore, a cem passos da porta do castel-|lo. || As campinas estavam desertas, e o sol |
acabava de desaparecer por detraz das | arvores enormes da floresta. || No entanto pensava
o corcunda : || - Insto de tornar a ver as pessoas que | a gente julga mortas, excita uma com-|
moção bem forte. Eu tenho só a dar AL- | guns passos, e não ousa. O tio Cornu é | capaz de se
pôr a gritar contra as almas | do outro mundo como fez Jacob. || Si ao menos eu lhe viesse
anunciar | a chegada de Aurora... || E Benedicto reflectia que a condessa | Aurora havia sido
adorada por todos que | a serviam, não succederia o mesmo com o | cavalheiro de Mazures,
sempre altivo e | orgulhoso. || - É preciso contar-lhe o negocio com | prudencia. || E poz-se a
caminho. || Como apenas tivesse a saltar um fosso, | que a revolução não curara de entulhar,
| viu logo um homem em mangas de ca- | misa, a sahir do pateo, com uma carre- | ta. Era o tio
Cornu, simples e attencioso | como sempre, apesar de ter um castel-|lo, e que não o
inhabitava de traba-|lhar sempre no amanho de suas terras. || Benedicto foi-se a elle. O tio
Cornu | largou a carreta e poz-se a olhal-o fixo : || - És tu ? Benedicto ? disse sem a me- | nor
admiração. || Desta vez foi Benedicto que ficou es- | tupefacto. || - Oh tio Cornu, você não
me julgava | morto ? || - Como a mais gente, respondeu Cor- | nu. || - E então é essa a
admiração qe o trans- | porte com que me recebe ? exclamou Be-| nedicto despeitado. || O
tio Cornu estendeu-lhe a mão. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XXXIX ||- Meu filho, julguei-te morto, é ver- | dade, mas ha um mez que sei que és vi- | vo. || - Quem lh'ó disse ? || - Recebi uma carta da senhora. || Benedicto estremeceu. || - A Sra. condessa Aurora escreveu-| me ha um mez, dizendo-me que anda- | vas viajando por ahi, continuou o tio | Cornu em voz baixa. || - É verdade, como a indiferença de | que me diverti pelo caminho. ||- Isso sabemos nós, pois já vae em um | mez que te esperamos. || - Ah ! esperava-me? ||- Co'a breca ! onde havias tu de ir, | a menos que não fosse á nossa casa? || É verdade, que Benedicto estava | agora poço affeito a passar as noites ao | ar livre. || E ao mesmo tempo considerava : ||- A carta da menina complica bastan- | te as cousas. Com toda a certeza que | lhe não fallo do pae, porque o julga mor- | to. Como hei de, pois, dizer ao tio Cor- | nu que o cavalheiro esta ahi? || E Benedicto deixou á roda de si um | olhar investigador. ||- Para que estás a olhar, rapaz? dis- | se o caseiro. || - Estou a ver si estamos a sós.||- Sim? ||- E si alguém mais me viu. ||- Porque estás com essas cautellas ? ||- É porque antes de entrar na gran-| já a comprimentar sua mulher e filha, | desejava dizer-lhe duas palavras. ||

E Benedicto, poiscando os olhos, ajun- | tou: ||- Não sei o que a menina Aurora lhe | disse na carta, pois eu já tinha partido, | mas decerto que não lhe disse tudo. ||- Como? observou Cornu. || E assentou-se na carreta, Benedicto| fez o mesmo e continuou: || - A menina Aurora fallou-lhe do pae? || - Não. Em primeiro logar por que o | cavalheiro morreu... ||- Esta enganado tio Cornu. || - Estás a brincar? exclamou o casei- | ro estupefacto. || - É a pura verdade, respondeu Bene-| dicto.||- Pois isso é possível? || - Ainda pertence a este mundo, mas é | como si não pertencesse. || - Que queres dizer com isso? || - Que esta doido. Foi a revolução que | lhe deu a volta no miolo. ||- Ah ! foi? respondeu o tio Cornu,| como si uma indiferença que significava tan- | to si lhe dar que o cavalheiro vivesse co-| mo fosse morto. || - É um grande mal para a menina| Aurora ter o pae louco, continuou Be- | nedito|| - Ora ! disse o velho. || -É o que lhe digo; é uma grande | desgraça, repetiu Benedicto gravemen-| te. || - Então porque? ||- Porque si o cavalheiro recuperasse| a razão, a menina Aurora herdaria gra-| des cabedaes. || - E porqueo não diz elle? ||- Já não lhe disse que estava doido? || - E não tem cura? || - Trata-se disso. || - Onde está elle ? – em Paris? || Benedicto não respondeu e continuou: || - Acha-se confiado ao tratamento de | um medico que promette cural-o, si fôr | auxiliado por todas as pessoas que ainda |

conservam saudades e affeição pela | menina Aurora. || - Pois póde contar commigo, respon- | deu simplesmente o caseiro.|| -Si não tivesse a certeza de que o se- | nhor era um dos mais dedicados amigos| da menina, não teria aqui vindo procu-|ral-o, nem fallar-lhe as occultas. Confia-|va em si. || - Então, dize o resto. || - O cavalheiro não esta em Paris. || - Então onde ? || - A meia légua daqui, com o medico| de que lhe eu fallei. || - E onde os deixaste? || - Em casa do guarda Soulas. || - Coitado do Soulas, ha bem tempo | que morreu, disse o caseiro. A casa está | abandonada. || - Isso eu vi.|| E Benedicto poz-se a contar a sua viagem ; o estado do cavalheiro; a esperan-|çaque nutriam do o curar, transportan-|do-o para a casa que outr'ora lhe perten-|cera, sem que o nobre percebesse a | mudança. ||- É uma boa idéa, sim, senhor, mas | porque não o trouxeste logo? ||- Receiava que o não accitasse.||- Toleirão. || -Alem disso, eu e o medico não que-|remos que elle chegue de dia.|| - La isso é outro caso.||

Apresentando Bibi como medico, Benedicto furtava-se ao trabalho de relatar uma série de nimudencias relativas ao antigo policia. - Estou entendido. Si queres vamos contar tudo a minha mulher e filha. -Vamos la ! respondeu Benedicto. E ambos se pozeram a caminho da granja. [espaço com 15 pontos finais] Passada uma hora, Benedicto passava a floresta e chegava á casa do guarda, onde havia ficado Bibi e o louco. O ultimo havia adormecido.

- Que passaste com o homem? disse Bibi. - Promptificou-se a receber-nos. O Castello esta como estava. Não lhe arredaram um único traste. - Bom é isso, respondeu Bibi. Benedicto poz os arreios aos cavallos, e Bibi fez entrar o doido na berlinda. Era noite escura quando saíram da floresta. - Deviamos fazer-lhe beber mais um pouco de vinho sympatico, disse Benedicto. - Pois sim, mesmo porque é conveniente que entre no palacio, sem o perceber. Bibi chegou a garrafa ao louco. - Bebe, disse-lhe. - O nobre, sempre dócil obedeceu. Minutos depois dormia profundamente, e tres quartos de hora depois a berlinda entrava no pateo do palacio [espaço] XL [espaço] Não havia viva alma nos campos. O carro ao sahir da floresta, rodou por um caminho bordado de faias, que o tornavam impenetravel, á vista, e a, e abafavam o ruído das rodas. Por seu lado, o tio Cornu teve a boa lembrança de mandar deitar cedo, os seus criados de casa e de lavoura. Quando a carruagem chegou, as uniões pessoas que a esperavam, eram a mulher do caseiro, este e sua filha. Benedicto e Bibi pegaram em charola no cavalheiro, e levaram-nos para dentro do castello. O rachador Jacob não havia mentido. O Castello estava no mesmo estado em que o cavalheiro o deixara, quando fugiu, e em que Aurora e sua irmã Joanina o desampararam ao rebentar o tufão revolucionário. Toda a mobilia estava em seu lugar, e nem uma tapeçaria ficou despregada. O quarto do cavalheiro, que olhava para a floresta, não podia ser descoberto

por ninguem, si a horas mortas, e inunadado a lus, passasse algum transeunte, ou os moços da granja. O cavalheiro continuava adormecido. Bibi e Benedicto deitaram-nos na cama, e accenderam uma lamparina. Depois entraram na sala de jantar, onde a mulher e a filha do caseiro, lhe serviram uma ceia frugal. Durante a ceia ouviu-se um leve rumor no pateo. - Que é aquillo ? perguntou Benedicto. - Não é nada, respondeu o tio Cornu, um pouco embaraçado. - Parece que ouço passos. - Não é ninguem. É o castor, o cão guardião, que sacudia a cadeia. Benedicto não insistiu. Mas tinha a certeza de ter ouvido passos de homem sobre a areia do pateo. Prepararam um quarto a Bibi. Quanto a Benedicto, esse conveio em dormir ao pé do louco, para cuidar dele, si acordasse de noite. Tanto o corcundoa como o policia estavam moídos da jornada. Depois de comer e beber foram deitar-se; o caseiro com a mulher e filha retiraram-se também. Ao amanhecer, quando os primeiros raios d'alva começaram a luzir no céu, Benedicto acordou. Dormira em uma cadeira de braços, ao pé da cabeceira do cavalheiro, que continuava somnolento. O corcundoa sahio em bicos de pés chegou no corredor e bateu a porta de Bibi. - Entra, disse este. Benedicto ficou admirado de ver Bibi a pé, e de ter passado a noite vestido. Bibi deitara-se vestido e com a janella aberta. Tinha as sobrancelhas carregadas e parecia preocupado.

Edição 428

PONSON DU TERRAIL [espaço] 51

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XL ||- |Que é que tem papá? perguntou Be- | nedito. ||- Nessa casa passa-se alguma cousa | de extraordinário. || - Que me diz? exclamou Benedicto. || - Ouviste hontem a noite aquelle ba- | rulho, quando estávamos a ceiar? conti- | nuou Bibi. || - Ouvi, parecia rumor de passos. || - E o caseiro nada disse que te engana- | vas? ||- Disse. Mas... || - Mas tu ouviste bem ? ||- Aquillo foi algum rapaz da lavoura| que nos viu chegar, e se ergueu do pa- | lheiro, movido pela curiosidade. ||- Parece-me que não, disse Bibi. ||- Então que seria ? ||- Hontem, quando me deitava, abri a | janella, e pareceu-me ouvir sussurro de | gente que segredava|| - Sim ? | ||- Puz-me a escuta e reconheci a voz | do tio Cornu. ||- E com quem estava a conversar? ||- Com uma pessoa de voz grave e al- | quebrada, talvez algum velho. ||- Em que sitio estavam? ||- La em baixo, sentados em um banco, | e debaixo de uma arvore. || Por mais esforços que fiz, não pude | perceber no que fallavam. || Por precaução apaguei a luz, e assim | pude observal-os com pachorra, sem que | me podessem descobrir, porque a noite | estava de luar. || Em um momento dado levantaram-se | e entraram no pateo. ||

Então pude ver de mais perto com | quem conversava o pae Cornu. || É um velho corcovado de grandes | barbas brancas. || Benedicto estremeceu. ||- Eu estava escondido por detraz da | porta da janella, continuou Bibi, e pude| ouvir algumas palavras da conversa del- | lês. || - Que diziam ? perguntou Benedicto. ||- Era Cornu que fallava. ||- Bom ! || - Meu padre, dizia elle, nada tem que | receiar aqui, e em vez de voltar para a flo- | resta seria bom ficar.|| Então o homem de barbas brancas res- | pondeu algumas palavras que não pude| ouvir. || - E ficou ? ||- Não, o pae Cornu dirigiu-se para | uma porta que dá para o andar terreo | da casa, e bateu duas pequenas panca- | das, e depois uma terceira mais forte | um pouco. || - Então ? disse Benedicto. ||- O velho de barbas brancas tomou o | cesto e, em quanto a rendeira entrava | em casa, o pae Cornu acompanhou-a a té | ás ultimas arvores da avenida. ||- Voltou depois ? || - Voltou em quanto o velho seguia | com o cesto. || - E que direcção tomou elle ? || - Perdi- o de vista no caminho que vae | ter a floresta. || - Certamente foi esconder-se á flores- | ta, disse Benedicto. || Depois, olhando para Bibi : || - Que pensa o papá de tudo isto? || - Muito e nada. || - Como assim ? || -Esse homem é certo que se esconde. || - É certo. ||- Mas porque se esconde elle ? a gui- | lhotina já não funciona... || - É verdade. Será talvez um emigra- | do... ||

De repente Benedicto bateu na testa | e disse: ||- Esta bem certo que o caseiro lhe | chamava <<meu padre>> ? ||- Estou, porque o ouvi. ||- O padre Cornu morreu. E si elle | chama „meu padre.. a esse velho, é por- | que effectivamente é padre;. || - É possivel, disse Bibi. ||- E os padres que recusam o juramen- | to são proscriptos. ||- Tens razão, respondeu o homem da | policia, que parecia mais serenado. ||- Em todo o caso, continuou Benedic- | to, o pae Cornu é um bello homem, todo | dedicado a menina Aurora e nós não de- | vemos desconfiar d'elle. ||- É o mesmo, murmurou Bibi, quan- | do no meu caminho encontro um myste- | rio, não descanço sem o desfazer.||- Ha de desfazer-o logo, respondeu | Benedicto.|| E deixando Bibi, dirigiu-se ao pateo | da herdade.|| O pae Cornu acabava de dar ordens aos | moços da lavoura e aos jornaleiros. || Quando viu Benedicto foi direito a elle | e disse-lhe a meia voz: || - Então, o Sr. fidalgo ainda dorme ? || -Dorme. || - E o médico? ||- O médico não; Nem dormiu. || E Benedicto tomou o braço do casei- | ro. || - Venha dani, que lhe quero dizer | uma cousa. || Levou-o para outra extremidade do | pateo. ||- Sempre tinhas esta manhã um ar | mais exquisito, meu rapaz, disse o pa | Cornu. || - Acha? || - Si acho !... ||- Si o medico não dormia quem teve a | culpa foi o senhor.|| - Eu ?! disse Cornu admirado. ||- Eu não me tinha enganado hontem |

á noite, quanod disse que tinha ouvido | passos. || - Ah ! ainda acreditas isso? || E Cornu perturbou-se. ||- Quem quer esconder aqui? prose- | guiu o corcunda. || - Eu... ninguem... ||- Vamos, vamos ! a esse velho de bar- | bas brancas ? || Cornu deu um passo para traz e pare- | ceu espantado. || - Viste-o ?! disse elle. || - Eu não, mas viu-o o medico. || O caseiro respirou.

|| - Tio, é preciso dizer-me quem é. || - Queres saber-o? || - Podera ! ||- Pois, meu rapaz, esse velho é um | padre. || - Já o desconfiava. || - Esteve preso muito tempo , e por | um milagre que não foi guilhotinado. || - E fugiu da cadeia? || - Fugiu. |||- E esconde-se na floresta? ||- Ha seis mezes. || - E todas as noites vem aqui buscar | comida ! ||- Todas as noites não, mas de tres em | três. ||- Pois, disse Benedicto, para isso | não precisa estar com segredos, o pae Cor- | nu. || - Não que esse segredo não é meu. || - Não sabe quem eu sou ? ||- Sei sim. || - Sabe que podem confiar em mim... || - Em ti sim, mas nesse médico? ||- Tanto pódem confiar nelle como em | mim ; e olhe pae Cornu, tenho cá uma | Idea que me faz pulsar o coração. || - Que é? meu rapaz. || - Tenho pressentimento de que conhe-| co esse velho padre que se esconde. ||- É possível. ||- E que é D. Jeronymo o prior da ab-| badia da Côrte de Deus. ||

- Calla-te ! || - Ah ! disse Benedicto alegremente, já | vê que é elle. || - É mas calla-te. || - E com razão lhe dizia o senhor que | era mau receiar aqui alguma cousa. Es-| tou bem certo de que ninguem cá da ter-| ra pensaria em denunciá-lo. ||- É verdade; mas além de salvaguar-| dar a sua liberdade, ainda ha outra ra-| zão. || - Qual ? ||- Oh ! é uma historia que não posso | contar-te. Esse segredo não é meu, é | delle. ||- Bem, disse o corcunda. Não lh'o pe- | co. Ah ! eu bem sabia que não tinha | morrido esse bom e santo homem. || E Benedicto radioso foi ter como Bibi, | que o esperava com anciedade. || - Vem depressa, disse elle, vamos vêr. || - E levou-o para a outra extremidade | do corredor, que dava para o quarto do | fidalgo. ||- Olha, disse elle, apontando para o | buraco da fechadura ||Benedicto espreitou e viu o fidalgo | que deixara o leito e se encostara a ja- | nella. ||- Entra, disse então Bibi. Sabes que | elle só deve ver-te a ti, como disse Mu- | nito. || - Sim, respondeu Benedicto. || E entrou no quarto. || O ruido que a porta fez ao abrir e fe-| char não sobressaltou o louco. || O fidalgo olhava para o campo e pa-| recia absorvido nessa contemplação. ||[espaço] XLI [espaço] || Benedicto poz então a mão no hombro| do fidalgo. || O louco voltou-se e olhou para Bene-| dicto com surpresa e disse-lhe : || - Porque já não esta alli o rio? ||- Qual rio? perguntou Benedicto. ||- O sena. ||

Edição 429

PONSON DU TERRAIL [espaço] 52

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XLI ||- Nós já não estamos em Paris. || - Ah ! disse o louco. || E recahiu na sua contemplação. || Benedicto voltou-se para a porta e foi | ter com Bibi ao corredor. ||- Julga que ainda esta em Paris, dis-| se elle. || - Tanto melhor ! || - Então porque ? || - Porque é uma prova de que a reac- | ção não se opera ainda, e que só chega-| rá gradualmente. || Si elle si reconhecesse logo, teriamos | de temer essa reacção violenta que Mu-| nito temas. || Benedicto voltou para junto do fidal-| go. || Este repetia: || - É exquisito ! porque fugiria o rio ?! || Depois de um grande silencio : ||- Então, disse elle, voltando-se para | Benedicto, em cuja ausencia não repa- | rara, então dizes tu que ja não estamos | em Paris? ||- Não. ||- Aonde estamos pois? || Benedicto não respondeu. || Mas o louco não reparou nisso. Uma | voz intima fallava nelle por Benedicto. ||- Parece-me que já iv isto em alguma | parte, disse elle. || - Ah ! disse o corcunda. || - Dormirei eu ? perguntou elle ainda. ||- Não, senhor. || - Estou bem acordado? ||- Sim, senhor. || - Porque me tratas tu por senhor, ci- | dadão, é que me deves dizer. || E o louco foi para a janella, deixando |

divagar a vist pelos campos e pela flo-|resta que se descobriam ao longe no ho-| risonte, e que os raios do sol começavam | a inundar. || Subitamente voltou-se ainda. || E assim como tinha olhado para a pla-| nicie, começou a examinar o quarto on-| de estava, os moveis, os quartos,

e pa-|rece que uma lembrança fugitiva atra- | vessou as trevas do seu cerebro, como | um raio luminoso. || - Não, não, murmurou elle, eu so- | nho... || - Esta perfeitamente acordado, cida-| dão, disse Benedicto. || - Espera ! disse o louco, porque me | tratas tu por cidadão. || - Porque... || - Porque estou aqui, trate-me por se-| nhor. || - Bem ! disse Benedicto. || - Senhor... fidalgo... || E o louco deu uma grande gargalha-|da. || Escondido atraz da porta meia aberta, | Bibi via e ouvia tudo. || - La começa a cura, disse elle ; já se | lembra do nome delle. || De repente o louco foi direto a um re-|tabulo que estava á direita do leito, dis- | simulado na armação. || Abriu esse retabulo, o que era uma | prova de que lhe voltava a memória. || Depois procurou dentro uma caixa | quadrada forrada de velludo verde. || Essa caixa, bem como os outros ob-|jectos que estavam no quarto, ainda es-|tava intacta. || Pegou nella com certa avidéz febril e | abriu-a || A caixa tinha um retrato em miniatu-|ra ; ao vê-lo, o louco deu um grito, um | grito que saiu do fundo do peito, ras-|gou a garganta e lhe retorceu os lábios. || Depois atirou com a boceta e com o | retrato. || O retrato cahiu ao parque e quebrou-|se o vidro que o cobria. || Então como uma creança que acaba |

de quebrar o brinquedo favorito, o lou-|co sossobrou em pranto. || Esse retrato que produziu essa reac-|ção violenta, era um retrato de Aurora, | quando criança. || [espaço com 15 pontos finais] || O cavalheiro de Mazures chorou por | muito tempo. E estava de tal modo ab-|sorvido na sua dor, que não viu Bene-|dicto apalhar o retrato, que só tinha o | vidro quebrado. || Depois de chorar, enxugou as lagri-|mas e começou a rir. || A razão que alumiaara um momento | apagara-se de novo... || Aproximou-se da janella outra vez, | recahiu na sua contemplação, e , pouco | depois começou a trautear a Marselhe-|sa por entre os dentes. || Benedicto, aterrado, voltara para jun- |to de Bibi. || - Parece-me, murmurou o corcunda, | que nada fará toda a sciencia de Munito. || - Esperemos, dizia Bibi. || - Então ainda tem esperanças? || - Tenho. || - Eu não. || - Elle reconheceu a filha, lembrou-se |della, chorou. || - Isso é verdade, disse Benedicto ; |mas agora já não pensa em tal. || - Mas lembra-se de outra epocha da |sua vida. || - De qual? || - Lembra-se da revolução, e por sig-|nal que até canta a Marselheza || - E si nós lhe dissessemos que a me-|nina Aurora não tinha morrido? || - Oh ! ainda não. || Passou-se a manhã. O louco já não | cantava, cessara de chorar, e tinha re-|cahido na sua pacífica abstracção. || De tempos a tempos o tio Cornu, sua |mulher ou sua filha deixavam a herda-|de, vinham ao castello e fallavam com | Bibi que continuava a não se mostrar. || Bibi estava cheio de esperanças. Ao | meio dia Benedicto entrou no quarto do | fidalgo, levando uma mesa bem servida. |

O fidalgo começou a comer e a beber, | como costumava a fazer na humilde habi-|tação de Benedicto. || Parecia que se extinguiara todo o cla-|raõ da reminiscência. || Depois, quando acabou de comer, vol-|tou-se para Benedicto e disse-lhe : || - Vem commigo. || - Onde quer ir ? perguntou o corcun-|da. || - Quero ir ao rio. || Bibi que estava atraz da porta fez um |signal que queria dizer: || - Não o contraries em nada. || E Bibi occultou-se na sobra de uma | porta. || O fidalgo encostou-se no braço de Be-|nedito, sahiu do quarto e atravessou o | corredor. || Chegou a escada sem precipitação nem |vagar e deesceu, sempre guiado por Be-|nedito. || No vestibulo parou diante de um tro-|pheu levantado em tempo por Aurora, |contemplou-o por um momento e abriu | a porta que dava para o pateo. || Parou ahi, onde havia uma alameda | de velhas tilias. || O fidalgo disse a Benedicto: || - Entao este anno não apararam as |tilias? || Bibi seguia-os a distancia. || O louco deu uns trita passou e sem-|tou-se em um banco de pedra torrado de | musgo. || Olhou então fixamente para Benedic-|to e disse emfim: || - Reconheço-te. || - Ah ! reconhece ? || - Reconheco, tu és o corcunda... Co-|mo te chamas agora ? || - Benedicto. || - É verdade. || - Passou a mão pela frente e replicou : || - Aurora gostava muito de ti. || Benedicto abafou um grito. || O cavalheiro recahiu na sua medita-|ção. Não procurava, porém o rio. ||

Passou cousa de uma hora no banco. | Benedicto sentado ao lado delle não ou-|sava fallar. || Bibi parara a adistancia, collara-se a | uma arvore, e não os perdia de vista. || O fidalgo levantou-se repentinamente. || - Vamos, disse elle. || - Onde? disse o corcunda. || - Para casa, tenho frio. || Voltou-se tão depressa que Bibi não | teve tempo de fugir. || Imovel, junto do tronco, esperava | que o louco passasse ao pé delle sem o |ver. || O louco caminhando a passos curtos, | dizia a Benedicto : || - Agora bem sei onde estou. Estou em | minha casa... em Billardiére. || - É verdade, senhor. || - Mas estive bem doente. || - É verdade, senhor. || - Delirei, não é assim ? || - É, disse Benedicto com a cabeça. || - Muito tempo ? || - Muitos dias. || - Deve ser isso, porque no meu deli-|rio vi cousas extranhas ; diziam que so-|nava mesmo acordado.|| - Que sonhou então o senhor? per-|guntou ingenuamente Benedicto. || - Oh ! bem vejo que foram cousas que | nunca succederam porque eu estou aqui. || - Com certeza volveu Benedicto sem |saber o que dizia.|| - Queimaram os castellos, mataram o |rei, expulsaram os nobres e os padres. || - Ah ! sonhou isso senhor ? || - Eu tinha um gorro encarnado, e | tornara-me o inimigo da minha cas-|ta. Cantava palavras extranhas... Que | diabo cantava eu ?|| E o fidalgo fez um novo esforço de me-|moria e entoou os primeiros versos da | Marselheza : || Allons, enfants de la patrie, || Le jour de gloire est arrivée || Contre nous, de la tyrannie... || Parou e olhou para Benedicto. ||

Edição 430

PONSON DU TERRAIL [espaço] 53

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XLI || - Ouviste cantar isto ? || - Nunca, senhor, respondeu Benedic-|to a tremer. || - Foi um sonho. Eu fui que inventei |isto... || O louco deum alguns passos ainda e de-|pois disse abruptamente a Benedicto: || - Não foste hoje á caça? || - Não senhor. || - Aurora não te velou com ella ? || - Não senhor. || - Sabes si ella voltará cedo, esta tar-|de? || - Vem ás horas do costume. || Benedicto respondia ao acaso. || Subitamente o fidalgo levantou a ca-|beça, e achou-se defronte de Bibi. || Foi um momento instantâneo e terri-|vel|| O cavalheiro olhou para elle e disse : || - Tu ! tu !... || - Eu ! balbuciou Bibi. || - Ah ! disse o louco, dando um grito, |eu não sonhei... não delirei... a Marse-|lhez, a guilhotina, o rei morto... tudo |isso é, pois verdade? || Bibi, tremulo, baixou a cabeça. || O fidalgo pegou-lhe no braço, sacu-|diu-lh'ó rudemente e disse: || - Mas falla, falla ? porque estou eu |aqui, eu , o cidadão Paulo? || - Para te curares, respondeu Bibi. || Um suspiro sahiu da boca do louco. || Aurora, disse elle, Aurora ! guilho-|tinaram Aurora. || E cahiu desfalecido nos braços do cor-|cunda Benedicto, que murmurou: || - Meu Deus ! parece que vae morrer !||

- Não, disse Bibi, esta salvo.. está cu-|rado ! ||[espaço] XLII [espaço] || Bibi fallara a verdade até certo ponto. || Estava curado o fidalgo. || Rasgara-se repentinamente o véu que | cobria a memoria delle, e tinha-lhe vol-|tado a consciéncia de sua identidade. || Era o cavalheiro de Mazures, o pae | de Aurora, que elle julgava morta. || Lembrava-se de ter sido o cidadão | Paulo, o terrivel chefe da policia de se-|gurança. || A presença de Bibi não poia deixar-|lhe duvida alguma sobre esta parta da | sua existencia. || Benedicto e Bibi levaran-n'ó desfal-|lecido para o castello ; o deliquio, po-|rém, foi de curta duração. || Um pouco de vinagre nas fontes e nas | mãos bastou para o chamar a si.|| Olhou então para os seus dois enfer-|meiros e disse-lhes com uma voz affec-|tuosa e de meiga censura : || - Porque me trouxeram para aqui ? || - Vou dizer-çh'ó senhor. Ha alguns | mezes trabalhava eu em Paris, cahi | doente e levaram-me ao hospital. || Encontrei-o lá e reconheci-o. || Pedi então para o trazer commigo e | levei-o para minha casa. || - Sim, sim, bem me lembro agora, dis- | se o fidalgo. || - Certa manhã encontrei este senhor | que o conhecia tambem, continuou Be-|nedito, e pensando

que se enganavam | os medicos que diziam que o senhor era | incurável, trouxemos-o para aqui. || - Mas de quem é esta casa agora ? || - É sua senhor, disse uma voz do | umbral da porta. || O pae Cornu entrou com o bonet na | mão. || O fidalgo reconheceu-o também. || Bibi escondera-se atraz de Benedicto | e tinha posto um dedo na bocca. || Cornu respondeu com um relancear | de olhos. ||

Era evidente que o fidalgo morreria | ou voltaria a loucura, si soubesse repen-| tinamente que sua filha não tinha mor-|rido. || - Senhor fidalgo, respondeu o tio Cor-| nu, o castello foi vendido como bem na-|cional, mas eu comprei-o e é seu ainda. || - Ah ! disse o fidalgo com indifferen-|ça. || Elle olhava para Bibi de um modo que | queria dizer : || - Queria ficar só contigo. || Bibi comprehende. Fez um signal ao | pae Cornu e a Benedicto que sahiram. | Ficando só com o homem da policia, o | fidalgo olhou para elle com doçura e dis-|se : || - Então ficaste meu amigo ? || - Pois então ! respondeu Bibi. || - Diz me cá... o que se passou... desde | aquelle di terrível ... em que... || O cavalheiro parou, tremendo. || - Sim, disse Bibi, comprehendo. En-|douceceste. Benedicto contou-te a ver-|dade. || - Ha muito que foi isso ? || - Ha três annos. || O cavalheiro cobriu o rosto com am-|bas as mãos e disse : || - Ha tres annos? e... a republica?... || - Ainda dura. || - Robespierre? || - Robespierre morreu... e os outros | também... ja não se guilhotina. || - Ah ! disse o fidalgo respirando. || Fez um gesto de medo, e apontando | para a porta, ou querendo apontar para | os que estavam fora, disse : || - E elles não o sabem, ao menos ? || - Não sabem nada. || - Nunca ouviram fallar do cidadão | Paulo ? || - Nunca ? || O cavalheiro escondeu a frente com | as mãos e duas ardentes lagrimas lhe | rebentaram através dos dedos. || - Fui um grande criminoso, disse elle. | Deus castigou-me. ||

- Arrependes-te então ? || - Oh ! si me arrependo ! || O nome da filha subiu-lhe do coração | aos lábios. || - Ouve, disse Bibi, não foi só para te | restituir a razão que eu te trouxe aqui. || - Então para que mais ? || - Lembras-te de Antonia ? || Um estremecimento lhe percorreu to-|do o corpo. || - Ah ! a miseravel ! disse elle, foi ella | que roubou o cofre. || - Foi. || - E a fortuna de minha filha ? || Bibi não respondeu. || O cavalheiro deu um novo suspiro e | disse : || - Felizmente os mortos não têm ne-|cessidade de nada. || - Agora que tu voltou a razão, dei-|xarás Antonia gozar esse ouro pacifi-|camente ? || - Ora ! disse ele, de que preciso eu ? | E depois onde esta Antonia? quem po-|de dizer o que é feito della ? || - Eu. || - Tu sabes-o? || - Sei, e fiz um juramento em como | ella as havia de pagar cedo ou tarde. || - Mas de que serve ? | minha filha mor-|réu... || - E não tens outra herdeira ? tua fi-|lha... || - Ah ! sim, disse tristemente o velho, | minha filha tinha uma irmã, a filha de | Gretchen... mas essa morreu talvez tam-|bem... || - Não, não morreu. || O cavalheiro deu um grito. || - Joanna não morreu ? Joanna vive ? || - Vive. || - Oh ! então, disse o velho, quero re-|haver de Antonia o dinheiro roubado. || - Como has de tu fazer isso ? disse Bi-|bi arquejante. || - Não sei... mas Deus me ajudará ! || E nos olhos encovados do velho bri-|lhou um raio de mocidade. ||

- Talvez eu te possa fornecer um | meio, disse Bibi. || - Ah ! disse o cavalheiro, olhando pa-|ra elle avidamente. || - A cabeça ainda esta bem fraca, pros-|seguiu Bibi, descança, trata de dormir | um pouco... Quando acordares fallare-|mos de Antonia. || O fidalgo mostrou-se dócil. || Quebrantara-o a emoção e não tar-|dou em adormecer. Foi curto, porém, o | somno. || Quando despertou, Bibi estava a cabe-|ceira. || - Bem ! disse elle, agora falla-me de | Antonia, já dormi e não estou loucco. || Bibi contou-lhe então o que ja sabe-|mos, que a bohemia confiara o dinheiro | ao chefe da sua tribu, e que este o res-|tituira, si lhe provassem que era falso o | testamento da princeza Helena. || - É falso, disse o cavalheiro. || - Tens a certeza disso ? || - Ora ! fui eu quem o fiz, quando era | um miseravel e que queria fugir com | Antonia para casar com ella. || - Sabia isso, disse Bibi ; as a tua pa-|lavra que é sufficiente para Munito não é | bastante para os companheiros delle. || - Oh ! disse o cavalheiro irado, que | me ponham diante dessa creatura e eu | a obrigarei a confessar tudo. || - Não tem nenhuma

carta da Princeza Helena ? ||- Não. || - E Antonia ? ||- Deve ter ; mas onde... || Bibi chamou Benedicto. ||- Amigo, disse elle ao corcunda, já | não precisamos de ti. ||- Então porque ? disse o corcunda | admirado. ||- Vaes partir para Paris. ||- Quando ? ||- Agora mesmo, e não parará nem | dia nem noite. ||

Edição 431

PONSON DU TERRAIL [espaço] 54

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XLII ||- Bem ! disse Benedicto. E que mais ? ||- Chegas a Paris, procuras Munito e | entregas-lhe a carta que te vou dar. || Bibi sentou-se diante de uma mesa e | escreveu a Munito a seguinte carta : ||<< Paesinho, ||<< O louco esta curado. Tem tanto jui-|<< zo como tu, e possui toda a sua me-||<< moria. Vem depressa, e si teus minis-|<< tros chegarem, tral-os contigo. ||<< O pae de Aurora provará a todos os ||<< tres que o testamento da princeza Helena é falso. ||[espaço] <<Teu amigo, ||[espaço] Bibi >> || Uma hora depois, Benedicto caminha-|vapura Paris. Declinou o dia o fidal-|go parecia ter voltado a vida. Julgava | morta a filha, e Bibi não julgava pruden-|te ainda desenganal-o, porque a alegria | mata mais depressa do que a dor ; mas | elle estava resignado e parecia querer | viver para tornar a vêr essa filha que | elle outr'ora perseguira. ||- Si Deus me concede ainda alguns an-|nos de vida, dissia elle, procurarei fazer | com que se me perdôem os meus crimes. || Passou socegado a noite, e no dia se-|guinte disse a Bibi : ||- Queres sahir comigo? Sinto-me |forte esta manhã ; passaremos por baixo | das arvores da avenida. ||- Como quizeres, disse Bibi. || Sahiram. || O cavalheiro quis sentar-se no mesmo | banco, onde na vespera tinha parado com | Benedicto. ||- Si tivesse uma bengala caminharia |melhor, disse elle. ||- Vou buscar-te uma, respondeu Bibi. || E o homem da policia foi ao Castello, | deixando o fidalgo no banco de pedra. || Nesse momento apparecia outro per-|sonagem na outra extremidade da ave-|nida. || Era um velho que caminhava a pas-|sos lentos e acurvado. || A principio o cavalheiro olhou para |elle com curiosidade; depois estremeceu |subitamente. ||- Então os mortos voltam ? murmu-|rou elle. || E levantando-se com esforço, cami-|nhou ao encontro do velho. || Este parou espantado, olhou para o | cavalheiro com attenção e deu um gri-|to : ||- O cavalheiro de Mazures ! ||- D. Jeronymo ! exclamou o pae de | Aurora. || Effectivamente era D. Jeronymo.|| Como ousava elle agora mostrar-se em | pleno dia, quando se escondia e não se | atrevia nunca a vir á Billardiere, sinão | de noite e furtivamente ? || É o que nós vamos dizer. ||[espaço] XLIII [espaço] || D. Jeronymo, o velho prior da abbadia | da Côrte de Deus, tinha se refugiado em | Billardiere nos primeiros dias do terror. ||Tinham esperado um momento para | lhe procurarem um passaporte afim de |elle deixar o paiz. || Mas a tempestade que então rugia | contra os nobres, era ainda mais furio-|sa contra os padres. |D. Jeronymo foi preso uma manhã e | posto em um carro que ja estava cheio | de padres e que se dirigia para Orleans. || Foi mettido nas cadeiras da cidade e | achou-se alli com um grande numero de | padres e de nobres. || Na provincia a guilhotina não func-|cionava com a mesma presteza que em | Paris. || Mandaram a gente ao cadafalsto aos | grupos de duas ou três pessoas. ||D. Jeronymo foi um dos ultimos a che- |

gar e por muito tempo esperou a sua |vez. || m carcereiro disse-lhe certa noite : ||- Ainda tem seis boas semanas primei-|ro que chegue a sua vez. Tenha pacien-|cia meu valente. || Nas cadeias de Orleans não havia só | padres e nobres ; havia também ladrões e assassinos. || Entre estes ultimos havia tres bandi-|dos que tinha assassinado um homem | que era portador dos fundos do estado e, | que desempenhava o cargo de precep-|tor. || Ora como esses três homens eram cri-|minosos e não prisioneiros políticos, fi-|zeram-lhes a honra de os

julgar, e o pro-|cesso levou duas audiências. || [F]oram condenados a morte. Um del-|lê, estranha coincidência ! era um ve-|lho da estatura de d. Jeronymo, e tinha | com ele uma vaga similarça||Era um aldeão de Ingrannes, aldeia de | que os frades tinham sido suzeranos. || Reconheceu d. Jeronymo, lançou-se- |lhe aos pés e pediu-lhe a benção. ||D. Jeronymo tocou essa alma perver-|sa, reconciliou-a cou Deus, e como vão |ver, fez mais ainda. ||O assassino chamava-se João Dubois. | Tinha mulher e filha. Desde a sua con-|demnação, desde o seu arrependimento | fallava frequentemente dessas pobres | creaturas, e não cessava de os recom-|mendar a d. Jeronymo. || D. Jeronymo dizia-lhe com um sorriso | triste :||- Meu amigo, que poderei eu fazer | em favor dellas, si vou morrer comtigo ?! || Certa noite o carcereiro annunciou | aos dois assassinos que no dia seguinte | a guilhotina descansaria para os aristo-|cratas e que trabalharia para elles. || João Dubois chorou, ao saber a triste |nova. ||- Ai minha pobre mulher e filha, di-|zia elle entre suspiros, nunca mais as | tornarei a vêr ! ? ||

E beijava a sotaina do pobre padre. ||- Ouve, disse o padre, ha talvez um | meio pelo qual tu ainda as podes ver. || O criminoso levantou para o padre | uns olhos ávidos. || - Pareces-te commigo alguma cousa, | prosseguiu d. Jeronymo. Tens, como eu | cabellos brancos e tens também a minha | estatura. ||João Dubois não comprehendia. || O padre continuou: ||- Eu não serei guilhotinado antes de | um mez ou de seis semanas. Quem sabe | si daqui até la se abrirão estas portas, e | apparecerá a reacção em França ? ||- Oh ! há de vêr, e o senhor não mor-|rerá, disse o criminoso. ||- Em tal caso, tu é que não morre-|rás. || E como João Dubois olhava para elle | admirado, d. Jeronymo proseguiu: ||- Toma as minhas vestes e dá-me o | teu factó. Amanhã, quando te chama-|rem, apresentar-me hei eu. Enganar-|se-hão e eu morrerei por ti, feliz, si tu |tornares a vêr tua mulher e tua filha, | e si viveres de ora avante como homem |honrado. || João Dubois deu um grito e cahiu aos | pés do velho sacerdote. || Houve então entre elles uma luta de | generosidade, da qual o padre sahio vem-|cedor. || O criminoso consentiu em trocar o fa-|cto pela veste santa do padre. || No dia seguinte, ao alvorecer chama-|ram os tres condemnados. ||D. Jeronymo tinha derrubado para os |olhos o bonet do aldeão, e levantou-se |quando o meirinho pronunciou o nome |de João Dubois. || Um minuto depois subia ao carro, que |atravez de uma multidão immensa to-|mou o caminho da praça Martroi, onde |estava levantada a guilhotina, e onde |ordinariamente permanecia. || Os dois assassinos cúmplices de João. |

Dubois não tinham tanto medo da morte |como elle. || Quando subiram ao carro começaram| a entoar a Marselheza, com toda a for-|ça. || Ao pé do cadafalso gritaram: ||- Viva a republica ! viva a pátria ! ||A multidão bateu palmas. || Um representante do povo, enviado a | Orleans para reanimar o civismo, um | pouco enfraquecido daquella cidade, ou-|viu aquelles gritos e os applausos da ple-|be, e mandou logo suspender a execu-|ção. || Fez ir á sua presença os três condem-|nados e disse-lhes: ||- Ja que quereis morres, desejando a |republica, a republica perdoa-vos ! || Sois livres ! ||Fez desatar-lhes as mãos e mandou-os |embora. || D. Jeronymo, estupefacto, viu-se le-|vado em triumpho pelo povo, e escapou |assim milagrosamente á morte. ||Durante muitoz mezes viveu o velho|padre escondido em um dos arrabaldes |da cidade. ||Em quanto a João Dubois, conhecen-|do-se o engano no dia seguinte, solta-|ram-n'ó, como tinham feito aos seus | cúmplices. ||Foi então que dom Jeronymo tomou uma |noite o caminho de Billaridière, e veio |confiar-se aos cuidados do tio Cornu. ||Até o 9 thermidor, o padre ficou es-|condido no concavo de uma arvore, em |plena floresta de Orleans, sahindo só de |noite para vir buscar alguns alimentos |á herdade. ||Terminado o 9 thermidor, o tio Cornu | esforçou-se por provar a d. Jeronymo |que estava passado o perigo, e que de |ora em diante podia vir viver com elle. ||E d. Jeronymo recusou Porque? ||É porque, voltando á vida, o velho |sacerdote sentiu reviver nelle o senti-|mento de seus deveres de superior da |sua ordem. ||

A JUSTIÇA DOS BOHEMIOS

A ramilheteira Nichette

XLIII ||A republica queimara e saqueara os |conventos ; tinham, porém os padres, |necessidade de altar para dizer missa ? ||Sem asylo, a ordem dos frades da Côm-|te de Deus ainda estava a pé. ||Alguns daquelles a quem abriram as | portas do convento refugiaram-se no | Piemonte e edificaram ahi um outro |mosteiro. || Por falta de recursos viviam de esmo-|las, e d. Jeronymo, que sabia isso, so-|nhavair ter com elles e levar-lhes um |thesouro ; e esse thesouro era a fortuna |do convento destruido. ||Quando rebentou a revolução, d. Je-|ronymo e dois dos frades enterraram em |um canto da floresta uma caixa volumo-|sa que continha uma somma importante |em ouro, os vasos sagrados do convento |e outros objectos de grande valor. ||Os dois frades tinham morrido no ca-|dafalso ; só d. Jeronymo vivia ainda. ||Por intervenção do pae Cornu poz-se |em relações com os frades de Piemonte. ||Dois destes voltaram á França disfar-|çados em carregões e munidos de passa-|portes. ||Fizeram uma primeira viagem e le-|varam uma parte da somma escondida ;| voltaram dois mezes depois e levaram |outra parte. ||D. Jeronymo não queria mostrar-se |sem que o thesouro todo estivesse em |segurança. ||Lembrava-se de que tinham procurado | inutilmente as riquezas do convento, e |de que quando estivera preso lhe tinham |

promettido a liberdade, si elle quizesse |dizer onde estavam aquellas riquezas. ||Ora dizia-se com razão que elle seria |outra vez preso, si se mostrasse, porque |ainda estava em vigor a lei sobre os con-|ventos. ||E por isso era que d. Jeronymo tinha |ficado escondido na floresta. ||Que succederia , pois, de inesperado pa-|ra que elle ousasse sahir de dia a Billar-|dière, quando na precedente noite ainda |tinha recusado a hospitalidade do pae |Cornú? || Uma cousa simples na verdade. || Na noite passada tinham chegado os | monges disfarçados em carregões. || Em vez de dois eram quatro e pude-|ram levar tudo. || O thesouro estava agora seguro, e d. |Jeronymo já não tinha motivos para se |esconder. ||[espaço com 15 pontos finais]||Passado o primeiro momento de es-|panto que d. Jeronymo e o cavalheiro |experimentaram, quando se tornaram a |ver, o primeiro exclamou: ||- Ainda vivo, o senhor ! ||-Como o senhor ! disse o fidalgo. ||Poz se de joelhos diante de d. Jerony-|mo e disse com uma voz commovida: || - Padre, fui um grande criminoso, |mas o arrependimento entrou em meu |coração... ||- Assim o desejo, disse d. Jeronymo|que mais de uma vez se deixara le-|var pelas lagrimas hypocritas do cava-|lheiro de Mazures. || Este comprehendeu que o padre du-|vidava do seu arrependimento, e disse : ||- Ah ! não acredita? ||- Senhor ! ||- Fui um grande criminoso, disse o |cavalheiro, abafando um suspiro. Deus, |porém foi terrivel para mim ; castigou-|me com a sua justiça vingadora, e abriu |meu coração ao arrependimento. Padre, |

encluiu o velho prostrando-se diante de |dom Jeronymo, em nome da minha filha |morta, quer perdoar-me também o mal |que lhe fiz ? ||Perdão, disse d. Jeronymo, mas não |posso perdoar-lhe em nome da sua filha |morta. ||-Porque ? ||- Porque sua filha ainda está viva. ||O fidalgo deu um grito terrivel. ||Levantou-se com olhar desvairado, |perdido, tremulo, e olhou para d. Jero-|nymo, fixando-o medonhamente. ||-Minha filha esta, pois, viva ainda, |diz o senhor ? ||- Sem duvida. || - Ah ! disse o cavalheiro. || E cahiu no solo, fechando-se-lhe os

|olhos subitamente. ||- Aurora ! murmurou elle, minha fi-|lha ! || Cerraram-se-lhe os labios, como se lhe |tinham cerrado os olhos. ||Nesse momento voltava Bibi. ||Viu o cavalheiro prostrado, e d. Je-|ronymno inclinado sobre elle, perdido. ||- Meu Deus ! exclamou, que lhe disse |o senhor !?||- Mas, balbuciou o velho padre, elle |julgava morta a filha... ||- E o senhor disse-lhe que ella ainda |era viva? ||- Disse. ||- Pois bem ! disse Bibi, acaba agora |de o matar, e esse mesmo golpe arrui-|nou talvez Aurora e sua irmã Joanna. ||O padres cobriu o rosto com as mãos e |cahiu de joelhos. || Bibi fazia vãos esforços para chamar | á vida o seu antigo amigo o cidadão Pau-|lo. ||O cidadão Paulo, porém, o cavalheiro |de Mazures, morrera abafado por essa |immensa alegria que tanto receiava | Munito, o bohemio... ||FIM DO PRIMEIRO VOLUME ||